



ELLEN KEITH

A HOLANDESA

EM TEMPOS DE GUERRA
SOMOS CAPAZES DE TUDO

 EDITORIAL PRESENÇA

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM



ELLEN KEITH

A HOLANDESA

EM TEMPOS DE GUERRA
SOMOS CAPAZES DE TUDO

 EDITORIAL PRESENÇA

ELLEN KEITH

A HOLANDESA

EM TEMPOS DE GUERRA
SOMOS CAPAZES DE TUDO

Tradução de
Maria João Ferro

 EDITORIAL PRESENÇA

FICHA TÉCNICA

Título original: *The Dutch Wife*

Autora: *Ellen Keith*

Copyright © 2018 by Ellen Keith

Edição publicada por acordo com HarperCollins Publishers Ltd., Canada

Tradução © Editorial Presença, Lisboa, 2019

Tradução: *Maria João Ferro*

Revisão: *Alice Azevedo/Editorial Presença*

Imagem da capa © Elisabeth Ansley/Arcangel

Capa: *Catarina Sequeira Gaeiras/Editorial Presença*

Composição, impressão e acabamento: *Multitipo — Artes Gráficas, Lda.*

1ª edição em papel, Lisboa, junho, 2019

Reservados todos os direitos

para a língua portuguesa (exceto Brasil) à

EDITORIAL PRESENÇA

Estrada das Palmeiras, 59

Queluz de Baixo

2730-132 Barcarena

info@presenca.pt

www.presenca.pt

*Para a minha avó, Harmien Deys,
que viveu e perdeu durante a guerra
e deixou tudo para trás na busca do amor.
(A sua edição apropriada para todas as idades está a caminho!)*

**A
HOLANDESA**

*De facto, quando se vive em condições de tirania, é muito mais fácil
agir do que pensar.*

HANNAH ARENDT

CAPÍTULO UM

MARIJKE DE GRAAF
3 DE MAIO DE 1943
AMESTERDÃO, PAÍSES BAIXOS

A bebé que ia no carrinho abriu os olhos e viu que eu não era a mãe dela. O seu rosto ficou todo vermelho, enrugando-se como uma noz. Forcei-me a engolir em seco e olhei para a frente, vendo três soldados alemães a patrulhar o portão que dava acesso ao Vondelpark. Ao meu lado, a voz do Theo era apenas um sussurro.

— Entra tu sozinha. Assim levantamos menos suspeitas. Vai com calma.

Ele encostou os lábios ao meu cabelo, antes de se esquivar pela porta da loja mais próxima.

Inclinei-me e arrulhei para a bebé.

— Shh, fica caladinha agora. Vai ficar tudo bem.

Porém, os meus batimentos cardíacos traíram-me. As minhas mãos, agarradas à pega do carrinho, ficaram brancas como a cal, e ajustei o cobertor para esconder a costura reveladora debaixo da bebé: o compartimento escondido que nos denunciaria. Senhas de racionamento falsificadas e rádios de trincheira que eu e Theo construíramos, escondidos em caixas de charutos. Já para não falar de uma pistola.

Por entre o nevoeiro, as suásticas esvoaçantes que pendiam de um edifício perto do parque eram banhadas pelo sol da manhã, e os soldados fumavam enquanto iam verificando as identificações dos transeuntes. Alguns metros atrás de mim, Theo fingia estar muito concentrado num expositor de jornais. Ele acenou com a cabeça, num gesto encorajador. A bebé olhava para mim enquanto eu ia avançando, mas quando a roda do carrinho encalhou numa pedra solta da calçada, ela começou a chorar. Berros altos e estridentes. Considerei a possibilidade de voltar para trás, mas os malditos

*moffen*¹ já se tinham apercebido. O soldado que parecia ter a minha idade, pelo menos não teria mais de vinte e quatro anos, deu um passo em frente.

— E aonde é que tu vais com tanta pressa? — perguntou, ajeitando a correia da espingarda no ombro. — És o primeiro par de pernas bonitas que por aqui passaram a manhã toda.

Senti um formigueiro na nuca. O choro da bebé intensificou-se enquanto o soldado mantinha a mão estendida para que eu lhe mostrasse a minha identificação, e o olhar dele baixou para o meu peito quando retirei os documentos do bolso do casaco de fazenda. Esforcei-me por não me retrair, na esperança de que Theo estivesse demasiado longe para dar conta do que se passava.

O outro soldado, cuja testa era oleosa como um tabuleiro prestes a receber uma fornada de bolos, aproximou-se e espreitou para dentro do carrinho.

— Que barulheira. É preciso embalar o carrinho?

Verifiquei o forro e o cobertor, mas não havia nada fora do lugar.

— Ela só está com fome.

As palavras saíram-me demasiado ríspidas e, enquanto a tentava acalmar, interroguei-me se ele estaria a reparar na inexperiência das minhas ações. O suor encharcava-me as pregas da blusa, enquanto esperava que eles me mandassem pegar nela ao colo. Os homens fitaram-me de cima a baixo despidoradamente.

Aquele que estava a verificar a minha identificação olhou-me de lado.

— Marijke de Graaf. Mas quantos anos tem esta fotografia?

Ele estendeu a fotografia ao companheiro para que a observasse. O meu cabelo encaracolado estava mais comprido na fotografia e o meu rosto, mais cheio.

— Quatro meses.

A bebé, finalmente calada, começou a chuchar no dedo, com as bochechas vermelhas por causa das lágrimas. Depois de um tempo interminável, o soldado devolveu-me os meus documentos.

— Olha que és muito melhor ao vivo.

O soldado piscou-me o olho e acenou com a mão para que eu seguisse o meu caminho.

Entrei no parque com a boca seca e os braços tensos, trauteando uma música nervosa e sem nexos. Encontrei um banco perto da casa de chá, onde se viam mais uniformes espalhados entre os fatos e os vestidos que ocupavam as mesas: soldados a comerem bolos folhados, observando os patos e os esquilos para lá da água, como se a nossa cidade sempre tivesse sido deles.

Poucos minutos depois, Theo encontrou-me. Baixou-se primeiro para ver como estava a bebé antes de me dar um beijo.

— Demoraram imenso tempo a ver os teus documentos, não foi? Abanei a cabeça.

— Só andam à procura de um pouco de diversão.

Ele tirou a bebé do carrinho.

— Querido, aqui não. Vamos pô-la em segurança.

— Mas olha só para este sobrolhozinho franzido.

Ele pôs-se a fazer caretas até ela gorgolejar e soltar uma gargalhada, antes de se esticar como se estivesse a tentar puxar pelas grandes orelhas dele, e eu fiquei a vê-los com ternura, imaginando-nos com uma filha mesmo nossa para consolarmos e amarmos.

— Se ao menos pudéssemos ficar com ela.

Ele voltou a deitá-la no carrinho com um brilho melancólico nos olhos que me deu vontade de abraçá-lo.

— Mas tu sabes que não podemos. Além disso, ela tem de mamar. A nossa hora ainda há de chegar, eu prometo.

— Eu sei — disse ele, exalando um suspiro.

Seguimos o nosso caminho, atravessando o parque e saindo por outros portões, estes felizmente sem guardas. As mulheres, atarefadas, subiam e desciam as ruas, e, no seu todo, formavam um catálogo de moda ambulante de há três anos, com as cores desgastadas e as bainhas a acusarem o uso. Desde a invasão, toda a gente aprendera a caminhar com a cabeça baixa, com movimentos mais intencionais, e os poucos homens que havia à

vista ainda não tinham chegado à puberdade ou então já estavam cheios de rugas, enquanto muitos outros tinham medo de sair à rua, não fossem eles ser apanhados pelas requisições iminentes para trabalhos forçados.

Quando nos aproximámos da morada que a resistência nos dera, a porta da entrada entreabriu-se e uma mulher espreitou para a rua, analisando o carrinho de bebé. Ela recitou o nosso código numa voz tensa que não teria enganado ninguém:

— Vieram ver as minhas floreiras novas?

Quando ouviu a nossa resposta, verificou se havia alguém a ver-nos e fez-nos sinal para que ingressássemos no *hall* de entrada. Dentro de casa, ela curvou-se sobre o carrinho de bebé com uma expressão de grande mágoa, os olhos vermelhos e a pele a dar mostras do peso das noites sem dormir.

— Entrem e sentem-se, por favor — acabou por dizer. — Vou pôr a chaleira ao lume.

— Desculpe, mas não podemos ficar. — Olhei de relance para um berço na sala de estar, com um cobertor em croché com duas iniciais dobrado por cima. Ao vê-lo, fiquei com falta de ar. — Temos muita pena da sua perda, *mevrouw*².

Ela pegou na bebé e contemplou-a.

— São tempos horríveis para se trazer uma criança ao mundo, não é verdade?

Eu e Theo olhámos um para o outro.

— Bem — disse ela —, pelo menos, vou poder ser útil para outra jovem vida. — O queixo começou-lhe a tremer e ela tirou um lenço do bolso. — Tem o cabelo tão clarinho para uma judia. O que é que aconteceu à mãe dela?

— Pneumonia — respondeu Theo. — Estávamos a escondê-los no nosso sótão, mas quando encontrámos um médico disponível para lá ir, já era demasiado tarde. — Ele olhou de relance para o relógio na parede. — Desculpe, temos mesmo de ir embora. Não temos palavras para lhe agradecer, *mevrouw*. Por favor, esconda

bem o carrinho. O seu marido saberá o que fazer com o que lá está dentro.

Baixei-me para dar um beijo na testa da bebé e apertei a mão da mulher em jeito de despedida. Theo parou junto à porta da rua por breves instantes.

— Fiquei verdadeiramente comovido com a sua disponibilidade para cuidar de uma criança que não é sua.

Ela anuiu com a cabeça, mas manteve-se concentrada na bebé, e, assim que a rua ficou desimpedida, nós saímos daquela casa sem olhar para trás.

No dia seguinte, pouco depois das vinte horas, as cortinas opacas cobriram as janelas de Amesterdão, impedindo que a cidade fosse vista do céu. Os nazis tinham cortado a eletricidade outra vez, por isso acendi um candelabro e sentei-me junto à janela escurecida para tocar violino. Já ninguém ia ver a orquestra sinfónica, mas eu continuava a praticar todos os dias. O meu arco deslizava pelas cordas, enquanto o relógio de pé fazia tiquetaque como um metrónomo, contando os minutos que iam passando. Pousei o instrumento e tamborilei nele com os dedos, interrogando-me sobre o que se teria passado para Theo estar a demorar tanto tempo, esforçando-me por me lembrar de uma referência a alguma marcação, mas tudo o que me veio à mente foram os pósteres das praças, que ameaçavam trabalhos forçados na Alemanha, homens arrebanhados aleatoriamente nas ruas e levados em camiões. Pensei no aluno preferido de Theo, que desaparecera na semana anterior.

Colocara a sopa de batata com urtiga na caixa de feno para acabar de cozinhar e, quando o aroma chegou até mim, levantei-me para ir mexê-la. Com a esperança de me distrair um pouco, examinei a cozinha, a nossa cerâmica boa, as toalhas do meu enxoval, fazendo um inventário mental das coisas que trocaríamos da próxima vez que ficássemos sem ovos e manteiga.

Uma chave agitou-se na fechadura da porta da rua. Com ela, veio aquele bálsamo de alívio, que acalmou os meus nervos em franja. Sentindo-me tola por ter deixado a minha imaginação levar a melhor, resisti à vontade de correr para Theo, passar com os dedos pelo único caracol que ele tinha, ralhar com ele por me deixar à beira de um ataque de nervos. Em vez disso, curvei-me sobre a panela, trauteando para dentro, até ele se pôr atrás de mim, rodear a minha cintura com os seus braços e erguer-me no ar, fazendo com que a colher de madeira que eu tinha na mão comesse a pingar para o chão. Depois, sussurrou-me junto ao pescoço:

— Estava com saudades tuas.

— Sabes — disse eu —, é-me impossível pensar em condições até tu chegares a casa.

Quando me pousou no chão, as suas sobrancelhas espessas estavam mais descaídas do que o habitual, como se ele tivesse uma prateleira sobre os olhos.

— Desculpa, querida. Tive de fazer algumas paragens pelo caminho. O Piet vai passar cá daqui a uma hora para deixar alguns jornais.

— É uma daquelas publicações da resistência? — Peguei nas mãos frias dele e encostei-as ao seu peito. — Onde é que ele quer que os deixes?

— Vou passar este lote a um dos meus alunos.

— Boa ideia. Podes contar-me os pormenores ao jantar.

— Mais tarde. Agora são quase nove.

Ele conduziu-me até ao piso de cima, onde enfiou a mão na parte de trás do nosso roupeiro, retirou de lá o velho atlas e abriu-o, revelando um pequeno rádio escondido dentro das suas páginas. Permaneci ao lado dele em cima do tapete enquanto ele ligava o filtro para as linhas alemãs e girava os potenciômetros para depurar o som, livrando-se do empastelamento das estações de interferência alemãs. Ouviram-se as horas badaladas pelos sinos de Westerkerk, uma das poucas igrejas que ainda não tinha sido despojada dos seus sinos em prol das fábricas de armamento nazis.

À medida que o silêncio se ia espalhando por toda Amesterdão com cada semana que passava, parecia que a cidade estava a sustentar a respiração tal como nós. Até que se ouviu o som que esperáramos todo o dia para ouvir. As primeiras quatro notas da Quinta Sinfonia de Beethoven, o código Morse para a letra V, de vitória. *Radio Oranje* na BBC, a emissão da nossa casa real exilada.

Theo passou-me uns auscultadores e deu-me a mão, enquanto ouvíamos à luz das velas. O governo falava das recentes greves nas fábricas, das crescentes retaliações nazis, mas aconselhava-nos a manter a calma.

— Resistam à pressão de responder às chamadas para o trabalho. Mantenham-se fortes ou escondam-se... temos de ser perseverantes.

Aproximei-me de Theo até a minha face tocar na dele e tentei imaginar a casa vazia à noite, se Theo fosse deportado para a Alemanha para trabalhar. Não consegui suportar a ideia sequer. Ele virou-se e beijou-me a cabeça.

— Não te preocupes, querida. Havemos de arranjar uma solução.

Depois da emissão, permanecemos sentados no tapete, com a minha cabeça a descansar no ombro dele. Aquilo que eu mais queria era que passássemos toda a noite e todo o dia na cama debaixo de uma armadura de cobertores, protegendo-nos de todas as preocupações do mundo.

— Aquela criança vai ter uma vida boa com aquelas pessoas, não vai? — perguntei.

— São cristãos devotos. Vão tratá-la como se fosse deles, tenho a certeza.

Ergui os olhos para ele.

— E continuas a achar que estamos a fazer a escolha certa esperando?

Ele hesitou.

— Já vai ser difícil conseguirmos chegar ao fim desta guerra só nós os dois com a escassez de alimentos e os cortes nos salários. A última coisa que eu queria era...

Ouvimos alguém a bater à porta. Soergui-me para espreitar por debaixo do papel opaco que cobria a janela, mas Theo já ia a meio das escadas.

— Não vale a pena espreitares. Está escuro como breu. É de certeza o Piet, mesmo a horas.

Levantei-me e segui-o, mas mesmo antes de ele alcançar a porta, ouviu-se um barulho muito alto, o estalido da madeira a rachar. A porta voou pelo ar. Vi primeiro as armas e depois os uniformes. A Gestapo irrompeu pela nossa casa, gritando-nos em alemão para não nos mexermos. Enquanto eles vasculhavam os quartos, permanecemos parados num silêncio aterrorizado com as mãos acima das cabeças. Um candeeiro caiu ao chão com um estrondo. As gavetas eram abertas com brusquidão, os papéis esvoaçavam, o meu violino foi descartado com um ruído surdo. O cheiro da sopa quente tornou-se enjoativo. A tremer, esfreguei o dedo anelar com o polegar, sentindo a aliança fria contra os nós dos dedos. Baixei o olhar para o mosaico do pavimento até conseguir vislumbrar a ponta do sapato de Theo e ver a forma como sapateava com a ansiedade. Um dos homens da Gestapo vociferou do piso de cima. Descobrira o rádio, a alcova secreta no nosso sótão. Graças a Deus já não tínhamos lá ninguém escondido.

Os *moffen* rodearam-nos com expressões sarcásticas e os canos das suas *Lugers* a fitar-nos como pupilas sem vida.

— Entreguem as vossas identificações — disse o agente. — Têm dois minutos para fazerem as malas. Nada de conversa.

Um deles escoltou-nos até ao quarto, onde a minha roupa interior estava espalhada em cima do tapete. Quando Theo foi buscar as nossas malas, os nossos olhares cruzaram-se. O cabelo dele estava desgrenhado e, por detrás dos óculos, os olhos pareciam selvagens, só se via branco. Colocámos as nossas roupas mais quentes nas malas e tirei da parede a fotografia do nosso casamento, guardando-a na mala de Theo. Neguei aos *moffen* a satisfação de me verem a chorar. Enquanto descíamos as escadas, Theo entrelaçou os dedos nos meus, como se me suplicasse em silêncio:

Não lhes contes nada, não permitas que eles ganhem. Eu amo-te. O agente da Gestapo esbofeteou-o na têmpora, atirando-o para o lado e arrancando-o do meu aperto. Quando estendi a mão para lhe tocar, eles seguraram em mim, asfixiando-me os pulsos com as mãos ásperas. Sussurrei o nome dele, mas ficou perdido no ruído. À minha frente, Theo apoiava a cabeça com a mão. Depois, empurraram-nos para a frente e obrigaram-nos a sair de casa e enfrentar a noite.

Nós, as raparigas neerlandesas, saímos da escuridão gelada, aquele ninho de doença e morte. Do lado de fora do vagão de gado, os cães atiravam-se aos nossos tornozelos. O comboio apitou quando partiu novamente e os guardas alemães bramaram, empurrando-nos para os camiões que já lá estavam à espera. Quando chegámos ao campo de Ravensbrück, fomos encaminhadas de um lado para o outro como se fôssemos peças numa linha de montagem. Examinadas. Avaliadas. Etiquetadas. Divididas. Entrámos em fila para dentro de um armazém, onde guardas femininas nos mandaram despir e entregar as nossas roupas e, enquanto me baixava para tirar as meias, um homem das SS aproximou-se e assobiou, olhando para o meu peito que balouçava. Duas prisioneiras escanzeladas entregaram-nos uniformes manchados e eu vesti a túnica às riscas e as cuecas grandes e cinzentas, sentindo o tecido áspero a roçar-me nas coxas. Os sapatos de cabedal tinham os atacadores desfiados e apertavam-me os pés, mas muitas das mulheres à minha volta viram-se obrigadas e enfiar os pés dentro de socas de madeira atamancadas.

As judias, com os seus triângulos amarelos, apareceram vindas do corredor, com as cabeças rapadas, cheias de pequenos cortes que sangravam, fruto da ação de um barbeiro descuidado. Pele manchada de piolhos. As mulheres soluçavam enquanto tentavam cobrir o couro cabeludo com lenços, com qualquer pedacinho de tecido que conseguissem encontrar. Eu compreendia o peso da sua

perda e, estremecendo, passei com os dedos sobre o triângulo vermelho que me marcava como prisioneira política e levei a mão aos meus caracóis, grata por ainda manter uma réstia da minha identidade.

Dormíamos em beliches, duas e três em cada cama, sentindo os espirros e as tossidelas de estranhas na minha pele. As doentes urinavam nas enxergas onde estavam deitadas, demasiado fracas para saírem da cama e se arrastarem até às casas de banho. Aprendi a dormir com o meu copo e a minha tigela amarrados à roupa. Nos primeiros tempos, as mães neerlandesas narravam contos populares às suas filhas aterrorizadas, enquanto um trio de estrelas de cabaré trocava adivinhas obscenas que rapidamente se transformaram em brigas por causa de um pedaço de pão roubado. Uma mulher perdeu o juízo, contorcendo-se no colchão, arrancando pedaços de cabelo e murmurando para com os seus botões. Às vezes, gania como um cachorrinho, ficando com o rosto azul de tanto se afligir, enquanto as outras gritavam com ela para que se calasse. A pena que eu sentia por ela ficou tingida pelo meu próprio receio. A loucura punha-se à espreita aqui em Ravensbrück, puxando-nos a todas. A sobrevivência dependia de uma mente equilibrada, por isso eu tinha de me manter forte.

As latrinas estavam frequentemente entupidas, derramando poças castanhas para o chão do bloco dos dormitórios. A água ficava contaminada com os fluidos dos cadáveres, que se haviam entranhado no sedimento do campo, adquirindo um travo e fazendo inchar as barrigas de muitas mulheres. Eu percorria penosamente o caminho que levava às casas de banho, uma e outra vez, enquanto o meu corpo se tentava purgar do líquido contaminado, das batatas podres da sopa.

Rapidamente percebi que a vida dentro do campo tocava numa melodia diferente consoante os grupos. As alemãs eram quem tinha a maior probabilidade de sobrevivência, em parte porque compreendiam facilmente as ordens que nos berravam ao longo do dia. Algumas de nós — as alemãs, as neerlandesas e todas aquelas

raças que os *moffen* consideravam «humanas» — podíamos conservar o nosso cabelo, mas tínhamos de o usar penteado para trás, enfiado debaixo de toucas ou lenços. Fabriquei ganchos com tirinhas de arame da fábrica. Uma noite, sentei-me na cama a fazer cachos com as ondas espessas do cabelo da minha companheira e a decorá-lo com fitas rasgadas das pontas do seu lenço. Ela transformou-se em Ginger Rogers e eu em Betty Grable, e adormecemos a imaginar um banquete sumptuoso, com vestidos de cetim cor de pérola, champanhe e pato confitado. Na manhã seguinte, acordei com o corpo dela encostado ao meu, frio e sem vida.

À medida que os dias foram passando, os roncos do meu estômago foram ficando mais audíveis e as chagas nas minhas mãos mais vermelhas. Despejávamos o sucedâneo de café imundo para as nossas tigelas para aquecermos os nossos pés frios e, à noite, eu tirava as crostas de lama dos meus sapatos e puxava-lhes o lustro com todo o esmero. Quando descobri um buraco a crescer na sola do pé direito, segui o seu contorno com um dedo e chorei.

Trabalhávamos horas a fio na fábrica da Siemens perto do campo, onde fabricávamos componentes elétricos para submarinos. Durante aqueles turnos, eu ia fazendo uma lista mental de palavras novas em alemão para poder aprender a responder às solicitações sem qualquer hesitação. Obrigavam-nos a cantar enquanto marchávamos para o trabalho e de novo no regresso. Quando contornávamos o lago, a minha voz ficava rouca da alegria forçada e, por vezes, dava por mim a amaldiçoar toda aquela gente a quem eu e Theo déramos abrigo, todas as notícias que espalháramos com os nossos rádios de galena — para que servira tudo aquilo? Metade dos judeus que ajudáramos provavelmente já estaria morta e nós próprios nos tornáramos prisioneiros. Eu era a prisioneira número 21522. Contudo, sentia-me determinada a não me deixar abater, a não me transformar num dos esqueletos que vagueavam pelo campo como mortos-vivos. Por isso, agarrava-me com todas as minhas forças às recordações que tinha de Theo: a forma como o

ouvira a jurar a minha inocência quando a Gestapo nos conduzira para a rua escura, ouvindo os sinos de Westerkerk a dobrar por cima das nossas cabeças. A forma como ele se agarrara à minha mão na cela de detenção, como levava a minha aliança aos lábios com as palmas das mãos ainda manchadas da gordura do rádio. Pensei em todos os sonhos que acumuláramos ao longo da guerra: de fazermos novamente bolos com três andares e de piqueniques à beira do rio Amstel com roupas novas, das viagens que eu faria com a orquestra para tocar em Paris, dos artigos sobre história que ele escreveria e que seriam publicados em revistas científicas de locais tão distantes como Nova Iorque. De começarmos uma família.

Prometi a mim própria que faria o que fosse preciso para chegar viva ao fim desta guerra.

A minha oportunidade surgiu numa manhã fresca em finais de junho. Às quatro da madrugada, as sirenes acordaram-nos com o toque da alvorada. Um oficial das SS, munido com uma prancheta e acompanhado por uma guarda feminina, percorreu os corredores. Com uma cova no queixo e uma papada, ele parecia ainda mais velho do que o meu pai, parecia o tipo de homem que eu esperaria ver bem agasalhado em frente à lareira num café em Amesterdão, a fumar cachimbo e a queixar-se da chuva que não para de cair. Sempre que o tal oficial passava por uma mulher com cabelo e pele claros, parava para examiná-la de alto a baixo. Algumas, ele puxava para o lado. Quando se aproximou de mim, perguntou-me de onde eu era e, quando lhe disse, estendeu uma mão para me apalpar o peito, passando com o polegar sobre o mamilo.

— Em forma — comentou.

Ele apontou o meu número na sua prancheta e mandou-me ir para junto das outras. Raparigas atraentes, todas elas. Apesar das suas peles pálidas e magoadas, pareciam jovens e mais saudáveis do que as outras prisioneiras. Todas conservavam o seu cabelo. A maioria trazia triângulos pretos por comportamento «antissocial» — pervertidas sexuais, alcoólatras, prostitutas, desordeiras. Algumas traziam o verde «criminoso»; outras, poucas, vermelho, como eu.

Juntáramo-nos desordenadamente, mas organizámo-nos em filas de cinco quando o oficial se aproximou. Belisquei as bochechas para lhes trazer alguma cor. Quantas vezes não tinha eu já visto aquilo: mulheres retiradas das filas e que nunca mais eram vistas? Ele examinou-nos com um sorriso sarcástico.

— Podem considerar-se sortudas. Venho oferecer-vos uma oportunidade rara, uma hipótese de servirem o *Führer*, de ajudarem a promover a eficiência e o funcionamento dos campos do Terceiro Reich.

Ele fez uma pausa para olhar de relance para a guarda e, de repente, eu tive a certeza de que a intenção dele era fazer de nós *blockovas* — supervisoras de um bloco. Uma função desprezível. Por duas vezes, a *blockova* do nosso bloco exigira a minha ração de pão porque dizia que eu era demasiado bonita e que tinha de aprender que as coisas nem sempre me seriam dadas de mão beijada. Outras *blockovas* batiam nas mulheres ou atribuíam-nos tarefas adicionais. Nós odiávamos até aquelas que não faziam nada a não ser cumprir as regras porque todas tinham o poder de nos prejudicar só por capricho.

— Dispam-se.

Ao ouvir a ordem, desabotoei a minha túnica. O meu peito ficou coberto de pele de galinha quando a túnica caiu aos meus pés. Algumas mulheres tentaram cobrir-se, mas eu sabia que seria muito melhor manter as mãos junto ao corpo. O oficial rondou por entre nós, retirando uma rapariguita que mais parecia uma sombra, com uma coluna que sobressaía como um colar de pérolas, e duas mulheres com os seios deformados. Instruiu-lhes que voltassem novamente para os respetivos *kommandos*³ antes de regressar e postar-se à nossa frente.

— Quero dezasseis voluntárias para servirem os prisioneiros nos nossos novos bordéis. Precisamos de mulheres jovens, amadurecidas e solícitas.

Precisei de algum tempo para perceber o que ele queria dizer. Senti um formigueiro na pele, trazendo-me à memória vislumbres de

uma viela de Amesterdão: grandes decotes e brincos espalhafatosos, soldados embriagados a saírem das casas aos tropeções com manchas de batom carmesim nos queixos.

— Graças à generosidade do *Führer*, receberão comida fresca e a quarta parte do que ganharem, além de que serão libertadas do campo após seis meses de serviço. — Ele sorriu, deixando aquele comentário no ar.

Toquei com a mão na lateral do meu corpo, desejando ardentemente sentir o peso tranquilizador da minha aliança, que os *moffen* haviam confiscado à chegada. Senti uma pontada no estômago, como se alguém tivesse alcançado as minhas entranhas e tivesse carregado com força. Seis meses... seria possível? As raparigas em meu redor iam mudando o peso do corpo de uma perna para a outra. Talvez os seus próprios estômagos emitissem roncos e as suas mentes se fossem turvando de visões de jantares quentes, comboios confortáveis com vagões-restaurante a viajarem para fora da Alemanha.

— Quem está disposta a servir o *Reich*?

Inicialmente, ninguém se mexeu. Os olhos mantiveram-se colados ao chão. Os únicos sons que se ouviam eram os passos das prisioneiras que marchavam ao longe.

— Pensem bem nisto — disse ele. — Alojamento com camas a sério e água quente corrente.

Um corvo crocitou, levando-me a olhar para cima. A ave voava muito acima do campo, um pontinho preto lá no céu escuro. Passou velozmente por nós, para lá dos confins eletrificados do campo, e desapareceu.

Uma rapariga deu um passo em frente. Um triângulo verde de delinquente marcava o uniforme caído aos seus pés. O cabelo dela era da cor da manteiga e ostentava uma certa confiança, como se tivesse passado anos a subir pelos meandros do submundo alemão através das suas maquinações. Interroguei-me sobre o que a trouxera até ali, se ela fora acusada de roubo ou talvez de agressão.

O oficial anuiu com a cabeça e virou-se para nós. Uma por uma, as raparigas foram-se oferecendo com hesitação. Algumas pareciam ter apenas vinte anos, outras teriam vinte e seis ou vinte e sete. Apenas duas tinham cabelo castanho; as restantes eram autênticos exemplares arianos.

O oficial tamborilou com a caneta na prancheta, mostrando a sua impaciência.

— Se mais ninguém se voluntariar, sou eu quem escolhe alguém.

A fome remoía-me as entranhas. Imaginei um prato com fruta fresca e até mesmo uma fatia de carne, imaginei que me concediam a liberdade, mas pus a hipótese de aquele oficial poder estar a mentir. Ele observou-nos sem qualquer emoção. No entanto, se ele quisesse, podia ter entrado no campo e levado todas nós sem nos dar qualquer satisfação.

Dois dias antes, a caminho da fábrica, eu passara por um grupo de mulheres a cavarem valas, o trabalho mais duro de todos. Uma delas estava enfiada dentro de água e lama até aos joelhos, estremecendo de cada vez que içava a pá acima do ombro. Ela arregaçara as mangas, revelando uma erupção cutânea extremamente assanhada, um claro sinal de febre tifoide. Dentro de poucos dias, aquela mulher estaria morta, e o seu corpo alimentaria os fogos vorazes do crematório.

Um quarto aquecido, um duche quente. Longe do flagelo dos piolhos e dos insetos, e uma oportunidade para talvez me sentir humana novamente.

— Para onde é que as vão enviar? — perguntou a mulher ao meu lado, tremendo como se não acreditasse que tivesse tido a ousadia de falar.

Sem olhar na direção dela, o oficial respondeu com frieza.

— Para o meu campo masculino, Buchenwald.

Aquele nome. Um nome que se havia sedimentado no campo transitório de Vught, quando eu vira as costas de Theo a recuar para dentro do vagão de gado. Fora passado um rumor em sussurros, enquanto nós, esposas e mães, irmãs e filhas, os víamos por entre

as nossas lágrimas, enquanto víamos a nossa razão de viver a desaparecer pelos carris. Um nome que eu também ouvira em Ravensbrück, mas que nunca me parecera mais do que uma palavra, um ponto na minha mente, num cantinho onde eu escondera Theo para guardar aquela recordação. Porém, era um local real, um campo com vedações, um crematório e um bordel.

Aproximaram-se dois homens das SS e postaram-se atrás do oficial, observando lubricamente a nossa nudez. Um deles piscou o olho e desviou a mão para que víssemos a ereção que lhe inchava as calças.

O oficial pigarreou.

— Então?

Ajoelhei-me para pegar no meu uniforme, certificando-me de que erguia o olhar e encarava aquele *mof* porco diretamente nos olhos. Senti o chão sólido na palma da mão, a terra debaixo das minhas unhas.

Depois, levantei-me e dei um passo em frente.

¹ Termo depreciativo neerlandês para qualificar os alemães, equivalente ao português «boche». (NT)

² Forma de cortesia em neerlandês, equivalente ao português «senhora». (NT)

³ Designação dada durante a Segunda Guerra Mundial a um grupo organizado de prisioneiros trabalhadores num campo de concentração. (NT)

CAPÍTULO DOIS

KARL MÜLLER
25 DE JUNHO DE 1943
CAMPO DE CONCENTRAÇÃO DE BUCHENWALD, ALEMANHA

Karl Müller chegou a Buchenwald mesmo antes da alvorada. A manhã já estava quente e húmida. Passara a noite toda num comboio, e o matraquear da carruagem acompanhado por uma janela partida não lhe haviam permitido qualquer descanso.

O *kommandant* do campo foi recebê-lo à estação de Weimar. Quase a entrar na casa dos sessenta, Otto Brandt era um homem com entradas proeminentes e um aspeto duro. Herdara aquele campo há apenas um ano. O anterior *kommandant* e a mulher tinham sido detidos e estavam a ser investigados por suspeita de fraude: cria-se que haviam roubado dos cofres do campo. Tendo sido nomeado o novo *schutzhaftlagerführer*, Karl seria a segunda pessoa no topo da hierarquia do campo, responsável por garantir que um escândalo dessa magnitude não se repetisse.

Brandt estendeu-lhe a mão.

— Deve ser o Müller. Karl, não é?

— Sim, senhor. É uma honra.

— Os meus colegas de Berlim falaram-me muito bem de si. Mas tenho de admitir que fiquei bastante surpreendido quando soube que me iam enviar alguém que nunca sequer pôs um pé dentro de um campo. Ao que parece, subiu muito rapidamente na hierarquia militar. Tem contactos na família, não é?

Karl não vacilou.

— Muito trabalho, *Kommandant*.

— Muito bem. Serei eu próprio a mostrar-lhe o campo, além de lhe fazer um resumo dos deveres que irá assumir aqui. E vou já avisando, como vice-comandante, não terá mãos a medir.

Em seguida, conduziu Karl para um *Mercedes* que se encontrava estacionado, com um motorista à espera. Karl abriu a porta de trás e sentou-se ao lado de Brandt. Sentia as pálpebras pesadas e teve de se esforçar para não perder a concentração enquanto o carro atravessava a mata em direção ao campo.

— Há sete anos — disse Brandt —, tudo isto era terreno virgem. Os prisioneiros construíram tudo: os blocos, o caminho de ferro, até mesmo esta estrada por onde seguimos agora. Pavimentá-la foi uma verdadeira maçada, mas vale bem as vidas todas que custou. Os prisioneiros chamam-lhe *blutstrasse*.

Estrada de Sangue. Tudo o que Karl conseguia ver sob aquela ténue luminosidade era vegetação, sobretudo carvalhos e faias, e ficou impressionado com o facto de um campo com aquela capacidade, um dos maiores recursos económicos do *Reich*, poder estar escondido no meio de um cenário tão pacato. Viraram junto à guarnição das SS, seguiram a direito por uma rua que tinha uma estação de serviço e um cartaz de madeira com o desenho de prisioneiros de uniforme. Homens de aspeto robusto com sorrisos contidos. O canteiro de flores na base do cartaz conferia ao local uma aura pitoresca, como se se tratasse de alguma estância de esqui na Baviera. Outro cartaz indicava a direção do jardim zoológico, o que ele achou que seria uma piada até ouvir os macacos a guinchar. Do lado esquerdo da estrada, via-se um edifício comprido. Brandt explicou que era lá que estavam instalados os gabinetes da administração do campo, onde Karl iria trabalhar. Do lado direito, um portão de ferro assinalava a entrada do campo de detenção vedado, onde os prisioneiros se encontravam. O motorista parou o carro, e Brandt verificou o relógio da portaria, enquanto um guarda se apressava a abrir as portas.

— Estamos ligeiramente atrasados. O toque da alvorada vai soar daqui a nada.

Karl considerou a possibilidade de pedir algum tempo para descansar, mas decidiu que o *kommandant* não era do tipo de pessoa que concedesse favores. Ainda assim, o campo parecia ser

um local mais confortável e acolhedor do que ele pensara inicialmente. Atravessaram o portão, e Karl apontou para a mensagem de ferro que o encimava, com letras pintadas de vermelho-vivo.

— Bem visto — comentou.

As letras formavam as palavras *Jedem das Seine* — o seu dono. Cada um tem o que merece.

Brandt sorria abertamente, como se tivesse sido ele próprio a forjar aquelas palavras. O portão abria para uma praça enorme, a parada, onde milhares de prisioneiros se apresentavam para serem passados em revista.

— A chamada é feita duas vezes por dia. — Brandt saiu do veículo, fazendo sinal a Karl para que o acompanhasse. Subiram para uma plataforma por cima da portaria e olharam para o planalto em baixo. — Todos os prisioneiros têm de ser contabilizados. Pode ter de presidir à chamada, Müller, por isso preste atenção.

Uma série de oficiais das SS com pranchetas nas mãos reuniu-se perto da portaria. Foram chegando cada vez mais prisioneiros. Formavam quadrados perfeitos em filas perfeitas. Karl presumiu que os números do campo flutuassem com as novas admissões e as mortes, mas, tanto quanto lhe era possível perceber, calculou que deveriam ser cerca de quinze mil prisioneiros, praticamente todos homens. Um dos oficiais começou a chamar números e os prisioneiros foram dando um passo em frente. Karl era um burocrata, alheio a esta disciplina militar, mas a ordem e a precisão de tudo aquilo espantou-o, fazendo-o recordar-se do seu pai, que dava valor a essas coisas.

Foi então que ouviu a música. O primeiro guincho de uma trompeta. Depois um tambor, a seguir um trombone. Procurou a fonte. À sua direita, reunira-se uma banda filarmónica. Os músicos envergavam joviais calças vermelhas e casacos azul-marinho com debruns dourados, mas as suas figuras escanzeladas denunciavam-nos como sendo prisioneiros. O maestro ergueu um braço e os

músicos começaram a tocar uma peça alegre, que Karl não reconheceu.

Ele olhou para Brandt.

— Que belo pormenor, *Kommandant*.

— Tentamos tornar o campo o mais civilizado que conseguimos. De vez em quando, também vai ouvir música pelos altifalantes.

Os prisioneiros permaneciam muito quietos, com os rostos endurecidos como estuque. Um prisioneiro na fila da frente começou a bater com o pé. Inicialmente, Karl pensou que ele estava a acompanhar o ritmo, mas depois o homem pôs-se a balouçar e caiu ao chão. Karl virou-se novamente para a banda quando o homem foi arrastado dali para fora.

A chamada arrastou-se durante mais de uma hora e foi interrompida em diversos momentos. O fascínio de Karl pelo evento foi-se desvanecendo à medida que o seu esforço para se manter acordado foi aumentando. Uma vedação de arame farpado isolava esta parte do campo, e uma cidade de blocos, alguns de madeira e outros de pedra, estendia-se ao longo da colina que descia desde a parada. Para lá do extremo oposto do campo, viam-se as colinas verdejantes que cruzavam o horizonte. Brandt acompanhou-o na descida e guiou-o ao longo das filas de prisioneiros, chamando a atenção para os diferentes símbolos dos seus uniformes. Os ciganos, os comunistas, os judeus, as testemunhas de Jeová, os homossexuais.

— Vai reparar que mantemos os judeus em alojamentos segregados para evitar que a sua imundície se espalhe. — Brandt olhou para Karl a fim de obter uma reação, ao que Karl anuiu com a cabeça. — Concorda comigo, não concorda, Müller?

— Claro que sim.

Brandt aproximou-se para examinar o rosto de Karl.

— De onde é que você vem ao certo?

— Fui criado em Munique.

— E os seus pais?

— Verá que são de boas famílias e bem estabelecidos na região. O meu pai serviu como coronel na Primeira Guerra Mundial e agora trabalha na banca.

— Na banca?

— Posso garantir-lhe que o partido fez uma pesquisa exaustiva à minha linhagem, se estiver a interrogar-se. — Karl esboçou um sorriso, mas Brandt não pareceu achar graça às suas palavras.

— Muito bem — disse Brandt. — Vamos continuar. Vou mostrar-lhe os pontos mais importantes.

Brandt conduziu-o ao longo da primeira fila de blocos enquanto explicava as novas funções que Karl assumiria. Ele ficaria à frente do campo de detenção preventiva, o que implicava que seria responsável pela administração financeira, pelo desempenho dos prisioneiros, por garantir a ordem, impedir fugas e assim por diante. Karl foi anuindo com a cabeça sempre que necessário, mas passou a maior parte do tempo a estudar o ambiente que o rodeava. O asfalto queimava sob o sol. Prisioneiros cobertos de terra arrastavam-se para a pedreira e para as fábricas com os seus *kommandos*, como se não tomassem banho há várias semanas. O *kommandant* apontou para as faixas nos braços que identificavam os *kapos*, os supervisores dos prisioneiros. O fedor a suor era obsceno, e ele esforçou-se por combater a vontade de cobrir o nariz com a manga. Mas aquela gente não tinha vergonha nenhuma?

Mais à frente, do lado direito, uma fumarada nauseabunda subia em espiral vinda de uma chaminé alta, e, mais ao longe, viam-se os guardas nas torres de vigia, com as metralhadoras apontadas para dentro. Uma faixa de segurança arenosa coberta com os espigões longos dos cavalos de frisa ladeava a vedação. Karl apontou nessa direção.

— Há muitos a tentar fugir?

Brandt abanou a cabeça.

— Olhe bem para a encosta. A construção aqui no topo da colina de Ettersberg criou as condições ideais de vigilância. Mas é verdade que há sempre alguns que decidem atirar-se contra a vedação.

— Mas porque é que haveriam eles de... — Karl calou-se quando reparou nos isolantes elétricos ao longo do arame. Tentou, então, conciliar esta imagem arrepiante com os homens alegres e de aspeto robusto pintados no cartaz à beira da estrada que conduzia ao campo.

— Tem muito para aprender, não é verdade? — Brandt deteve a marcha em frente a uma árvore solitária e enrugada, que constituía o único sinal de vegetação que Karl vira dentro do campo dos prisioneiros. — Aqui está um bom local para começar.

— Este é o carvalho de Goethe? — perguntou Karl.

— Estou impressionado. Deve ser um homem das artes.

— Sou um homem que percebe de árvores. — Karl aproximou-se da árvore para passar a mão pela sua casca nodosa. — Acredita na história? Acha que o Goethe se sentou mesmo aqui para escrever?

O *kommandant* sorriu, num momento de introspeção.

— Quem sabe? Mas que melhor manifestação poderia haver da nossa nobre herança? Transmite uma mensagem forte aos prisioneiros, não lhe parece? Recorda-lhes o poder duradouro do *Reich*.

Enquanto continuavam o passeio, Karl imaginou-se a descansar debaixo das árvores na floresta, tal como Goethe fizera em tempos. Imaginou que teriam muito para discutir e contemplar juntos. Porém, Brandt não lhe deu muito tempo para reflexões. Estugou o passo e identificou os edifícios que ficavam do lado direito: a cozinha, a lavandaria, as instalações de desinfecção e o armazém onde guardavam os pertences pessoais dos prisioneiros.

— A maior parte dos afazeres quotidianos do campo decorre sem problemas graças aos prisioneiros que colocámos em posições administrativas — explicou Brandt. — Mas os criminosos e os presos políticos estão sempre a digladiar-se para obterem favores e atiram-se uns aos outros como cães se não tivermos rédea curta.

Um *kommando* de prisioneiros com triângulos verdes marchou à frente deles, mas Karl já não se lembrava do significado dos diferentes símbolos e esperava que Brandt não decidisse testá-lo.

Chamou a atenção de Brandt para os barracões de madeira decrépitos que se encontravam à frente deles, protegidos por uma vedação.

— O que é aquilo?

Brandt respondeu que aquela zona se chamava «campo de transição» e que tinham convertido aquelas cavalerias num bloco de quarentena para judeus e recém-chegados.

— Leve um lenço se precisar de entrar lá. O cheiro é nauseabundo.

Continuando a avançar para a extremidade noroeste do perímetro, passaram pelos edifícios da enfermaria.

— Vai ouvir falar muito nas experiências médicas pioneiras que são aqui conduzidas. Uma vacina contra a febre tifoide, entre outras coisas. É fascinante de observar, para quem tenha uma paixão pela ciência. — Brandt verificou as horas. — Não há muito mais para ver. O cinema, as estufas, a fábrica. Vai conhecer tudo a seu tempo. Quero mostrar-lhe o seu gabinete.

Atravessaram novamente as filas de blocos, encontrando vários *kommandos* pelo caminho. Prisioneiros que carregavam pás e ferramentas de jardinagem, baldes com torrões de relva. Sombras negras marcavam os seus rostos. Os prisioneiros baixavam os olhos à passagem dos oficiais, afastando-se para dar ampla passagem a Karl e ao *kommandant*. Pela primeira vez na sua vida, Karl sentiu-se um homem de poder. Imaginou-se, então, como um grande senhor da Baviera de séculos passados, supervisionando a construção de uma herdade grandiosa. Teve a sensação de que fazia parte de algo importante, testemunhando o nascimento de um grande império.

No entanto, depois de atravessar o planalto e sair pela portaria, Karl sentiu que respirava com mais facilidade, como se tivesse regressado a outro mundo. Os homens deste lado da guarita pareciam em forma e saudáveis, envergando os seus uniformes de guardas, exemplos excepcionais da raça ariana. No lado direito, vários cães começaram a ladrar. Ele parou para identificar a sua localização.

— Quer ver o canil? — perguntou Brandt. — Temos alguns dos cães mais bem treinados da nação.

Sem esperar por uma resposta, Brandt conduziu-o através de uma extensão de relva que levava a um edifício de tijolo. De um lado, recintos ao ar livre continham cães-lobo e pastores-alemães. Os cães ganiram, excitados, quando os homens se aproximaram. Brandt destrancou um dos recintos e um pastor-alemão saltou para cima deles com a língua pendurada. Karl baixou-se para o afagar e ficou coberto de baba quando o cão lhe lambeu o rosto.

— Não se deixe enganar — aconselhou Brandt. — Eles estão treinados para atacar as riscas dos prisioneiros. Basta uma voz de comando para eles despedaçarem alguém.

— Deixei os meus cães em Munique com os meus pais — comentou Karl. — Viver sem eles não vai ser fácil.

— Devia tê-los trazido. Os cães dos oficiais vivem como reis, mimam-nos com ovos frescos e vinho tinto.

Cada um dos recintos individuais estendia-se para trás, dispondo, também, de uma zona coberta para os cães dormirem. Muito mais espaço do que qualquer dos prisioneiros devia ter nos blocos, pensou Karl, baseando-se na massa de gente que vira reunida durante a chamada.

— Bem, já sei onde posso vir se precisar de companhia — disse ele.

A visita guiada continuou na sede de comando das SS, o edifício comprido que se estendia ao longo da estrada que conduzia à portaria. Ao lado desse edifício, ficava a secretaria, que albergava o departamento de registos, o departamento jurídico e outros setores administrativos. Karl veio a descobrir que o seu gabinete era muito maior do que aquele que tinha em Berlim e que recebia muita luz natural através das janelas. Ficou satisfeito por encontrar duas plantas envasadas num canto.

— Vamos fazer mais uma paragem — disse Brandt —, numa das minhas partes preferidas do campo.

Ele insistiu para chamarem o motorista, muito embora a deslocação tivesse implicado apenas dez minutos a pé. Seguiram pela estrada por onde tinham entrado, passando pelo semicírculo das casernas das SS em direção ao lado sul da colina de Ettersberg. O sol já aparecera e as nuvens estavam a ceder passagem ao azul do céu.

Saíram do carro junto a um conjunto de pequenos edifícios guarnecidos de torres, com vigas de carvalho esculpidas num estilo tradicional. Enquanto se aproximavam, Karl percebeu que o edifício continha gaiolas e que, no seu conjunto, formavam um aviário. Brandt explicou que fora o próprio Himmler quem ordenara a construção da falcoaria para presentear Göring, que ainda não a vira. Karl e o *kommandant* passaram pelas várias gaiolas, admirando os bicos afiados dos falcões, a inteligência inconfundível do olhar de uma águia. Um prisioneiro com luvas grossas tentava atirar ratos vivos para dentro da gaiola de um falcão. A ave guinchou do seu poleiro e bateu as asas, fazendo com que o prisioneiro fugisse, assustado. O prisioneiro dirigiu-se com rapidez para um conjunto de divisórias separadas numa parte lateral, onde Karl vislumbrou o turquesa brilhante de um papagaio.

— São incríveis, não são? — perguntou Brandt. — Não é todos os dias que se vê destas poderosas criaturas assim tão perto. — Deteve-se então para observar um falcão a despedaçar a cauda de um rato. — Sabe, um dos meus sobrinhos treina falcões no rancho dele na Argentina. Sempre pensei que essa poderia ser uma boa forma de passar a minha reforma.

— Alguma vez lá esteve? Na Argentina?

— Não, nunca. Assim que esta guerra acabar, vou lá fazer-lhe uma visita. Alguma vez lá esteve?

Karl abanou a cabeça.

— Com tudo o que temos aqui na Alemanha, nunca tive muita vontade de viajar.

— Compreendo. E assim que vencermos esta guerra, o *Reich* será inigualável. Até os americanos começarão a suplicar que os

deixemos entrar — disse Brandt, antes de indicar com um gesto o regresso ao carro.

Karl olhou para trás, observando um edifício perto da falcoaria em que eles não tinham parado. Brandt disse-lhe que era o salão de caça, mas que agora estava a ser usados para alojar alguns dos prisioneiros mais proeminentes, incluindo um antigo primeiro-ministro francês e a mulher.

— Na verdade, é uma pena aqueles judeus poderem desfrutar de uma bela lareira e de bonitas mobílias. Se as coisas fossem à minha maneira, eles estariam lá no meio dos outros todos. Mas não se preocupe, Müller, verá que a sua casa é igualmente grandiosa e elegantemente mobilada.

O motorista teve de avançar apenas duzentos ou trezentos metros até alcançarem os alojamentos dos oficiais. Enquanto seguiam pela estrada, Karl contou dez casas encantadoras na base da encosta arborizada da colina de Ettersberg. Um muro de pedra baixo com um torreão ornamental serpenteava pela rua estreita. O motorista parou perto do fim da rua e Karl examinou a sua nova residência. A casa de madeira tinha dois pisos e, com o seu telhado em bico e com a sua varanda, fê-lo pensar numa casa que poderia ter visto numa zona rural da Baviera.

O *kommandant* acompanhou Karl, subindo os degraus que davam acesso à entrada da casa.

— A minha fica mesmo ali. — Apontou. — Mais para o fim da semana, vou convidá-lo para conhecer a minha família. — Ele destrancou a porta com uma chave que retirou do bolso e que depois entregou a Karl.

O interior estava esparsamente mobilado, com os poucos itens que o anterior *schutzhaftlagerführer* deixara para trás, e alguns objetos decorativos simples, sendo de destacar um retrato emoldurado do *Führer*. A sala de estar tinha uma lareira com um par de chifres de veado por cima. A bagagem de Karl fora depositada em cima do tapete. Ele recebera instruções para encomendar o

mobiliário de que precisasse, mas, até agora, só providenciara os itens necessários para o quarto principal.

Ouviram-se um ruído numa divisão adjacente. Karl entrou na cozinha e descobriu um prisioneiro a polir os talheres. Era o vestígio esquelético de um homem, como os restos miseráveis de carne que ficam agarrados aos ossos que atiramos aos cães. Ele parou o que estava a fazer e olhou para cima, mas foi incapaz de olhar Karl nos olhos.

A voz do *kommandant* ouviu-se de trás, como o estalido de um chicote.

— O que é que estás a fazer? Tira o boné quando estás na presença de um oficial!

Muito atrapalhado, o prisioneiro levou a mão ao boné e tirou-o, revelando o couro cabeludo recém-rapado. Amarfanhou o tecido nas mãos enquanto murmurava um pedido de desculpa.

— Desta vez, vou deixar passar — disse Brandt —, mas se isto voltar a acontecer, o *schutzhaftlagerführer* manda-te logo para a pedreira.

O prisioneiro anuiu com a cabeça e desculpou-se profusamente. Karl sentiu-se desconfortável com a presença daqueles dois homens, ambos à espera da sua reação, quando a única coisa em que conseguia pensar era em descansar um pouco.

— Suponho que vás trabalhar para mim — disse ele.

O prisioneiro respondeu que era o cozinheiro e perguntou a Karl se queria que ele lhe preparasse o pequeno-almoço. Karl abanou a cabeça.

Brandt verificou novamente as horas.

— Aproveite agora algum tempo para se instalar. Espero-o no meu gabinete daqui a uma hora. — Acenou com a cabeça para o prisioneiro. — E não hesite em usar de violência com eles. Eles têm de aprender quem é que manda aqui. — Com estas palavras, Brandt saiu, deixando Karl numa casa que não lhe era familiar com um empregado com o qual não queria ter nada a ver.

CAPÍTULO TRÊS

LUCIANO WAGNER
2 DE MAIO DE 1977
BUENOS AIRES, ARGENTINA

Luciano acordou com um ruído surdo. Enquanto se libertava dos sonhos, sentiu os mosaicos frios nas pernas nuas e o paladar espesso e amargo de alcaçuz a incubar na sua boca. Esfregou os olhos, depois abriu-os e viu a garrafa de *fernet* meio vazia, que jazia ao seu lado com o gargalo a pairar sobre o ralo da banheira.

A luz brilhava por cima dele. Uma dor de cabeça rasgava-lhe as têmporas. Há quanto tempo teria ele perdido os sentidos? A escova de dentes estava equilibrada na berma do lavatório, encimada por um bocado de pasta de dentes, enquanto um charro meio fumado jazia esquecido em cima do jornal do dia anterior. Envergava apenas as cuecas. Precisava de desanuviar a cabeça, de esquecer a humilhação da noite passada. A rejeição era um terreno cheio de urtigas: picava ao primeiro toque, mas o verdadeiro sofrimento vinha depois sob a forma de uma erupção cutânea vermelho-vivo. Ele estremeceu, recordando o olhar chocado de Fabián que quase roçara o nojo, a forma como Fabián retirara a sua mão de repente e desaparecera por entre a multidão de protestantes. Como Luciano fora estúpido, lendo em cada gesto do amigo algum tipo de sinal: a forma como Fabián sorria para ele quando começara a manifestação estudantil, a forma como lhe dera palmadinhas nas costas e o abraçara um pouco mais detidamente do que seria de esperar.

Luciano esfregou a testa dorida, imaginando que ainda conseguia sentir o aroma a menta e *aftershave* de Fabián, os vestígios do seu toque. Gemeu e tateou a parede à procura do interruptor da luz, sem estar preparado para enfrentar a vergonha ou a ressaca. Porém, assim que desligou a luz, ouviu-se outro ruído no

apartamento. Estilhaços na cozinha, como se algo tivesse caído da bancada. Palavras sussurradas, abafadas. Ladrões? O restolhar de passos seguiu-se quando uma risca de luz apareceu por debaixo da porta. Luciano pensou nos pais a dormir na cama e apressou-se a levantar-se. Depois, ouviu a mãe a gritar.

Procurou algo que pudesse servir de arma, mas ficou petrificado quando ouviu uma voz de homem, áspera e desagradável.

— Arturo e Patricia Wagner?

— Quem são vocês? O que é que vocês querem? — Luciano percebeu o pânico crescente na voz do pai.

— Onde está o vosso filho? — perguntou outro homem.

Luciano apertou o toalheiro com força enquanto a sua mente andava às voltas. O espanhol dos homens parecia bom, não tinha nada a ver com a má articulação de ladrões de meia-tigela. Susteve a respiração quando ouviu a porta do quarto a ser arrombada com um pontapé e pensou na sua cama, ainda feita, na sua sacola em cima do tapete, para onde ele a atirara quando chegara a casa depois da manifestação estudantil. Rapidamente descobririam as faixas, os panfletos.

Um segundo depois, dois homens entraram de rompante na casa de banho. Luciano semicerrou os olhos perante a luminosidade súbita, fixando o olhar nas espingardas de assalto que traziam dependuradas.

Um deles agarrou-o pelo ombro.

— Apanhei-o!

O homem riu-se quando viu a garrafa de álcool e empurrou-o para que caminhasse, conduzindo-o aos tropeções pelo corredor até chegar ao quarto dos pais.

Estavam três homens num canto, apontando as espingardas aos pais dele, que se encontravam sentados na cama sobre uma amálgama de lençóis. O relógio na mesa de cabeceira marcava 04:00. A mãe dele ergueu o olhar e perscrutou-o por entre as lágrimas. Algumas madeixas de cabelo tinham-se soltado do carrapito, e a camisa de noite cor-de-rosa escorregara e expunha-

lhe agora o peito. Ela soluçou, proferiu silenciosamente o nome dele e fletiu a mão como se lhe quisesse tocar, mas um dos membros do gangue deu um passo na direção dela e gritou-lhe para que ficasse quieta.

O cano de uma espingarda atingiu Luciano nas costas, atirando-o ao chão. Ele começou a tremer.

— O que é que querem dele? — Parecia-lhe que o pai se encontrava no fundo de um poço.

Um dos homens pairou por cima de Luciano enquanto os outros dois saíam do quarto. Algures, andavam a abrir armários, a vasculhar as estantes. Vidro partido. O soalho flutuava, o tapete empoeirado infiltrava-se-lhe no nariz. Por cima dele, bigodes espessos, polos às riscas, um blazer aos quadrados. Homens típicos das ruas de Buenos Aires.

O homem agrediu-o com a coronha da espingarda.

— Onde estiveste esta noite?

Luciano ganiu e a mãe dele gritou.

— Cala-te, puta de merda.

Ao ouvir estas palavras, o pai dele estremeceu, mas não disse nada.

A voz de Luciano soou estridente.

— Em casa de um amigo, a estudar.

— Estás a mentir.

Ele estremeceu, aguardando novo golpe, mas algo suave aterrou em cima dele. Tecido.

— Veste-te.

Ele pegou nas roupas e vestiu-as atabalhoadamente. Umas calças de ganga desbotadas à boca de sino e a sua *T-shirt* às riscas preferida. Quando se agachou para enfiar as meias e os sapatos, olhou de soslaio para o pai. As sobrancelhas hirsutas e grisalhas uniam-se numa só, os seus olhos azuis gelados não pestanejavam. Luciano procurou algum sinal de preocupação nas rugas profundas do rosto do pai, mas não encontrou nenhum. O pai levou uma mão ao queixo enquanto observava Luciano, esfregando-o uma vez,

duas vezes, até Luciano se aperceber do rasto de cuspo que se apegara ao canto da sua própria boca. Porém, antes que o conseguisse limpar, os homens obrigaram os pais dele a levantar-se e ataram-lhes os pulsos. Agarraram nos braços de Luciano e ataram-lhe as mãos atrás das costas com uma corda áspera.

— *Papá*, ajuda-me!

Ele não sabia o que é que o pai poderia fazer. As costas do pai endireitaram-se, mas ele não disse nada. A mãe de Luciano começou a chorar com mais intensidade, provocando um grunhido por parte de um dos homens, que apertou ainda mais a corda que o prendia. A expressão no rosto do seu pai não mudou enquanto tocava ao de leve na mãe de Luciano com o pé, silenciando-a.

O homem que envergava o *blazer* aos quadrados enfiou a mão no roupeiro e tirou duas gravatas. Apertou uma gravata aos quadrados sobre a boca de Luciano. A gravata empurrou a língua de Luciano para trás, fazendo com que ele deitasse perdigotos, e ele contorceu-se debaixo das mãos que o prendiam. Depois, empurraram-no para a frente novamente, ao longo do corredor, afastando-o dos pais. Ele virou-se a tempo de ver pela última vez o rosto da mãe, manchado de lágrimas, e os dedos do pai a tremer em cima do lençol.

Dois dos homens conduziram-no para fora de casa e enfiaram-no no elevador apertado. A porta do elevador matraqueou quando a arrastaram sobre a calha para a fechar. Quando o elevador se deteve no rés do chão, apagou-se a luz em casa de um vizinho. Luciano remexeu na corda, olhou para todas as portas do átrio, rezando para que aparecesse alguém que interviesse.

Quando saíram para a rua e foram recebidos pela fresca noite de outono, os batimentos cardíacos de Luciano ficaram descontrolados. Dois *Ford Falcon* estavam estacionados junto ao passeio, com os seus capôs verdes a reluzir sob o brilho dos candeeiros de iluminação pública. Um homem com uma pistola acenou com a cabeça quando os viu e abriu a porta de trás do primeiro carro.

Um dos homens empurrou Luciano contra o veículo e tapou-lhe os olhos com a outra gravata. Luciano sentiu o cheiro a cebola refogada nos dedos do homem. Caiu algo sobre a sua cabeça. Suave como uma camisola de malha. O cheiro do detergente que a mãe usava para lavar a roupa. O homem colocou uma mão na nuca de Luciano, obrigou-o a baixar-se e empurrou-o para dentro do carro. Luciano tentou gritar, mas a mordaça impediu-o de o fazer. A cabeça dele bateu numa saliência rígida antes de ele aterrar na pele suave.

— Vamos levar-te a dar uma voltinha.

A porta fechou-se com um estrondo. Ele esperneou no assento e tentou gritar outra vez. Dois dos homens entraram para a frente do veículo e trocaram instruções sussurradas. Esforçando-se por respirar, Luciano virou a cabeça para o lado e inspirou através da lã do capuz, mas só conseguiu inalar o seu próprio bafo a álcool. O motor começou a trabalhar. O banco chocalhou contra a sua face quando o carro arrancou e começou a descer a estrada. Ele rezou com o maior fervor que conseguiu para que algo os travasse, fossem lá eles quem fossem, para que alguém espreitasse por uma janela e pedisse ajuda, mas tudo o que conseguiu ouvir foi o troar da sua pulsação nos ouvidos enquanto o afastavam cada vez mais da sua casa.

CAPÍTULO QUATRO

MARIJKE
25 DE JUNHO DE 1943
RAVENSBRÜCK, ALEMANHA

Seria mentira se eu dissesse que me arrependi da minha decisão de imediato. Enquanto as outras prisioneiras marchavam penosamente para as fábricas ou para escavarem valas sob o sol escaldante, nós, dezasseis mulheres, fomos levadas para a enfermaria. Apareceu uma *blockova* com uma ração adicional de sopa. O tacho ainda estava quente e, por uma vez, a *blockova* tocou com a colher no fundo para raspar as cascas de batata, examinando-nos com um misto de deferência e suspeita. Suguei tudo o que consegui de cada colherada antes de a engolir. Quando terminei, pus-me na fila.

Os médicos mandaram-nos despir outra vez para poderem registar os nossos dados. As guardas femininas que se encontravam na sala escarneceram de nós, chamando-nos prostitutas, mulheres da noite e chupistas de comunas. Enquanto esperava pela minha vez, protegi o corpo com os braços e disse para mim própria, vezes e vezes sem conta, que era uma esposa fiel e respeitável.

Estavam dois médicos sentados atrás de uma mesa pequena. Um deles verificou uma folha de papel e pediu para ver o número no meu uniforme.

— Então vamos lá ver — disse ele —, tens vinte e três anos, não é verdade? Com que idade foste menstruada?

— Com catorze, doutor.

— Ainda tens ciclos regulares?

A rapariga ao meu lado corou quando o outro médico começou a fazer-lhe perguntas, mas eu engoli em seco e olhei diretamente para o homem que se encontrava à minha frente.

— Não desde que vim para aqui.

— Há alguma possibilidade de estares grávida?

— Não, doutor.

— Já tiveste algum filho?

— Não, doutor.

— E como descreverias a tua experiência sexual?

Pensei em Theo a ajoelhar-se para me beijar o peito e algo dentro de mim doeu muito.

— Suficiente.

— És solteira, presumo?

— Não, sou casada.

Ele parou de escrever e olhou para mim.

— Como se chama o teu marido?

— Theodoor de Graaf.

Talvez ele estivesse à espera que fôssemos todas mulheres da noite comuns, mas dizer o nome de Theo reacendeu a minha esperança, enchendo-me de certeza de que o iria encontrar, de que tudo aquilo valeria a pena.

Com mãos frias e enluvadas, o médico palpou o meu peito e a minha vagina, examinando-me para se certificar de que não havia imperfeições ou chagas antes de eu fazer análises para despistar as doenças venéreas. As rugas na testa dele uniram-se enquanto escrevia alguma coisa no meu registo. Houve apenas uma mulher que não passou no exame médico, mas o pessoal substituiu-a rapidamente por uma franzina rapariga alemã com o cabelo cor de noz-moscada a quem não deram hipótese de escolha relativamente ao seu destino. Ela passou o primeiro dia encolhida a um canto como um gatinho ferido.

Depois do exame, deram-nos um banho desinfetante e uma injeção. Os nazis não queriam correr riscos e não estavam dispostos a deixar que contaminássemos a sua mão de obra com uma doença qualquer. Enviaram-nos para uma sala com lâmpadas ultravioletas e todas passámos alguns minutos debaixo do brilho. Contudo, a maior bênção foi a comida. Oh, a comida! Todas nós começámos a soluçar quando vimos os pratos cheios: um grosso

troço de pão sem bolor, um pedaço de salsicha, uma batata cozida. Salsicha! Nunca nada me soubera tão bem.

Depois de termos comido tudo, raspando os pratos até à última migalha, começámos a conversar. Partilhámos histórias, conversando em alemão, numa estranha mistura de sotaques. Algumas raparigas eram polacas, mas a maioria era alemã, embora tivessem sido detidas em diferentes partes do país e por diversas razões. Algumas, por se esquivarem ao trabalho, outras pelas afiliações políticas e outras ainda por pequenos delitos. Gerda, a primeira a voluntariar-se para o bordel, recebera o seu triângulo verde por ter feito um aborto ilegal. A morena assustadiça que fora obrigada a juntar-se a nós mesmo à última era comunista e disse chamar-se Sophia. Duas raparigas eram divorciadas e outra tinha visto o namorado a ser morto a tiro, as suas posses roubadas do cadáver, até ao lenço com monograma que ela lhe oferecera. Edith, uma mulher com um peito avantajado e uma fenda entre os dentes da frente, trabalhara como prostituta antes da guerra, bem como outras três mulheres. Quando Edith revelou esta informação, ficámos todas muito caladas, percebendo que teríamos de nos socorrer da experiência dela.

Uma onda de calor seco consumiu os dois dias seguintes. Os oficiais das SS responsáveis pelo nosso transporte para Buchenwald permitiram-nos desfrutar do tempo, incentivando-nos a ficarmos deitadas a apanhar banhos de sol. A minha tez macilenta recuperou um tom mais humano. Em vez dos nossos uniformes, deram-nos roupas normais, saias plissadas coloridas e até roupa interior de algodão. O meu peito começara a encolher em Ravensbrück, mas, mesmo assim, pareceu-me um luxo sentir novamente um sutiã a cobrir-me os seios.

Encarámos aqueles dias como umas férias, mas a ideia do que nos esperava manteve-me acordada à noite. Enroscava-me no fino colchão de palha, ouvindo os roncos das outras raparigas, que se foram tornando mais altos à medida que elas recuperavam as suas forças, e tentei imaginar o que seria tocar num homem que acabava

de conhecer. Passara-se tanto tempo desde que eu sequer pensara em fazer amor. Nada me excitava. Tentei pensar em Theo — imaginei-me a passar os dedos pelo caracol do seu cabelo, imaginei os músculos firmes dos seus braços enquanto ajudava o meu pai a carregar sacas de farinha para a padaria. Porém, independentemente das minhas fantasias, não conseguia afastar a imagem do seu olho negro, a sangrar e fechado por causa do inchaço debaixo dos óculos enquanto os *moffen* nos tiravam de nossa casa.

Quase todas havíamos chegado a Ravensbrück a bordo de um vagão de gado, encafuadas numa escuridão sufocante durante horas a fio até sermos despejadas na estação em Fürstenberg, uma cidadezinha pitoresca cujos edifícios encimados por telhados vermelhos se alinhavam na outra margem do lago. Agora, partíamos as dezasseis da mesma estação, mas, desta vez, fizemos a viagem de camião. Amontoámos-nos na saída mais distante da estação durante uma boa meia hora enquanto o motorista carregava o veículo militar com caixotes de munições. Uma mulher das SS ficou connosco enquanto um guarda de Buchenwald estava sentado num banco próximo. Fez uma concha com a mão, incapaz de manter o cigarro aceso devido à brisa. Quando acendeu o isqueiro, passou um rapazinho a saltitar pela rua. Assim que viu o guarda, deteve a sua marcha e enfiou as mãos nos calções de malha, que já lhe estavam muito pequenos. O seu olhar passou do guarda para a arma que estava pousada no banco e depois novamente para o guarda, que lhe fez sinal para que se aproximasse a fim de lhe perguntar alguma coisa. O rapaz reagiu com um largo sorriso. Depois, uma mulher que trazia uma mala e um molho de embalagens de papel pardo alcançou-o. Ela riu-se, namoriscando, quando o guarda lhe piscou o olho, mas quando reparou em nós, puxou o filho para junto de si e instigou-o a seguir caminho. Enfieei a mão no tecido da minha saia e observei-os a continuarem a descer a rua em direção à água. Os sinos da igreja anunciaram a hora e, às

nove badaladas, o guarda atirou o cigarro para os arbustos e ordenou-nos que entrássemos no camião.

O veículo sacudiu-se e abanou-se durante muitas horas, mas eu aproveitei o ar fresco e a vista do campo pela abertura da tela que cobria a caixa do veículo. Com que facilidade parecia decorrer a vida fora dos muros do campo. Os camponeses acompanhavam as suas ovelhas, os cavalos pastavam nos campos. O único sinal da guerra eram os bloqueios ocasionais na estrada, alguns soldados encostados indolentemente a sinais de trânsito.

O guarda e a mulher das SS acompanharam-nos durante todo o trajeto até Buchenwald. Eu baixei a voz e brinquei, dizendo que ela só tinha vindo para manter o guarda debaixo de olho, para impedir que as patas dele tocassem na carga preciosa. As minhas palavras suscitaram gargalhadas nas outras raparigas, mas, assim que as proferi, estremeci por causa do seu significado. *Carga*. Algo que é atirado de uma pessoa para outra até chegar ao outro lado gasto e usado. Pedi desculpa pelo meu comentário, mas Sophia abanou a cabeça.

— Temos de ser capazes de rir daquilo que a vida nos dá. Senão, como é que seremos capazes de seguir em diante?

O motorista parou várias vezes, permitindo que nos aliviássemos nos arbustos e comêssemos biscoitos secos e uma lata de feijão verde. Sophia comparou a viagem a um passeio no verão, uma viagem à casa do lago do seu tio em Bodensee, e contou-nos histórias de longas manhãs passadas a ler *Madame Bovary*⁴ no alpendre, de maçãs selvagens apanhadas de ramos baixos e, durante alguns momentos abençoados, estive novamente com Theo, a velejar no IJsselmeer, com o meu arco a conseguir que o violino tocasse Bach.

— Música como algodão doce — dissera ele, enquanto andávamos em círculo, indo juntos para lugar nenhum.

O camião passou por cima de um buraco e a música desvaneceu-se.

Muitas horas depois, o crepúsculo veio receber-nos quando entrámos numa estrada de acesso, onde as placas apontavam para Buchenwald. A estrada pavimentada serpenteava por uma floresta luxuriante. Remexi-me, incapaz de estar parada, enquanto perscrutava as árvores à procura dos dormitórios ou de algum sinal do campo, mas o ambiente que nos rodeava era perturbadoramente sereno. Parte de mim queria acreditar que Buchenwald seria uma prisão a sério, com camas individuais e casas de banho e rações apropriadas, mas se Ravensbrück era como os *moffen* tratavam as mulheres, eu estava apavorada com o que nos esperava num campo para homens.

Percorridos cerca de dois quilómetros, passámos pelo final de uma linha de caminho de ferro, onde um aglomerado de homens em camisa ou fatos enrugados saiu de um vagão de gado. Inclinei-me para a frente a fim de os ver melhor, curiosa sobre a sua proveniência, sobre se estariam tão assustados quanto eu. Teria sido este o mesmo caminho que o meu marido seguira para entrar no campo? Teria ele tropeçado, teria ele parado para enxugar o suor do pescoço, ou teria ele caminhado de cabeça erguida, como apenas alguns deles faziam?

Passámos por uma fila circular de edifícios de dois andares pintados num enganador tom de amarelo-vivo. Havia oficiais a passarinhar de um lado para o outro na rua, mas passámos por eles e descemos uma estrada lateral. A coluna de recém-chegados corria ao lado do camião, todos agarrados às suas malas como se fossem boias de salvação, enquanto os cães lhes tentavam chegar aos calcanhares. Será que aqueles homens sabiam que iriam perder tudo numa questão de poucas horas?

O camião virou à direita. Eu e Sophia cruzámos olhares nervosos quando o veículo se deteve. Ouvimos o ruído metálico de um portão a abrir-se sabendo que chegámos ao campo dos prisioneiros e, quando um guarda se apressou a fechá-lo atrás de nós, tentei decifrar a mensagem escrita no ferro.

— *Jedem das Seine* — leu Sophia.

O edifício que iria servir como bordel ficava entre a enfermaria e outra estrutura, que, mais tarde, viemos a descobrir que era um cinema, uma recompensa pelo bom comportamento. Nós seríamos a outra recompensa, o grande prémio. O bordel estava protegido por uma vedação, isolado assim do resto do campo. O edifício de madeira comprido tinha portadas nas janelas e várias plantas em flor envasadas de ambos os lados dos degraus de betão que levavam à entrada. Os blocos dos prisioneiros não se viam dali, pelo que rapidamente percebi que não teria grandes hipóteses de vislumbrar Theo. Teria de ser ele a vir até mim.

Os dois guardas que nos haviam acompanhado instigaram-nos a prosseguir. Entrámos pela porta, ansiosas relativamente ao que nos aguardava. Beliches despidos e frios? Alguma forma doentia de escravidão? Uma multidão de homens lúbricos? Sophia apertou-me a mão quando passámos pela soleira da porta, mas quando olhei em redor, a tensão desvaneceu-se. Uma jarra com girassóis alegrava o centro de uma mesa comprida, e uma planta frondosa estava pousada num canto perto de um radiador. Um radiador — todas aquelas vezes em que eu acordara em Ravensbrück a tremer de frio debaixo do meu cobertor fino, temendo a perspetiva do outono e do inverno. Reunimo-nos no centro da sala e admirámos todos os pormenores. As paredes forradas a madeira estavam decoradas com quadros com paisagens e ladeadas por cadeiras e bancos. Tão civilizado, quase animador.

Deram-nos duas semanas para nos instalarmos antes de o bordel abrir as portas ao seu público. Um dia, um dos médicos de Buchenwald veio bater à nossa porta, um homem com uma testa invulgarmente grande. Examinou cada uma de nós, tagarelando alegremente enquanto palpava as nossas partes privadas. Quando me disse que eu tinha um bonito rosto, cravei as unhas nas palmas das mãos para me impedir de franzir o sobrolho.

Apesar do desconforto do exame médico, pouco tivemos de que nos queixar durante aquelas primeiras semanas. O cheiro do

sucedâneo de café acordava-nos às sete. A supervisora do bordel ia buscá-lo às cozinhas do campo, juntamente com o nosso pequeno-almoço. Eu fazia gala de me pavonear pela sala de convívio com um termos, servindo a ração a cada rapariga. Pão com compota, até com manteiga. Enquanto em Ravensbrück engolíamos a nossa sopa aguada em goles desesperados, cada refeição em Buchenwald tornava-se um espetáculo, algo digno de ser saboreado. Eu revirava a manteiga na língua até ela derreter.

Na segunda manhã, eu e Sophia estávamos sentadas no quarto que partilhávamos e que tínhamos só para nós as duas. Cada mesa de cabeceira era adornada por uma jarriinha com flores silvestres, cujo perfume quase se tornava opressivo num espaço tão pequeno. Na parede, havia um desenho de um pastor-alemão, os mesmos cães que nos arreganhavam os dentes todos os dias em Ravensbrück. Porém, o que nos deixava mais perplexas eram as fotografias de belos homens nas nossas mesas de cabeceira, homens com sorrisos perfeitos e cabelo louro muito claro.

Enquanto eu estava deitada na cama, Sophia tentava rearranjar as flores, tirando as que já tinham começado a murchar.

— Achas que as vão substituir quando estas morrerem?

— Estamos a falar de flores, não da mão de obra deles. Só Deus sabe porque é que se deram ao trabalho de embelezar este local. Quem é que eles estão a tentar enganar?

Pétalas brancas caíram sobre a almofada dela. Ela juntou-as uma a uma e acenou com a cabeça para a fotografia na sua mesa de cabeceira.

— Obviamente alguém, a julgar pela presença dos nossos namorados imaginários.

Enfiei as molduras com as fotografias dentro da gaveta.

— Não percas tempo a tentar atribuir algum significado ao raciocínio deles. Eles não merecem.

— Talvez tenham trazido cá algum fotógrafo, fotografias de propaganda para o Himmler? Alguma coisa para ele exhibir nos seus banquetes?

— Ou para enviar como postais para os nossos pais? «Orgulhem-se da forma como a vossa filha está a servir o Terceiro *Reich*!»

Ela soltou uma valente gargalhada.

— Para a minha mãe, mais valia eu estar morta.

O que pensaria a minha mãe? Onde pensaria ela que eu estava? O que lhe teriam dito? Em Ravensbrück, eu recebera permissão para lhe enviar uma carta, mas talvez nunca lhe tivesse chegado às mãos. Parágrafos inteiros ocultados pelo censor, podia ter-se perdido num saco do correio algures ao longo da fronteira alemã.

— Será que isto é tudo um estratagema? — interrogou-se Sophia. — Será que vão começar a dar-nos comida para porcos daqui a uma ou duas semanas?

— Quem sabe? O coração de um nazi deve ser do tamanho do de um sapo.

— É como a história de Hansel e Gretel, conheces? Estão a engordar-nos.

— Acho que ninguém visitaria o bordel se nós parecêssemos fantasmas.

Ela entrançou um caule entre os dedos.

— A questão é: por que raio é que eles querem um bordel para os prisioneiros?

Ambas suspirámos. Depois reparei numa flor cor de laranja que sobressaía do ramo dela.

— Olha, é a cor da família real dos Países Baixos. No inverno passado, uma prima minha foi presa por ter usado uma pregadeira cor de laranja enquanto dava aulas na escola primária, e eu fui multada por pendurar roupa lavada com as três cores da nossa bandeira. Daqui a pouco tempo, vão colocar espões em todas as janelas de Amesterdão.

— Toma. — Sophia enfiou a flor no meu cabelo. — Põe-na entre dois livros para durar.

Ela saiu para deitar fora as pétalas murchas, e eu permaneci no quarto, a tocar na mobília, a sentir a estranheza desta prisão nova e inesperada e a deixar que a minha mente vagueasse novamente

para Theo, com a esperança de que ele conseguisse encontrar alguém em Buchenwald a quem pudesse fazer as suas confidências.

Naquela noite, era a minha vez de tomar banho. Tínhamos uma casa de banho a sério com água quente corrente. Enfie-me na banheira até a água me chegar às orelhas. Os ossos das minhas ancas estavam espetados como os picos de duas montanhas separadas por um grande vale. Permaneci no banho até a água ficar fria e, enquanto me enxugava com a toalha, cruzei os braços sobre o peito, analisei-me ao espelho e interroguei-me sobre quais as mãos que iriam a seguir explorar o meu corpo nu.

Duas mulheres das SS assumiram os papéis de supervisora e cobradora do bordel. Uma delas era uma verdadeira Greta Garbo, com sobrelanceiras arqueadas e lábios pintados de vermelho, mas as palavras dela atingiam-nos como uma tempestade violenta. A cobradora caminhava curvada por conta de uma corcunda acentuada, e tinha três pelos pretos espetados no queixo, mas fazia o seu trabalho e não nos chateava. Quando estávamos sozinhas, eu e Sophia referíamos-nos a elas com nomes absurdos: a Bela e o Monstro, Atena e Medusa, Ahab e Moby e, só para as irritar, Harpo e Groucho.

No dia em que o bordel abriu as suas portas oficialmente, acordei com uma dor dilacerante nas minhas entranhas. Rezei para que fossem cólicas, para que, após dois meses a ser constantemente enfraquecido, o meu organismo tivesse voltado a funcionar. A menstruação implicava uma folga de cinco dias sem «trabalhar», algo pelo qual ficámos todas a ansiar desde o início. Uma das raparigas polacas jurou que os nossos ciclos iriam voltar ao normal após seis ou sete meses com este novo regime alimentar. Sophia defendeu que já teríamos sido libertadas nessa altura, como o *kommandant* prometera. Eu ri-me. Aquela promessa atraía muitas das raparigas, mas os *moffen* não eram do tipo de pessoa que devolvesse os peixinhos ao mar. Deixar-nos-iam fora de água, a

tentar desesperadamente respirar, enquanto sofríamos uma morte lenta e humilhante.

Enquanto estava deitada na minha cama naquela manhã, agarrada ao estômago e a pensar no meu destino, tentei imaginar Theo e o motivo pelo qual eu me voluntariara. Não fora pela perspectiva de liberdade, mas sim para tentar encontrá-lo. Quantos mais homens eu recebesse, tanto mais conseguiria espalhar a palavra. Alguém teria de conhecê-lo.

Quanto mais me agarrava a esta ideia, mais a dor ia passando. Arrastei-me para a mesa de jantar, onde comemos em silêncio. Quinze rostos endurecidos em meu redor.

Edith avisou-nos:

— Servir um empresário bem vestido é uma coisa, mas se Buchenwald for parecido com Ravensbrück, teremos de lidar com homens esfomeados, cheios de piolhos, que não tocam numa mulher há vários meses.

Enquanto acabávamos o café, a supervisora do bordel aproximou-se da cabeceira da mesa para nos dar algumas informações.

— Depois de limparem os vossos quartos, podem passar o resto do dia como quiserem. Dentro de casa, naturalmente. O jantar vai ser servido às dezassete horas. Às dezanove horas, o nosso estabelecimento abrirá as suas portas durante duas horas, tal como acontecerá todos os dias de ora em diante, exceto ao domingo, dia em que oferecemos um horário mais alargado.

— Quantos visitantes devemos esperar? — perguntou Sophia.

Os lábios pintados da supervisora contorceram-se num sorriso afetado.

— Cada homem tem quinze minutos, nunca mais de vinte. Não há cá posições estranhas, só homem em cima. Isto é algo que vamos fazer cumprir. Poderão receber até oito clientes por noite.

A dor dilacerante regressou. Oito possibilidades, disse a mim própria — oito possibilidades de encontrar Theo — mas até essas palavras me pareceram uma traição.

— Vocês só são úteis para o *Reich* enquanto se mantiverem saudáveis, por isso tomaremos todas as precauções necessárias para que não haja quaisquer consequências indesejáveis. Receberão injeções regulares para evitarem a gravidez e as doenças venéreas, mas serão vocês as responsáveis por usarem uma proteção de borracha com todos os clientes. Usem a pomada desinfetante para se limparem depois de cada visita. O sexo anal e o sexo oral estão proibidos. Perceberam tudo?

As instruções que ela deu passaram através de mim. Eu já não era Marijke, nem sequer a prisioneira número 21522. Era uma prostituta.

Quando a supervisora saiu, a cobradora trouxe um cesto de roupa cheio de meias de homem usadas. Meias das SS. As outras raparigas pegaram nas agulhas e na linha, ansiosas por terem alguma distração, mas eu recusei-me a juntar-me a elas e ninguém se importou. Uma pequena coleção de livros preenchia as prateleiras da nossa sala comum, onde os homens iriam esperar a sua vez ao serão. Os livros tinham autores alemães, todos patrióticos e fascistas; era mais propaganda do que literatura. Escolhi *A Paixão do Jovem Werther*⁵ de Goethe, um romance curto que me pareceu levemente interessante, e instalei-me num canto sossegada.

Ao final da tarde, já desistira de ler, incapaz de me concentrar. O jantar foi composto por ervilhas, pão e salsicha, mas não consegui comer.

Edith inclinou-se sobre a mesa e sussurrou-me:

— A carne vai dar-nos energia. Eles querem preparar-nos para um ataque de pilas.

Só de ouvir a palavra, encolhi-me toda.

Quando faltava um quarto para as sete, a supervisora conduziu cada uma de nós para o seu *koberzimmer*, o seu cubículo. Calhou-me o *koberzimmer* 9. Tínhamos acabado de tomar um duche e cheirávamos a sabão áspero. O quarto minúsculo e estreito continha apenas uma cama de solteiro com uma almofada baixa e uma

cobertura para o colchão, mas não tinha lençóis. Uma série de plantas transformava o peitoril da janela numa selva envasada. O quarto tinha duas portas: uma para utilização minha, que dava para a zona dos nossos quartos, e a outra para o cliente. Uma fotografia de Hitler e duas aquarelas adornavam as paredes. Um dos desenhos mostrava as ruínas de uma torre medieval, a outra exibia uma série de edifícios velhos coloridos. O nome «Weimar» estava manuscrito em ambas as peças: a cidade pela qual passáramos a caminho do campo.

Comecei a andar para a frente e para trás, sentindo cada músculo do meu corpo tão tenso quanto um fio esticado até ao seu limite. Ouvi alguém bater à porta, hesitante. Atirei-me para cima da cama. Levantei-me. Voltei a sentar-me e pestanejei para afastar as lágrimas, preparando o meu corpo para ser agredido violentamente, para uma saraivada de comentários lascivos.

O prisioneiro que entrou vinha a coxear. Os óculos com armação de arame pendiam do seu rosto encovado e ele tinha um bigode fino e com falhas.

— Chamo-me Ernst — disse ele.

Um alemão com o símbolo de um prisioneiro político. O seu aperto de mão foi tão fraco que eu temi que o meu toque o deixasse com nódoas negras.

— Marijke.

Ele sentou-se ao meu lado na cama e tentou, a custo, desapertar os botões do seu uniforme às riscas. Eu tirei a minha blusa, inclinando o ombro para esconder o peito. As faces dele enrubesceram quando abriu o último botão e revelou as costelas protuberantes. O corpo de uma criança. Pensei no meu irmão, um rapaz de dezoito anos arrastado à força para trabalhar nas fábricas alemãs. Os *moffen* transformavam os rapazinhos em homens e os homens em rapazinhos.

— Eu... Marijke, eu não te quero magoar.

Desviei o olhar.

— Não vais magoar-me.

Enquanto fui retirando a blusa, ele esticou uma mão, tocando-me ao de leve na anca. Ambos recuámos perante o toque.

— Eu nunca fiz isto — disse ele.

— Eu também não.

— A sério?

— Assim desta maneira nunca fiz, não.

Aproximando-se um pouco de mim, ele colocou uma mão na minha coxa e olhou fixamente para ela com alguma hesitação. Enquanto ele me aflagava a perna, tentei calcular quanto tempo já passara — dois, três minutos? Ele puxou a minha saia e os meus olhos fecharam-se quando ela caiu ao chão.

— Podes olhar para mim? Por favor?

— Desculpa. É só que eu...

— Eu sei.

Depois, ficámos os dois nus. Tentei não ver o inchaço que lhe crescia entre as pernas. Interroguei-me se sequer seria capaz de reconhecer o corpo de Theo, ou se também ele teria definhado daquela maneira.

Ernst baixou-me a cabeça até tocar na almofada e pôs-se em cima de mim. As lágrimas começaram a aglomerar-se, mas consegui contê-las.

— Marijke?

— Estou pronta.

Ele suspirou, saiu de cima de mim e colocou-se ao meu lado.

— Dá-me só um minuto.

Havíamos sido avisadas do que nos aconteceria se o cliente não ficasse satisfeito. A minha mão tremeu quando fiz menção de lhe tocar entre as pernas.

— Por favor, continua.

— Não, não consigo, assim não consigo.

— O que é que posso fazer para ajudar?

— Tu... não, nada. — Ele sentou-se, passou-me a blusa e olhou fixamente para o teto. — Em Berlim, havia uma rapariga que eu conhecia desde que tínhamos ambos quatro ou cinco anos. A mãe

dela costumava tratar da roupa suja de nossa casa, e sempre que ela lá ia nós construíamos fortalezas com os lençóis lavados. Ela tinha o riso mais bonito que alguma vez ouvi, como as sinetas da missa.

Hesitei antes de vestir a minha blusa.

— Onde é que ela está agora?

Ele fitou-me com um olhar agitado.

— E se eu nunca mais a voltar a ver? Dois amigos meus têm disenteria, outro caiu para o lado na pedreira ontem. Sempre pensei que eu e ela íamos casar, que teríamos quatro ou cinco filhos. Eu teria tomado tão bem conta dela.

— Eu sei como tudo isto é difícil.

— Não estou a pedir que tenhas pena de mim.

— O meu marido está aqui, algures.

— Oh. — Ele baixou a cabeça. — Tenho muita pena. — Como eu não respondi, ele vestiu as calças. — Eu tinha simplesmente assumido... bem, não interessa.

Ficámos sentados em silêncio, abandonados à nossa vergonha e ao nosso embaraço. Os dedos dele estremeceram em cima da franha. Incapaz de suportar o desespero angustiado no seu rosto, mudei de posição e deitei-me e ele aninhou-se nas minhas costas, encostando o rosto ao meu ombro. Eu segurei-lhe na mão e ficámos simplesmente ali deitados. Passado algum tempo, senti uma humidade na parte de trás da minha blusa.

— Não chores — disse eu.

— Não quero que acabe tudo assim.

— Não vai acabar assim.

Assim que as palavras me saíram da boca, transformaram-se em nada, mas a dor na voz dele deu-me a determinação de que precisava para lhe oferecer esperança, embora eu tivesse muito pouca para dar.

— E se eu nunca mais voltar a tocar numa mulher?

— Não podes pensar dessa maneira. Não vais conseguir sobreviver se pensares assim.

— Tens razão.

Como cavalos com palas nos olhos, nós vivíamos fixados no objetivo da sobrevivência, mas acabava tudo por ser uma questão de sorte. Imaginei-me a tremer no beliche em Ravensbrück, tentando sobreviver às noites frias e ensopadas. Mas depois regressou a música. Lembrei-me de como passara aquele tempo a imaginar os meus dedos enrolados em torno do arco do meu violino, a forma como me transportara de regresso ao auditório em Amesterdão, onde eu costumava praticar até ficar com bolhas nos dedos. Virei-me para Ernst, cujas faces estavam agora manchadas e molhadas.

— Do que é que mais gostas neste mundo?

— Dela.

— Para além dela.

— Como assim?

— O que mais te faz feliz?

— A matemática, acho. Eu era professor.

— Ótimo, então enche o teu dia com matemática. Cria equações complicadas e resolve-as. Pensa em fórmulas, em geometria e em álgebra.

Alguém bateu à porta. Tinha passado o tempo. Vestimos o resto das nossas roupas e sussurrei o nome de Theo a Ernst, implorando-lhe que espalhasse a palavra e que dissesse que eu andava à procura dele. Ernst fez uma pausa quando ia a sair e beijou-me no rosto.

— Obrigado.

Quando ele saiu, sentei-me encostada à parede. Já só faltavam mais sete.

Embora muitos dos homens estivessem demasiado fracos para assumirem o controlo, aquilo que conseguiam fazer era o suficiente para me deixar esfolada lá em baixo, um ardor que ficava pior de cada vez que me sentia inchar e secar, até se tornar uma dor insuportável. Enquanto eles faziam o que tinham a fazer comigo, eu

permanecia estendida como um cadáver, olhando fixamente para o teto, tentando obrigar-me a desaparecer, a encontrar alguma forma de escapar. Uma vez, cometi o erro de olhar para a porta, onde reparei num olho encostado à vigia. Aqueles *moffen* nojentos estavam a espiar-nos, provavelmente a sentirem-se excitados com o meu sofrimento.

No final daquela primeira semana, mal me conseguia mexer. Contava cada visitante, calculando a quantidade de tempo que ainda me faltava para poder arrastar-me penosamente para a cama. O último prisioneiro entrou no quarto sem o mais pequeno vestígio de excitação e, assim que avançou para me tocar, percebi logo que não gostava de mulheres. Um triângulo cor-de-rosa, um homem bonito com cerca de vinte anos e traços efeminados.

— Porque é que aqui estás? — perguntei.

Ele conduziu-me para a cama e desapertou-me o sutiã.

— Não me deram outra escolha.

— Mas pagaste pela visita. Não é suposto isto ser uma recompensa?

— Para mim, não. — Ele despiu-se, expondo um entrelaçado de marcas de chicotadas nas costas e assaduras profundas de cordas nos pulsos.

— Oh, meu Deus.

— Não tenhas pena de mim, não de mim. — Ele evitou olhar-me nos olhos. — Eles levaram alguns dos outros para a enfermaria.

— Para a enfermaria?

— Eles acham que nos conseguem curar. Ouvimos rumores de castrações, de injeções. — Ele não estremeceu quando proferiu estas palavras, mas tirou o pénis e revirou-o na palma da mão, estudando as plantas enquanto tentava pôr-se rijo. — Eu quero fazer isto tanto quanto tu.

Não pensei que houvesse algo tão mau quanto ser judeu num campo. Eu nunca tinha conhecido ninguém do tipo dele, embora sempre tivesse tido as minhas suspeitas em relação ao sapateiro do nosso bairro em Amesterdão. Mas, tal como o sapateiro, este rapaz

tinha um rosto simpático e parecia perfeitamente normal. O seu sobrolho franziu-se com a concentração. Em que é que ele estaria a pensar ou em quem?

Assim que tentou entrar dentro de mim, perdeu a ereção e começou a entrar em pânico. Mas eu não fazia ideia de como haveria de excitar um homem que não tinha qualquer interesse em mim. Não o podia pôr na boca. Tentei provocar alguma reação, afagando-o e, quando ele fechou os olhos, o gesto funcionou durante algum tempo, mas depois ele ficou flácido outra vez.

Ouvimos bater à porta e vimos aquele olhar atento encostado à vigia.

— Despachem-se lá aí dentro!

Eu não me mexi. Os *moffen* não se importavam se os outros homens não completassem a coisa, por isso porquê agora? O rapaz agarrou no seu membro, esfregando-o furiosamente. Mordeu o lábio com a frustração.

— Por favor, ajuda-me.

Imaginei o edifício da enfermaria, os bisturis numa mesa operatória. Com uma força súbita, puxei-o para cima de mim, virando as costas dele para a porta.

— Finge. Eu escondo-te.

Os ombros dele chegaram-se para dentro e eu ergui uma perna dobrada para esconder a virilha dele. Ele investiu com mais força, fingindo um gemido e esticou a mão para se apoiar em mim. Porém, sem querer, puxou-me o cabelo e eu deixei cair a perna com o choque.

A porta abriu-se de repente e entrou um oficial das SS, um homem corpulento com cara de bebé.

— O que é que vocês estão a fazer?

Ficámos petrificados. Os meus braços e as minhas pernas tremiam debaixo do peso do rapaz. Como ele não disse nada, eu falei.

— Ele está quase a acabar.

— Levantem-se os dois. — Quando nos separámos, o oficial sorriu para mim com desprezo, antes de dirigir a atenção para o pénis encolhido do rapaz.

— Por favor — disse o rapaz —, dê-me outra oportunidade.

— Depois de teres tentado enganar-me? — Ele arrebanhou o rapaz pelo cotovelo antes de se virar para mim. — Sua cabra insolente. Tu só tens um objetivo aqui; não te esqueças disso.

Enquanto ele arrastava o rapaz para fora do quarto, o rapaz olhou de relance para mim sobre o ombro, mas eu baixei o olhar para um ponto no centro das tábuas do chão, aterrorizada com o castigo que aí vinha.

Durante vários dias, não ouvi falar no incidente e continuei o meu trabalho como habitualmente. Na terceira noite, estava prestes a lavar-me depois do meu último cliente, quando apareceu a supervisora do bordel.

— Ainda não acabaste. Um dos oficiais diz que tens umas contas para ajustar.

Engoli em seco.

— O quer dizer com isso?

Antes de sair do *koberzimmer*, ela passou-me roupa lavada para pôr na cama. Sentei-me no chão, num canto do quarto, com os joelhos encostados ao peito, esforçando-me por respirar.

A porta abriu-se e ele entrou com ar importante, aquele mesmo oficial de rosto rosado.

— Cá nos encontramos outra vez.

Ele despiu o sobretudo de cabedal, dobrou-o nas costas da cadeira e enfiou os polegares nas presilhas das calças quando se inclinou para me examinar.

— Acho que não me apresentei. *SS-Kommandoführer* Hoffmann. Bruno, se preferires. E o teu nome?

Eu não disse nada, mas permaneci em frente dele, tentando acalmar a minha respiração.

— Marijke, apanhada nas ruas de Amesterdão por desobediência civil. Uma amante de judeus, vinda da resistência. — Ele puxou a fivela do cinto. — És demasiado bonita para aqui estares, minha querida.

Ele aproximou-se com um sorriso doentio, forçando-me a retroceder até ficar encostada à cama. O casaco e a camisa dele saíram e os seus dedos que mais pareciam grossas salsichas atrapalharam-se com os botões da minha blusa. Assim que conseguiu abrir dois, meteu a mão lá dentro, arranhando-me a pele com as unhas enquanto apalpava os meus seios. Um inchaço apareceu-lhes nas calças. Ele fez um gesto com a cabeça e eu comecei a despir-me, mas não fui suficientemente rápida para o gosto dele. Os pontos da minha blusa rebentaram-se com a impaciência dele.

Deixando cair as calças até aos tornozelos, ele pôs-me de joelhos e abriu-me as pernas, antes de forçar a entrada dentro de mim com um ardor dilacerante. Rezei para que ele se despachasse a acabar, para que saísse do quarto e para que se esquecesse de mim, para nunca mais olhar para mim. Porém, ele demorou o seu tempo. Com cada investida, eu só queria gritar, mas recusei-me a dar-lhe essa satisfação. Pelo contrário, tentei concentrar-me no que seria a minha vida depois de a guerra acabar. Assim que a Alemanha perdesse, uma nação apagada como um castelo de areia debaixo de uma onda retumbante. A sensação que seria voltar a passar de bicicleta pelo mercado, ouvindo os pregões do peixeiro atrás de mim. Eu e Theo teríamos filhos bonitos e saudáveis. Ele seguiria na bicicleta ao meu lado com as gémeas sentadas à frente dentro de um cesto de vime, enquanto eu levaria o nosso filho ainda bebé na minha, e depois parariámos ao longo do IJ para ver os cargueiros a atracar nas docas.

O *mof* nojento esboçou um sorriso pretensioso e acariciou-me a face quando se veio. Saiu de dentro de mim, limpou-se na cobertura do colchão, sem que os seus olhos se afastassem de mim enquanto se vestia. Eu apontei o corpo para a parede, mas ele aproximou-se,

pairando por cima de mim. Agarrou-me num mamilo entre dois dedos, beliscando-me com força.

— Portaste-te bem, miúda. Um relatório positivo.

Um súbito jorro de saliva encheu-me a boca e, assim que a porta se fechou atrás dele, cambaleei para o lavatório e vomitei.

1 Flaubert, G. (2011). *Madame Bovary*. Lisboa: Relógio D'Água. (NT)

2 Goethe, J. W. (2014). *A Paixão do Jovem Werther*. Lisboa: 11x17. (NT)

CAPÍTULO CINCO

KARL
9 DE JULHO DE 1943
BUCHENWALD

Buchenwald tinha homens a mais. Em Berlim, Karl não se importara com isso. Podia passar o dia sentado no gabinete, a telefonar para homens, a reunir-se com homens e depois saía do trabalho e dirigia-se às cervejarias, onde o esperavam atrativas quantidades de saias curtas e blusas com folhos. As poucas mulheres destacadas em Buchenwald pareciam cavalos de carga.

Pouco depois da sua chegada, Karl foi a uma festa na vivenda de Brandt. A banda filarmónica atuou e os criados circulavam pela casa carregando tabuleiros com bebidas. Ele pediu uísque puro e bebeu-o lentamente num canto da sala enquanto estudava os outros oficiais. Eram, na sua maioria, barrigudos ou ostentavam carecas reluzentes. As mulheres deles deviam ter reparado que ele era um dos mais jovens, porque não deixaram de olhar na sua direção, amontoadas como um bando de gansos, até uma senhora rechonchuda, com uma pregadeira de esmeralda se aproximar.

— Você deve ser o novo *schutzhaftlagerführer*.

— Karl.

Ela agarrou-o pelo braço e levou-o até junto das outras mulheres. Elas atiraram-lhe os seus nomes, um a um, que ele prontamente esqueceu, apesar de tentar memorizar os respetivos maridos.

— Que amável da sua parte juntar-se a nós — disse a rechonchuda. — E que tal se eu lhe fizer uma visita guiada à nossa vivenda?

Outra mulher intrometeu-se.

— Ursula, acho que o teu marido andava à tua procura. Eu mostro as vistas ao novo recruta.

— Não, eu acabei de falar com ele.

— Na verdade, minhas senhoras — disse Karl —, é um convite muito simpático da vossa parte, mas o *kommandant* já me fez uma visita guiada.

Uma terceira mulher aproximou-se, esta com uma quantidade ridícula de *blush*.

— Melhor ainda. Porque é que não se junta a nós na sala a tomar uma bebida? Adoraríamos saber mais sobre si.

— Sim — acrescentou Ursula. — Tem de nos contar o que o trouxe aqui ao campo. O *Führer* devia exigir que você lá estivesse para ser uma das caras bonitas do partido. E onde está a sua mulher? Um homem assim não pode ser solteiro, pois não?

Os seus pensamentos flutuaram para Else, quatro anos antes. A adorável Else, alta e graciosa, deitada languidamente no sofá dele com a sua boina e o seu casaco de peles. A expressão devastada no rosto dela quando ele rompera o noivado.

— São os teus pais — dissera-lhe enquanto ela enchia de lágrimas o seu novo uniforme. — Não é que não te ame.

Ela não lhe implorou que reconsiderasse. A última vez que tivera notícias dela, ficara a saber que tinha entrado para o cabaré, enquanto os pais tinham fugido para os Estados Unidos, embora ele duvidasse que conseguissem mais solidariedade pelos seus delírios bolcheviques lá daquele lado.

Uma voz rompeu-lhe o transe e trouxe-o de volta a Buchenwald.

— Não sejas tão intrometida, Ursula.

— Eu só estava a pensar que o podíamos apresentar a algumas das senhoras disponíveis que temos por aqui.

— Senhoras disponíveis? — desdenhou a das faces berrantes. — As guardas do campo?

— Bem, minhas senhoras — disse Karl —, foi um prazer, mas não posso ficar aqui a noite toda.

Libertou-se do círculo das senhoras e encaminhou-se para o alpendre. Lá fora, inspirou profundamente e desapertou o botão do colarinho. Toda aquela tagarelice, as condições decrepitas dos prisioneiros, parecia-lhe tudo avassalador. Sentou-se no sofá e

olhou para o céu, quando as dobradiças da porta chiaram. Ficou hirto.

— Calma, Müller. O rebanho já se foi. — Brandt deu uma risada e aproximou-se para se juntar a ele.

Sentados, escutaram o cricrilar dos grilos na mata que separava as vivendas do resto do campo. Não havia vestígio de estrelas entre as nuvens que se formavam.

— Isto aqui fora é lindo, não é? — perguntou Brandt.

— É seguramente uma vista melhor do que a que tenho em Berlim.

— Você é um homem razoável, Müller, e isso agrada-me, mas nunca tinha posto um pé num campo destes. Não é comum atribuir-se a alguém com a sua experiência uma posição como esta.

— Eu compreendo, *Kommandant*.

— O *Führer* tem imensos homens aptos lá fora a combater, mas o motor da nossa economia gira aqui, nestes campos. Os nossos cérebros, Müller, a nossa estrita adesão à disciplina. É preciso tempo para nos habituarmos à vida nestes campos, já para não falar na força de espírito. Encare Buchenwald como uma fábrica. As coisas só funcionam sem problemas se cada pessoa fizer o seu trabalho de forma eficiente e sem hesitações.

— Bem, pode contar comigo para isso.

— Ótimo. — Brandt afagou o queixo. — Agora, entre e venha fumar um charuto connosco.

— Sim, *Kommandant*. Dê-me só um minuto.

O *kommandant* regressou para dentro de casa, mas Karl permaneceu sentado um pouco mais, a contemplar o céu escuro e a recordar Else.

Alguns dias depois, Karl estava a verificar o inventário no armazém que continha os pertences pessoais dos prisioneiros quando ouviu vozes femininas no exterior.

— Já te contei do guarda ontem à noite?

— Não quero ouvir sobre isso agora — respondeu uma jovem com sotaque holandês. Fez uma pausa e suspirou. — Então é que tal isto? Qual é a coisa qual é ela que é... cinzenta?

Karl aproximou-se da janela. Uma dúzia de mulheres passou com uma guarda, mas umas quantas arrastavam-se no fim da fila, algumas delas de braço dado. Trajavam blusas e saias plissadas, por isso calculou que pertencessem ao bordel dos oficiais das SS. Uma rapariga de nariz comprido falou.

— Qual é a coisa qual é ela? De que é que estás a falar?

— É um jogo. Tens de adivinhar para onde é que estou a olhar. — A jovem holandesa tinha os seios pequenos e era mais alta do que as restantes. O seu cabelo encaracolado era da cor da cidra de maçã e usava-o puxado para trás, expondo o seu bonito rosto. — Vá lá, adivinha!

Ela falava num tom cantarolado, mas algo mais duro cobria-lhe as palavras, uma camada de determinação.

— Um jogo, *a sério?*

A rapariga holandesa deu um puxão na manga da companheira.

— Vá lá. Vai tornar as coisas melhores.

— Sei lá. Aqui é tudo cinzento. Aquele carrinho de mão?

— Tenta outra vez.

A conversa foi-se desvanecendo à medida que as raparigas se foram afastando, mas ele ficou a observá-las mais algum tempo, curioso com aquela rapariga e com o que a trouxera àquele campo.

À noite, Karl fez uma visita ao bordel das SS. Durante todo o dia, interrogara-se sobre como tinha ido parar a Buchenwald. A sua juventude e a falta de treino militar faziam com que fosse o candidato ideal para trabalhos de secretária a lidar com estatísticas sobre a produtividade económica, mas os seus superiores tinham conspirado um destino diferente para ele. Apesar do que tinha dito ao *kommandant*, Karl suspeitava que o pai tivera um papel determinante na obtenção da promoção, provavelmente cobrando alguns favores dentro da sua proeminente rede de contactos. Se

não fosse a idade e a saúde em declínio, talvez tivesse sido o próprio pai dele a lutar pela tal posição. Sendo um companheiro veterano, Wilhelm Müller falava do *Führer* como um camarada, um homem que o compreendia.

Todas as primaveras desde a guerra, o pai de Karl entrava em letargia durante o mês de abril, no aniversário de uma batalha qualquer. A sua pele denunciava o cheiro a álcool quando se trancava no escritório pelas noites dentro. Quando era criança, se Karl se pusesse no seu caminho ou se falasse no tom errado, o pai batia-lhe. Uma vez, fizera uma cadeira voar pela sala. A mãe de Karl confortava o filho depois de o seu pai se acalmar. Assegurava-lhe que o pai o amava, mas que a guerra o danificara de um modo que não lhes era possível perceber. Ainda assim, Karl ia sempre para a cama a interrogar-se sobre o que teria feito de errado, a elaborar planos para arranjar formas de agradar ao seu pai.

Todos os verões, a família passava algum tempo na casa do lago. Quando era um rapaz pequeno, Karl fazia a mala com duas semanas de antecedência, já a sonhar com as aventuras que o aguardavam. O pai, contudo, nunca conseguia descontrair nessas férias; tinha sempre um jornal ou um livro nas mãos, como se receasse aquilo que os momentos de ócio pudessem fazer ao seu cérebro. Impunha com fervor o seu regime militar: a partir dos nove anos, Karl tinha de executar quarenta e cinco minutos de exercícios de calistenia todas as manhãs para merecer o pequeno-almoço. Depois, era-lhe permitido brincar durante duas horas, mas a seguir tinha de ler ou estudar até serem horas de ir nadar longas distâncias ao longo da costa. Às vezes, o pai fazia-o carregar grandes pilhas de tijolos para a frente e para trás até os braços lhe doerem.

— Ser fraco ou débil não é uma doença — argumentava o seu pai —, mas sim um sinal de indolência e falta de carácter.

Quando Karl passava tardes na floresta, a recolher espécimes de plantas para mais tarde identificar, o seu pai escarnecia em desaprovação.

— Para de andar por aí com essas flores. Pareces um maricas.

Karl ouvira falar em Adolf Hitler pela primeira vez aos treze anos. O seu pai regressara a casa vindo de um jantar de negócios que acabara bastante tarde a dizer que vira uma agitação à porta da cervejaria local. E embora o *putsch* falhado tenha atirado com Hitler para a cadeia, o seu pai nunca mais esquecera esse nome. Assim, quando Hitler regressou à cena anos depois, prometendo a revitalização da Alemanha, a restauração da sua glória, a família Müller encontrou-se entre os primeiros a depositar a sua confiança naquele homem. Tinham visto cidades a ficarem abarrotadas devido ao excesso populacional e preocupavam-se com a ameaça às suas propriedades, que já eram suficientemente difíceis de manter sob a inflação castrante. Os nacionais-socialistas prometiam proteger-lhes as terras, criar *Lebensraum* para o povo alemão, espaço habitável para a população se expandir e prosperar. Iriam recuperar o que lhes fora surripiado pelos judeus, pelo Tratado de Versalhes. Iriam retirar os alemães da sarjeta da derrota humilhante e da fraqueza económica. O *Reich* seria novamente grandioso, poderoso entre as nações. Um recomeço para toda a gente. E se tudo isso acontecesse, Karl esperava que o seu pai também se acalmasse, que regressasse à forma como era antes da guerra, capaz de carinho e afeto.

No ano em que Hitler se tornou chanceler, Karl fizera vinte e três anos. O pai tinha uma visão muito específica do tipo de homem em que o filho se deveria tornar: um patriota, robusto, instruído, culto e destemido. Por isso, ao invés de prosseguir o seu interesse em biologia, Karl seguiu os passos do pai e estudou economia.

Na universidade, treinava tanto na pista como no campo e descobriu um certo talento para o lançamento do dardo. Com Hitler a gabar-se de colocar o Terceiro *Reich* no palco mundial, o pai de Karl estava de olho nos próximos Jogos Olímpicos em Berlim. Insistiu com Karl para treinar com mais afinco, mas os outros atletas eram mais jovens e mais fortes. No dia anterior às provas de qualificação, Karl deslocou o ombro. Incapaz de aceitar a sua desistência, o pai de Karl chamou-o maricas, fraco, e levou-o a outro

médico para uma segunda opinião. A lesão era tão real quanto a desilusão de Wilhelm.

Passara-se uma década e Karl tinha voltado a ganhar a confiança do pai. Quando se juntou às SS, o pai organizou uma festa na propriedade junto ao lago para celebrar. E depois de saber do seu novo posto em Buchenwald, o pai sentou-o com um charuto e disse-lhe o quão satisfeito estava por Karl estar a participar ativamente na purificação e no progresso do Terceiro *Reich*. Ele iria cobrir de honra o nome da família. A ideia de uma purificação parecia-lhe tão clínica que Karl quase se esquecia de que estavam efetivamente a falar de pessoas. Ainda tinha alguma dificuldade em aceitar a posição do partido sobre a raça e a Solução Final, mas a visita ao pai deixara-o com tamanho sentimento de orgulho e responsabilidade que fez com que essas dúvidas se desvanecessem. A promoção entusiasmara-o, já que constituía uma oportunidade de testemunhar o cerne da força de trabalho do *Führer* em funcionamento.

Mas agora, não obstante ser extraordinário ver o funcionamento interno do mecanismo que movia a economia, o campo parecia-lhe desolador. Um local onde os oficiais nunca sorriam, onde animais do jardim zoológico e trabalhadores ostentavam olhares igualmente vidrados. Estava empenhado em animar-se e tinha esperança de encontrar a rapariga holandesa de serviço.

Quando indagou pelo bordel das SS, vários oficiais responderam com sorrisos rasgados e esfomeados. Assim, chegou lá com dois homens que estavam praticamente a salivar. Era a sua primeira vez numa casa de meninas, mas manteve isso em segredo e deixou os outros tratarem da conversa.

— A Ingeborg, agora essa é cá uma assanhada. Não se farta de mim.

— Aquela morena? Já viste o tamanho dos dentes dela?

— Umas mamas daquelas e é para os dentes que tu olhas?

— Então e aquela miúda de Frankfurt? É mais apertadinha que a carteira de um judeu.

— Ouvi dizer que pegou chatos ao Bauer.

Karl interveio.

— Tenho a certeza de que teriam tratado dela se isso tivesse acontecido.

Os oficiais calaram-se, anuindo. Depois, as raparigas desfilaram em frente a eles, uma a uma. Sendo o oficial mais graduado, Karl era o primeiro a escolher. Estas não eram as raparigas que ele vira antes no exterior e nem uma única lhe despertou qualquer interesse. Sempre imaginara as prostitutas como sereias. As poucas que vira na rua em Berlim usavam perfume e pérolas falsas. Atraíam com palavras picantes. Mas as mulheres à sua frente eram magras como tábuas de engomar. Mal se via um rabo em qualquer delas e a roupa interior desinteressante parecia esconder quaisquer curvas que pudessem ter. Pelo menos, Himmler sabia gastar o seu orçamento nas roupas dos seus homens, não na das suas rameiras.

Hesitou antes de escolher a mais bonita do grupo. Ela tinha o cabelo apanhado em caracóis largos no topo da cabeça. Com aquele penteado e o seu longo pescoço, fazia-o lembrar Else.

Antes de serem encaminhados para os quartos, recebiam injeções para prevenção contra doenças venéreas. Karl observou a rapariga a despir-se antes de fazer o mesmo. O rabo dela era descaído e tinha o ventre coberto de estrias, mas passara-se demasiado tempo desde que vira uma mulher nua e ficou imediatamente ereto. Porém, assim que a penetrou, os gemidos dos outros oficiais começaram a subir de tom. O som de corpos a embaterem noutros corpos. Não havia como escapar-lhes. A rapariga deixou-se ficar estendida, sem fazer nada nem emitir qualquer ruído. Quando conseguiu terminar, qualquer prazer que deveria ter sentido tinha sido entorpecido pela indiferença dela. Ela rebolou para fora da cama e começou a abotoar o vestido. Enquanto os outros oficiais deixaram o bordel tal como tinham entrado, a gabarem-se das suas conquistas, ele saiu desapontado, sentindo ainda o hálito amargo dela na sua boca.

CAPÍTULO SEIS

LUCIANO WAGNER
2 DE MAIO DE 1977
BUENOS AIRES

Apesar das tentativas de Luciano para construir um mapa mental do percurso do carro através das ruas de Buenos Aires, as curvas e contracurvas foram-se sucedendo até ser impossível continuar a contar e ele já não fazia ideia se ainda estariam sequer nos limites da cidade. Após vinte minutos — ou teria sido uma hora? — o carro abrandou até parar. Uma janela abriu-se, ao que se seguiu o crepitar de passos que se aproximavam.

Alguém do lado de fora fez uma pergunta num tom baixo, abafado, e o homem no lugar do passageiro respondeu «Luciano Wagner».

Ao ouvir o seu nome mencionado, Luciano ficou hirto. Permaneceu no banco traseiro, com a pele irritada pela mordança e os membros a doerem devido à posição contorcida a que haviam sido forçados: os joelhos encostados ao tronco, os braços presos atrás das costas. Uma faixa peganhenta e suada rodeava-lhe a cintura das calças de ganga.

A pessoa do lado de fora deu instruções ao condutor para prosseguir, mas o veículo estacou novamente um minuto depois. Quando as portas se abriram, Luciano inspirou o ar fresco. Mãos agarraram-no. Ele debateu-se e esperneou em pânico, mas as pernas estavam entorpecidas e teve de se esforçar para se manter erguido quando o puxaram para que ficasse de pé.

Um golpe seco nas costas impulsionou-o para a frente ao longo da estrada pavimentada. Adiante, o som de metal a chiar, como que uma porta a abrir-se. As suas canelas embateram em algo que o fez tropeçar contra um corpo.

— Olha aí. — O homem atingiu Luciano e deu-lhe um puxão para a frente.

Uma superfície diferente, rija sob os seus pés. Antes de ter tempo de se orientar, foi conduzido por umas escadas abaixo até uma sala cuja humidade fazia lembrar uma cave. Os seus captores retiraram-lhe a mordaça, e os passos deles desvaneceram-se, mas um instinto arrepiante dizia-lhe que estava a ser observado, por isso passou com a língua pelos molares até essa distração ter acalmado os seus tremores.

Uma voz cavernosa à sua frente rompeu o silêncio.

— O teu nome?

— Luciano Wagner. — O som saiu roufenho. Porque é que lhe estavam a perguntar o que já sabiam? Tinham assim tantos prisioneiros com que lidar ao mesmo tempo?

— Daqui em diante és o número cinco-sete-quatro. Lembra-te disso. Posto e nome de código?

— Não estou a perceber.

Outro homem interrompeu.

— Queremos uma resposta.

— Não tenho.

Um suspiro e o farfalhar de papéis a serem remexidos. O seu coração batia tão descompassadamente que os outros deviam ter notado.

— Não sei do que estão a falar — insistiu. — O meu nome é Luciano. Sou estudante da UBA. Não fiz nada.

— Estás envolvido em atividades terroristas. Oposição ao governo e provocação de desobediência estudantil. Agora é assim, se nos deres a informação que procuramos, facilitamos-te a vida.

Estes homens eram militares, lacaios do governo. Ficou zozinho e sentiu câibras nos seus músculos, já em antecipação do que estava para vir. Estudantes da sua universidade, muitos deles mais envolvidos que ele, tinham espalhado rumores sobre estes raptos. Sobre rapazes e raparigas, espancados nas suas casas, eletrocutados com a ponta descarnada do fio de algum candeeiro

enquanto os pais eram obrigados a ver. Rumores de um *Ford Falcon* que parou em frente a uma igreja em plena luz do dia e dos agentes à paisana que raptaram o padre que não tinha papas na língua, com toda a congregação a ver. Na altura, achou que essas acusações seriam um exagero, dizendo a Fabián que alimentar o medo era apenas outra forma de angariar apoio para a causa deles.

Mas agora percebia que era tudo verdade. Os seus captores iriam exigir uma lista de cúmplices dos crimes que havia orquestrado. Poderia haver tortura. Não fazia sentido ripostar; o edifício provavelmente continha dezenas de homens armados. Apertou as mãos algemadas e olhou na direção da voz.

— Os meus pais têm poupanças, um relógio, fios de ouro... os meus avós têm ovelhas e vacas. Eles dão-lhes tudo o que têm!

Seguiu-se uma pausa e Luciano imaginou um dos homens a fazer sinais para o outro.

— O que é que querem? O que é que vos posso dar? Por favor, eu faço qualquer coisa.

— Não temos qualquer tolerância para com as vossas revoltas patéticas. — Alguém se aproximou e empurraram-no para outra sala. Atrás dele, a voz indicou-lhe: — Número cinco-sete-quatro. Não te esqueças.

Passos pesados aproximaram-se de Luciano. Mãos agarraram-lhe nas roupas. Contorceu-se até se ver livre e precipitou-se para voltar por onde tinha entrado, mas acabou por ser empurrado contra uma parede irregular, coberta com o que lhe pareciam ser caixas de ovos. Sem aviso, algo comprido e duro atingiu-lhe os ombros e as barrigas das pernas, uma dor que fez explodir clarões de néon — verdes, laranjas, amarelos. Gritou e agachou-se. Golpes contra o pescoço, os braços, um arco de espasmos percorreu-lhe a coluna de cima a baixo. O som de um rasgão, a sua camisa esfarrapada pelas costuras. Nesse momento, a venda saiu. Ordenaram-lhe que tirasse as roupas. Assim que ficou despido, alguém se aproximou dele e prendeu-o. Uma cacetada na virilha fê-lo parar de se contorcer.

— *Mierda!* — praguejou, curvado pela cintura. Deitaram-no na estrutura metálica de uma cama.

— Está na hora de conheceres a grelha.

Luciano estremeceu enquanto os seus braços e as suas pernas foram distendidos e amarrados. Não se conseguiu lembrar do pai-nosso, mas o poema de Pablo Neruda saiu-lhe em murmúrios nervosos.

— Qual era o teu posto na organização?

— Não sou um Montonero. Sou inocente.

— Quem está por detrás destes protestos estudantis? Queremos nomes, o primeiro e o último.

A semana anterior passou-lhe à frente dos olhos: os *slogans* para o comício pela liberdade de expressão criados numa sessão de *brainstorming* depois das aulas, o cabelo desgrenhado de Fabián a dirigir-se à multidão de estudantes, os seus lábios carnudos a reluzirem com saliva enquanto incentivava apaixonadamente à ação. Tê-lo-iam apanhado a ele também?

— Não sei nada!

Fixaram-lhe algo aguçado às mãos, aos pés e à barriga, algo frio como metal. Um interruptor foi ligado e um zumbido elétrico preencheu a sala, ampliado e concentrado sobre a sua cabeça. Hálito fétido a leite azedo, quente sobre o seu rosto. A venda movera-se ligeiramente e agora deixava entrar alguma luz, por isso ele conseguia ver os contornos do que estava suspenso por cima de si: um varão espesso como o cabo de uma vassoura. Tentou inventar alguns nomes, mas não foi suficientemente rápido.

— Vamos lá ver se aqui a Carolina te solta a língua.

Então, veio uma dor lancinante. O bastão elétrico provocou ondas de choque da cabeça até aos dedos dos pés. Gritos estrondosos e estridentes sobrepuseram-se ao zumbido e só depois é que se apercebeu de que eram os seus. Sentiu que os braços e as pernas lhe estavam a ser arrancados com uma dor ofuscante e incandescente. Os músculos contraíram-se e os intestinos deram de

si, o fedor a excrementos misturou-se com o de pele tostada, carne de porco a apodrecer e cabedal bafiento a ser queimado.

As lamúrias suplicantes que se formaram nos seus lábios deram lugar a gritos. Sentiu-se a flutuar na direção do teto e os seus berros pareciam-lhe cada vez mais distantes à medida que olhava para baixo e se via deitado, despido sobre a estrutura da cama. Convulsões fizeram o seu corpo saltar, mas já não sentia mais dor. A tortura parou e, pela primeira vez, escutou música alta a ribombar, abafando os seus gritos. Subitamente, compreendeu a finalidade das embalagens de ovos.

— Já estás pronto para falar?

Começou a sentir o vômito a chegar-lhe à garganta, quase sufocando nele. Sentia a mandíbula dormente.

— Doutor? — perguntou o homem.

— Ele aguenta — respondeu outra voz.

Removeram-lhe os grampos do corpo e prenderam-lhe qualquer coisa diferente aos dentes, uma garra que lhe arranhava as gengivas. Tentou mexer a mão, formar palavras por entre grumos de vômito.

— Nomes — disse ele. — Montoneros: Carlos Esteban Alarcón, Daniel Corbo, Miguel Angel Herrera.

Nenhuma resposta exceto a dor, aquelas formas coloridas a girarem cada vez mais depressa, formando um arco-íris de adagas que mergulhavam na sua direção.

A voltagem atingiu-lhe os dentes como um meteoro, a arder, a explodir pela sua cabeça até ele ter a certeza de que o crânio se ia rachar ao meio.

— Daniel Herrera — gritou. — Carlos Corbo!

Gritou até não conseguir ouvir mais nada, até não conseguir sentir mais nada, até pairar sobre a estrutura da cama, a olhar para baixo, para o corpo chamuscado que se contorcia e se sacudia na grelha.

Um borrifo de água fria trouxe-o de volta. Ouviu um som sibilante e um crepitar. Algo escorregou das suas gengivas, a sua língua,

quente e metálica. Sombras e pilares de luz passaram em frente aos seus olhos. Um objeto metálico frio, pressionado contra o seu peito, fê-lo urinar-se, mas ouviu aquela voz outra vez, o médico a medir-lhe a pulsação. Ordens em surdina e a retirada das amarras que lhe prendiam os pulsos e os tornozelos e, depois, a escuridão total.

Quando Luciano acordou, tinha os ouvidos a zunir. Ainda havia alguma coisa a cobrir-lhe a cabeça, mas este novo tecido provocava comichão e enterrava-se na sua pele no local onde estava preso. Um sabor pútrido enchia-lhe a boca: ferro e decomposição terrosa. Sentia-se como se a sua pele tivesse sido arrancada dos ossos com um bisturi. Grilhetas pesadas prendiam-lhe os tornozelos e os pulsos estavam novamente algemados, as suas roupas novamente vestidas, mas o local parecia-lhe demasiado quente para ser uma cave, e ele estava agora deitado sobre um colchão fino e empapado. O ar cheirava a urina e suor estagnado. Inclinando a cabeça para trás, sentiu uma luz brilhante ao alto, por cima dele e, quanto mais a olhava fixamente, mais os seus sentidos regressavam. A dor agudizou-se até um certo ponto e viu Fabián a saltar o portão da estação de metro; o riso melodioso da sua mãe a rodopiar para lhe mostrar um macacão *bordeaux*; o pai a conduzir um carro emprestado ao longo da costa, trauteando ao ritmo da música clássica que saía do autorrádio.

Maldisse-se por ter saído naquela noite, por ter envolvido os pais. A expressão destroçada no rosto da mãe, a expressão do seu pai, fria e indecifrável. Mas se estes homens trabalhavam para a polícia, não havia nada que os pais pudessem fazer para o ajudar. Vira recentemente uma multidão de mulheres reunidas perto da Casa Rosada, o edifício presidencial cor-de-rosa que se estendia até uma das pontas da Plaza de Mayo, como uma grande parede de coral. Mães, avós, todas envergando lenços brancos no cabelo. Algumas empunhavam fotografias dos filhos ou cartazes e faixas. Começaram a marchar, contornando a Pirâmide de Mayo enquanto entoavam frases de protesto, exigindo que o governo, a polícia, que

alguém lhes desse informações sobre o desaparecimento dos seus filhos e das suas filhas. Alguns desses filhos estavam desaparecidos há semanas, outros há meses. Agora, Luciano percebia que se tinha tornado mais um desses jovens, um *desaparecido*.

Arrastou-se para a direita até sentir uma parede. A sua textura áspera e o som quase oco que produzia contra os nós dos seus dedos davam-lhe a sensação de ser contraplacado. Empurrou o corpo para cima com dificuldade. Quando se conseguiu sentar, encostou-se à parede, a qual cedeu ligeiramente sob o seu peso.

Depois, ouviu passadas de botas a ecoar pelo chão atrás de si, passos lentos, deliberados, interrompidos por um clique, um som que conhecia de anos a ver filmes de Clint Eastwood — o som de uma pistola a ser engatilhada. Luciano ficou muito quieto. Um suor frio formou-se-lhe na nuca enquanto aguardava que um guarda fizesse pontaria, mas os passos recuaram.

Durante as horas que se seguiram, calculou que o guarda precisava de uma média de um minuto e dez segundos para percorrer o que deveria ser um corredor comprido e que o homem fazia uma pausa a cada vinte minutos para fumar um cigarro. O fumo relaxante do cigarro esvoaçou até Luciano, fazendo-o desejar ter também um cigarro para fumar. Mais tarde, concluiu que ainda se encontrava dentro da cidade, provavelmente perto do aeroporto, uma vez que os aviões passavam por cima dele produzindo o ruído grave das descolagens e das aterragens. Mas havia algo mais surpreendente: por todos os lados, vozes emitiam choros emudecidos e correntes tiniam, indicando a presença de outros prisioneiros. Tentou imaginá-los a sofrerem ao seu lado e desejou que todos partilhassem a mesma cela para poderem conversar. A sua garganta ardia e, como ninguém atendeu aos seus pedidos para que lhe trouxessem comida ou deixassem usar a casa de banho, sujou-se em cima do colchão. O esforço para se manter sentado tornou-se insuportável, por isso reclinou-se novamente, tombando num sono intermitente e agitado. Mais tarde, acordou com um

sobressalto, ficando alerta, mas com a mente totalmente vazia. Só lhe restava passar com a língua inchada pelas gengivas sensíveis, contando os segundos que passavam.

Aos 4532 segundos, perdeu-se na contagem. Uma porta perto da sua cela bateu e um guarda berrou uma ordem:

— Levanta-te.

— Não, por favor — respondeu uma rapariga. — Outra vez, não!

As súplicas dela deixaram Luciano a tremer. Algo lhe dizia que aquela rapariga passara por coisas piores do que ele. Grilhetas tiniram e o guarda puxou-a para fora da cela. Assim que se foram embora, Luciano não distinguiu nada à sua volta exceto a escuridão e sentiu-se completamente só, mas quando, muito mais tarde, trouxeram a rapariga de volta, ele teve de ouvir os seus soluços frágeis e entrecortados, o que o fez ansiar novamente pelo silêncio.

O espaço não devia ter janelas, porque a qualidade da luz mantivera-se sempre constante e a ausência de aviões indicava-lhe ser de noite. Sentiu dores de fome no estômago, mas não se conseguia lembrar de quando comera pela última vez. Viu-se a si mesmo a grelhar bifos com *chimichurri* à meia-noite quando foi acampar com a família, saboreando os últimos bolos feitos pela sua *nonna*.

O incidente no comício estudantil regressou à sua mente. A expressão no rosto de Fabián quando Luciano lhe segurou na mão depois de ter interpretado mal um abraço mais caloroso. Por um momento, Fabián deixou ficar a mão, mas depois os seus olhos esbugalharam-se e endureceram-se e ele rompeu o contacto. Durante o resto da noite, Fabián manteve-se à distância, sendo as suas únicas observações centradas no tipo de letra que deviam utilizar nas faixas de protesto e na necessidade de terem um sistema de áudio adequado. Fora-se embora sem se despedir.

Luciano levou as mãos amarradas à cabeça, forçando a imagem a desaparecer. Tentou visualizar o seu amigo na segurança da sua própria cama, atirando os lençóis para um dos lados no meio de um sonho, mas deu por si a interrogar-se se Fabián não estaria

aprisionado ali perto, sem ninguém para o confortar. Essa possibilidade apoderou-se dele como uma enxaqueca.

Mais tarde, ruídos ténues acordaram-no: carros a buzinar e o chiar de travões. Tráfego suficiente para uma rua principal. Depois, algo diferente, algo que parecia impossível no meio de tudo: o som das gargalhadas de crianças.

Ergueu a cabeça, esperou que parasse. Mas lá estava novamente. Um grupo de crianças, a rir e a brincar. Tinha de haver uma escola ali perto. Sentou-se para ter uma melhor perceção da sua localização, mas sentiu-se a desfalecer e, quando finalmente recuperou os sentidos, as crianças tinham desaparecido. Imaginou-as na sala de aulas, atarefadas com os testes de ortografia, sem fazerem a mínima ideia do que se estava a desenrolar a poucos metros de distância.

Durante todo o dia, manteve-se agachado num canto da sua cela. As suas pálpebras colaram-se por falta de uso. A cegueira atormentou-o, conjurando criaturas demoníacas que o cercaram, aproximando-se cada vez mais e exibindo as suas presas ensanguentadas. Mais tarde, viu balas de canhão a serem disparadas de todas as direções em câmara lenta. Elas nunca acertavam, mas a antecipação fê-lo arranhar a sua pele exposta, esfregando os pulsos contra as algemas até ficarem a sangrar.

Cada vez que o guarda se aproximava, rezava para que a porta se abrisse, por uma bala na cabeça. Uma morte rápida. Ou talvez morresse simplesmente de fome. O tempo desaparecera no vazio negro da sua cela e, tanto quanto conseguia perceber, poderiam ter passado vários dias ou várias semanas desde a sua captura. Não tinha qualquer recordação de se alimentar. Longas horas arrastavam-se, uma atrás de outra, enquanto ele foi ficando tão zozzo e fraco que já não conseguia erguer a cabeça do colchão.

Quando a porta efetivamente se abriu, estava pronto.

— Matem-me de uma vez — disse, mas apenas saiu um murmúrio truncado e, em vez de um gatilho a ser pressionado, ouviu algo a cair em cima do colchão. A porta fechou-se com um estrondo.

Quando estendeu os braços, as suas mãos fecharam-se em torno de um pão seco.

No início, não tinha maneira de se aliviar, mas o estômago estava tão vazio que isso raramente importava. Mais tarde, um guarda trouxe-lhe uma garrafa de refrigerante vazia, mas, nas suas desajeitadas tentativas de a usar, entornou-a em cima do colchão. Antes que o tecido ficasse seco, teve de fazer de novo, mas desta vez precisava de algo mais do que uma garrafa.

Esperou que o guarda percorresse o corredor e, quando este se aproximou, bateu na porta com toda a força que possuía. Como não obteve resposta, repetiu e apontou para a garrafa que rebolara entre os seus pés na probabilidade remota de o guarda estar a olhar.

— Espera.

Quando o guarda regressou, Luciano já sentia cólicas e ficou tão surpreendido por ouvir a porta que nem se mexeu.

— Despacha-te, seu monte de merda.

Esforçou-se para se erguer, sentindo as pernas enfraquecidas e inúteis. O guarda arrastou-o para fora e posicionou-o de forma a ficar de pé, colocando as suas mãos sobre os ombros de alguém à sua frente. Abriu-se outra porta e, alguns segundos depois, Luciano sentiu um par de mãos a segurarem-lhe os ombros. Um aperto pesado, com dedos longos e grandes e palmas das mãos ásperas. O guarda ordenou-lhes que caminhassem em diante, dando dois passos para a frente. Luciano estimou que a corrente tivesse pelo menos seis ou sete prisioneiros, a julgar pelo seu movimento lento como o de uma lagarta. Arrastavam-se como lesmas: viraram à direita numa esquina, em frente novamente, com as grilhetas em torno dos tornozelos a tilintarem. Havia um degrau, que ele conseguiu sentir pelo movimento descendente do prisioneiro à sua frente. A casa de banho era à direita. O guarda guiou-os para a divisão. Inúmeros passos ecoaram nos mosaicos. Tateou o seu caminho pelo espaço aberto onde os corpos se acotovelavam, até embater numa parede. Quando encontrou a sanita, puxou as calças

que caíram sem que precisasse de desapertar o botão. Alguns dias antes ter-se-ia recusado a usar uma casa de banho de forma tão exposta, mas agora aproveitou o seu tempo, saboreando o conforto da presença humana. As plantas dos pés a pisarem o chão, o correr de fechos-éclairs, o ranho a ser fungado e a tosse seca. A dada altura, ouviu-se um estalo sonoro, um grito e um som seco contra o chão.

— Nada de falatório — disse o guarda.

Quando retomaram a fila, Luciano sentiu o calor daquele corpo entre as suas mãos, o colarinho murcho de uma camisa e ombros escanzelados. Imaginou outro estudante, talvez um futuro historiador, ou um estudante de ciências políticas como Fabián. Alguém que adorava nadar e jogar futebol. Antes de o guarda conduzir o indivíduo de volta para a sua cela, Luciano apertou-lhe os ombros.

A caminhada pelo corredor deixou-o exausto e dorido, mas ao invés de rezar por uma bala na cabeça, desejou outra viagem até às casas de banho. Desta vez, queria medir a distância na esperança de poder calcular quantas mais celas existiam entre ele e as casas de banho, quantas mais pessoas estariam ali aprisionadas.

Começou a prestar mais atenção aos barulhos à sua volta — o ruído do tráfego, as idas e vindas das crianças da escola e o chilrear matinal de um pássaro nas proximidades — até conseguir aperceber-se do começo de cada novo dia. A cada manhã, antes do início da hora de ponta, a cela à sua direita abria-se e o indivíduo cujos ombros apertara partia e ficava fora o dia todo.

No início, as gengivas de Luciano estavam tão inflamadas que ele só conseguia chuchar no pão seco que lhe davam, mas após a viagem às casas de banho, fez um esforço para o engolir. Os guardas começaram a acordá-lo para fazer as refeições com os outros prisioneiros: polenta, grão. Nunca o suficiente para acabar com as dores da fome. Começou a reparar nas mudanças dos guardas, nas diferenças das vozes, no modo como o abordavam.

Alguns cutucavam-no, outros agrediam-no; outros deixavam-no mexer-se sozinho.

Um dia, arranjou coragem para falar. Após ir à casa de banho, meteu-se na fila atrás do indivíduo dos ombros estreitos, o tal que saía sempre da cela durante o dia, mas nunca regressava a gemer de dores.

Comiam num espaço pequeno junto às casas de banho. Os guardas desalgemavam-lhes os pulsos e permitiam que levantassem os capuzes para poderem comer, mas ele tinha os olhos doridos, a visão turva. Na maioria dos dias, os guardas traziam chá *maté* sem açúcar e atiravam-lhes pedaços de pão duro, o que os fazia lutarem por eles. Hoje, tinham uma taça funda com lentilhas simplesmente cozidas. A taça foi sendo passada pela sala, tendo cada prisioneiro direito a uma colherada antes de a passar ao próximo. Luciano tinha dificuldade em mastigar; as lentilhas estavam salgadas, como se se tratasse de uma piada cruel, mas ainda sentia fome quando a taça começou a segunda volta. A taça chegou ao prisioneiro ao seu lado, o mesmo sujeito que saía sempre da cela. Apenas restava uma colherada.

O prisioneiro mergulhou a colher na taça e ergueu-a até junto do rosto, mas a colher ia vazia. Passou a taça a Luciano, que tocou nas lentilhas para se certificar de que os seus olhos não o estavam a enganar. Sentiu um calor a alastrar-se pelos dedos das mãos e dos pés quando comeu o último pedaço, sugando as lentilhas, girando-as na boca com a língua, até o sal desaparecer.

Apareceu um guarda para recolher a taça e a colher e ordenou aos prisioneiros que baixassem os capuzes. Assim que os guardas começaram a organizar e a algemar toda a gente, Luciano inclinou-se para o prisioneiro.

— Obrigado — sussurrou.

— Precisas mais do que eu.

Os restantes prisioneiros formaram uma fila, mas os dois permaneceram parados.

— Para onde é que vais todos os dias? — perguntou Luciano.

— Trabalhar.

— O quê?

O guarda aproximou-se.

— Ponham-se a andar.

Enquanto Luciano se erguia para se juntar aos demais, esforçou-se para ouvir a resposta sussurrada do indivíduo.

— Sou o Gabriel.

Após este encontro com Gabriel, foi conduzido novamente à cave para mais uma sessão de tortura. Desta vez, não foi muito longa. Ou talvez tenha sido. Desmaiou durante os primeiros minutos de choques elétricos e, quando acordou, estava de volta à sua cela. Os seus ossos pareciam-lhe moles. Apesar de escutar os movimentos de Gabriel, a sua língua era-lhe inútil, tendo inchado para o dobro do tamanho.

Contudo, a observação de Gabriel encorajou-o. Talvez houvesse uma forma de escapar a este horror. Mais uma semana de solidão e enlouqueceria. As perguntas amontoavam-se — onde trabalhava este sujeito? O que é que ele fazia? A cada hora, Luciano acenava com os braços para o guarda que passava na esperança de ser conduzido aos lavabos. Na maioria das vezes, os guardas ignoravam-no e, quando tinha a oportunidade de ir, Gabriel nunca lá estava e Luciano formava o último elo da cadeia.

Em breve, os guardas vieram buscá-lo. Com medo da cave, começou a tremer, mas o seu corpo descontraíu-se quando as mãos repousaram sobre ombros estreitos numa camisa gasta. Deu dois apertões em sinal de cumprimento, enquanto se iam aproximando da casa de banho.

— Dispam-se — ordenou o guarda, enquanto lhes soltava os pulsos. — Está na altura de tomarem um banho.

Surgiram-lhe visões na sua mente: o livro de história que lera nas aulas de jornalismo, fotografias de corpos macilentos despidos, as palavras «câmara de gás» a negrito. Luciano engoliu em seco. O chão pareceu fugir-lhe de debaixo dos pés, enchendo-o de um

medo estonteante, mas sentiu uma mão reconfortante que lhe deu um puxão.

— Anda — sussurrou Gabriel.

Luciano resistiu a ser levado e estava prestes a avisar Gabriel, quando ouviu o chape de um jato de água. O guarda disse-lhes para removerem os capuzes e os prisioneiros entraram na divisão juntos, livrando-se das roupas nojentas em montes junto à entrada. Os pés arrastaram-se pelo átrio e interrogou-se se as mulheres estariam a marchar para outro conjunto de chuveiros.

A luminosidade feriu os olhos de Luciano; a água gelada picava-lhe a pele e a lasca de sabonete que lhe haviam dado cheirava a químicos. Esfregou-se como se assim conseguisse livrar-se da realidade. Mas as suas feridas ardiam-lhe, as suas mazelas estavam sensíveis, forçando-o a descartar o sabonete, enquanto se encolhia com dores e em choque. Parecia que o seu corpo tinha sido raspado num ralador.

Olhou de soslaio pela divisão e reparou que os guardas estavam de costas.

— Gabriel — sussurrou. — Que espécie de trabalho é que fazes?

Os braços e o tronco magros de Gabriel ainda tinham algum músculo agarrado e já poucas marcas desvanecidas se notavam. A nudez de Gabriel fez os olhos de Luciano descerem, mas rapidamente desviou o olhar.

— Compilo documentos militares.

— Queres dizer que os ajudas?

— É melhor que este inferno.

Luciano enxaguou a espuma do cabelo enquanto pensava na questão. Inclinou-se para Gabriel.

— Consegues arranjar-me um trabalho?

Gabriel passou a mão pela barba descuidada.

— O que é que andas a estudar?

— Jornalismo.

— Oh, também eu.

— Por favor, eu...

Uma mão abateu-se sobre as costas de Luciano.

— Eu disse nada de falatório!

O guarda agrediu-o, lançando-o contra a parede. Deu um empurrão a Gabriel, que tropeçou contra Luciano e ambos caíram no chão numa confusão escorregadia de membros, enquanto a água fria embatia nos seus olhos. Enquanto se erguia, Luciano manteve a cabeça baixa. Mas assim que se vestiram e que recolocaram os capuzes, Gabriel conseguiu soltar uma única palavra.

— Número?

Com a sua cabeça ainda a rodopiar, Luciano não conseguia perceber a que é que Gabriel se referia. Mas ocorreu-lhe quando se arrastavam pelo corredor: as instruções na cave. *Número cinco-sete-quatro. Não te esqueças.*

Mesmo antes de entrarem nas suas celas separadas, Luciano traçou os três dígitos na parte de trás do pescoço de Gabriel.

Quando o tráfego no lado de fora sossegara há já algum tempo, Luciano percebeu que tinha caído a noite. Pouco depois, duas pessoas passaram pelo corredor, parando junto à cela ao lado. O guarda trancou a porta à sua direita e, pela divisória fina que servia de parede, Luciano conseguiu escutar alguém a escorregar para o colchão. Gradualmente, ergueu-se contra a divisória, fletindo os dedos dos pés repetidamente até o guarda se afastar e já não o conseguir ouvir.

— Gabriel?

— Estou aqui. — Gabriel fez uma pausa. — Já te consegui meter lá.

Luciano cerrou os punhos junto ao peito, aliviado.

— A fazer o quê?

— A traduzir documentos. Falas inglês, certo?

— Bem, estudei um bocado.

— Chiu!

O guarda passou em frente às celas deles, deixando o rasto fumegante do cigarro. Os passos detiveram-se em frente à cela de Luciano, mas este fingiu estar a dormir. Mesmo depois de o guarda se ir embora, manteve a boca fechada para não colocar ainda mais em perigo a vida de Gabriel.

— Luciano? Vêm-nos buscar às seis e meia. Tens de estar pronto.

Considerando que não tinha nenhuma muda de roupa, nenhuma forma de se aperaltar, nem despertador, Luciano não sabia exatamente o que «estar pronto» poderia significar, mas agradeceu a Gabriel. Ficaram ambos em silêncio e, pouco depois, escutava os roncos suaves ao seu lado. Só então se apercebeu de que Gabriel descobrira o seu nome. Deitou-se de costas, a imaginar que conseguia ver através do capuz, através do teto, fiando diretamente a constelação do Cruzeiro do Sul, no céu repleto de estrelas.

CAPÍTULO SETE

MARIJKE
2 DE AGOSTO DE 1943
BUCHENWALD

Senti alguém a sacudir-me.

— Marijke!

Certa de que estava a dormir, virei-me para o outro lado, mas as sacudidelas não pararam.

— Marijke, acorda!

Abri os olhos e vi a supervisora do bordel ao lado da minha cama. Havia luz no corredor, mas Sophia, a dormir, silvava pelo nariz.

— Preciso de ti agora — disse a supervisora. Estranhamente, o seu rosto cansado parecia suave, quase amistoso.

O bordel já fechara há várias horas e os prisioneiros estavam todos a dormir nos seus blocos, o que só podia querer dizer uma coisa.

— Está cá alguém?

Ela anuiu com a cabeça.

— Veste-te.

De repente, fiquei totalmente desperta.

— O *Kommandoführer* Hoffmann?

— Uma pessoa muito mais importante, o novo *schutzhaftlagerführer*. Vai lá arranjar-te e não o deixes à espera.

Calcei os sapatos de salto alto, vesti a saia de pregas branca e dirigi-me rapidamente ao *koberzimmer*. Inclinação sobre o lavatório, tentando alisar a roupa amachucada e, com água, livrar-me dos vestígios do sono, senti a pontada habitual no estômago. Com uma camada de batom acabada de aplicar, o rosto que via ao espelho parecia uma versão miserável de mim própria, como se eu tivesse murchado sob o peso de uma forte chuvada. Esta sensação de asco por mim própria aumentava a cada dia que passava; cem

prisioneiros teriam sido muito mais fáceis de tolerar do que mais um oficial das SS.

Quando o *schutzhaftlagerführer* passou pela porta, a primeira coisa em que reparei foi na forma como cambaleava. Eu e Theo não bebíamos, mas já vira o álcool a transformar os homens nas ruas do meu país — piropos provocantes e brigas acaloradas — e fiquei apavorada, a pensar no que o álcool poderia fazer a alguém que, já de si, era um monstro. Ele pegou-me pelo braço e puxou-me para si. O seu hálito tresandava a cerveja quando me sufocou com um beijo, mas a voz parecia clara. Disse-me olá e chegou-se para trás a fim de me ver melhor. Uma cicatriz provocara-lhe uma ligeira falha na sobrancelha direita. Foi então que vi bem o tom das suas íris, um azul brilhante e impressionante — da cor da chama do gás.

— Tu — começou ele —, tu vais ajudar-me a esquecer um dia péssimo. — Ele afastou um caracol do meu rosto com uma ternura surpreendente.

Eu dei um passo atrás.

— Tens medo de mim? — perguntou.

— Não.

— Tens a certeza? — Uma expressão divertida brincou-lhe nas ligeiras linhas que tinha em torno dos olhos, compondo uma expressão que afastou a minha sensação de cautela. Ele parecia aqueles rapazes da aldeia onde cresci, que se metiam connosco, implorando a nossa admiração. Por alguns instantes, o meu medo desapareceu.

— O *Führer* já me tirou tudo o que me podia tirar. Já não tenho nada a perder.

— Não sejas tonta. Sobra sempre qualquer coisa. Tens a tua beleza, esse corpo perfeito. — Com uma mão, indicou-me que tirasse a roupa e fizesse uma lenta pirueta. Obedeci, tentando não tremer enquanto ele sorria, avaliando-me. O olhar dele não deixou qualquer centímetro meu intocado. — A rapariga mais bonita que já vi em Buchenwald.

— O senhor não tem de me elogiar.

— Mas não te agrada?

— Com todo o respeito, o senhor não está aqui para me fazer a corte.

Ele esboçou um sorriso afetado, com o rosto repleto de desejo.

— Sabes, podia mandar matar-te por causa dessa tua grande boca.

Estremeci, interrogando-me se o teria interpretado mal, mas o tom dele parecia mais de alguém que queria namoriscar do que ameaçar. Ele deu um passo em frente e agarrou-me no rabo enquanto me beijava. Tirou o boné e expôs o cabelo louro-escuro, com o risco elegantemente para o lado. Havia urgência na forma como me beijava, como se fosse ele que a morte tivesse debaixo de olho.

Comparado com Bruno, ele era meigo. A dada altura, parou de investir para se aproximar do meu pescoço, distribuindo uma série de beijos suaves que me arrepiaram de alto a baixo. Senti os seus lábios ásperos e gretados na minha pele.

— Gostas disto?

Nenhum dos outros homens tinha mostrado qualquer preocupação por mim, qualquer consciencialização de que eu era mais do que apenas um brinquedo para eles, por isso não soube como reagir. Ele só queria sentir-se poderoso, queria sentir que conseguia controlar o meu prazer além de controlar o meu corpo. Um pequeno arquejo foi o suficiente para atizar o fogo dele, para despachar a coisa. O polegar dele carregou-me no braço com mais força quando ele investiu mais profundamente. Esperei que tudo acabasse, que ele se levantasse para eu poder regressar à minha própria cama e tentar entregar-me ao conforto dos sonhos. De olhos fechados, com o meu violino nas mãos. A peça que estava a praticar na semana em que os *moffen* nos prenderam, Theo a esticar uma mão para me tocar na cintura, o chá a fumegar atrás de nós em cima da mesa da cozinha.

Ele acabou com um grunhido grave e deixou-se cair em cima de mim, prendendo-me debaixo do seu peito a arfar. Mas ele não se foi

embora, pelo menos não se foi logo embora. Quando saiu de dentro de mim, deitou-se ao meu lado, aninhando-me nos seus braços. As gotas de suor agarravam-se às minhas costas e esforcei-me muito para ignorar a humidade crescente entre as minhas pernas enquanto ele afagava a cova da minha cintura. Durante vários minutos, ele não disse nada. A respiração dele tornou-se tão superficial, que eu pensei que ele tinha adormecido, mas quando me virei para olhar para ele, os olhos dele abriram-se de repente.

— És mesmo bonita — disse ele. — Como é que te chamas?

Ele sorriu quando lhe disse.

— É um nome muito bonito. Chamo-me Karl, Karl Müller.

O toque dele nas minhas costas acordou as vértebras, uma a uma. Arrepios. Tentei não reparar.

— Sabes, eu já te tinha visto — comentou ele.

— Isso não é do tipo de frase de engate que devesse guardar para uma rapariga da cidade?

— Estou a falar a sério. Pareceste-me logo diferente das outras.

— Provavelmente porque elas têm experiência.

— Não, é mais do que isso. Tu és a única que ainda tem alguma luz dentro de si. Até as raparigas da minha cidade trazem a guerra marcada no rosto. — Ele suspirou e passou com um dedo pelos meus nós dos dedos. — Diz-me cá, Marijke, o que é que fazes na tua terra?

— Sou casada.

— Ah, estou a ver. Então e há alguma coisa que faças só para ti?

— Não.

— Nada de nada?

— Bem, música. Toco violino e antes tocava violino na orquestra sinfónica.

— Violino? Música clássica? Eu prefiro o cabaré. Tens ouvido a Zarah Leander a tocar pelos altifalantes todas as manhãs?

— A única coisa que ouço nas canções dela é um amor infinito pelo *Reich*.

Ele riu-se.

— Então o que é que preferias ouvir? Wagner? Beethoven?

— Schubert.

— Sem hesitares sequer um segundo? Se ao menos os meus homens falassem com tanta convicção. — Ele riu-se. — Vou ver o que se consegue arranjar.

Ele estreitou o abraço enquanto eu me interrogava sobre o significado das suas palavras, espantada com o interesse simulado.

— Há muito tempo que não me deitava ao lado de ninguém — disse ele. — Não é uma tristeza uma pessoa ter uma cama grande numa vivenda estupenda e não ter ninguém com quem partilhá-la?

Na minha mente surgiu de repente a imagem dos beliches em Ravensbrück, os membros sem vida encostados aos meus, e foram-se amontoando na minha garganta uma série de respostas tortas, prontinhas para saírem. Ele parecia nem sequer ter reparado na chicotada que o seu comentário provocara e isso era o pior. A respiração dele foi-se tornando mais profunda enquanto ele ia adormecendo. Tive dificuldade em relaxar nos braços dele.

Mais tarde, depois de ele acordar e vestir-se, deteve-se junto à porta.

— Quero ver-te outra vez.

Eu não disse nada, pensando apenas no tecido fresco da minha almofada, em Sophia a ressonar ao meu lado.

— Concordas com isso?

— Faz alguma diferença? Pensava que os oficiais tinham o seu próprio bordel.

— E pensaste bem. — Ele abriu a porta e deu um passo antes de se virar para me fitar mais uma vez. — Para a próxima, vou trazer um violino.

Na manhã seguinte, depois de terminarmos as tarefas de limpeza, a supervisora do bordel entrou na sala de convívio com um saco de novelos.

— O inverno chega cedo à Frente Leste — anunciou. — Quero um par de meias de cada uma de vocês até amanhã de manhã.

Depois de ela sair, sentámo-nos todas em redor da mesa comprida e Sophia distribuiu as agulhas. Desenrolei uma meada para pôr mãos ao trabalho.

Edith revirou uma agulha entre os dedos e emitiu um grunhido.

— Até amanhã de manhã? Claramente, aquela mulher nunca tricou nada na vida!

As outras riram à socapa, mas eu concentrei-me a contar os pontos e dei por mim a vaguear para fora daquela sala, regressando à noite anterior. Aquele oficial das SS, tão diferente do primeiro, os lampejos da suavidade do seu toque. A conversa que ele tivera sobre música surpreendera-me, deixando-me com uma noção desadequada de um homem requintado. Eu descartara as minhas recordações de todas as outras visitas, os peitos com os ossos salientes, as marcas na pele e os fluidos corporais, mas as imagens deste oficial não se deixavam apagar. Instalaram-se, fazendo com que Theo parecesse ainda mais distante.

— Marijke. Ouviste-me? — chamou Gerda. — Perguntei-te o que se passava. Parece que não dormiste.

Sophia olhou para as outras com uma expressão séria.

— A Marijke teve de tratar de um homem das SS a meio da noite e olhem que não era um qualquer. Era o próprio *schutzhaftlagerführer*.

Viraram-se todas para mim.

— Como é que ele é? — perguntou uma das raparigas.

— Esteve a gabar-se dos judeus todos que já matou? — perguntou outra, com uma mistura de curiosidade e desprezo.

Edith ergueu o sobrolho.

— A arma que tinha dentro das calças era tão grande quanto a que guarda no coldre?

— Dezoito — contei, erguendo a voz. — Dezanove, vinte, vinte e um. — Não olhei para os rostos delas até parar de tricotar aquela fila. — Não é nada daquilo que uma pessoa está à espera.

— O que é que isso significa? — perguntou Edith.

Encolhi os ombros.

— Não sei.

Sophia olhou para mim com pena e tentou mudar de assunto.

— Diz-me cá, Edith, qual é o truque para nos livrarmos do cheiro do sexo que se agarra à nossa pele? Por mais sabonete que eu use entre as visitas, continuo a sentir o cheiro daqueles homens a amontoar-se por camadas.

Edith hesitou durante um segundo, como se quisesse insistir comigo, mas mordeu o isco. Já tínhamos percebido o quanto ela, mais do que as outras prostitutas com experiência, adorava gabar-se do que sabia.

— Limão — respondeu ela. — Uma gota de limão atrás das orelhas e um pouco de água de rosas. É claro que isso é difícil de arranjar por aqui.

Sophia parecia estar a absorver cada palavrinha.

— E conheces algumas frases que possamos usar para tornar a situação mais tolerável?

— Estás a falar de apressar um bocadinho as coisas? — Ela piscou um olho. — O truque para fazer um homem contorcer-se de desejo, minhas senhoras, é elogiar e simular. Quer queiram admitir, quer não, todos os homens têm um ego que precisa de ser tão afagado quanto o seu membro. — Ela pegou num copo alto da mesa e susteve-o sugestivamente junto à boca. — Mmm, *Herr Kommandant*, duas mãos não chegam para uma pila como a sua. Veja só como me preenche! Mas claro que sim, claro que me vim!

Sophia corou e até eu tive de rir perante aquele desempenho tão ridículo. Ela continuou com exclamações exageradas até nos deixar a todas com um ataque de riso. Atirei-lhe uma bola de fio à cabeça.

— Fizeste-me perder a conta!

— Havia um homem que vinha sempre ter comigo em Berlim — contou ela. — Ele visitava-me aos domingos, quando a mulher estava com o professor de Latim, e ele adorava ser dominado. Tinha de viajar uma hora para me ver. Quando dei por isso, ele queria comprar-me uma casa. Uma casa! Para poder lá passar sempre que lhe apetecesse.

— E o que é que aconteceu? — perguntou Gerda. — Tens um palácio secreto e não nos disseste nada? — Ela levou a mão ao pescoço, como se estivesse à procura de um colar de pérolas há muito perdido.

— Não. Veio a guerra e ele alistou-se logo. Ouvi dizer que voltou da Rússia um ano depois sem pernas. Nunca mais me veio ver, por isso fiquei com a sensação de que não tinha perdido só isso.

Nessa altura, abateu-se um silêncio sobre todas nós. Na sala ao lado, ouvia-se a supervisora do bordel na conversa com a cobradora. Reparei num buraco onde me tinha falhado um ponto.

— Estou com medo que estas meias acabem por ficar demasiado pequenas.

Uma das raparigas polacas sibilou.

— Uma vez a minha mãe fez-me um par de meias que estavam demasiado pequenas. Fizeram-me umas bolhas tão más que, quando voltei da escola para casa, vim o caminho todo a coxear.

Pousei o que estava a fazer e inclinei-me para a frente, baixando a voz.

— Na verdade, isso até pode não ser mau de todo. O que é que me dizem, meninas, apetece-lhes fazer uma sabotagenzinha?

Sophia levou o dedo aos lábios e indicou a sala do lado com um gesto.

— E se elas repararem?

— Vamos ser subtis. Apertamo-las só um bocadinho na zona do calcanhar e vamos fazer com que a Wehrmacht vá a coxear até à Rússia.

As outras raparigas sorriram. Sophia anuiu com a cabeça e depois também se juntou a nós. As nossas agulhas foram dando os seus estalidos e, pela primeira vez naquela manhã, consegui fechar os olhos sem ver o corpo de um estranho por cima de mim.

CAPÍTULO OITO

KARL
2 DE AGOSTO DE 1943
BUCHENWALD

No início de agosto, o *kommandant* decidiu que o campo estava a transbordar de «indesejáveis», homens que já não estavam aptos para trabalhos pesados. Karl aceitou supervisionar a sua execução. A sala de execução ficava na cave do crematório, um local que ele tentava evitar. O cheiro a carne queimada era avassalador, como enxofre e fígado esturricado, tão denso que quase se podia mastigar. Ao entrar no edifício naquela manhã, fragmentos de ossos e uma fina camada de cinza cobriam o chão como neve suja.

Um judeu carregava um cadáver num carrinho de metal. O *rigor mortis* já se apoderara do corpo e uma perna estava caída para o lado, impedindo-o de entrar no forno. O judeu tentou ajeitá-la antes de pegar numa marreta de madeira e descê-la sobre o membro. A perna partiu-se com o som de madeira a rachar.

— Tu, aí — disse Karl.

A cabeça do homem virou-se de repente, enquanto Karl apontava para o chão.

— Limpa esta porcaria.

O prisioneiro foi buscar uma vassoura e Karl passou por ele, evitando os corpos empilhados. Um emaranhado de braços e pernas pálidos como pernas de galinha cruas. Alguns começavam a apodrecer e a pele tinha uma tonalidade verde-acinzentada.

Três guardas esperavam-no no piso de baixo. A sala de execução consistia numa sala comprida dividida por pilares de betão. Manchas vermelhas marcavam as paredes brancas.

Virou-se para o guarda que se encontrava mais perto.

— Quando é que foi a última vez que pintaram isto aqui? Quero que mantenham este local com bom aspeto.

O homem, baixo e simiesco, apoiou todo o seu peso numa das pernas.

— Com todo o respeito, não faz sentido pintarmos por cima disto. Não conseguiríamos dar vazão.

— Foi uma ordem. E endireite-se. Mostre algum respeito.

O homem acenou com a cabeça para outro guarda que surgiu nas escadas e depois foi-se embora. Momentos depois, começou a ouvir o matraquear de passos por cima da sua cabeça. Um único pranto, muito agudo. O olhar fixo de Karl ergueu-se para os ganchos de metal alinhados nas paredes, a dois metros e meio de altura, do tipo que seria utilizado por um talhante para pendurar uma carcaça de um porco. Um som estridente e oco trouxe um monte de prisioneiros a rebolar por uma calha abaixo e os três guardas aproximaram-se deles. Bastões de madeira carregavam sobre as riscas azuis e brancas, espancando os prisioneiros. Homens com suíças brancas, rapazes demasiado jovens para terem barba, todos tão magros e débeis que mal pareciam estar vivos. Os prantos aumentaram de volume e um prisioneiro olhou diretamente para Karl: o olhar de um coelho apanhado. Karl desviou os olhos.

Assim que fizeram correr sangue, os guardas largaram os bastões. Agarraram nos prisioneiros um por um e, juntos, içaram cada um contra a parede com a ajuda de um escadote. Não houve um único prisioneiro que se tivesse debatido. Karl odiou-os por isso. Resignados com as suas mortes. Os guardas enfiaram laços à volta dos pescoços e prenderam-nos aos ganchos. A maioria dos prisioneiros sufocou lentamente. Enquanto ali estavam pendurados, alguns olharam para Karl. Ele não viu súplicas nos seus olhos, não viu desespero. Vazio. Um afluxo de sangue causou-lhe tonturas e sentiu-se a ficar nauseado. Girou nos calcanhares e dirigiu-se às escadas.

— Está tudo bem, *Schutzhaftlagerführer*? — perguntou um dos guardas.

— Está tudo em ordem. Já vi o suficiente.

Karl perdeu o apetite para o resto do dia. Sem vontade de ficar sozinho com os seus pensamentos, decidiu comer na messe dos oficiais das SS, onde estavam a servir o seu prato preferido, *schnitzel* com *spätzle*⁶, mas não ingeriu nada além de água. Cada vez que ia pegar num pedaço de pão, num palito de batata frita, pensava naqueles corpos a balouçar. Tocou com a ponta dos dedos na insígnia em forma de caveira que adornava o seu chapéu e lembrou-se a si próprio que acreditava na abordagem de Brandt relativamente à mão de obra dos campos. Acreditava no *Führer*, no *Reich*.

Os seus lábios rasgaram-se no local onde os mordera. A água não conseguiu eliminar o sabor do sangue. Um dos outros oficiais das SS chegou com duas canecas. A cerveja entornou-se pelas bordas quando as pousou.

— Parece-me que está a precisar disto, Müller.

O guarda era um ruivo chamado Ritter cujos óculos estavam sempre sujos. Dizia-se que tinha vivido algum tempo na América, onde adquirira o mau hábito de se dirigir aos outros informalmente.

Karl abriu a boca para lhe dar uma reprimenda, mas pensou melhor.

— É verdade.

Bebeu um gole, saboreando a suavidade fresca. Bebeu mais um trago e depois outro, até os acontecimentos do dia se dissolverem no seu estômago. Sentia-se novamente numa cervejaria em Munique, a rir com os amigos, acompanhados por mulheres.

Ritter apoiou os cotovelos na mesa.

— Como é que se dá com as cartas?

— Eu não jogo.

— Às oito horas no salão dos oficiais. Junte-se a nós.

Tinha a caneca quase vazia, mas o apetite regressara e interrogou-se se ainda teria sobrado algum *schnitzel* ao cozinheiro.

— Eu devia comer qualquer coisa.

— Como queira. — Ritter ergueu-se e pegou na sua cerveja. — Mas, vindo de alguém que já está aqui há algum tempo, digo-lhe

que é uma boa distração.

Três canecas de cerveja reboavam no estômago vazio de Karl. Espalhou em leque as cartas na mão. Dois pares: reis e manilhas. Os outros quatro homens olharam para o que tinham nas mãos com mal disfarçado desânimo. Todos eles de patente inferior a Karl. Considerou que deveria ter passado a noite com o *kommandant*, a beber vinho e a dar-lhe banhos de charme. Pelo menos, tinha uma mão decente.

Empurrou uma pilha de fichas de póquer para o centro da mesa. A cadeira de Ritter chiou quando se inclinou para trás e o próprio assento de Karl parecia em desequilíbrio. Outro oficial, o *kommandoführer* Hoffmann, contou fichas até a sua pilha ser tão alta quanto a de Karl e depois juntou mais três. Tinha tromba de buldogue com o sobrolho bastante enrugado. Os cantos da boca de Hoffmann contorceram-se quando Karl se debateu com a sua jogada.

— Está à espera que eu passe — declarou Karl.

— Eu não disse nada.

— Há quanto tempo está em Buchenwald, Hoffmann?

— Desde que abriu.

Karl girou uma ficha entre o polegar e o indicador, sentindo as inscrições a marcarem-lhe a pele.

— E, com base na sua experiência, qual é a sua opinião do campo?

— Não sei o que espera que eu responda, *Schutzhaftlagerführer*.

— Parece-me ser o tipo de homem que estaria mais feliz na frente da batalha, a carregar contra os bifes, a rebentar com coisas.

Hoffmann hesitou.

— O trabalho que estamos a fazer aqui é essencial para a prosperidade alemã.

— É bem verdade, e imagino que ainda sinta algum entusiasmo com uma ou outra execução.

Ritter e os outros trocaram olhares pouco confortáveis enquanto Hoffmann pigarreava.

— Eles têm o que merecem.

— Sim, já todos sabemos que estão aqui por uma boa razão. Diga-me, já alguma vez teve de matar alguém você mesmo?

Um movimento de negação da cabeça de Hoffmann deu lugar a silêncio, por isso Karl bebeu mais um gole de cerveja e contou as fichas que sobravam. Tilintaram umas nas outras quando caíram. Os homens inclinaram-se quando os dois viraram as cartas. Três oitos. Karl apertou as mãos e empurrou as fichas para Hoffmann, que acenou em sinal de gratidão, enquanto os outros se mantiveram calados.

— Deu-me uma abada — disse Karl. — Que mais fazem para se divertir por aqui?

Os homens atiraram sugestões ao ar: irem à cidade, ao cinema, beberem, o bordel.

— Já tentei o bordel — respondeu Karl. — Raparigas fracotas, nada como as que temos na nossa terra.

Ritter deu uma palmada nas costas de Hoffmann.

— Aqui o nosso homem testou o bordel novo na semana passada.

— Bordel novo?

Hoffmann parecia um rapazinho apanhado a roubar uma tarte de maçã.

— Acabou de abrir. Raparigas bastante jeitosas, mas a melhor parte é que são acabadas de chegar. Supostamente, são para os prisioneiros, mas a supervisora olha para o lado se lhe dermos alguns marcos. — Enrubesceu. — Não que o *Schutzhaftlagerführer* precisasse de o fazer, claro.

Karl levou a caneca aos lábios e emborcou um gole de cerveja enquanto pensava na questão. Brandt falara-lhe no bordel dos prisioneiros: *o projeto de estimação do Himmler*, assim lhe chamara. Himmler acreditava que a melhor forma de aumentar a produtividade dos trabalhadores nos campos era introduzir um

sistema de recompensas para os prisioneiros mais privilegiados. Vales para cigarros, visitas ao cinema dos prisioneiros. O bordel era o prêmio principal. Aquelas raparigas que Karl vira a passar em frente ao armazém dos pertences dos prisioneiros deviam ser do tal bordel novo.

Entre bebidas, as imagens daqueles corpos regressaram. Roxos, a arfarem. Precisava de apagar de vez esses pensamentos e decidiu que uma rapariga fresca e pronta a colher serviria esse propósito.

— Mais uma bebida — disse ele.

Hoffmann levantou-se de um pulo para ir buscar as cervejas. Assim que ele saiu, Ritter riu-se.

— Ele não sabe como lidar com um superior que o olha nos olhos.

— Lá por estar a jogar às cartas convosco, isso não significa que estejamos entre iguais.

Ritter calou-se. Ninguém falou até Hoffmann regressar. As cartas mantiveram-se abandonadas na mesa, por isso ficaram sentados a beber e continuaram a falar sobre mulheres e sexo. Ritter mencionou uma rapariga que deixara na sua terra, receoso que ela se tivesse desencaminhado. Karl deixou de ouvir. O gás da cerveja estava a fazê-lo arrotar e tinha de estar sempre a piscar os olhos para manter a mesa focada. Tudo parecia difuso. Uma mulher nua, era disso que precisava. Um rabo redondo para agarrar, mamas para apalpar.

Engoliu o que restava da cerveja e levantou-se.

— Fico-me por aqui.

Ritter ergueu a sua caneca.

— Desfrute do seu digestivo.

Quando Karl encontrou o bordel dos prisioneiros, encafudado perto das traseiras do campo e em frente à enfermaria, já passava das onze. Só uma das janelas do bordel estava iluminada e Karl fez uma pausa à entrada, ganhando coragem para de seguida bater à porta.

Uma voz seca de mulher respondeu.

— Estamos fechados.

— Abram.

A porta abriu-se uma nesga. Uma mulher alta e atraente encontrava-se atrás da porta, de lábios vermelhos franzidos. Olhou-o de cima a baixo antes de o convidar a entrar.

— *Schutzhaftlagerführer* Müller. Acho que ainda não tivemos o prazer.

A mão dela estava fria, mas ele segurou-a um segundo a mais. Não se teria importado de dar umas voltas com ela também, mas havia algo de hostil nela em que ele não confiava.

— Vim ver uma das suas meninas.

— Sabe que existe um bordel para os oficiais?

— Sei, sim.

— As raparigas estão a dormir.

As sobranceiras da mulher elevaram-se, mas o álcool que fazia o seu efeito disse-lhe para não recuar.

— Traga-me a mais atraente. Não, espere, alguma delas é holandesa?

Ela pareceu querer dizer qualquer coisa, mas ao invés disso apressou-se a sair. Karl sentou-se na sala de espera. Cinco minutos depois, a mulher regressou.

— Ela está pronta para si, embora os visitantes tenham normalmente de levar uma injeção.

— Não vou levar coisa nenhuma.

— Seja como for, o médico não está aqui a esta hora.

— As suas raparigas não estão livres de doenças?

— Tomamos todas as precauções, *Schutzhaftlagerführer*, e elas são novas aquisições, mas compreenda que há sempre um risco. — Conduziu-o por um corredor cheio de portas, parando em frente à que tinha uma placa com o número «9». — Faça favor.

Karl abriu a porta. A rapariga holandesa estava à sua frente, com uma blusa decotada e uma saia justa. Ela sorriu timidamente, entrelaçando as mãos à sua frente como uma mulher na fila para as

senhas de racionamento. Era efetivamente a tal rapariga que ele esperava que fosse, mas não tinha antecipado nenhum espetáculo de modéstia virginal. Avançou para ela, puxou-a para si para lhe sentir o sabor. Ela enrubesceu e a cor desceu-lhe das faces para o sinal que tinha no queixo. Os seus lábios femininos afastaram-se, a pedirem mais um beijo. Aquela manhã — as pernas partidas e os arquejos do sufocamento — desfocaram-se bem lá para o fundo.

— Tu — disse ele —, tu vais ajudar-me a esquecer um dia péssimo.

Karl afastou-lhe o cabelo desgrenhado para conseguir vê-la melhor. A cerveja revolvía-se no seu estômago. Uma rapariga bonita, mas nada espetacular. Salpicos de dourado brilhavam nos seus grandes olhos verdes. Os peitos inchados ameaçavam sair do decote da blusa. Não eram grandes, mas tinham o tamanho ideal para agarrar. Um convidativo vale entre ambos. O sangue de Karl começou a fluir, mas ela encolheu-se e remexeu na saia.

— Tens medo de mim? — perguntou ele.

— Não.

— Tens a certeza?

Ela ergueu o queixo e fez algum comentário desdenhoso relativamente a ter sido roubada pelo *Reich*. Se estivesse ali um dos seus colegas em vez dele, ter-lhe-ia dado as vergastadas que ela merecia, mas ela cuspiu aquelas palavras com veneno, a mesma determinação cativante que ele captara no outro dia. Um rasgo de cor no meio do cinzento.

— Não sejas tonta.

Concedeu-lhe um risinho de satisfação antes de lhe acenar para que se despisse. Ela girou num círculo para exhibir uma silhueta magra, pernas brancas como pérolas que se estendiam sem fim. As costelas sobressaíam em ângulos esquisitos, levando-o a interrogar-se porque é que não podiam dar às prostitutas uma dieta adequada, mas uma mancha de sardas no final das costas apontava para baixo, para um rabo aveludado e doce. Desejou agarrá-lo, mas

tentou conter-se, esperando arrastar a distração daquela noite tanto quanto possível.

Quando tentou elogiá-la, ela eriçou-se e deu uma resposta atrevida. Mas isso apenas fez com que ele desejasse beijá-la outra vez, sentir o calor da língua dela na sua pele. As suas mãos pareciam-lhe vazias sem os seios dela.

— Sabes, podia mandar matar-te por causa dessa tua grande boca.

Ela sossegou e ele aproximou-se dela, satisfeito com o poder das suas palavras. Os seus lábios subiram pelo ombro acima, mas quando chegou ao local macio na parte de trás do pescoço, a sua ereção esmoreceu. A ponta afiada daqueles ganchos. Cinco, seis corpos a balouçar. Quão fácil era tirar uma vida.

Chegou com a mão atrás dela, deu-lhe uma palmada e puxou-a para si, beijando-a com força para afastar aquelas imagens. Conduziu a mão dela para dentro das suas calças, sentindo o toque frio contra o calor do seu corpo. Ela tinha do tipo de dedos que poderiam figurar num anúncio a cigarros, longos e esguios, mas atrapalhou-se com a fivela, mordeu o lábio, empurrou em vez de puxar. As mãos de Karl fecharam-se em torno das dela, guiando-as para cima e para baixo até um gemido escapar da sua própria boca. Sob a luz fria, as pernas dela reluziam. Agarrando-lhe o ombro, penetrou-a, mordeu-lhe o lóbulo da orelha, curvou-se para lhe beijar o peito. A pele dela emanava o cheiro a sabonete. Ele sentia-se desesperado por continuar, acelerar e ceder ao prazer. Mas precisava de fazer durar, de levar a sua mente para fora daquele campo.

Tinha as mãos nas ancas dela. A transpiração acumulava-se na delicada clavícula dela, nas têmporas dele. Beijou-a, penetrando-a mais fundo, mais depressa, ansiando por ela. As suas longas pernas tensas puxavam-no. Karl abriu-as mais, afastando-as, enterrou o rosto na curva do pescoço dela, lambeu-a e grunhiu no seu cabelo enquanto um pulsar dentro dele vibrou até se tornar um

estremeção e o calor abandonar o seu corpo. Finalmente, deixou-se ir.

Dois dias depois, a chuva caía no lado de fora da janela do seu gabinete e a luz tremelicava, enquanto Karl tentava reclinar-se confortavelmente na cadeira. Uma pilha de papéis encontrava-se à sua frente, a listar a mais recente produção da fábrica de armamento do campo, mas enquanto analisava o orçamento, os seus pensamentos continuavam a regressar ao bordel dos prisioneiros. A noite repetia-se na sua mente vezes e vezes sem conta. Já dormira com mulheres muito mais atraentes, mas esta, Marijke, não lhe largava os pensamentos. Aquele corpo nu nas suas mãos. Aquele peito arrepiado. Eram aqueles lábios que não paravam de o puxar de volta àquele momento, lábios que cuspiam palavras iradas, espinhosas — uma boca impressionante para uma rapariga com um aspeto tão débil. Ela foi a primeira prisioneira no campo a tratá-lo como uma pessoa normal ao invés de alguém a ser temido, mas não conseguia levá-la a sério com aquele adorável sotaque gutural. Ela tinha garra, mas não era fria como a supervisora do bordel. Havia algo nela que o mantinha permanentemente excitado, a forma como ela conseguira apagar aquelas imagens desagradáveis da sua mente. Karl pegou na sua agenda. Quinta à noite, tinha um jantar de oficiais e sexta, uma reunião em Weimar. Sábado, iria vê-la.

Numa manhã sossegada, Karl saiu do gabinete antes do almoço e caminhou até ao ateliê de escultura do campo. O ar lá dentro era espesso por causa do pó, uma apreciada mudança em relação à podridão amarga e à decomposição que reinava no exterior. As suas botas calcaram raspas de madeira e pó quando se aproximou da mesa de trabalho, onde a asa de uma águia começava a emergir de um bloco de mármore. Já podia adivinhar que seria uma criatura majestosa e imaginava a suástica que, dentro de pouco tempo, estaria presa nas suas garras.

Um prisioneiro desbastava a pedra. Karl observou-o a alguns metros de distância até o escultor reparar nele e retesar o punho em torno do cinzel. Apesar de o cabelo rapado do escultor quase não ter cabelos brancos, ele curvava-se como um velho, com óculos empoleirados na ponta do nariz. Manchas de pó branco cobriam as suas faces e as riscas azuis e brancas do seu uniforme, que envergava a Estrela de David.

— Tenho visto os trabalhos que os artistas daqui fizeram para outros oficiais — disse Karl. — Vocês têm olho para os pormenores.

— Obrigado.

Enquanto qualquer outro prisioneiro teria evitado o seu olhar, este homem encarava-o sem hesitação. Karl pensou que havia qualquer coisa familiar no modo como ele o encarava, algo duro, mas vazio, olhos como cartuchos de balas de metralhadora.

— Preciso de uma peça chamativa para a entrada da minha vivenda.

— O que é que tinha em mente, *Schutzhaftlagerführer*?

O escultor deu um passo para o lado, revelando uma fila de projetos em variadas fases de acabamento. Dois entalhes, uma travessa de porcelana, uma enorme tela com uma árvore genealógica. Um velho carvalho, ao que lhe parecia. Os ramos estendiam-se para fora para que nomes arianos proeminentes nidificassem nas ramificações. O nome de Brandt envolvia o tronco com um floreado. Uma peça especial para o seu gabinete, imaginou Karl.

— Gostaria de uma estátua.

Na casa de verão da sua família na Baviera, uma ninfa de bronze dançava entre as sebes do jardim, espreitando o lago. Ele e os amigos costumavam deslizar as mãos pelas suas curvas, esfregando os peitos até o bronze ficar desgastado na zona dos mamilos. Quando a mãe reparou nisso, foi a correr contar ao pai, que lhe fez um olhar severo por entre a armação fina e redonda dos seus óculos e depois piscou-lhe o olho.

Apercebeu-se de que era o seu pai quem o escultor o fazia lembrar. Aqueles ombros curvados, as pálpebras descaídas e a expressão impassível que parecia ocultar alguma escuridão. Aquele dia no jardim acontecera apenas semanas antes de o pai partir para a batalha na Frente Ocidental. Regressou a casa com pé das trincheiras e uma longa faixa de medalhas na lapela, mas nunca mais sorriu para Karl.

— Uma estátua que preste homenagem aos nossos grandes antepassados alemães — acrescentou Karl.

— Talvez uma águia?

O prisioneiro baixou os olhos para a cintura de Karl e este olhou para baixo e reparou que os seus dedos remexiam distraidamente no coldre no seu cinto, onde uma *Luger* se encontrava, carregada e pronta a disparar. Karl deu um leve toque na arma e inclinou-se para a frente quando uma porta lateral se abriu. Entraram cinco prisioneiros. Ao verem-no, dirigiram-se aos seus postos, um atrás de um busto meio terminado e outros três junto de um enorme forno. O escultor movimentou-se como se pretendesse ocultar a quinta pessoa, que se encolheu junto a uma mesa recheada de canetas e tinta.

— Quem é aquele? — perguntou Karl.

O escultor começou a esfregar uma mão em torno do pulso.

— O meu filho.

— Trá-lo cá.

A figura ergueu-se e avançou. O rapaz provavelmente não teria mais de catorze ou quinze anos, mas o seu corpo parecia ter desistido de si próprio, fazendo-o aparentar quase metade dessa idade. A pele das faces parecia tão fina e transparente como o papel de seda que o grande armazém em Munique utilizava para embrulhar sapatos. Karl não conseguiu evitar sentir pena dele, apesar de se sentir culpado por pensar assim.

— Trabalhas aqui? — perguntou.

— Sim, senhor.

— Ai, é? Um corpo jovem como o teu é mais adequado para a pedreira. Mostra-me algo que tenhas feito.

O rapaz apontou para a árvore genealógica.

— Pinteí a maior parte daquilo.

As pinceladas eram seguras, o desenho sólido, completamente diferente dos trabalhos de Karl quando era jovem: cães de neve que tombaram uns em cima dos outros enquanto tentava esculpir uma cauda, um esboço todo torto do Reichstag.

— Diz-me cá — perguntou Karl —, se pudesses esculpir qualquer coisa, o que seria?

— Senhor?

— É preciso repetir?

A voz do rapaz vacilou e ele endireitou-se.

— Madeira ou pedra, senhor?

Karl pensou nas florestas da Baviera, em abetos e pinheiros gigantescos.

— Madeira.

O rapaz remexeu nos punhos do seu uniforme de prisioneiro enquanto pensava bem na resposta.

— Acho — acabou por dizer — que um pássaro seria bonito.

— Não quero uma águia, algo diferente.

Uma expressão distante consumiu o rapaz, como se tivesse abandonado os limites do campo e regressado a casa. Por um breve instante, Karl interrogou-se onde essa casa seria, embora isso já não fizesse qualquer diferença.

— Não, uma águia, não. Uma coruja.

Uma vez, no pico do inverno, uma coruja acastanhada cruzara o caminho de Karl. Apesar de ser uma noite sossegada, ele não ouvira o menor ruído quando ela mergulhou para apanhar a sua presa. A coruja deixara um contorno perfeito das suas asas na neve fresca. Um sentimento de calma e admiração passou por cima dele quando a ave se retirou para o meio das árvores, partindo tão furtiva e graciosa como quando surgira.

Karl pigarreou e virou-se para o escultor.

— Excelente, vais esculpir-me uma coruja. Uma coruja forte, condigna. E o teu filho vai ajudar.

Ao final da tarde seguinte, após a chamada, Karl foi inspecionar um dos blocos do campo de transição. Ali, os barracões de madeira não tinham janelas e quase mil prisioneiros estavam encafuados naquele que ele tinha de ir inspecionar. Nas prateleiras que serviam de beliches, os homens estavam encaixados como fósforos. A disenteria fulminante diminuía a mão de obra recente ainda antes de chegarem à fábrica de munições.

O bloco fedia a suor estagnado e vômito. Com um lenço a cobrir a boca, completou a inspeção o mais depressa que conseguiu, evitando a turba que se afastou para lhe dar passagem e permitir que atravessasse o soalho de madeira que rangia a cada passo. Tentou substituir as suas faces bexigasas por cenas dos filmes de Leni Riefenstahl — rabis barbudos a vigarizarem homens honestos, ciganos maltrapilhos a roubarem bolsos alemães. Depois de inteirar o *blockführer* sobre como lidar com o surto de disenteria, escapou-se do bloco e circundou-o para se afastar do campo de transição. Verificou o relógio, já a contar o tempo para poder regressar ao bordel, às pernas suaves de Marijke e à sua boca quente e convidativa.

Foi então que reparou na pintura. Uma paisagem montanhosa espalhada através do canto inferior direito da parede exterior do bloco. O que restava do torreão de um castelo apanhava a luz de um sol matinal e a tinta azul reluzia em contraste com a madeira húmida e a apodrecer. Com tristeza no rosto, tocou nos contornos de uma colina. Quem teria pintado aquilo? O seu pensamento inicial foi um artista do ateliê de escultura; eles eram os únicos com acesso fácil a tintas, mas uma cerca de arame farpado separava o campo de transição do verdadeiro campo de Buchenwald. Alguém em quarentena deve ter, de algum modo, surripiado materiais de arte. A rica paleta de tons da natureza lembrava-o da beleza dos picos e dos trilhos nos Alpes da Baviera, o cheiro dos *pretzels*

acabados de sair do forno após um dia a esquiar. Virou as costas e afastou-se do bloco sem proceder a qualquer investigação. Afinal, era só uma pintura.

Brandt chamou Karl ao seu gabinete no dia seguinte. Karl permaneceu em sentido em frente à secretária e esperou que o superior se lhe dirigisse, tentando ignorar a comichão que lhe provocava a farda de oficial, demasiado espessa para o calor do verão.

— Bem. — Brandt deteve-se para dar uma passa no charuto. — O que achou das execuções de segunda-feira?

— Foi uma experiência e tanto, *Kommandant*.

Brandt batucou com o charuto para a cinza cair.

— Durante toda a semana, pareceu muito... ansioso. Tem a certeza de que foi talhado para a vida no campo?

Karl pensou no seu pai, no quanto estava a contar que o filho se desse bem, que deixasse a família orgulhosa.

— Claro que sim. A questão é que sempre estive atrás de uma secretária, até agora. Mais uma semana e já me terei adaptado.

— Espero que sim. Mudando de assunto, qual é o ponto da situação relativamente ao novo vândalo do campo? Já o encontrou?

— Como assim, *Kommandant*?

Assim que a pergunta saiu dos lábios de Karl, lembrou-se da pintura. Tinha contado que o *kommando* da manutenção tivesse removido o trabalho artístico, mas devia ter adivinhado que o assunto voltaria à baila para o importunar.

— Aquela pintura escarneceu de mim. — Brandt endireitou-se na cadeira e bateu na pilha de papéis à sua frente. — A seguir, vão tentar besuntar as paredes do bloco com as suas porcarias sionistas.

— O que deseja que faça, *Kommandant*?

— Trate disso. — Fez sinal a Karl para que saísse, mas impediu-o quando chegou à porta. — Faça com que o culpado sirva de exemplo. Não quero ver mais daquelas brincadeiras no meu campo.

Karl caminhou de regresso às instalações dos oficiais, sentindo o peso da *Luger* na anca. As suas passadas ficavam mais lentas a cada passo. Quando se aproximou das vivendas, olhou para a casa ao lado da sua. As filhas de outro oficial brincavam às casinhas na varanda, com as bonecas espalhadas, enquanto davam risadinhas.

Encontrou o rapaz de joelhos no lado de fora da entrada do ateliê de escultura, a desbastar um enorme pedaço de madeira. Quando o rapaz o viu a chegar, afastou-se.

— A sua coruja, senhor.

O pássaro estava empoleirado num cepo entalhado com meio metro de altura. Ainda mostrava apenas contornos grosseiros, mas as penas da cauda já tinham tomado forma. A atenção de Karl passou para as mãos do rapaz, que tinham bolhas provocadas pelo uso da faca. A lâmina ferrugenta estava caída no chão.

— O que é que acontece a estas facas de entalhar, quando não estás a trabalhar?

— São recolhidas no final de cada dia.

— E o material de pintura?

O rapaz ficou hirto.

— Isso também.

— Porque é que achas que temos um ateliê de arte em Buchenwald?

— Não sei, senhor.

— Quero uma resposta.

O rapaz semicerrou os olhos por causa do sol.

— Talvez toda a gente precise de um pouco de beleza nas suas vidas.

— Toda a gente digna de apreciar arte, queres tu dizer. Os que são leais ao *Reich*.

Karl pensou em Marijke, no seu amor pelo violino, e pensou no prazer que ele próprio sentia em antecipação à reação que ela teria à surpresa que ele lhe estava a preparar. Mas isso era diferente; ela era diferente.

O rapaz enfiou o dedo do pé na terra. Tinham-lhe atribuído um atamancado par de socas de madeira.

— Sim, senhor.

— Ótimo. — Karl mostrou-lhe o que esperava ser um olhar ameaçador. — É bom que essa coruja esteja na minha sala de estar dentro de vinte e quatro horas.

Karl deixou o rapaz e continuou a sua ronda matinal. Um pensamento ocorreu-lhe ao passar pelo campo de transição. Percorreu o perímetro em redor da vedação, afastando do caminho enormes caules de ervas, à procura de buracos na terra. As suas calças ficaram presas no arame farpado e, ao soltar o tecido, cortou um dedo. Enquanto rebuscava nos bolsos algo que servisse de penso, reparou numa pilha de restos de metal e num velho pneu alguns metros mais abaixo, junto à vedação. Enquanto desviava o pneu, uma colónia de formigas espalhou-se por cima das biqueiras das suas botas. E, claro está, atrás dos detritos lá estava um buraco na rede da vedação, apenas do tamanho suficiente para um rapaz passar.

Quando Karl saiu do bordel nessa noite, as nuvens tinham-se afastado para revelar uma lua cheia. À parte a suave brisa que acariciava as árvores e os latidos dos cães no canil, a noite estava silenciosa. Tirou o chapéu para enxugar a testa, que lhe parecia escorregadia de transpiração. A sua mente estava presa no êxtase relaxante que se segue a uma boa noite de sexo e já começava a ansiar por voltar a ver Marijke o mais cedo possível.

Atalhou pelo complexo na direcção do portão principal. O som de algum movimento veio da zona de um dos blocos de dois pisos. Uma olhadela às torres de vigia revelou que os guardas, no local em que se encontravam, não conseguiam ver os blocos e ele contornou a esquina a tempo de ver alguém a escapular-se.

— Tu aí. — Ligou a sua lanterna. — Para!

O prisioneiro estacou, mas Karl praguejou baixinho quando ele se virou. Mesmo à distância, a silhueta do rapaz era inconfundível.

Apontou o feixe da lanterna para o lado. Na parede à sua esquerda, ainda molhada, um campo de flores silvestres em tons de rosa e púrpura.

O rapaz ficou imóvel no local, cego pela luz. Quando Karl caminhou na sua direção, a sua expressão passou de medo para horror.

— Achavas mesmo que conseguias continuar com isto sem seres apanhado?

Os tendões no pescoço do rapaz sobressaíram e Karl reparou na sua pulsação acelerada.

— Não, senhor.

— Para quê arriscares a vida? E a de toda a gente neste campo?

O rapaz olhou para o chão.

— Desaparece-me da frente.

— Desculpe?

— Vai.

Sem uma palavra, o rapaz foi-se embora a correr. Karl regressou à sua vivenda e ordenou ao criado que lhe preparasse um banho de imersão. O criado também preparou um cesto de fruta e uma garrafa de *brandy*. Durante algumas horas apenas suas, Karl desfrutou da fantasia de estar de regresso a casa, num local onde as mulheres que levava para a cama sentiam desejo por ele, o ar era puro e fresco como nos Alpes, os artistas tão valorizados como a arte e onde as únicas ordens que tinha de seguir eram as suas.

De manhã, quando acordou, encontrou a coruja pousada no alpendre, juntamente com uma mensagem de Brandt: *Apanhámos o culpado. Está incumbido de supervisionar a punição no ateliê de escultura*. Encostou-se ao pilar de madeira do alpendre, amarrotando a mensagem na mão. A coruja olhava-o de soslaio, a gozar com a sua estupidez. O Terceiro *Reich* erguera-se apoiado em homens decisivos, poderosos, não em cobardes.

Uma hora depois, dois oficiais acompanhavam-no ao ateliê de escultura. À sua ordem, alinharam os artistas contra a parede para

serem espancados. O rapaz não estava lá.

Karl puxou o pai do rapaz para fora do alinhamento.

— Onde é que ele está?

O prisioneiro focou o olhar no peito de Karl, com os cantos da sua boca a tremer.

— Foi selecionado para tratamento especial.

Karl sentiu um aperto na garganta quando se afastou, sabendo perfeitamente o que isso significava. Os guardas ergueram os bastões. Ele abriu a boca para os chamar e revogar a punição, mas pensou nas ordens de Brandt, no seu pai, o oficial altamente elogiado. Os guardas olharam para ele e Karl acenou-lhes afirmativamente.

Ouviu um estalido e o som de vidro partido quando o rosto do escultor bateu na parede, viu o corpo do escultor sacudir-se com cada golpe. No final, o homem ajoelhou-se para pegar nos seus óculos, com a camisa rasgada e ensanguentada, procurando-os atabalhoadamente no chão empoeirado.

Forçando o caminho por entre os outros oficiais, Karl saiu para a luz ofuscante do sol. Uma lebre saltitou pela estrada de gravilha antes de desaparecer na vegetação rasteira no meio das árvores no outro lado da vedação. Karl olhou em frente para o fumo que saía da chaminé do crematório. Depois, deu meia-volta e foi-se embora.

CAPÍTULO NOVE

LUCIANO
9 DE MAIO DE 1977
BUENOS AIRES

O guarda veio buscar Luciano de manhã. Como habitual, Luciano foi comer com os outros, mas tudo o que receberam ao pequeno-almoço nessa manhã foi um pedaço de pão e uma caneca de *maté* morno. Mordiscou o pão, desejando poder guardar um pedaço no bolso, mas tinha demasiada fome e não quis arriscar-se a ser apanhado.

Depois de comerem, o guarda chamou uma série de números: 341, que era Gabriel. Ao ouvir o seu próprio número, Luciano ergueu-se. Com o capuz novamente enfiado na cabeça, tropeçou em qualquer coisa, provavelmente num pé. Alguém o agarrou pelo braço. Este guarda tinha dedos finos, mas um aperto de ave de rapina. Luciano imaginava-o como um falcão. Um amigo do pai antigamente treinava falcões fora da cidade. Luciano visitara-o uma vez e nunca mais se esquecera da manhã em que acordou e descobriu um rato no aviário, com o pescoço torcido no bico do falcão, enquanto penachos de pelo esvoaçavam para os ramos mais abaixo.

O pequeno grupo de prisioneiros — contou doze — formou uma fila. Falcão conduziu-os ao longo do corredor até pararem e começarem a descer um longo lanço de escadas. Quando chegaram ao patamar, viraram e desceram outro lanço e depois outro. Chegaram a uma zona plana, andaram em frente, antes de descerem mais uns quantos degraus. Ouviu um estridente som metálico à sua frente e o chiar de dobradiças. Avançaram pelo piso duro e o súbito ar frio e húmido fez Luciano ficar hirto. Os seus músculos estremeceram, tudo no seu corpo o impelia a fugir. Mas não tinha nenhuma esperança de escapar, não com a sua cegueira

e guardas por todo o lado e, além disso, as mãos de Gabriel nos seus ombros não demonstraram qualquer tensão, por isso disse a si mesmo que devia existir algo mais nas caves além das câmaras de tortura. Os barulhos vinham de todos os lados, mas sem qualquer eco, o que o fez interrogar-se se a cave continha uma série de divisões.

— Trabalhadores do laboratório de fotografia, para a direita — ordenou Falcão, com um ligeiro ciciar.

A pessoa à frente de Luciano virou-se. Luciano tentou imaginar os prisioneiros a agruparem-se em redor de câmaras e rolos de fotografia, mas não entendia qual o propósito de um laboratório de fotografia em tal purgatório. Falcão saiu com aquele grupo e aproximaram-se passos diferentes. Sem um par de ombros onde se agarrar, Luciano não tinha como saber para onde se mover e Gabriel teve de o empurrar até que o guarda pegou em Luciano e deu-lhe um puxão numa curva apertada à esquerda. Depois, o guarda guinou-o para a esquerda novamente. Luciano bateu com o cotovelo em algo duro. Após mais uns quantos passos, sentiu um puxão nos ombros quando Gabriel parou atrás dele.

Um tilintar metálico percorreu a fila, à medida que o guarda ia removendo as algemas. Luciano girou os pulsos, esfregou a pele até o entorpecimento desaparecer.

— Tirem os capuzes — disse o guarda. — Aos vossos lugares.

Luciano fez o que lhe disseram. O ar pareceu-lhe frio na pele, depois da câmara húmida que o capuz formava. Fechou os olhos, permitindo-lhes que se ajustassem à luz. Lâmpadas fluorescentes em cima da sua cabeça zumbiam como vespas fechadas numa garrafa de vidro. Algumas divisórias formavam uma pequena sala que continha apenas uns quantos armários, uma secretária e uma grande mesa com máquinas de escrever onde os outros prisioneiros se reuniram. A parede mais distante tinha dois respiradouros no topo, que ele assumiu que conduziram ao exterior. Nenhuma luz do dia penetrava pelas densas grelhas metálicas, mas ele desejou puxar uma cadeira, pôr-se em cima dela e inalar os cheiros do

outono: o chão salpicado de chuva ou as folhas em decomposição ou o que quer que se encontrasse do outro lado daquela parede.

Luciano apressou-se a ocupar o lugar ao lado de Gabriel e afundou-se na cadeira, sentindo um formigueiro nas pernas por terem sido subitamente utilizadas. Havia mais quatro detidos. A mulher e dois dos homens pareciam ter vinte ou trinta anos, mas o homem ao fundo era muito mais velho. Tinha um certo ar distinto, embora o seu rosto estivesse tão magro e carregado quanto os dos outros. Todos os homens tinham a barba descuidada, embora a de Gabriel fosse de longe a mais rala. Isso pareceu estranho a Luciano, mas assumiu que Gabriel tivesse passado menos tempo detido. A mulher sentou-se à frente de Luciano. O seu rosto inexpressivo fazia-lhe lembrar uma máscara da morte feita de gesso que uma vez vira num museu.

Pararam de se remexer e endireitaram-se quando um homem quase careca envergando um uniforme militar entrou para substituir o guarda. Ele trazia uma pilha de documentos debaixo do braço, que distribuiu sistematicamente. Ficou claro que cada pessoa à volta da mesa possuía uma aptidão particular. Assim que cada um já tinha uma pasta, o homem dirigiu-se a Luciano, impondo-se sobre ele de modo que os botões metálicos do seu uniforme ficaram ao nível dos olhos dele. Tinha no pescoço um sinal cor de vinho com a forma da bota da Itália.

— Bem, parece-me que há para aqui mais trampa cobarde a bater-me à porta. Falas inglês?

Luciano engoliu em seco e anuiu com a cabeça, olhando fixamente para aqueles botões reluzentes na esperança de que isso escondesse os seus nervos. O desenho entrelaçado de uma corda cercava cada um deles, como um laço. Engoliu em seco novamente, imaginando aquela corda a apertar-se à volta do seu pescoço. Em troca de algum alívio da tortura, estava a oferecer-se como colaborador.

— Muito bem. Então, sabes traduzir? Não nos podemos dar ao luxo de erros desleixados.

— Sou estudante de jornalismo. — Tentou manter a voz firme. — Mas estudei literatura inglesa durante vários anos.

— Encara isto como o teu teste.

O homem colocou um caderno preso com um clipe e uma caneta na mesa antes de se dirigir à sua secretária no canto da divisão.

Os outros remexeram nos seus documentos. Alguns enfiaram folhas nas máquinas de escrever e a sala encheu-se com o matraquear de teclas e uma série de campainhas a retinirem. O supervisor sorveu uma chávena de café enquanto folheava um jornal. Luciano pegou numa folha de papel em branco e destapou a caneta. A tampa tinha uma âncora com um barrete frígio e o Sol de Maio, o símbolo da Marinha argentina. Ao ver o desenho, o peso que tinha sido retirado quando o guarda removera as algemas regressou como se fosse um jugo. Apercebeu-se de que as ordens que haviam ditado estas tarefas, os próprios aprisionamentos, deviam ter sido sancionadas pelas pessoas que trabalhavam mesmo no topo da Casa Rosada. Conforme pegou no caderno, imaginou as suas mãos e os seus pés a pender de fios, agitando-se no ar enquanto o General Videla o observava de cima e sorria com todos os dentes por baixo do seu bigode farfalhudo. E ali, na plateia à sua frente, os seus pais, os seus avós e Fabián, todos a verem com vergonha e desilusão. Luciano hesitou, mas as extensas lesões nos seus antebraços, verdes por causa da infeção, lembraram-no de que colaborar poderia salvar-lhe a vida.

Analizou a carta à sua frente. As palavras fugiam-lhe enquanto olhava fixamente para a página, desejando estar de regresso ao seu café favorito, onde compunha ensaios enquanto as velas ao seu lado se iam afunilando em cascatas de cera solidificada. O nome no final da carta era John Baxter, a morada, uma rua em Washington. Luciano ouvira rumores de que o governo americano canalizava dinheiro para a Argentina, cego à crueldade da junta militar, mas este documento continha um espanhol perfeito. *Para os devidos efeitos oficiais... visita autorizada... Estados Unidos da América...* Ele leu-a toda duas vezes até perceber que precisavam de uma

tradução para criar uma falsificação para conseguirem infiltrar mais dos seus contactos nos Estados Unidos. Ao seu lado, Gabriel colava um conjunto de fotografias iguais em vários passaportes: um uruguaio, um espanhol, um brasileiro. Luciano reconheceu das notícias o rosto nas fotografias, um proeminente comandante da Marinha.

Um guarda apareceu com um *croissant* e uma chávena de café acabado de fazer para o supervisor. Os dois homens conversaram em voz baixa e Luciano aproveitou para olhar bem para o guarda. A curvatura em gancho das mãos do guarda e os seus dedos finos indicaram-lhe que era Falcão. Quando ele se virou, os seus olhares cruzaram-se. Ele teria provavelmente apenas dezoito anos, o tipo de indivíduo com quem Luciano se podia cruzar no cinema ou num concerto de *rock*. Falcão levantou a cabeça e saiu da sala.

Luciano tamborilou com a caneta para que a tinta comesse a fluir e começou com a primeira frase da carta. A língua enredava-se em nós e as frases demoraram a desembrulhar-se. *Com base nas informações submetidas pelo requerente, Dr. R. L. Londres, a 21 de dezembro de 1976, venho com prazer informá-lo de que foi concedido ao beneficiário, Sr. Jorge Emanuel Castrol, um visto para múltiplas visitas de negócios, produzindo efeitos a partir do dia 19 de abril de 1977.* Passou à frente das poucas palavras em inglês que não conhecia e estava a terminar o segundo parágrafo quando começou a ouvir-se música no corredor. Uma gravação relaxante de uma peça clássica, piano e instrumentos de sopro. Luciano afastou a sua surpresa e tentou deixar a música acalmar-lhe os nervos, imaginando-se a escrever um relatório na mesa da cozinha enquanto ouvia a sonata preferida do pai.

O grito surgiu como a ponta em brasa de um atizador. A súplica angustiante de uma mulher seguida de outra súplica, esta um urro grave, profundo.

— Meu Deus! Não!

Os outros mantiveram-se curvados sobre o seu trabalho, a colarem e a escreverem, enquanto o homem já quase sem cabelo

os observava, divertido. Luciano tentou ver os olhos dos outros, mas os seus rostos estavam inexpressivos, estáticos, como se os estivesse a ver no ecrã de um televisor. Baixou a cabeça e olhou fixamente para a sua transcrição. A palavra «viagem» borrou-se numa névoa de tinta azul enquanto os gritos da mulher iam preenchendo o ar, cada vez mais audíveis, mais desesperados, até se silenciarem de repente, deixando apenas o som da gravação clássica a tocar.

Quinze horas diárias de trabalho manual, sem pausas. No seu primeiro dia, Luciano aprendeu a calcular o tempo através do televisor que existia no outro lado da divisória, que os guardas usavam para abafar os sons da tortura quando não ligavam a música. Aumentavam o volume durante os jogos de futebol e baixavam-no durante o noticiário da noite, pelo que assim, a certas horas, servia de relógio.

Durante três dias, Luciano canalizou toda a sua energia para as traduções, esperando que o empenho o distraísse dos gritos persistentes. Três convites, duas aprovações de vistos e um longo e palavroso artigo destinado à Associated Press, enaltecendo os grandes passos que a Argentina tinha tomado para a extinção do «abominável comunismo». O artigo permitiu-lhe praticar as suas aptidões jornalísticas e ele tomou algumas liberdades para criar o que esperava que fosse uma prosa elegante e segura. Uma ou duas vezes, o matraquear das máquinas de escrever e o arranhar dos lápis conseguiram ludibriar a sua mente e fazê-lo pensar que estava de volta à biblioteca da universidade a escrever um ensaio. Entre tarefas, interrogou-se sobre o significado do trabalho que estava a fazer e lançou olhares a Gabriel, na esperança de ver uma expressão tranquilizadora ou algum tipo de reconhecimento da culpa que partilhavam, mas Gabriel estava concentrado nos passaportes, molhando um carimbo em tinta e aplicando cuidadosamente o selo americano em visto após visto. Luciano tentou livrar-se dos espinhos da culpa, tentou convencer-se a si próprio de que traduzir propaganda não causaria nenhuma dor, que

umas quantas frases em inglês não poderiam matar ninguém, não diretamente.

Quando regressou à sua cela na terceira noite, não conseguiu dormir. Da sua direita, chegavam-lhe os roncos suaves de Gabriel; da esquerda, o silêncio da rapariga. Os passos do guarda passeavam-se pelo chão, juntamente com o doce fumo do seu cigarro de mentol. Luciano respirava de forma superficial para manter o capuz fresco. Após cada turno, sentia-se como se estivesse a entrar numa noite amazónica peganhenta, onde insetos venenosos e criaturas de olhos amarelos se escondiam nas copas. Sentia-se encurralado, incapaz de fugir ou de sequer se mover.

Um prisioneiro ali perto chamou pelo guarda, cujas passadas ecoaram pelo corredor. Uma cela abriu-se e qualquer coisa vazia embateu no chão — provavelmente uma garrafa para urinar — antes de a porta se tornar a fechar. Rebolou até ficar deitado de costas para ver a difusa bola de luz em cima de si, a brilhar como um sol distante. Ainda conseguia sentir os sulcos que deixara no papel ao transcrever as mentiras do governo. Cerrando o maxilar, afastou esses pensamentos, vasculhando os cantos da sua mente em busca de outra coisa. Apareceu uma escada. Após encostá-la à parede da cave, desaparafusou os parafusos de um respiradouro, espremeu-se pelo buraco, atravessou a relva, passou por cima dos canteiros, seguiu pela estrada fora, atravessou a cidade, até chegar aos degraus do seu prédio. Pondo-se de pé, retirou a chave do bolso e entrou em casa.

Um queixume vindo da direita arrancou-o da névoa. Os seus músculos ficaram novamente tensos e bateu com os punhos contra o colchão, fazendo com que as algemas chocalhassem. Por muito que tentasse perder-se em memórias de Fabián, dos seus amigos, da sua mãe e do seu pai, tudo pairava sobre si como um enxame de insetos.

Na noite anterior, batera na parede de contraplacado e perguntara a Gabriel se ele sabia onde estavam detidos. ESMA, respondera Gabriel, a Escola Naval de Mecânica. Luciano já lá

passara em frente, de autocarro. A academia formava um enorme complexo de edifícios de estuque branco, com telhados cobertos de telhas vermelhas, cercado por uma vedação em todo o seu perímetro.

Concentração. Os professores na escola de jornalismo salientavam a importância de os repórteres canalizarem as suas ideias. Ele já começava a sentir as coisas a fugirem-lhe, as memórias obstruídas por aqueles olhos amarelos e pelas figuras instáveis. Se ele não conseguisse agarrar-se aos seus próprios pensamentos, enlouqueceria. Tinha mesmo de se concentrar.

Muito antes de se inscrever no curso, procurara a aprovação do pai numa das suas primeiras tentativas jornalísticas, uma peça sobre um parque do bairro que fora avassalado pela pequena criminalidade: roubo de bicicletas e um vândalo que andava a pintar suásticas nos caixotes de lixo. Durante quase uma semana, andou com o artigo para todo o lado enfiado na mochila da escola, com a esperança de apanhar o pai de bom humor. Naquela quinta-feira, a mãe ficou com o turno da noite no hospital, deixando-o a ele e ao pai sozinhos. Claro que isso significou um *asado* na churrasqueira a alguns quarteirões de distância. Luciano tamborilou com os dedos na cadeira, com ansiedade, até o empregado trazer o cesto do pão. Então, fez deslizar o artigo pela mesa.

— É só uma coisa em que tenho estado a trabalhar. Talvez gostes de ler.

O pai pegou-lhe sem comentar e analisou o primeiro parágrafo até que parou, tirou os óculos de leitura e segurou no artigo.

— Lavagem cerebral fascista e carrinhos de bebé? O que é que estás a tentar dizer aqui? Não consegues escrever nada coerente se não conheceres a tua audiência.

Luciano anuiu com a cabeça e encafuou as páginas novamente na mochila. Comeram o resto da refeição em silêncio, até que o pai murmurou qualquer coisa sobre terem de se despachar a ir para casa para ele acabar de analisar os relatórios da fábrica. Envergonhado pela aparente falta de interesse do pai, Luciano

amuara durante alguns dias e jurou nunca mais mostrar o que escrevia ao pai, que, por sua vez, nunca lhe pediu para ler.

Luciano permaneceu muito parado na sua cela enquanto pensava na observação do pai. Imaginava o peso da sua caneta de tinta permanente preferida, cor de jade, entre os dedos, um bloco de linhas à sua frente. Na sua mente, começou a escrever.

Querido pai,

Como foste capaz de... Querido pai, a sério, em que é que estavas a pensar? Querido pai, quando eles me foram buscar, tu, tu simplesmente ficaste para lá sentado. Os teus olhos estavam tão frios, pareciam glaciares. Querido pai, quando eles me foram buscar, porque é que não os tentaste subornar, ou mentir e dizer que eu tinha passado a noite em casa? Porque é que não fizeste qualquer coisa, qualquer coisa que fosse? Seu cobarde.

Na noite do comício, *mamá* tinha calçados os seus sapatos de enfermeira debaixo da saia, enquanto punha a mesa, certificando-se de que colocava os talheres exatamente perpendiculares ao rebordo da mesa, tal como *papá* gostava. Tinha o cabelo apanhado atrás, tal como *papá* gostava, tudo tal como ele gostava. Ela estava sempre a olhar para as horas e quando ele finalmente chegou a casa, vindo do emprego na fábrica da *Opel*, deu um débil beijo na face da mulher e acenou com a cabeça a Luciano antes de se sentar para comer. Terça-feira era dia de *pasta*, a receita especial da sua *nonna*, que ela aprendera a cozinhar quando era criança, em Itália. O aroma do azeite e do tomilho enchia a cozinha enquanto *mamá* rezava, mas *papá* estava obcecado com o jogo de futebol que dava no televisor da sala. Isso distraiu-o durante a maior parte do jantar, por isso provavelmente não reparou no quão pouco Luciano comera. Quando *mamá* perguntou a Luciano o que tencionava fazer nessa noite, *papá* interrompeu-a, batendo com o garfo na mesa — os Boca Juniors haviam sofrido um penálti.

Estás sempre preso no teu mundo, não estás? Tu nunca... Ainda considereei a possibilidade de te contar sobre o comício. Mas isso teria apenas, tu terias apenas praguejado e ter-me-ias chamado idiota por estar a arriscar-me daquela maneira. «Envolveres-te só te vai trazer problemas», terias dito, ou «Protestantes estouvados estão mesmo a pedir para serem mortos». Ter-me-ias lembrado das pessoas que

conheceras na Alemanha, do destino daqueles políticos e artistas que tentaram desafiar Hitler. Isso poderia ter sido o suficiente para me fazer hesitar, para me convencer a ficar em casa. Em vez disso, fui-me embora mesmo antes de o jogo acabar, mas tu nem reparaste. Nem sequer te deste ao trabalho de levantar a cabeça quando me dirigi para a porta. Quem me dera poder dizer que isso não era habitual.

Será que o pai pensava que Luciano fora o causador do seu próprio destino? Não estaria errado. Quando Luciano aderiu à Juventude Universitária Peronista — a JUP — não percebera bem o que era aquilo. Os membros tratavam-se uns aos outros como se fossem uma família, um tipo de união e respeito que ele nunca sentira em casa. Tratavam-se uns aos outros por alcunhas — ele tornou-se «Liebre», porque corria como uma lebre no campo de futebol. Foi Fabián quem o convenceu de tudo. Luciano sabia, como qualquer pessoa, que a Argentina tinha de mudar, mas já havia visto parangonas suficientes sobre os Montoneros — bombas em parques de estacionamento, assassinatos, tiroteios — para ter um pé atrás em relação às táticas da JUP.

Coisa perigosa, marcar uma posição. Disseste-me isso uma dezena de vezes. Mas, pai, estes estudantes têm uma mensagem muito forte. Eles prometem que, eles garantem que podemos pôr a mudança em marcha, começando com os estudantes, aquelas universidades podem servir de plataforma para se dirigirem às massas. Em vez de nos sentarmos com medo, observando o país a despedaçar-se, podemos agir.

Alguns estudantes obtiveram armas, só por precaução, mas Luciano limitara-se a alguns comícios ocasionais. Na noite da sua captura, cantaram frases de protesto e marcharam em frente ao Palácio do Congresso até ficarem roucos. «Chega de medo!» Acenaram com *sparklers* à sua roda, enquanto Fabián se pôs à frente do grupo para fazer o seu discurso, incitando os militares a devolverem o poder ao povo. A noite crepitava de energia; todos acreditavam que estavam à beira da mudança.

Pai, tu não queres saber o que... Pai, vou-te poupar aos pormenores do que me fizeram. Mas aposto que ficarias surpreendido se soubesses onde nos estão a manter... e digo «nos» porque parece haver centenas de nós aqui, mas não

conseguiria adivinhar o número exato. É de loucos pensar que vários milhares de pessoas devem passar em frente a este edifício todos os dias sem se aperceberem. O estudante na cela ao lado diz que estamos presos nos alojamentos dos oficiais, na ESMA. Ao que parece, há outro piso de pessoas detidas acima de nós, no sótão. Mas não percebo como é que estes oficiais são capazes de viver no piso abaixo de nós. Alguns têm as mulheres e os filhos com eles. Simplesmente não faz... como é que conseguem viver o seu dia a dia sabendo o que os rodeia? Pai, tu uma vez disseste que não existe verdadeiramente maldade neste mundo, que é tudo uma questão de circunstâncias. Pergunto-me se dirás isso a ti próprio para não teres de encarar o que aconteceu no teu próprio país. Porque como é que alguém consegue ouvir os gritos das mulheres torturadas e ainda assim dormir à noite? Como pode alguém comer bife e beber champanhe enquanto morremos à fome por cima das suas cabeças, envergando as nossas roupas nojentas? Se isso não é maldade, então o que é?

Pai, chamam ao nosso piso La Capucha, provavelmente por causa destes malditos capuzes. Ontem, quando chamei para ir à casa de banho, um guarda pontapeou-me, deu-me um pontapé no raio da cabeça! «Tu não és nada», disse ele. «Ninguém está à tua procura, ninguém quer saber se estás vivo.»

Agora, diz-me: Quantas vezes consegues ouvir uma coisa dessas até começares a acreditar?

CAPÍTULO DEZ

MARIJKE
21 DE AGOSTO DE 1943
BUCHENWALD

Naquela que foi a sua sétima visita, Karl perguntou-me se eu gostava do sexo com ele.

Fitei os seus pés nus enquanto permanecíamos deitados na cama.

— Sim, senhor. — Não era totalmente mentira.

— Senhor? — Ele passou com um dedo pelas minhas costas. — Porque é que nunca dizes o meu nome?

Inicialmente, não percebi onde é que ele queria chegar. Eu estava a mostrar-lhe o respeito que ele acreditava merecer. Mas depois pensei nos prisioneiros, pensei que tantos deles só queriam sentir o toque de outra pessoa, o calor do abraço de uma mulher. Talvez a vida de um nazi também fosse solitária. Karl entrava sempre no *koberzimmer* com um olhar duro e movimentos rígidos, mas, poucos minutos depois, havia algo dentro dele que amolecia e a ternura regressava aos seus olhos. A meiguice que se seguia parecia pertencer a um homem diferente, a alguém que ele enterrara nas profundezas do seu ser. Mesmo que esse fosse o caso, ninguém que conseguisse destroçar uma família ou matar pessoas inocentes merecia ser tratado como um homem comum.

Karl aclarou a garganta.

— Há uma razão para eu continuar a vir aqui. Não visito nenhuma das outras raparigas, nem aqui nem nas... instalações das SS.

— Casa de putas.

— Marijke.

— É isso que aquilo é, quer se esteja a pagar, quer não.

Ele virou o meu queixo para si.

— Pensas em mim como o tipo de homem que anda atrás de um pedaço de carne?

— Quer mesmo uma resposta sincera a essa pergunta?

Com um suspiro audível, ele deixou cair a mão que me sustinha o queixo.

— Não sei porque é que ainda me importo com aquilo que tu pensas.

No chão, do outro lado do quarto, a pistola dele jazia em cima de um monte de roupas com o cano virado mesmo para mim. Como seria pegar nela, alinhar todos os guardas, os homens de topo das SS, e vingar os inocentes um a um? A ideia era tão tentadora quanto angustiante. Karl levantou-se, mas percebi os movimentos irritados dos pulsos enquanto apertava as botas e girava a maçaneta da porta.

— Da próxima vez, podes não ter tanta sorte. Olha que há muitos lobos por aí.

Duas semanas depois, acordei e ouvi uma música a tocar baixinho pelos altifalantes. A chamada. Mas não era Zarah Leander. Naquele dia, estavam a tocar Schubert. Sorri, apesar de tudo. Seguramente, não era nenhuma coincidência, mas sim um gesto de Karl. Ao pequeno-almoço, chegou um pacote embrulhado em papel pardo e marcado com o meu nome. Lá dentro, vinha um violino.

Eu nunca tinha visto um instrumento tão bonito. Recusei-me a tocar por minha própria iniciativa. Os meus dedos deslizaram sobre o abeto envernizado e cheguei mesmo a erguer o violino até ao queixo, mas o arco permaneceu pousado ao meu lado. Tive medo daquilo que pudesse desencadear. Ao virá-lo, vi a inscrição que tinha de lado e fiquei sem fôlego da primeira vez que a li e reli. Feito em Nápoles em 1761 pelo famoso *luthier* Nicolò Gagliano. Uma peça de valor inestimável, um instrumento de sonho para qualquer violinista. Contudo, tinha vindo parar ao meu colo, muito provavelmente pilhado da casa de uma herdeira judia ou de uma

exuberante cantora de ópera, e perceber isso fez-me guardá-lo para não o ver mais.

Karl criou o hábito de aparecer já a noite ia avançada, depois de eu ter cumprido a minha dose de prisioneiros, cada um deles mais magro e mais pálido do que o anterior e nenhum dos quais tinha ouvido falar de um professor de história muito calado chamado Theo de Graaf. Cada noite que passava diminuía a minha esperança de encontrar o meu marido, mas nunca deixei de perguntar. Apenas os prisioneiros privilegiados recebiam permissão para visitarem o bordel, o que significava que os nossos clientes tinham condições de saúde e higiene um pouco melhores do que os outros, o que, para nós, era uma pequena bênção. As outras raparigas já estavam habituadas à rotina do bordel: o aprumo meticuloso, o prazer fingido, as eternas compressas para as doenças venéreas. Sophia arranjou uma espécie de namorado, um camarada comunista chamado Friedrich, que a requisitava pelo número do *koberzimmer* e que lhe traficava salsichas e garrafinhas de gim. Ela fartava-se de falar nele a quem a quisesse ouvir. No entanto, a supervisora do bordel apercebera-se da história e começara a mudar os números dos *koberzimmer* que nos eram atribuídos na esperança de impedir que esse tipo de relacionamento se desenvolvesse mais.

As visitas de Karl já não me assustavam. Sóbrio, ele agia de forma muito civilizada, e havia algo que me intrigava nos seus modos austeros, uma vulnerabilidade oculta. Mas ele continuava a ser o inimigo.

Eu aguardava-o no *koberzimmer* com um robe de seda lilás que chegara no dia a seguir ao violino, mais como uma expectativa do que como um presente. Quando entrava, já não corria para mim como fazia no início. Pegava-me no queixo, inclinava-me a cabeça fazendo com que ficasse a encará-lo e beijava-me.

Na cama, não fazia quaisquer exigências. Havia noites em que era como um fogo desenfreado e investia contra mim com uma fúria enlouquecida. De outras vezes, os movimentos dele eram lentos e saboreados. Se eu estremecia com alguma dor, ele parava até que

desaparecesse, e quando acabava tudo, ele deixava-se ficar, deitando a cabeça no meu peito enquanto narrava a história da sua vida. Falou-me na subida na hierarquia militar, no seu encontro favorável com Himmler, mas eu preferia as memórias de antes da guerra, as histórias acerca da herdade da família em Munique, os seus dois braços alemães de pelo cerdoso, *Axel* e *Faust*, e do seu noivado desfeito. Passei muito tempo a tentar imaginar a sua antiga noiva, tentando compreender que tipo de mulher conseguiria amar um homem capaz de supervisionar tanto terror.

No dia em que as primeiras folhas de outono foram arrancadas dos ramos das árvores na rua, dei por mim a pensar em Karl. Havia algo de tão triste naquelas folhas cor de laranja, na forma como esvoaçavam ao vento, como eram chicoteadas para o outro lado da estrada e acertavam nos blocos da enfermaria, onde dezenas de homens davam os seus últimos suspiros. Pensei nos braços dele em meu redor, na forma como pareciam bloquear tudo até não existir mais nada fora daquele *koberzimmer* minúsculo: não havia campos de batalha, campos de concentração, marido. Com os outros visitantes, conseguia induzir em mim uma espécie de transe, uma realidade muito distante, mas Karl dificultava a distração com todas as suas perguntas, com a sua imprevisibilidade.

Talvez ele percebesse o efeito que tinha em mim porque, naquela noite, ficou mais tempo do que o habitual, deitado ao meu lado, afagando o meu cabelo. Ele estava a massajar-me a nuca quando parou, afastando um caracol da minha orelha.

— A minha mãe costumava dizer que o cabelo grisalho era uma coroa de glória, a prova de uma vida reta.

— Do que é que estás a falar?

— Tens algumas madeixas cinzentas.

— Isso não me surpreende.

— És demasiado nova para isso.

— Em Ravensbrück, uma rapariga com vinte e seis anos ficou com o cabelo todo branco quase do dia para a noite depois de a

irmã ter morrido com febre tifoide.

Ele virou-se e ficou deitado de costas.

— Tenho muita pena.

Aquelas palavras apanharam-me de surpresa; era demasiado tarde para pedidos de desculpa.

— De quê?

— Que isto esteja a acontecer.

— A mim?

— Ao teu povo.

Sentei-me e fitei-o, furiosa.

— Então e os judeus? Os comunistas? Os ciganos? Então e esses todos?

— Eu não pus ninguém aqui dentro deste campo. Só cumpro ordens.

— Mas aderiu ao partido, por isso em que é que acredita realmente?

— Sabes, eu antes pensava... — Ele calou-se.

— O quê?

— Não, nada.

— Pode ser sincero comigo, sabe?

Ele hesitou, começou a dizer qualquer coisa, mas travou-se antes de recomeçar.

— O meu melhor amigo na escola primária era judeu. O Aaron Stein. Sentávamo-nos ao lado um do outro na fila de trás e picávamos os dedos com agulhas para podermos ser irmãos de sangue. — O rosto dele ensombrou-se. — Eu não devia estar a contar-te esta história. Ninguém aqui sabe disto.

— Acha que o vou denunciar ao *kommandant*?

Karl sorriu um pouco, mas parecia preso nas suas próprias memórias.

— Ele sempre foi mais corajoso do que eu, melhor explorador. Naquela altura, eu só queria ficar sentado a brincar com soldadinhos de chumbo, a travar batalhas como o meu pai. O Aaron era aquele

que se esgueirava para cima dos telhados e que nos conduzia em missões de espionagem por entre os velhos armazéns.

— O que é que lhe aconteceu?

Ele engoliu em seco.

— Não sei. Não quero saber.

Tentei filtrar os meus pensamentos, livrando-os dos de Karl e deixando apenas as memórias de Theo, mas foi em vão. Por muito que tentasse evitar, o olhar dele não parava de se cruzar com o meu, tamanha era a intensidade daqueles olhos que continham as chamas do gás.

— Tocas alguma coisa para mim? — pediu Karl.

— Tenho o violino no meu quarto.

— Vai buscá-lo.

Apertei o robe e entrei na zona dos quartos. Sophia ergueu a cabeça com curiosidade quando fui buscar o violino, mas não disse uma palavra. Quando regresssei, Karl estava sentado, encostado à parede, e reparei que já tinha vestido a roupa interior. Ele apontou para o instrumento.

— Gostas?

— É lindo.

Um olhar de satisfação passou-lhe pelo rosto.

— O que é que quer que eu toque?

— Qualquer coisa.

Quando ergui o violino, as árvores na rua gemeram ao vento e as tábuas do chão chiaram, ao que parecia, em antecipação. Ele observou-me a afiná-lo. Demorei o meu tempo, interrogando-me se ainda seria capaz de tocar depois de tanto tempo sem praticar. Mas quando fechei os olhos e o arco tocou nas cordas, a música regressou como uma tempestade de verão. Chopin: *Nocturno*, op. 9, n.º 2. Uma peça em que estivera a trabalhar antes de sermos capturados. Notas suaves, graduais, como se estivéssemos a flutuar no meio de um lago ao entardecer, com pirilampos sobre as nossas cabeças. O cheiro do molho de maçã a fazer sobre o fogão a lenha

da minha mãe. A lã áspera da camisola de Theo enquanto esquiávamos pelos canais.

Com o arco na minha mão, recordei algo e, durante alguns minutos, estive fora, longe do campo de concentração. Senti-me inocente e indestrutível, a mulher que fora em tempos. Não olhei para Karl até a peça terminar e o violino estar guardado dentro da caixa. Ele tinha os cantos dos olhos humedecidos. Pegou-me no pulso, puxou-me para os seus braços e pousou o queixo no meu cabelo, enquanto eu me debatia com uma mistura de aversão e conforto.

CAPÍTULO ONZE

KARL
15 DE SETEMBRO DE 1943
BUCHENWALD

O cinema do campo situava-se ao lado do local vedado onde se encontrava o bordel dos prisioneiros. Tal como a maioria dos edifícios no campo, era longo e desinteressante, feito de madeira, sem nada que o identificasse, nenhuma daquelas filas de luzes, letras douradas ou tapetes de veludo que ornamentavam os cinemas em Berlim. Quando se postou à sua frente, Karl tentou visualizar Else a dar-lhe a mão, excitada, numa das suas visitas, com a estola da mãe envolta em redor dos ombros enquanto perscrutava os títulos dos filmes.

À sua esquerda, uns quantos prisioneiros com ar esgazeado alinhavam-se nos degraus do bordel. Todos eles presos políticos ou criminosos. Himmler nunca deixaria judeus aproximarem-se do bordel.

Como lhe acontecera tantas vezes ao longo daquele dia, a sua mente centrou-se em Marijke, nos movimentos da língua dela na sua boca, na curvatura arqueada das costas dela sob os seus dedos. Algo dentro dele cerrou-se ao ver aquela turba, a ideia de que ele tocara a mesma mulher que aqueles delinquentes. Mas varreu esse pensamento, endireitou o chapéu e entrou no cinema. Grupos de oficiais das SS encontravam-se reunidos no átrio, enquanto outros estavam sentados nas filas de cadeiras. A iluminação era fraca, o interior tão desinteressante como o exterior, e o ar quente e abafado zunia com o ruído das conversas. Brandt chamou-o do outro lado do salão.

Quando Karl se aproximou, Brandt passou-lhe um copo de genebra.

— Folgo em vê-lo aqui, Müller.

Mais ninguém tinha uma bebida. Alguns dos oficiais na fila de trás observavam Karl e inclinavam-se para falarem entre eles. Karl sentiu uma pontada de paranoia, a mesma apreensão que certa vez sentira quando se juntou aos escuteiros no final da época, o único no agrupamento que não sabia fazer uma fogueira. Mas os homens viraram-se para o outro lado, desviando a atenção para um bloco de madeira que servia para amarrar aqueles que eram condenados a levar chicotadas e que havia sido encafuado a um canto entre as vassouras e um velho projetor.

Brandt viu para onde ele estava a olhar.

— Não existe espaço de arrumação suficiente para tudo o que este campo precisa para funcionar. Se os nossos números continuarem a aumentar, teremos de pensar em instalar permanentemente cepos e cadafalsos.

Karl acenou com a cabeça e bebericou da sua bebida.

— Então, que filme vão passar esta noite?

— Uma das grandes obras-primas do cinema alemão. Podemos estar longe de Berlim, mas isso não significa que tenhamos de passar ao lado do melhor que a vida tem para oferecer. — Brandt fez a genebra rodopiar no copo e olhou para Karl por cima da armação dos óculos. Tinha os lábios húmidos. — Tenho a certeza de que já o viu, mas será bom para si vê-lo novamente.

Karl ficou a pensar no significado daquelas palavras.

— Claro, *Kommandant*. Será uma honra.

O *kommandant* terminou a bebida e encheu o peito de ar, o que fez a lapela do seu uniforme abrir-se e revelar a camisa. Fez sinal a um homem ali próximo, que se apressou a sair. Pouco depois, soou uma campainha e Brandt ordenou a toda a gente que se sentasse. Karl seguiu-o para os dois lugares vazios na fila da frente. As luzes diminuíram e o ecrã acendeu-se com um crepitar.

Jud Süss [O Judeu Süss]. Ele já vira parte do filme anteriormente, com colegas em Berlim, mas tivera de se retirar a meio devido a uma má disposição, castigo de uma noitada bem regada na véspera. Os créditos iniciais começaram a rolar, acompanhados de

música teatral. Uma mensagem surgiu: «Os eventos representados neste filme são baseados em factos verídicos.» De seguida, uma data e um local: 1733, Estugarda — a coroação de Carlos Alexandre, duque de Württemberg. Faixas e grinaldas a cobrirem as ruas da cidade e o povo a aplaudir, correndo para saudar o duque à passagem da sua carruagem. Roupas bonitas, um palácio sumptuoso. Soldados a marcharem em perfeita sintonia. A música mudou para um tom mais sombrio e a cena foi cortada para um sinal em língua hebraica no meio de um gueto a abarrotar de gente. Homens com barbas longas e desleixadas, olhares malandros. Karl recordou-se do enredo. O judeu, Süß, concorda em ajudar a financiar o duque na condição de poder entrar na cidade, da qual os judeus há muito haviam sido banidos. Süß rapa a barba e as patilhas, veste-se como um cristão e infiltra-se de forma matreira no círculo de confiança do duque. Com logros e intrigas.

Karl olhou de soslaio para Brandt, que estava reclinado, a afagar o queixo e a ver com atenção enquanto a linda filha do vereador implorava ao judeu para salvar o marido aprisionado. Karl ainda não tinha visto esta parte e a sua mão apertou-se no braço da cadeira quando o judeu arrastou a bela Dorothea para a sua cama, imobilizando-a e violando-a.

Atrás de Karl, um par de oficiais resmungavam.

— Porcaria de judeu imundo — disse um.

— É matá-los a todos — disse outro.

Depois de o filme terminar e de regressarem às suas vivendas, Karl vestiu o robe e calçou os chinelos e retirou-se para o quarto com um copo de *brandy*. Na cama, pegou no livro que tinha na mesa de cabeceira. *A Vida das Plantas na Baviera* — muito manuseado e cheio de marcadores para todas as árvores e arbustos que lhe despertaram a atenção nos passeios que dava na sua terra ao entardecer. Folheou umas quantas páginas, em busca de uma imagem que se assemelhasse ao arbusto que se apoderara do alpendre da sua vivenda, antes de o colocar de lado com um suspiro.

A porta do guarda-roupa encravou quando a tentou abrir. Com um ligeiro puxão, a porta soltou-se e conseguiu alcançar o livro que se encontrava no fundo da sua mala de viagem. As páginas não estavam tão desgastadas como as do guia das plantas, apesar de ter recebido ambos no mesmo ano. Abriu a capa para estudar a inscrição que se encontrava no início:

Karl, podemos esperar grandes coisas deste homem. Lê isto com atenção. Ele é a resposta que a Alemanha procura. Estou certo disso.

Feliz Natal.

Com amor, Papá.

A última linha estava escrita com a letra floreada da mãe, como se ela tivesse decidido compensar a falta de afeto por parte do pai. Com um gole de *brandy*, virou a página e começou a ler. *A Minha Luta*, de Adolf Hitler. *Volume I: Um Ajuste de Contas*.

Durante uma semana, trancou-se no escritório, noite após noite, sentado à secretária com um monte de livros e jornais velhos. Artigos sobre a ascensão do *Führer* ao poder, cópias dos seus decretos, dos ensaios de Goebbels e dos discursos de Himmler. Panfleto atrás de panfleto: «O Judeu Como Parasita Mundial». «O Que Significa Realmente a Bolchevização?» Examinou as tabelas raciais elaboradas para os consultórios médicos e leu por duas vezes o livrinho das SS sobre a teoria racial de uma ponta à outra. Tal como as plantas e os animais se diferenciavam segundo a espécie, defendia o livrinho, também assim era com os seres humanos. Diferentes raças herdavam características diferentes, o que tornava uns mais aptos à sobrevivência do que outros. O livrinho exibia uma fotografia de uma quinta alemã em terreno conquistado ao mar ao lado da fotografia de uma quinta russa em fértil terreno ucraniano. A casa da quinta alemã parecia extensa e robusta, enquanto os russos pareciam apenas ter conseguido construir um barracão tosco. O texto explicava que a raça judia era fruto da mistura de uma série de raças e que as características

negativas dessas raças se haviam juntado e potenciado ao longo de gerações. Os judeus eram parasitas sem terra: agarravam-se aos países anfitriões e mesclavam-se com os autóctones, adaptando-se, ajustando a sua linguagem, às vezes vestindo-se até como cristãos. Procurando dominar a economia local, linhagens de sangue corruptas. Tal como Süss no filme. E a Alemanha estava longe de ser o único país a reconhecer esta verdade. Recordava-se do barco a abarrotar de judeus que tentara atracar em Cuba alguns anos antes. Os cubanos não haviam sido parvos nenhuns e não os deixaram invadir o país, e nele se infiltrarem com os seus ardis. Até mesmo os americanos os tinham mandado embora. Todos os países por aí abaixo até à Argentina estavam a fechar as portas à imigração. Pelo que ouvira, agentes alemães na Argentina estavam a fazer um excelente trabalho em angariar apoio para a causa nazi e a educar os habitantes locais sobre os perigos dos parasitas judeus.

A palavra «parasita» parecia-lhe dura, mas pensou no seu guia das plantas, nas árvores que ele conhecia desde a infância. Colónias de *Heracleum mantegazzianum* — sempre-noiva-gigante — invadiram as terras em redor do lago, sufocando as plantas mais baixas que não conseguiam competir pela luz do sol. Aquelas plantas eram ervas daninhas do pior que havia. A sua seiva podia queimar a pele a quem se aproximasse demasiado delas. Mas os alemães não eram como as plantas pequenas. Eram como o abeto-branco, alto e orgulhoso.

Quando reduzida a uma ciência, a teoria racial fazia sentido. Durante séculos, a raça nórdica provara a sua superioridade. Linda arquitetura, música gloriosa, governantes fortes e capazes. E quando a existência do seu povo estava ameaçada por uma espécie invasora, não era perfeitamente natural que se protegessem as fundações do *Reich*? Esta guerra mundial, concluía o livrinho, não era simplesmente uma guerra entre nações, era a luta do povo alemão para salvar a sua raça da turbulência e da degradação.

A sua pesquisa virou-se para os relatórios de correspondentes de guerra do *Völkischer Beobachter*, que narravam os corajosos

esforços alemães em Estalinegrado, os desejos de Churchill para frustrar o povo alemão, para o fazer sofrer como haviam feito após Versalhes. Quanto mais lia, mais pensava nos muitos camaradas que o seu pai vira sucumbir aos seus pés nos campos de batalha. A Tríplice *Entente* agira de forma igualmente impiedosa durante a Primeira Guerra Mundial, mas após o seu término, trataram os alemães como se tivessem sido os únicos agressores. Pontapearam-nos pelos joelhos e escarneceram deles quando estes se curvaram. Roubaram-lhes homens valiosos e depois deixaram-nos a morrer à fome, enquanto se enchiam de dinheiro à custa das compensações que os obrigaram a pagar. Depois de verem como a Alemanha era capaz de se erguer novamente e tornar-se uma nação mais forte do que nunca, os Aliados ficaram com medo. Como o próprio Goebbels dissera no seu discurso aquando do aniversário do *Führer*, o *Führer* fizera tudo o que era possível para evitar outro conflito entre nações, para terminar a guerra o mais depressa possível. Mas a Inglaterra tinha sede de poder.

— A confiança — clamara Goebbels — é a melhor arma moral da guerra. Quando essa começa a fraquejar, é porque chegou o princípio do fim.

Karl pensou seriamente na questão e ponderou sobre a sua própria hesitação quando confrontado com as execuções, com o filho do escultor. Seria ele demasiado fraco para aceitar a posição que lhe fora concedida? As suas responsabilidades? O *Führer* precisava que todos desempenhassem o seu papel para porem um fim à guerra, para impedirem a disseminação do caos bolchevique, para restaurarem o espírito nórdico à sua antiga glória. O *Führer* precisava de Karl.

No seu primeiro ano nas SS, Karl criara laços com dois colegas em Berlim, Rolf e Dietrich. Quando os três saíram de licença na mesma semana, foram praticar montanhismo para os Alpes da Baviera. Na tenda, aninharam-se juntos enquanto dormiam, por causa do frio. Mas na segunda noite, a mão de Rolf vagueou

debaixo da manta para ir repousar no pescoço de Karl e afagar-lhe a curva do maxilar. Karl afastou-a, mas não disse nada, assumindo que Rolf estava imerso em algum sonho. Na última noite aconteceu o mesmo, mas Karl não quis desencadear uma discussão ou dar a Dietrich a ideia errada, por isso empurrou Rolf e ficou-se por aí. Afinal de contas, dos três, era Rolf quem tinha a patente mais elevada. No caminho de regresso a Berlim, os três pararam em casa dos pais de Karl para almoçar. Entre pratos, o pai de Karl puxou-o para junto de si.

— Não te devias dar com esse Rolf. Pensei que ao menos conseguisses reparar nos sinais.

Karl não respondeu.

O pai disse-lhe que era indiscutível: as feições suaves e efeminadas de Rolf, o seu timbre de voz, a forma delicada como cortava a carne.

— Tens de o denunciar.

Karl protestou que não poderia trair um amigo, principalmente sem provas concretas.

— As crianças têm amigos; os homens têm camaradas. Não deixes que essas emoções mais próprias de uma mulher te distraiam do teu dever. Além disso, se escolhesses manter um homem desses no teu círculo, eu ficaria muito preocupado com o impacto que isso poderia vir a ter na tua reputação.

Passaram-se três semanas até Karl agir. Mas fê-lo e descobriu que não fora o único assediado por Rolf. Rolf foi enviado para umas instalações de correção para ser tratado e nunca mais regressou a Berlim.

O outono chegou cedo a Buchenwald. No final de outubro, as árvores em redor da vivenda de Karl tremiam à noite, tornando-se tão escanzeladas e miseráveis quanto os prisioneiros. Todas as noites, depois de o sol se pôr, o vento começava a soprar e os oficiais não paravam de se queixar do frio. Karl escapulia-se sempre

que possível. Os braços de Marijke, o calor dos seus beijos, levavam-no para longe de tudo.

Numa manhã fresca, acordou e viu geada. Finas camadas de gelo formaram-se sobre as poças de água e davam-lhe uma sensação de satisfação quando se rachavam, cedendo sob o seu peso, enquanto se dirigia para a parada. Os números do campo avolumaram-se acima dos trinta mil, apesar de esses valores oscilarem diariamente. Alguns morriam; outros eram transferidos para outro local e, ocasionalmente, aqueles que eram um «peso morto para o sistema» tinham de ser eliminados. Brandt agia como se cuspir termos vagos pudesse fazer com que os guardas se esquecessem do que andavam a fazer.

Enquanto Karl se mantinha em sentido a ouvir o oficial encarregado de fazer a chamada a berrar uma interminável lista de nomes, apercebera-se do quão insensível se tornara. Já não estremecia ao ver homens a colapsar à sua frente devido ao frio matinal. Os cadáveres que proliferavam pelo campo eram pouco mais que um inconveniente que era forçado a contornar, as incontáveis filas de prisioneiros eram meros números. Influxo económico, a unidade monetária do *Reich*.

Um grito emergiu do bloco de detenção situado junto à portaria. Karl manteve-se parado, com o cuidado de não deixar transparecer qualquer emoção à medida que os gritos dos torturados subiam de volume. O fumo do crematório misturava-se com o ar cortante, um odor fétido que se infiltrara na lã de cada uniforme que possuía. Até podia ter-se tornado cego às visões de morte, mas os cheiros e os sons eram impossíveis de evitar.

Vários prisioneiros na fila da frente encolheram-se com o som. A aragem acentuou-se e um deles estremeceu, vendo-se os seus dedos a espreitarem pela biqueira do sapato esquerdo. A imagem fez Karl pensar em Marijke a tremer na sua cama. O oficial das chamadas executava as suas funções com lentidão, por isso Karl informou-o de que tinha de tratar de outros assuntos e dirigiu-se ao

armazém de equipamentos a fim de procurar um aquecedor elétrico para o bordel.

Depois de tratar da sua entrega, atravessou novamente o campo dos prisioneiros. A banda filarmónica estava a tocar para acompanhar a marcha dos prisioneiros para os seus postos de trabalho, mas a música soava insípida e esgotada e o tocador de tuba parecia sufocar nas suas notas, como se já não tivesse ar nos pulmões. O sol que se erguia atingiu o terreno gelado da parada quando os prisioneiros começaram a dispersar. Quando Karl enveredou por entre dois conjuntos de edifícios no tranquilo canto noroeste, estacou. Dois homens estavam de pé no outro extremo do edifício, agarrados num abraço.

— Mas que raio é que vocês estão para aí a fazer?

Os prisioneiros separaram-se e deram meia-volta. Tinham as faces sem cor. E, claro, os seus uniformes ostentavam triângulos cor-de-rosa. Encolheram-se como cães vadios quando Karl marchou na sua direção.

— Onde é que vocês deviam estar agora?

O mais velho deu um passo em frente.

— Estava apenas a despedir-me, *Schutzhaftlagerführer*. — O prisioneiro hesitou. — Vou ser transferido.

— E agora ele está atrasado para o trabalho.

— Sinto muito, *Schutzhaftlagerführer*.

O outro homem encolhia-se, com receio de encarar Karl.

— E tu. — Karl apontou para ele. — Em que *kommando* é que estás?

O prisioneiro balbuciou o nome da fábrica de munições com um sotaque que o denunciava como berlinense.

— De agora em diante, vais cavar valas.

O prisioneiro acenou, ainda focado no chão. Karl tomou nota dos números deles e estava prestes a deixá-los ir quando reparou num grupo de guardas que se juntara a observar. Um oficial estava a contornar um dos blocos, quando se apercebeu e interrompeu a marcha para se aproximar. Hoffmann.

— Está tudo bem, *Schutzhaftlagerführer*? — perguntou Hoffmann.
— Precisa de alguma ajuda?

— Está tudo controlado.

— Estes maricas estão outra vez a fazer das suas?

— Já tratei do assunto.

— Sabe, *Schutzhaftlagerführer*, na semana passada apanhei o lingrinhas a apalpar o grandalhão. — O brilho nos seus olhos indicava que estava a mentir. — O *kommandant* diz que não há lugar para segundas oportunidades.

Karl pigarreou.

— Sei perfeitamente o que o *kommandant* disse. Pode ir, Hoffmann.

Hoffmann afastou-se relutante, mas os outros guardas mantiveram-se suficientemente perto para poderem ouvir. Os ombros dos prisioneiros descaíram, aliviados, o que fez Karl ficar irritado. Tomavam-no por um fraco, provavelmente acharam que ele os deixaria safarem-se, mesmo com toda a gente a ver.

— Será que um de vocês me pode dizer o que é que o Himmler tem a dizer sobre os paneleiros? — perguntou.

Nenhum deles respondeu. O medo regressou aos seus olhos, acicatando-o. Não eram nada mais que fracas figuras, mariconços. Degenerados que iam contra a sociedade, contra a ciência.

— A homossexualidade está a poluir o *Reich*, a impedir a ascensão da raça ariana. — Os guardas aproximaram-se, por isso ele continuou a falar. — Vocês os dois são como ervas daninhas a contaminar o nosso jardim. Digam-me lá o que é que um bom jardineiro faz às ervas daninhas?

Um dos homens curvou-se como se tivesse levado um murro no estômago. Karl acenou aos guardas. Estes cercaram os prisioneiros, ergueram os seus bastões, as coronhas das armas, bem alto e baixaram-nos com força. Parte de Karl queria virar as costas, mas assistiu a cada golpe. Porcos dos paneleiros. Aqueles paneleiros nojentos de um raio. Repetiu a frase vezes e vezes sem

conta na sua mente. O impacto de metal contra a carne abafou os gritos dos homens.

Quando já não se conseguiam manter de pé, ergueu a mão.

— Já chega. Levem-nos. Metam-nos no próximo comboio para Auschwitz e certifiquem-se de que assim que lá chegarem vão logo para os chuveiros.

Tendo em consideração tudo o que Marijke sabia sobre a vida de Karl, ele sabia muito pouco sobre a dela. Preferia pensar nela como tendo estado sempre à sua espera, como se a história dela apenas tivesse começado quando os seus caminhos se cruzaram.

A sua violinistazinha, o seu fogo de artifício.

Num domingo, pensou nela enquanto estava na sua sala de estar a beber o seu café matinal, pensou em como seria tê-la sentada a seu lado envergando uma camisa de noite. Else costumava estar sempre à volta dele, levantando-se para lhe encher a caneca antes de ele ter terminado. Mas Marijke? Marijke estaria absorta no jornal, a ler sobre as críticas mais recentes à atuação da orquestra sinfónica, a especular porque é que o violoncelista estaria meio tom abaixo. Karl deu uma risada enquanto imaginava a cena.

As portas duplas abriram-se e um prisioneiro curvado entrou com um escadote. Deu um salto quando viu Karl.

— Sinto muito, *Schutzhaftlagerführer*, mas disseram-me para mudar estas lâmpadas. — Apontou para um par de luzes no teto, tão ténues que estavam reduzidas a um brilho baço. — Eu volto mais tarde.

Com um aceno da mão, Karl instruiu o prisioneiro para prosseguir e tentou regressar às suas fantasias com Marijke. O prisioneiro montou o escadote perto da estante e subiu para desenroscar a lâmpada velha. Parecia ter a mesma idade de Karl. Quando se curvou para colocar a lâmpada estragada numa prateleira, Karl imaginou o marido de Marijke, a inclinar-se para lhe passar um livro. Um homem sem nome, sem rosto, mas cuja imagem estava sempre

presente. Ali estavam eles, sentados de mãos dadas no sofá, Marijke a contemplá-lo com um sorriso melífluo.

A lâmpada chiou ao ser enroscada no casquilho. Karl apercebeu-se de um sabor estagnado na sua boca e bebeu um grande gole de café, interrogando-se se seria demasiado cedo para atacar o armário das bebidas.

O prisioneiro apercebeu-se de que Karl o observava e começou a mexer-se mais depressa.

— Já chega — disse Karl. — Podes acabar isso mais tarde.

O prisioneiro apressou-se a descer o escadote, ao ponto de quase o derrubar com a pressa de arrumar as coisas. Karl esperou até que ele saísse, pousou o café e encaminhou-se para o departamento de registos.

— Preciso de informações sobre um holandês — disse Karl ao prisioneiro que trabalhava como administrativo. — O nome é De Graaf.

— Sim, *Schutzhaftlagerführer*. Sabe o número?

— Chegou do campo de Vught no final da primavera. É tudo o que sei.

— Quer que lhe envie a informação para o seu gabinete, *Schutzhaftlagerführer*?

— Eu espero.

O funcionário saiu da sala. Passaram-se cinco minutos até ele regressar com alguns ficheiros.

— Chegaram dois homens com esse apelido na primavera.

O primeiro ficheiro mostrava alguém com rugas e com os dentes superiores muito salientes, mas cuja mulher se chamava Johanna. Karl passou para o segundo ficheiro. Theodoor De Graaf. Idade, vinte e cinco anos. O amor da vida de Marijke. O homem da fotografia encarou Karl. Tinha óculos e um rosto quadrado. O ficheiro indicava que tinha cabelo castanho e 185 centímetros de altura.

Karl ergueu o ficheiro.

— É este.

O funcionário trouxe outro ficheiro que listava os postos de trabalho que De Graaf tivera. Havia trabalhado como professor universitário em Amesterdão. Teria sido o seu cérebro a seduzir Marijke? Certamente não foram aquelas orelhas que faziam lembrar as velas desfraldadas de um navio. Sendo um prisioneiro político holandês, não lhe havia sido atribuído nenhum trabalho duro. Ao invés, pertencia ao destacamento de Proteção do Campo: prisioneiros responsáveis por guardar os armazéns à noite e supervisionar a limpeza do terreno, o tipo de trabalho que poderia garantir acesso ao sistema de recompensas. Ao bordel. O ficheiro indicava que trabalhava com afinco. Karl deu um puxão para aliviar o colarinho apertado do seu uniforme e fez um gesto para o funcionário se aproximar.

— Em que é que o posso ajudar mais, *Schutzhaftlagerführer*? — perguntou o prisioneiro.

— Quero uma cópia destes registos. Tudo o que tiveres sobre ele.

CAPÍTULO DOZE

LUCIANO
13 DE MAIO DE 1977
BUENOS AIRES

A mulher à esquerda de Luciano andava a fazer cada vez mais barulho. Às vezes, ele acordava com o ruído que ela fazia a vomitar, e ela murmurava coisas sem nexos sempre que ele regressava à sua cela. Numa noite, o estômago dela roncou tão alto que Luciano conseguiu ouvi-lo através da divisória. Ela chorou, um som que parecia o vento a sacudir a chuva das folhas nos ramos.

Luciano aproximou-se da divisória.

— Estás bem? — Não lhe ocorria mais nada para dizer.

O pranto dela cessou.

— Ele precisa de mais comida — acabou ela por sussurrar.

— Quem?

— O meu filho.

— O teu filho está aqui?

Aproximou-se alguém. Ele afastou-se da parede e os passos pararam. Um ruído suave veio do outro lado da divisória, como se a mulher tivesse lá encostado as mãos.

— Estou grávida.

Luciano tocou no seu próprio lado da divisória. Ele pensou em todas as vezes que ela pousara as mãos nos seus ombros durante a caminhada em fila indiana de regresso do pequeno-almoço. O seu toque frágil. Ela passava despercebida no meio de todos na sala de jantar, como uma boneca em segunda mão, com as costuras desgastadas. Talvez já tivesse sido muito bonita, mas, em todo o caso, ele não reparara em nenhuma protuberância na sua barriga.

— De quanto tempo estás?

— Quando aqui cheguei, estava de seis meses, mas acho que está quase na altura. — Fez uma pausa. — O pai dele está morto.

Mostraram-me a camisa dele cheia de sangue.

Luciano afastou a mão da parede e enterrou as unhas no tecido fino do colchão.

— Credo!

Ela ficou calada e ele pensou em dizer-lhe que sentia muito por ouvir aquilo, mas isso não significava nada.

— Levaram a tua mulher? — perguntou ela. — És casado?

Pensou em Fabián, nos seus lábios carnudos, curvados, na cicatriz no joelho daquela vez em que tentara saltar a balaustrada na biblioteca do *campus*, no vinco das suas mortalhas.

— Não.

Os passos regressaram, marcados por uma passada pouco familiar.

— Eles sabem do bebé? — perguntou Luciano, assim que se atreveu a falar.

— Não sei.

Duas noites depois, a cela da rapariga estava em silêncio. Luciano encostou o ouvido à divisória, bateu ligeiramente, mas não obteve resposta. E quando o guarda veio buscar toda a gente depois do pequeno-almoço, um novo par de mãos pousou nos ombros de Luciano.

Naquela tarde, enquanto o supervisor da secção de documentação saiu para beber mais um café, Luciano deu um toque no pé de Gabriel.

— A mulher grávida na cela ao nosso lado foi-se.

Dois dos outros presos ergueram as cabeças, mas continuaram a trabalhar com movimentos mecânicos.

— Se ela está grávida — respondeu Gabriel —, está condenada.

A rapariga de cabelo comprido parou de escrever à máquina.

— Não, estás enganado. Levaram-na para a ala da maternidade.

— Então vão deixá-la ficar com o bebé? — perguntou Luciano.

Um dos outros homens interveio.

— E perder uma oportunidade de exibir a sua onipotência? Eles têm de matar os bebés antes de nascerem, juntamente com as mães.

Gabriel olhou de relance para a entrada antes de se virar para Luciano.

— Não, eles vão mantê-la lá com as outras mulheres grávidas, mas quando o bebé nascer, vão tirar-lho.

— E depois matam a mãe — disse o outro homem. — Vão eletrificá-la até tostar.

A rapariga ficou pálida e começou a mastigar uma madeixa do cabelo.

— Tu és doente. Falar assim só os faz vencer.

O homem olhou para trás com o seu rosto rugoso. Nesse momento, apareceu o supervisor, parando no meio da sala para examinar todos. Enquanto Luciano regressava à sua tradução, apercebeu-se de que nunca se dera ao trabalho de perguntar o nome da rapariga grávida.

Querido papá,

Aquela música. A música atormenta-me. As óperas. O piano e as... o que é que são ao certo? Flautas. Querido papá, o piano e as flautas tocam sem parar, mas tudo em que consigo pensar é no que estão a tentar encobrir. As súplicas, os gritos. Gritos desgraçados. Já não consigo aguentar mais. É tão, é tão... Papá, de alguma forma, a música faz-me pensar em ti.

Que horas são? Se o seu pai já tivesse chegado do trabalho, estaria sentado no cadeirão de teca, com um copo de *fernet* e cola, a ouvir Brahms ou Schubert. E sempre que o violino se voltava a ouvir, *papá* inclinava a cabeça e sorria, com um olhar vago, perdido nalguma memória secreta. Luciano crescera com estes sons. De acordo com Arturo Wagner, nada era superior ao esplendor da música. E nem sequer se referia apenas à música clássica. Quando era miúdo, Luciano chegara a ficar estendido no chão de linóleo, a olhar embevecido para os pais a dançarem um tango em círculos pela sala. Enquanto Carlos Gardel trauteava sobre o seu amor por Buenos Aires no gira-discos, a mãe repousava a cabeça no ombro

do pai. Os pés deles davam a ilusão de se moverem sozinhos: rodopiavam, cruzavam-se e, de quando em quando, simulavam um pequeno pontapé e *mamá* fazia uma pausa para piscar o olho ao *papá*.

Por muito irritado que estejas quando entras por aquela porta, assim que o LP começa a crepitar, tudo muda. Reclinas-te na cadeira e fechas os olhos; o teu rosto descontrai. É como se te tornasses outra pessoa. O que é que ouves nessa música? Para onde é que te transporta? Preciso de saber. Preciso de ver alguma beleza novamente.

CAPÍTULO TREZE

MARIJKE
14 DE DEZEMBRO DE 1943
BUCHENWALD

Todos os dias o mesmo ciclo: limpar, cerzir, aprumar-nos, tudo a conduzir na direção daquele grande final tenebroso. As outras raparigas começaram a medir os dias pelo número de homens com quem iam para a cama. Eu recusava-me a contar. Aos domingos, tínhamos de suportar as horas adicionais, mas, pelo menos, esse era o dia em que os homens tomavam um duche. Nos dias toleráveis, não havia muito movimento. Em dias excepcionais, um discurso no campo ou uma falha de eletricidade podia fechar o bordel. Mas essas instâncias de alívio eram poucas e muito espaçadas, pelo que, na maior parte do tempo, eu era obrigada a abrir as pernas todas as noites entre as sete e as nove, contando os minutos até poder tentar livrar-me da vergonha entre as coxas e esgueirar-me para a minha própria cama.

Para além das visitas de Karl, as únicas interrupções a esta rotina miserável eram os passeios que dávamos pelo campo, que se tornaram mais esporádicos à medida que o tempo foi passando. O jovem guarda que frequentemente nos conduzia era robusto e tinha um rosto espremido como o de um morcego. Era um dos guardas que nos espreitavam à noite e eu tê-lo-ia abominado se não fosse o único que nos permitia conversar enquanto passeávamos.

Uma tarde, ele apareceu mais tarde do que o habitual, perto do fim do dia de trabalho. Saímos em fila do bordel e seguimo-lo, duas a duas, passando pela área fechada do campo de transição, onde vários judeus ficaram a olhar para nós. A forma como nos fitavam fez-me lembrar uma cena a que assistira pouco depois de eu e Theo termos entrado para a resistência. Tínhamos ido a pé até à praça de Nieuwmarkt com senhas de racionamento falsas enfiadas nas

roupas. Uma barricada com arame farpado cortava a praça, criando um cordão de segurança que isolava o bairro judeu. Enquanto eu ficava alerta para ver o nosso contacto, Theo apontou para a velha casa de pesagem com um suspiro.

— Pensa só no quão pequena devia ser Amesterdão quando construíram estas portas da cidade há alguns quinhentos anos. — Ele baixou a voz. — E agora o raio dos *moffen* cortaram-na toda outra vez.

Do outro lado da barricada, uma menina analisava-nos. Ela começou a repuxar a estrela amarela que trazia no casaco, fascinada com o seu brilho. A mãe repreendeu-a e verificou se havia soldados por perto antes de se ajoelhar para lhe endireitar a estrela.

Theo ainda estava a admirar os torreões do edifício.

— Olha para esta nossa cidade tão bonita. É por isto que estamos a lutar, Marijke.

— É verdade. — Olhei sobre o ombro e vi a menina a acenar-me sobre o ombro da mãe. — Se não a defendermos, quem é que o fará?

Ao contrário daquela criança, restavam muito poucos sinais de humanidade nos homens que se encontravam atrás da vedação do campo de transição. A pele pendia-lhes sobre os ossos como se fosse uma mortalha. Uma semana de chuva imparável transformara o chão de barro da zona delimitada em lama. Um dos homens ajoelhou-se e os pés que saíam espetados das socas de madeira pareciam negros de podridão. Resisti à vontade de desviar os olhos, transmitindo ao homem aquilo que esperava que fosse um olhar de consolo.

Enquanto o guarda nos conduzia em direção aos armazéns, começámos a falar em vozes baixas. O sol brilhava sobre as nossas cabeças, mas no horizonte já se viam as nuvens que ameaçavam uma tempestade. Edith salientou isso mesmo a Sophia para a arreliar.

— Não sejas cruel — pedi. — Também não gostarias de trovoadas se tivesses passado por metade dos raides aéreos por que ela

passou.

— Não me venham falar de sofrimento — retorquiu ela. Como muitas das outras raparigas, ela tornara-se irritadiça, pronta a discutir por razões sem importância nenhuma, como quem tinha recebido as melhores porções ao jantar ou quem é que tinha ficado sentada no lugar que apanhava sol depois de cumprirmos as nossas tarefas.

A minha atenção desviou-se dela quando alguns dos *kommandos* da jardinagem saíram das estufas à nossa esquerda, transportando enxadas e talochas. Perscrutei o grupo, mas eram quase todos triângulos verdes e eu sabia que Theo seria um vermelho como eu. O *kapo* reclamou com eles, acenando com um cassetete no ar. Quando um prisioneiro escorregou na lama, o *kapo* dirigiu-se a ele e bateu-lhe nas costas.

Olhei para os meus pés e Sophia suspirou. Passado pouco tempo, ela deu-me a mão.

— Pensa em como será bom termos um jardim outra vez, assim que tudo isto acabar. Diz-me cá, o que é que vais plantar no teu?

— Pensava que eu é que tinha a obrigação de te distrair a ti — comentei —, e não ao contrário.

Ela continuou.

— A primeira coisa que eu vou querer são morangos.

— A sério?

— Quando eu era pequena, ajudava a minha mãe a tratar do jardim. Ela deixava-me sempre regar as flores, e eu fingia que era a rainha de um reino de conto de fadas, e as flores dos morangueiros eram as minhas aias.

Sorri, tentando imaginá-la como uma menina sorridente. Continuámos em silêncio, mas eu sentia a tranquilidade calma que a presença dela ao meu lado me transmitia, e interroguei-me sobre como teria conseguido sobreviver em Buchenwald sem ela.

As nuvens escureceram, trazendo uma brisa fria. As primeiras gotas de chuva caíram-me na cabeça, e o guarda levantou a lapela do casaco para proteger o pescoço. Quando começámos a dar

meia-volta, dois prisioneiros saíram do crematório com cestos cheios de roupa. Eram sobretudo uniformes, mas também camisas de homem. Uma das camisas caiu do cesto, mas o prisioneiro não reparou e continuou a andar. Quando passámos por ela, baixei-me para apanhá-la, vendo o grande X pintado nas costas. Já vira aquela marca em algumas mulheres em Ravensbrück. Quando havia falta de uniformes, os *moffen* usavam um X para distinguir os prisioneiros dos civis. Via-se bem à distância, criando um alvo perfeito numas costas em fuga.

O cheiro a suor ainda estava agarrado ao tecido da camisa, e tentei imaginar o homem que trabalhara e morrera com ela vestida. Teria vindo de outro campo, de outro país? Seria ele húngaro, polaco ou talvez holandês? Um marido, um pai? Passei com os dedos pelo botão do punho direito, recordando os domingos lânguidos passados em casa, as manhãs em que comíamos pãozinhos com passas e bebíamos café na cama, e eu ficava só com a camisa do Theo vestida quando ia lavar a louça. Aqueles ecos do que fora perdido pesaram-me no peito.

Não reparei que a nossa fila tinha parado e choquei com a rapariga que seguia à minha frente. Sophia arrancou-me a camisa das mãos e passou-a ao guarda, que se aproximara para ver o que eu tinha encontrado.

Ele fez sinal a outro prisioneiro, ordenando-lhe que levasse a camisa para a lavandaria. Franziu o sobrolho quando olhou para mim, em jeito de aviso.

— Continuem a andar.

A água começou a escorrer-me pelo pescoço, infiltrando-se por dentro do colarinho da minha blusa e enfiando-se nos meus sapatos. Comecei a tremer. O guarda levou-nos de regresso pelo centro dos blocos, enquanto a chuva nos ensopava as saias e a roupa interior. Era já final da tarde e os *kommandos* estavam a regressar das suas tarefas. Marchavam aos cinco de cada vez, com as cabeças baixas e os pés a arrastar. Alguns mal conseguiam andar. A lama manchava-lhes os uniformes e as gotas da chuva

pingavam das suas sobrancelhas. Aqueles homens, em tempos, haviam jogado futebol com os amigos, haviam feito competições de natação nas piscinas das suas terras. Homens que haviam descido as ruas da cidade a correr, com crianças a balouçar sobre os seus ombros perdidas de riso. Homens que tinham carregado as suas esposas para atravessarem o umbral da porta depois do casamento, que lhes haviam prometido apenas felicidade e amor. Enquanto passávamos por eles, muitos observavam-nos com sorrisos ou com a tristeza das suas próprias recordações, mas outros olhavam em frente, com os olhos vagos, sem nada verem. Aqueles eram os *Muselmänner*, os mortos-vivos.

Quando nos estávamos a aproximar do fim dos blocos, a banda do campo começou a tocar, anunciando a chamada. Olhei para trás. Um grupo de prisioneiros atravessava na direção oposta, dirigindo-se à multidão na parada. Um dos homens tinha tirado o boné para espremer a água e, quando o colocou novamente, vi um vislumbre do seu perfil. Senti uma pontada forte no estômago e fiquei com a respiração aprisionada no peito. Theo.

Sem pensar, saí da fila e corri. Mas a cabeça dele já tinha desaparecido entre a multidão. O guarda berrou-me. Eu gritei o nome de Theo, mas a chuva, a banda filarmónica e os sons de centenas de passos abafaram a minha voz. A vinte metros do início da multidão, um braço esticou-se como uma barreira, e eu embati noutro guarda, ficando o seu corpo a obstruir o meu campo de visão.

O nosso guarda gritou-me para voltar à fila. Aquele que me tinha travado agarrou-me pelo cotovelo e levou-me para o meu lugar. Quando estiquei o pescoço para examinar a parada, ele deu-me um estalo.

— Sua puta estúpida. Queres voltar para Ravensbrück? Ou ir direitinha para o crematório?

Tinha o rosto a arder e senti os olhares das outras raparigas cravados em mim, carregados de medo e preocupação. Mas eu não conseguia pensar em mais nada a não ser em Theo. Atrás de nós,

começou a chamada, e o rosto que eu vira perdera-se algures entre os milhares.

O guarda do bordel dirigiu-se ao outro:

— Leva-a para o bloco de detenção. A supervisora do bordel depois passa por lá para tratar do castigo dela.

O Bunker, como chamávamos ao bloco de detenção, ocupava a ala esquerda da portaria. O carcereiro era desconfortavelmente bonito, com um nariz largo e achatado, como se tivesse sido partido na sua juventude. Quando o guarda me conduziu para o interior do edifício, o carcereiro esboçou um sorriso rasgado.

— Estou a ver que hoje é o meu dia de sorte. — Ele apontou para uma cela à sua direita. — Aquela ali está vaga.

A cela fria continha apenas um banco nu para dormir, que o carcereiro dobrou encostando-o à parede. Fiz menção de me sentar encostada à parede de trás, mas ele bateu-me nas pernas para me impedir de o fazer.

— Nada de estares sentada ou encostada durante o dia. Uma puta como tu devia estar habituada a ficar toda a noite em pé à esquina. Vais sentir-te em casa.

A porta de metal fechou-se com um estrondo. Ele aguardou um minuto antes de verificar pela vigia se eu continuava em pé. Depois, deixou-me sozinha às escuras.

Os arrepios e o tormento dos meus pensamentos mantiveram-me acordada durante aquela primeira noite. Fiquei deitada com o rosto encostado à superfície fria do banco e, embora o meu estômago reclamasse por comida, a minha mente não parava de revisitar aquele momento. A inclinação do nariz do prisioneiro, o V pronunciado da sua mandíbula. Aquelas orelhas protuberantes. As suas passadas largas. Eu podia jurar que o tinha visto, mas seria mesmo ele? Aquele homem parecia mais velho, talvez demasiado velho, e a forma daquele crânio rapado não me era familiar. Será que eu estava tão desesperada por encontrá-lo que, durante uma fração de segundo, um estranho se tornara o meu marido?

Theo. O seu cabelo esvoaçante impossível de domar, a pele áspera no dedo médio da sua mão esquerda devido à fricção da caneta. A adoração com que olhava para mim quando estava a adormecer. Como eu desejava acordar nos seus braços, sentir o seu calor no meu corpo, descermos juntos o Amstel de barco, ouvindo as rimas tolas que ele fazia sobre a ninhada de crianças que queria criar. Os votos que fizéramos de envelhecer juntos de mãos dadas, a ver as estações do ano a mudar, ano após ano.

Na manhã seguinte, fui acordada por um estalido na fechadura. O carcereiro anuiu com a cabeça quando lhe pedi para ir à casa de banho, mas enquanto o fazia, ele bateu na porta para eu me despachar. O odor no corredor disse-me que nem toda a gente naquele bloco de detenção tinha esse privilégio. Regressei à cela. Tive de dobrar a cama e permanecer em pé, todo o dia, sem nada a não ser água. Fiquei com as pernas dormentes; a cabeça começou a rodopiar. Mais uma vez, pus em causa a nossa decisão de nos envolvermos com a resistência, não parei de me tranquilizar dizendo que tínhamos feito alguma diferença, tínhamos ajudado outras pessoas a ficarem em segurança. Quando olhava para o chão de betão, via o meu crânio a embater nele. Para me impedir de desmaiar, tentei manter a mente alerta. Como a bobina de um filme, os meus pensamentos retrocederam às memórias mais caras que tinha de Theo, a cada pormenorzinho. O dia em que nos conhecemos, quatro anos antes. A geada que se agarrara aos guiadores das bicicletas estacionadas ao longo do troço congelado do Keizersgracht. Os flocos de neve que rebrilhavam sob a luz da tarde, enquanto a cidade se aventurava no gelo. A mesa que eu e o meu pai tínhamos montado com um tabuleiro de *stroopwafels* acabadas de fazer na sua padaria. E depois aquele bonito aluno universitário que lá parou com amigos para beber um chocolate quente. A forma como os seus olhos não paravam de dardejear na minha direção, o facto de ter ficado a conversar até esvaziar a terceira caneca. Como eu soubera, naquele preciso momento, que ele se tornaria o meu mundo.

Theo. O seu rosto ia ficando cada vez mais indefinido quanto mais eu pensava nele. Os olhos dele, o tom específico de castanho, ou seria avelã? Tudo o que eu conseguia ver claramente era o azul brilhante dos de Karl. Os meus pés, as barrigas das pernas, os joelhos, os rins — tudo inchado e dorido. A minha cabeça latejava. Em intervalos de poucos minutos, o guarda vinha ver-me através da vigia da porta, mas, fora isso, eu estava sozinha na escuridão. Mas ouvia o carcereiro, ouvia os outros, ouvia os gritos, as súplicas, o estalido do chicote. Cobria as orelhas com as mãos e cantarolava para dentro, mas sentia-me a oscilar, a escorregar, como se alguém tivesse encostado um dedo à minha testa e me tivesse empurrado ao chão. E quando já não conseguia aguentar, estendi um braço para me apoiar à parede e a porta abriu-se novamente.

Acordei com alguém a afagar-me o cabelo. Sophia. Ela estendeu uma chávena de café e um pedaço de pão seco.

— Come isto.

Sentia o queixo áspero da baba e as pálpebras carregadas de sono. Quando tentei esfregar o rosto, uma dor excruciante atingiu-me o ombro. Encolhi-me, tentando lembrar-me de como regressara ao bordel.

— Tens sorte — disse ela. — O *schutzhaftlagerführer* interrompeu a tua pena. Estavas a delirar quando voltaste. Tens estado a murmurar enquanto dormes, alguma coisa sobre o teu marido.

— Sophia, acho que o vi. Lá fora, com um dos *kommandos*.

— Foi o que eu pensei. Ou isso ou tinhas enlouquecido completamente para tentares dar uma corrida daquelas. É um milagre não te terem dado um tiro logo ali mesmo!

As palavras dela fervilhavam de fúria, e percebi o quão preocupada ela devia ter ficado. Apertei-lhe a mão.

— Mas eu tive a certeza, pelo menos durante aqueles poucos segundos. Agora, nem sequer sei.

— Achas que estás segura porque és uma de nós. Ninguém está seguro, Marijke. O que teria acontecido se o Karl não se tivesse envolvido? Quantos dias terias durado?

Comecei a recordar-me dos ruídos, dos terríveis gritos torturados. Tentei responder, mas as minhas palavras transformaram-se em algo que podia ser uma tossidela, um estremecimento, e voltei a fechar os olhos, ansiando desesperadamente por acordar e ver que estava em casa.

Sophia interrompeu-se.

— Desculpa. Não consigo imaginar aquilo por que passaste. Não queria incomodar-te. Por favor, tens mesmo de comer.

Peguei no pão e trinqueei um canto, mastigando lentamente enquanto ela me massajava as costas. As tonturas desapareceram, e aquele pedaço de sustento fez-me focar novamente o bordel. Quando acabei de comer, apoiei-me nos cotovelos e pensei nas implicações da intervenção de Karl. Se havia uma coisa certa era que ele tinha algum poder para me proteger, desde que eu me certificasse de que o mantinha satisfeito.

Depois disso, o meu desespero aumentou, e a necessidade de descobrir o paradeiro de Theo foi complicada pelos crescentes sinais de afeto de Karl. Quando uma nevasca cobriu o campo de gelo, Karl enviou-me luvas forradas a pelo e um xaile de caxemira. Não me permitia a mim própria usar essas peças quando dávamos os nossos passeios. Estava sempre à espreita de Theo e não queria de forma alguma que ele me visse com luxos a que nem sequer teria tido acesso em casa. Sophia pediu-mas emprestadas, mas também não me agradava a ideia de ela usar os presentes de Karl, por isso as luvas e o xaile mantiveram-se embrulhados em papel de seda debaixo da cama, ao lado do violino.

Uma noite, em vez de me puxar para si, Karl curvou-se para me beijar as coxas, para me tocar, para me saborear, e odiei-me pela forma como o meu corpo reagiu, a forma como o prazer fluiu, o modo como gritei. Fechei os olhos e repeti para dentro os meus votos de casamento, tentando recordar todas as palavras, todas as frases que o sacerdote dissera. Depois de Karl sair, enrolei-me na marca quente do seu corpo e soluzei. Dei por mim a esforçar-me por

me agarrar ao cheiro de Theo, ao sabor dos seus lábios. Esses estavam agora profundamente misturados com uma série de outros. Eu sempre fora honesta com ele, mas estava a começar a compreender que a vergonha é o melhor guardador de segredos, porque não fazia ideia de como sequer iria olhar para ele outra vez. A racionalidade estava a escapar-se enquanto as minhas emoções assumiam o controlo. E apesar do medo de ofender Karl, resolvera perguntar-lhe por Theo. Nenhum dos outros prisioneiros que eu conhecera alguma vez ouvira falar no meu marido, e eu tinha de saber a verdade. Ele podia descobrir se Theo estava bem, mas eu não sabia como ele reagiria ao facto de ser recordado de que eu não lhe pertencia. Refleti sobre a melhor forma de lhe perguntar tal coisa, sobre o melhor momento para o fazer. Com tanta coisa em jogo, as palavras erradas, o tom errado, podiam ser desastrosos. Karl podia transferi-lo ou algo ainda pior.

Esperei até não aguentar mais, até os meus sonhos com Theo se tornarem tão vívidos e atormentadores que já não conseguia dormir à noite.

O meu pedido chegou numa noite fria de janeiro, enquanto a neve caía do lado de fora da janela. Karl já devia estar à espera da minha pergunta, porque a ouviu sem quaisquer mostras de surpresa.

— Por favor — supliquei. — Preciso de saber que ele ainda aqui está.

— Vou ver o que consigo fazer. — O seu olhar cravou-se na janela e não em mim, e ele nem sequer tentou esconder a pontada de ciúme na sua resposta.

Rezei para não ter piorado as coisas só por perguntar. Mas depois de tudo o que se passara, uma voz persistente na minha cabeça sussurrava-me que eu tinha de saber, que por muito dolorosa que pudesse ser a notícia da morte dele, também me poderia libertar do fardo pesado da culpa que eu carregava o tempo todo.

Mais tarde, nessa mesma noite, enrolei-me na cama, certa de que sentenciara o meu amor a mais sofrimento. Tentei bloquear as imagens das costas dele, a sangrar e cheias de cicatrizes por causa das chicotadas, dos seus sapatos, enterrados na lama, das suas mãos, calejadas e dormentes.

Passou-se uma semana até Karl me visitar outra vez. Durante vários dias, Sophia teve de esconder todas as meias que eu fizera para as SS, tão mau era o trabalho que eu produzira. Quando ele entrou com passadas determinadas no *koberzimmer*, agarrei a ponta do lenço, espremendo-o na palma da mão. Ele beijou-me e deu um passo atrás para sacudir para o chão a neve que trazia agarrada ao chapéu.

— Oito centímetros hoje e não parece que vá abrandar. Felizmente, tenho um criado que tem vários anos de experiência a cozinhar nos longos invernos polacos. Ele aprendeu a fazer todos os meus pratos preferidos. — Ele piscou um olho e ficou à espera da minha reação, mas as suas palavras nem sequer entraram pelos meus ouvidos. — Agora, diz-me que não tiveste muito frio ao longo do dia.

— Não — respondi. — Obrigada.

Ele continuou a tecer comentários sobre o estado das estradas que vinham dar ao campo, sobre os atrasos nas entregas e, apesar de estar mais falador do que o habitual, não disse nada sobre Theo. Os meus dedos contorciam-se, ansiosos por se estenderem e lhe arrancarem uma resposta. Lá despiu o sobretudo e descalçou as botas. Quando se endireitou novamente, roçou com os lábios nos meus, mas eu estava demasiado ansiosa para conseguir corresponder ao beijo e ele afastou-se com o sobrolho franzido. Ele desabotoou o primeiro botão da minha blusa antes de parar e olhar-me nos olhos.

— Nem sequer me vais cumprimentar como deve ser antes?

— O que quer dizer?

— Não tentes esconder o que estás a pensar. Está escrito na tua cara. — Ele dirigiu-se ao lavatório, agarrando-o de lado e ficando

numa longa contemplação. O poder que ele tinha sobre mim preencheu o quarto como gás mostarda, e tive de me obrigar a respirar, temendo que o meu marido tivesse desaparecido, que o seu corpo fosse uma pilha de cinzas, que tivesse morrido de inanição ou por um castigo motivado por algo trivial. — Não te consigo mentir — acabou ele por dizer —, por muito que o quisesse fazer. O teu marido está vivo.

Os meus olhos encheram-se de lágrimas, mas engoli em seco e mordi o lábio para impedir que a minha alegria extravasasse.

— Muito obrigada, muito, muito obrigada.

Karl não disse nada.

Respirei fundo.

— É só isso?

— Ele está em Ohrdruf, um campo satélite a uns cinquenta quilómetros daqui.

— E quanto ao trabalho? Sabe o que ele faz?

— Ele constrói estradas.

Eu queria fazer mais perguntas — se ele se poderia certificar de que Theo ficava em segurança, se podia pedir para ele ser transferido para um tipo de trabalho melhor? No entanto, eu tinha de ter cuidado com o que dizia. Com uma única palavra, ele podia mandar matar o meu marido.

Karl foi mais bruto naquela noite, prendendo-me as mãos acima da cabeça, investindo com força. Assim que se veio, deixou-se cair em cima de mim, com o cabelo colado à testa por causa do suor, mas os lábios desviaram-se para os meus mamilos, os dedos enfiaram-se entre as minhas pernas. Mais tarde, desenhcou espirais nas minhas costas.

— De uma forma ou de outras, esta guerra vai acabar. A questão é, será que isso te vai roubar de mim?

Ambos sabíamos a resposta que eu tinha de dar, a única resposta que fazia sentido, mas eu não conseguia obrigar a minha língua a pronunciá-la.

— O que é que está a tentar dizer?

— Tenho uma fantasia em que fugimos os dois juntos, que vamos parar a uma vivendazinha algures na Baviera, algures no meio de uma floresta, longe de tudo. — Ele fez uma pausa. — Acho que aquilo que estou a perguntar é: se perdermos a guerra, vou perder-te a ti?

Antes que eu pudesse dizer alguma coisa, ele colocou uma mão no meu ombro, agarrando-me com força e de forma inflexível, impedindo-me de me mexer.

CAPÍTULO CATORZE

KARL
24 DE DEZEMBRO DE 1943
BUCHENWALD

Sem que Karl se apercebesse, o Natal tinha chegado. Rasgos de vermelho, verde e dourado interrompiam o cinzento monótono. As mulheres dos oficiais das SS davam intermináveis jantares, vestindo os filhos com fitas festivas e laços adornados com suásticas. Para angariar dinheiro para as celebrações, Brandt suspendeu as rações dos prisioneiros durante vinte e quatro horas. As SS ordenaram aos pasteleiros que fizessem dezenas de *stollen*.⁷ Trouxeram caixotes de champanhe. Assaram gansos. Ninguém mencionou os avanços das forças soviéticas nem os recentes bombardeamentos em Berlim.

Na manhã de 24 de dezembro, Karl foi de automóvel até Weimar. Mulheres e crianças enchiam as ruas e tinha sido montada uma enorme árvore na praça. Passeou pelas bancas do mercado que vendiam castanhas e velas natalícias. A arquitetura clássica de Weimar, pouco expressiva em termos de cor, mas ousada e confiante na sua presença, o monumento aos poetas Goethe e Schiller — tudo isso o fazia lembrar dos motivos pelos quais estavam a lutar. Atravessou a praça para se deter defronte do hotel Haus Elephant, onde uma varanda se impunha sobre a entrada. Hitler fizera muitos discursos a partir desse local. Nas fotografias, via-se Hitler inclinado sobre as grades de ferro da varanda, braço erguido em saudação, prometendo tornar a Alemanha novamente grandiosa. Mas quando Karl olhou para aquele gradeamento, tudo o que viu foram os rostos abatidos de homens moribundos por detrás das grades.

Uma menina pequenina, envergando um casaco cheio de remendos, caminhou pelas pedras da calçada até chegar junto dele, carregando uns quantos galhos de abeto.

— Quer uma coroa de Natal, senhor oficial?

Karl cutucou o molho que ela trazia.

— Coroa? Isso são só ramos. Onde estão as decorações?

A menina baixou a cabeça.

— Só temos isto este ano.

Só então se apercebeu do quão vazias estavam as bancas quando comparadas com os mercados que conhecera antes da guerra.

— Muito bem. E onde é que eu hei de meter uma coroa de Natal, minha menina?

A criança sorriu quando ele lhe deixou cair alguns *Reichspfennige* na palma da mão.

— A sua mulher vai saber o que fazer com ela.

Karl abriu a boca para objetar, mas reconsiderou. Afagou a cabeça da menina e seguiu o seu caminho com um sorriso, e as suas preocupações desapareceram quando a sua mente regressou a Marijke.

De regresso a Buchenwald, passeou pela mata junto à vivenda. Pequenas extensões de neve cobriam o solo, mas andou à procura até encontrar uma sorveira-brava que ainda contivesse algumas bagas. Cortou um ramo e levou-o para casa juntamente com uma mão-cheia de pinhas. O *kommandant* contava com os oficiais para o jantar. Depois de tomar banho e engraxar as botas, sentou-se à mesa na sala de jantar com uma pinça e colou as pinhas na coroa de abeto. Uma tarefa entediante que requeria certa destreza, uma habilidade que não utilizava desde que construía planadores em criança. Achava divertido Marijke conseguir trazer à tona este seu lado, incitando interesses e paixões que há muito se encontravam negligenciados em prol do dever. Contudo, embora o espírito indomável da jovem lhe desse energia, também o avisava do perigo

de pensar com o coração e não com a cabeça. Devido a algum impulso estouvado, Marijke acabara por ir parar à cela de detenção e, se ele não a tivesse resgatado a tempo, poderia ter voltado para ele insensível e destroçada.

Quando a cola solidificou, retirou a fita do embrulho que envolvia um lenço que a mãe lhe enviara e enrolou-a por entre os ramos. Tinha o cheiro da floresta agarrado aos dedos. O produto acabado carecia de um toque feminino, mas parecia suficientemente festivo.

Brandt mostrava-se demasiado ansioso por transformar uma ceia de Natal num espetáculo, a gabar-se do tamanho dos patos, da idade do *chianti* e de toda a trabalhadeira que tivera para conseguir que lho enviassem da Toscana. Karl mastigou lentamente e bebeu em abundância, evitando lembrar-se do homem que vira atirar-se contra a vedação elétrica no dia anterior. Haviām feito algumas concessões aos prisioneiros — rações extra durante dois dias e a oportunidade de receberem pacotes da família — mas apenas aos privilegiados, é claro.

Assim que levantaram a mesa, Brandt presenteou os oficiais com botões de punho das SS e colocou uma garrafa de *brandy* de proporções exageradas no colo de Karl. Para os filhos dos oficiais, distribuiu barquinhos viquingues, que evidenciavam a habilidade do escultor do campo. Karl fechou os olhos, desejoso de esquecer o escultor e o filho. Para começar, atirou-se ao *brandy*.

Pouco depois, atravessava o campo à luz das estrelas, tendo alargado o cinto depois da refeição sumptuosa. Um dos guardas nas torres de vigia bebericava de um cantil de bolso, mas a parada estava vazia. Junto aos blocos dos prisioneiros, Karl ouviu um som grave. Vozes de homens, a subirem de volume em polaco, depois em checo. Começou outra canção, desta feita em alemão. Um arrepio desceu-lhe pelo pescoço ao reconhecer a melodia. A música flutuava por entre as filas de blocos, cada vez mais audível, mais determinada a cada passo que ele dava. *Stille Nacht, heilige Nacht! Alles schläft, einsam wacht.*

Quando chegou ao bordel, certificou-se de que entrava no *koberzimmer* antes de Marijke. O bordel fechara há uma hora e as mulheres estavam a preparar-se para dormir. Pousou a coroa na cama e retirou umas quantas velas da sua sacola, acendendo-as e dispondo-as pelo chão.

A porta que dava para a zona dos aposentos das raparigas abriu-se e Marijke entrou no quarto, envergando um simples vestido verde.

Karl aproximou-se dela, erguendo a coroa acima das suas cabeças como se fosse azevinho.

— Feliz Natal, minha querida.

Ela afastou o galho de abeto com uma sacudidela e evitou o beijo para poder examinar a coroa. Uma das pinhas tinha-se soltado e estava pendurada por um pedaço de cola endurecida.

— Fez isto tudo? E as velas?

— A tua prenda está a caminho, mas ficou retida em Berlim.

Karl aproximou-se para retomar o beijo, despiu o casaco e as botas e conduziu-a pela mão para a cama.

Marijke abanou a cabeça.

— Chega de prendas. O que é que posso fazer com elas?

— Mas é Natal. Eu quero que sejas feliz, nem que seja por uma ou duas horas. Por favor. — A manga do vestido tinha descaído e ele inclinou-se para lhe beijar o ombro desnudado. — Estás radiosa.

Ele retirou da sacola um saco de frutos secos, algumas laranjas e maçãs. O rosto de Marijke animou-se.

— Também tenho vinho — disse ele.

— Isto já é muito.

Marijke aguardou, à espera de que Karl a despisse, mas em vez disso, ele passou-lhe uma laranja. A casca caiu inteira nos seus dedos, aumentando a excitação de Karl, que imaginava o que mais aquelas mãos conseguiriam fazer. Mas não queria apressar a noite.

— Porque é que não pegas no violino?

Marijke acenou com a cabeça, satisfeita com a sugestão. Quando regressou ao quarto, o decote do seu vestido estava mais

pronunciado e apontou para a coroa com um sorriso.

— Fez mesmo aquilo?

— A primeira coisa que a minha mãe fazia em dezembro era encher a casa de ramagens. Não é Natal se não houver nada disso.

— Não é Natal se não houver família.

Karl tentou não fazer um esgar, na esperança de que Marijke não arruinasse o ambiente, mas ela sentou-se na beira da cama e ficou a olhar para as velas, cujas chamas se refletiam nas suas pupilas como brasas. Então, ergueu o violino até ao queixo e começou a tocar «Adeste Fideles». Karl descansou a cabeça na parede e esticou o braço para lhe tocar no joelho. A música era um bálsamo. Anestesiava tudo: a imagem do filho do escultor com as suas socas demasiado grandes, os gritos dos prisioneiros das celas de detenção, o nome e o número do marido de Marijke. Não havia bombas. Nem ordens. Nem corpos. Apenas a imagem dele e dela juntos em frente à lareira, um frango a rodar num espeto, vinho quente com canela, *Axel* e *Faust* adormecidos aos seus pés.

A música terminou, interrompendo a sua fantasia. Marijke olhou para ele.

— Quando a guerra começou, alguma vez imaginou que ela ainda se estaria a arrastar passados quatro anos?

— Como é que alguém poderia ter imaginado? Também há uma boa probabilidade de este não ser o nosso último Natal em tempo de guerra. — Karl observou-a. As suas costas arqueadas convidavam-no, a luz das velas favorecia-lhe a pele. Naquela luz, era imaculada, uma beleza renascentista. — Pelo menos, posso passá-lo contigo, em vez de o passar com uma pistola em punho.

A voz austera do seu pai regressou, memórias do pai sentado na cadeira de braços, a recitar a história que contava vezes e vezes sem conta.

— Sabes, o meu pai estava posicionado em Ipres em 1914. Na véspera de Natal, colocaram velas ao longo das trincheiras e trouxeram uma árvore toda mirrada coberta de fitas de Natal. Colocaram-na de pé, no meio da lama, e reuniram-se em torno dela

para cantarem cânticos de Natal. Ele contou-me que o tiroteio cessou em ambas as partes e que os bifes enfiaram a cabeça na terra de ninguém para se lhes juntarem.

O peito de Karl apertou-se, com os cânticos dos prisioneiros a ecoarem na sua cabeça.

— Um sinal de esperança, então — disse Marijke —, de que as pessoas ainda sejam pessoas, apesar de tudo. Provavelmente torna-se muito mais difícil matar um homem a tiro depois de se lhe ter olhado olhos nos olhos e partilhado uma ceia de Natal. — Olhou para ele como se pretendesse continuar a falar, mas, em vez disso, pegou novamente no violino. Uma bomba de fragmentação em forma de notas agudas e rangentes. Depois, expirou fundo e recomeçou com algo mais calmo, suave e tranquilizante.

— Isso foi só no primeiro Natal. O meu pai disse que não voltou a acontecer.

Após alguns minutos, ela colocou o instrumento no estojo e pegou num punhado de frutos secos.

— O que é que fez no último Natal?

— Tive uma semana de licença, por isso passei-o em Munique com os meus pais. Apesar de ser ótimo voltar a vê-los, muita coisa tinha mudado. O meu pai continuava a chatear-me por causa do trabalho, a questionar todas as minhas decisões e a pressionar-me para eu pedir uma promoção. A minha mãe queria preparar um grande jantar, mas com o racionamento, bem... ela não foi feita para passar por duas guerras. Está a custar-lhe imenso.

Uma avelã partiu-se com um estalido sonoro. Marijke pousou o quebra-nozes e meteu a avelã na boca sem responder.

— E tu? — perguntou Karl.

— Nós também queríamos ir a casa dos meus pais, mas houve um bloqueio nos comboios nessa semana. Noutra ocasião, talvez tivéssemos ido de bicicleta... mas, é claro, naquela altura, já não tínhamos bicicletas.

— Oh!

A mão fechou-se em torno de um punhado de cascas, mas depois suspirou.

— Foi bom. Ficámos em casa. Pratiquei a minha música e ficámos só nós dois a ouvir as emissões de Natal na BBC.

O «nós dois» soou como uma bomba. É claro que o marido a ouvira a tocar inúmeras vezes. Provavelmente ter-se-ia postado atrás dela, a observar o ponto delicado onde o violino se encontrava com o seu pescoço, tal como Karl fazia.

— O quê? — provocou ela. — Está a pensar em prender-me por ter um rádio ilegal?

Com intenção, Marijke aproximou-se, mas apenas o suficiente para que Karl ainda tivesse de se mover para lhe tocar. Como se tivesse medo de admitir o que desejava, de se deixar levar.

— Vem cá.

Ele puxou-a, beijou-lhe o pescoço. Os braços, os pulsos, os lábios. Marijke devolveu-lhe os beijos. Enquanto Karl retirava as meias, Marijke desabotoava o vestido. Os seus dedos pararam junto ao peito e continuou a olhar para Karl, demorando algum tempo a desapertar o sutiã. Ele atirou as calças para o chão, envolveu-lhe o peito, desejando senti-la na sua plenitude, escutá-la a gemer o seu nome.

Mas quando se moveu para lhe tocar nas coxas, o número do marido dela regressou-lhe à mente. O rosto da fotografia: Prisioneiro 31224. Karl deteve-se e esmurrou a almofada. Apenas os fracos perdiam o controlo dos seus pensamentos e das suas emoções. E nenhum homem com o seu estatuto devia sentir fosse o que fosse por uma prostituta. Ela era, afinal, uma prisioneira.

— O que se passa?

— Nada.

Ele meteu-se por cima dela e agarrou-lhe no rabo enquanto a penetrava. Ela inspirou profundamente, com o corpo tenso. A mão de Marijke procurou a dele, mas novamente surgiu aquele homem, a atormentá-lo. As mãos de De Graaf na pele dela, recordando Karl de que fora ele quem a reclamara primeiro.

Depois disso, Karl já não conseguia caminhar pelo campo dos prisioneiros como antes fizera. Cada vez que reparava num homem alto com orelhas grandes, parava para lhe examinar o rosto. Uma vez, seguiu um prisioneiro quase até à cantina, até o homem se virar para trás. De Graaf atormentava-o no bordel, quando se preparava para o seu dia, quando trabalhava no seu gabinete.

O seu lado mais negro dizia-lhe para mandar executar o homem, mandá-lo para o *kommando* encarregado de cavar as valas. Ou melhor, para um campo de extermínio. Mais do que uma vez, essa possibilidade manteve-o acordado até altas horas, enquanto estudava o ficheiro do marido de Marijke, em busca de sinais de fraqueza no seu rosto.

De Graaf pertencia a um dos edifícios de pedra com dois pisos perto do campo de transição e do edifício de desinfecção. Karl foi até lá num domingo depois do almoço. O seu cozinheiro preparara um prato saboroso cheio de *pickles* para acompanhar a carne assada e o sabor da salmoura ainda lhe enchia a boca de água.

Flocos de neve húmidos caíam no planalto, a primeira nevada a sério do ano. Tentou imaginar-se como se ainda fosse um rapaz, a contornar os blocos, a compor bolas de neve dura e a esquivar-se de ataques. Mas os prisioneiros espalhados no exterior ignoravam a neve. Acumulava-se nos seus chapéus enquanto se arrastavam, a carregar carrinhos de mão, com os tornozelos expostos a espreitarem por cima das socas.

Subiu as escadas do bloco para o piso superior. Uma boa centena de prisioneiros enchia a sala de convívio, passando o seu tempo livre. Alguns conversavam à mesa; outros estavam estendidos no chão, mas era absurdo que conseguissem dormir por entre a barulheira das vozes. Uniformes molhados encontravam-se estendidos nas traves, adicionando uma humidade bafienta ao odor corporal já de si horrível. Viu perto de si um prisioneiro em tronco nu a puxar pelos suspensórios e a murmurar sozinho. No canto oposto, um grupo reclamava de alguma coisa. Karl aproximou-se. Tinham improvisado um tabuleiro com um pedaço de madeira e jogavam

damas com beatas de cigarro e pedaços de pão duro. Deram um salto quando o viram e, num instante, estavam todos em sentido. Um prisioneiro sacudiu migalhas da manga quando se aproximou apressadamente. A faixa no seu braço identificava-o como o *blockältester* responsável pelo funcionamento diário do bloco.

— Boa tarde, *Schutzhaftlagerführer*.

— Inspeção surpresa — disse Karl. — Alinhe-os a todos.

O *blockältester* berrou na direção dos beliches e Karl começou pelo início da fila na sala de convívio, mas chegou ao fim da fila sem parar.

— Número três-um-dois-dois-quatro — chamou. Nenhum movimento e ninguém olhou para ele quando repetiu o número.

O *blockältester* consultou uma prancheta.

— O prisioneiro três-um-dois-dois-quatro obteve permissão para ir à biblioteca.

— Muito bem. — Karl fez um esgar, a frustração acicatava-lhe os nervos. Olhou de relance para os beliches ao canto, à procura de alguma falha. Ao ver uma caneca e uma tigela que tinham ficado em cima de uma das camas, caminhou até lá e derrubou-as para o chão. — Endireitem estes colchões. Meia ração para toda a gente esta noite.

A biblioteca dos prisioneiros ocupava parte do Bloco 5, o mesmo edifício que alojava o departamento de registos. Milhares de volumes enchiam as prateleiras, conseguidos com os fundos que o campo retirara dos bolsos dos prisioneiros. Às vezes, as famílias de médicos ou dissidentes políticos enviavam romances. Karl tinha a certeza de que as suas consciências ficavam mais aliviadas ao fingirem que os seus maridos e sobrinhos estavam aninhados num canto após um dia de trabalho, a folhearem *Moby Dick*⁸ à luz de um candeeiro.

Um prisioneiro estava sentado ao balcão na entrada da biblioteca, a organizar um conjunto de enciclopédias. Um grande letreiro estava colocado atrás dele: *Juden verboten*. Alguém desenhara um

prisioneiro com um nariz em forma de gancho para que as palavras se tornassem muito claras, provavelmente um dos artistas do campo. Novamente, recordou-se do filho do escultor, mas redirecionou os seus pensamentos para Marijke, para a sua pele suave e para as suas gargalhadas atrevidas.

— Posso ajudar, senhor oficial?

Passou pelo bibliotecário e vagueou pelo meio das altas estantes de madeira. A primeira fila estava vazia. Dois triângulos verdes encontravam-se lado a lado na terceira fila, a sussurrarem, inclinados sobre as páginas de um volume encadernado a pele. Karl tinha as mãos húmidas. Parou, maldizendo-se a si próprio, maldizendo o marido dela. Foi então que o viu. Curvado sobre uma mesa, vendo-se os ombros por cima das costas da cadeira. De Graaf virou a página do livro enquanto Karl o observava. Os seus dedos tamborilavam na lombada do livro. Os músculos de Karl retesaram-se ao imaginar aqueles dedos a percorrer as costas nuas de Marijke, enquanto ela gemia o seu nome: *Theo*.

As tábuas do soalho rangeram sob o peso de Karl. De Graaf desviou os olhos da sua leitura para olhar para cima de soslaio e a sua expressão compenetrada dissolveu-se ao mesmo tempo que se apressou a colocar-se em sentido e a curvar a cabeça.

— Olha para mim. — Karl cruzou os braços. — O que estás a ler?

As sobrancelhas de De Graaf pendiam sobre olhos tempestuosos e quase lhe faltou a voz.

— Uma biografia de Rembrandt, *Schutzhaftlagerführer*.

— Então achas que esse é o melhor uso que podes dar ao tempo aqui no campo.

De Graaf estendeu a sua autorização para ir à biblioteca.

— Tenho permissão.

— Faltaste a uma inspeção. E recebemos queixas de que tens andado a desleixar-te no trabalho. — As suas orelhas gigantes ficaram vermelhas. — O que tens a dizer sobre o assunto?

— Peço desculpa, *Schutzhaftlagerführer*, mas juro que nunca faltei um dia.

Karl não podia negar a satisfação que sentia perante a entoação suplicante de De Graaf.

— Regressa ao teu bloco. E acabaram-se as visitas à biblioteca.

— Sim, senhor, obrigado.

De Graaf manteve a cabeça baixa até o oficial se ir embora. Karl sorriu para si próprio. Apesar de acreditar que os nazis iriam ganhar a guerra e que isso iria acabar com o casamento de Marijke para sempre, Karl estava decidido a fazer algo para eliminar a mínima hipótese de aquele homem voltar a fazê-la feliz.

Durante duas semanas, ponderou as possibilidades. Ele podia mandar o marido de Marijke ser fuzilado, chicoteado, pendurado no crematório, deportado. Podia contar-lhe o que Marijke estava a fazer, mas isso poderia incutir-lhe uma renovada vontade de viver. Quanto mais os sentimentos de Karl por Marijke se intensificavam e ela entrava nos seus planos para o pós-guerra, tanto mais ele questionava a possibilidade de a atormentar dessa maneira; tanto mais se interrogava sobre o que isso iria fazer dele.

A meio de janeiro, Marijke fez a pergunta que ele tanto receava. Ela queria saber onde o marido estava, se ele estava vivo. Fez o pedido num tom ousado, mas o tique de ansiedade na face dela traiu-a. Karl cerrou os dentes, não estando preparado para a ferroadada que sentiu ao ouvir o nome do homem saído daqueles lábios. Apercebendo-se dos ciúmes dele, Marijke aninhou-se nele, oferecendo o seu corpo como sedativo. Mas ele não conseguiu manter a ereção, porque lá estava novamente De Graaf a tamborilar com os seus dedos nas ancas dela. A rir-se na cara de Karl enquanto se ocupava de uma ninhada de crianças, todas vestidas a condizer. Ela deu o seu melhor para distrair Karl — provocando-o, acariciando-o, lambendo-o — mas ele irritou-se com os esforços dela e abandonou o bordel cedo. De manhã, já tinha um plano.

Na madrugada do dia 16 de janeiro, De Graaf foi arrebanhado no momento da chamada e enviado para a enfermaria, onde foi colocado aos cuidados do Dr. Fischer. Era um segredo do

conhecimento de todos que Fischer obrigara alguns prisioneiros a escreverem a sua dissertação no intuito de obter a sua licença médica em Buchenwald e agora supervisionava as experiências médicas. Testes à epidemia de febre tifoide, injeções letais, transplantes hormonais em homossexuais: projetos pioneiros que conduziriam ao progresso científico e serviriam um bem maior.

De acordo com o relatório que Fischer enviou a Karl, o prisioneiro 31224 entrou na sala de experiências aproximadamente às 08:00 horas. Fischer instruiu o paciente a despir as calças e deitar-se na marquesa para ser examinado. O médico pegou numa seringa, calçou as luvas e explicou que lhe iria administrar um suplemento vitamínico que permitiria ao paciente trabalhar mais horas, sustentando-se com uma dieta limitada. O paciente estremeceu quando Fischer administrou a injeção nos genitais. Nos dias seguintes, Fischer repetiu a injeção, registando inchaço, sangramento e dor considerável. O tratamento cessou a 19 de janeiro. A 21 de janeiro, o inchaço começou a diminuir, com altas expectativas de rápidas melhoras. Após subsequente verificação, Fischer considerou a experiência um sucesso: o paciente 31224, Theodoor de Graaf, estava completamente estéril.

Depois de De Graaf ter alta da enfermaria, Karl transferiu-o para um dos subcampos de Buchenwald. Ainda perto, mas fora do alcance. De Graaf foi destacado para uma equipa de construção, para construir túneis e estradas — trabalho duro, contudo nada letal. Karl prometera a si próprio controlar os seus ciúmes daí em diante, deixando que o destino entrasse em ação e seguisse o seu curso. Porém, quando regressou ao bordel e contou a Marijke que o marido estava vivo, a alegria estampada no rosto dela corroe-o durante vários dias.

— Não se cansa de estar sempre com a mesma rapariga?

A supervisora encontrava-se em pé à entrada do bordel dos prisioneiros, mantendo a porta aberta para Karl, que se aproximava.

— O que é que estás a sugerir? — perguntou ele.

Quando chegou ao cimo das escadas, ela sorriu. Despiu o casaco do uniforme e desabotoou a parte de cima da blusa para mostrar o vale entre os seios.

— Sabe, é o único oficial que passa por aqui e que não tenta levar-me para a cama. — Deslizou o braço pela ombreira da porta e observou-o. Karl sentiu um calor na parte de trás do pescoço. Ela riu. — Peço desculpa, *Schutzhaftlagerführer*. Ela é engraçadinha, mas para quê contentar-se com manteiga quando pode ter *chantilly*?

— Andas a mandriar pelo bordel o dia todo e essa é a melhor frase de engate que consegues arranjar? — Karl afastou o braço dela com um safanão e passou por ela. — Não te aches melhor do que és.

Chegara ao bordel mais cedo do que o normal e encontrou-o ainda em funcionamento, com a última ronda de visitantes a fazerem fila na sala de espera. Dois prisioneiros estavam na fila para pagar junto à mesa, mas ele passou-lhes à frente.

— Vim ver a Marijke.

A cobradora roeu a ponta do lápis. De entre as poucas funcionárias que vira em Buchenwald, ela era de longe a mais feia. Pregas espessas pendiam-lhe do pescoço como cera derretida, formando um queixo duplo. Como ela não respondeu, ele repetiu. Ela gesticulou para um banco na sala de espera.

— Eu sinto muito, *Schutzhaftlagerführer*, mas vai ter de esperar.

— Deve estar a brincar? Quanto tempo?

— Ela agora está ocupada. Tenho outra rapariga disponível, a Sophia, se preferir.

Karl engoliu em seco e raspou com o calcanhar contra as tábuas do soalho antes de se sentar. O tom da cobradora irritara-o e recriminou o seu próprio descuido por ter aparecido durante o horário de expediente. Durante algum tempo, remoeu a ideia de interditá-la aos prisioneiros, mas estava certo de que o *kommandant* viria a saber. Brandt orgulhava-se da produtividade do sistema do bordel e da seleção de mulheres que fizera e não iria compreender porque é que Karl queria interferir com elas ou porque é que ele

dormiria com uma mulher maculada. Quer Karl gostasse, quer não, o dever vinha primeiro, o que significava ganhar a confiança e o respeito de Brandt, tentando ao mesmo tempo manter o seu envolvimento com Marijke tão discreto quanto possível.

Alguns prisioneiros esperavam nos bancos à sua frente. Meras carcaças, na sua maioria. Olhos encovados e cabelo ralo. A ideia de algum deles a tocar em Marijke enfureceu-o. Debateu-se com a hipótese de se ir embora para se poupar à humilhação de estar ali à espera, mas estava demasiado ansioso para sentir o corpo dela, para ter uma folga dos relatórios sobre o racionamento e das reuniões com os *blockführers* que lhe haviam entupido o dia. Passaram-se cinco minutos. Seis ou sete prisioneiros saíram do corredor que conduzia aos *koberzimmers*. Analisou cada rosto, em busca de algum sinal que lhe indicasse qual o que tinha estado com ela, embora não soubesse o que esperava ver.

A supervisora do bordel passou pela sala de espera. Voltara a vestir o casaco e, quando se inclinou para falar com a cobradora, uniu os lábios vermelhos, desafiando-o a encará-la. Karl ergueu-se e avançou na sua direção.

— Já chega de esperar.

— Como lhe disse, *Schutzhaftlagerführer*, não há filas no bordel das SS.

O tom dela era condescendente, até mesmo altivo, e Karl sentiu a sua autoridade a esvair-se. Voltou a sentir o calor na parte de trás do pescoço, desta vez a espicaçá-lo com fúria.

Karl bateu com a mão no tampo da mesa.

— Isto é uma afronta! Diga-me já em que quarto ela está!

A cobradora ficou muito quieta sem sequer piscar os olhos, enquanto os lábios da supervisora se cerraram numa linha horizontal.

— Imediatamente, *Schutzhaftlagerführer*.

A supervisora pegou nos papéis que estavam no chão, verificou os números dos quartos que lá se encontravam e acenou a Karl para que este a seguisse.

À porta do *koberzimmer* de Marijke, respirou fundo e só depois entrou, encontrando-a sentada na cama, a alisar a capa do colchão. Uma sensação de calma espalhou-se por Karl, como o alívio provocado por uma compressa tépida sobre uma ferida.

— Olá, linda — disse ele.

Marijke ergueu-se e deixou que ele a abraçasse, mas não fez o mínimo esforço para corresponder ao abraço.

Enquanto despiu o casaco e o dobrava, apontou para a planta que se encontrava pendurada do teto numa engenhoca com nós.

— É um adorno engraçado. Como é que se chama, mesmo?

— Macramé.

Ela começou a tirar as roupas como se se estivesse a despir para um exame médico.

— O que se passa, querida?

— Tive um dia difícil. — Os dedos de Karl pararam de desabotoar a camisa. — Não vai perguntar porquê?

— Não quero ouvir os pormenores.

— Não gosta de imaginar o que acontece quando não está por aqui?

Karl caminhou até à janela. As outras plantas em vasos obstruíam a vista e encontravam-se murchas por causa do ar gélido que se infiltrava pelos vidros finos.

— Achas que conseguiria esquecer?

De súbito, o quarto pareceu abafado. Karl pegou num pedaço de terra de um dos vasos, comprimindo-a no punho cerrado. Recordou-se a si mesmo de que ninguém a forçara a juntar-se à resistência para ajudar aqueles judeus holandeses, tal como ninguém a forçara a enveredar pela prostituição. Os braços de Marijke deslizaram até à cintura de Karl. Ele virou-se e viu um fino fio de transpiração junto à linha do seu cabelo, as suas faces com manchas vermelhas.

— Desculpe — disse ela.

Levou-o para a cama e pegou-lhe nos dedos para os colocar no colarinho do seu vestido. Enquanto ele desapertava a fivela, inclinou a cabeça e exibiu a nuca. Quando Karl a beijou nesse ponto, Marijke

puxou-o para si, sugando-lhe o lábio. Com a sua mão livre, ele abriu-lhe as pernas, sentindo-a estremecer com o seu toque.

— O que foi?

Os olhos dela ficaram enevoados.

— Nada, continue. — Karl tentou, mas o corpo de Marijke não reagia, por isso encostou-se à parede. — Não tem de parar.

— Diz-me o que se passa.

Marijke abraçou os joelhos e suspirou. Parecia cansada e a luz que ela emanava e que o atraía logo no início parecia ter diminuído.

— Dói.

A ideia daqueles prisioneiros na sala de espera regressou-lhe à mente e tentou ignorá-la, enquanto sentia a sua ereção a doer contra a perna. Puxou-a para si e apoiou-lhe a cabeça no seu ombro.

— Não tem de acontecer nada. Nunca sintas que te estou a forçar a nada.

Beijou-lhe a testa. Durante a meia hora seguinte, ficaram sentados juntos. O único som que se ouvia era o da respiração tranquila de Marijke a misturar-se com a sua própria respiração.

Perder a promessa de sexo devia tê-lo desencorajado de a visitar. Mas todas as manhãs ele acordava com as imagens daquele rosto em forma de coração, das curvas discretas mas tentadoras, das sardas esbatidas nos ombros. Cada música tocada pela banda filarmónica tornava-se outra história para partilhar. Os primeiros botões nas árvores, a festa para o aniversário do *Führer* — Karl tentava reter cada detalhe para ela. Filtrava as partes mais pesadas, é claro. Não a importunaria com o progresso da guerra, não a preocuparia com o crescente número de mortes no campo. Ele não a queria sobrecarregar com as suas próprias lamúrias, com os seus próprios receios.

No final da primavera, Karl já não podia ignorar que Marijke não era só sua. Ela dominava-lhe os pensamentos e, durante meses, ele enviara-lhe um fluxo constante de prendas. Carne seca, vinho, até

um relógio de ouro. Mas independentemente de tudo, ela continuava a ser uma prisioneira, e ele continuava a ser um de entre muito homens.

Já se passara quase um ano desde a sua chegada a Buchenwald. Brandt comentou com agrado a forma como Karl se adaptara à vida no campo, a forma como Karl parecera encontrar garra para isso. Um mês antes, Karl revogara a licença de férias de Ritter após este ter tentado fazer uma piada sobre a forma branda como Karl lidava com os prisioneiros e, desde então, os subalternos de Karl nas SS mostravam-lhe mais do respeito que ele merecia. Os oficiais deixaram de o convidar para os jogos de cartas e deram-lhe algum distanciamento. Karl não levantou objeções. Tirando Ritter, eram um bando de brancos. Praguejavam e fumavam interminavelmente, emborcavam champanhe como se fosse cerveja e não demonstravam qualquer interesse por música ou ópera, pela natureza ou por qualquer coisa que não tivesse um gatilho ou um rastilho.

A maioria dos oficiais seguia as regras e frequentava o bordel das SS, acreditando que as raparigas eram muito mais bonitas e, na sua maioria, tinham razão. Karl livrou-se da arrogante supervisora das SS que mandava no bordel dos prisioneiros, bem como da sua ajudante. Não só se fartara do seu desdém, mas também sabia que elas deixavam entrar no bordel qualquer guarda ou oficial que lhes apresentasse um suborno apelativo. Encontrou duas prisioneiras de meia-idade para administrarem o bordel, esperando que isso conseguisse manter os seus homens longe de Marijke.

Decidiu-se a fazer ainda mais, no dia em que os Aliados invadiram a Normandia. Berlim não fornecera muita informação sobre os ataques. Durante toda a manhã, Karl ficou no seu gabinete com o volume do rádio bastante alto, mas não conseguiu perceber bem todos os factos. Os relatos mencionavam inúmeros navios, paraquedistas, atracagens anfíbias, mas asseguravam que a Wehrmacht não teria dificuldades em frustrar a tentativa de invasão.

O almoço e o jantar passaram sem estimularem o apetite de Karl. Enquanto remexia no prato o seu pedaço de carne de vaca, debatia-se com o que haveria de dizer a Marijke. As notícias sobre a invasão iriam entusiasamá-la, mas o fim da guerra significaria o fim do relacionamento de ambos. Não sabia o que é se apoderara dele. O que eles tinham não era um relacionamento. Se ele nunca mais regressasse ao bordel, ela provavelmente ficaria aliviada.

Remoeu no assunto a tarde toda, tentando distrair-se com uma visita aos canis. Um dos pastores-alemães saltou-lhe para o colo, o que lhe acalmou os nervos, enquanto ficou a afagá-lo. Mas isto era apenas um curativo temporário, e às oito da noite já estava em pânico outra vez. Os Aliados iriam avançar contra eles e quem realmente sabia ao certo quanto tempo isso demoraria? Meses, semanas? Recusava-se a perder Marijke tão depressa. Mas Karl sabia que devia estar mais preocupado com o seu próprio pescoço. Uma vitória dos Aliados voltaria a fazer com que a Alemanha fosse ao fundo; o Tio Sam iria mantê-los lá, rindo enquanto esperneavam e se debatiam para se manterem à tona. A sorte poderia levá-lo a um campo de prisioneiros de guerra, embora duvidasse que os americanos o encarassem com compaixão. Sobretudo depois de perceberem o que andavam a fazer em Buchenwald. Talvez fosse mais inteligente fugir, pensou, mas o seu pai avisara-o sobre isso antes de Karl partir para Buchenwald.

Podes não estar a combater na linha da frente, filho, mas debes mostrar a coragem e a bravura de um soldado, independentemente de tudo o resto. O Reich não tem lugar para cobardes.

Karl disse a si próprio que era escusado ruminar sobre a invasão. Tinha de ser forte, manter-se dedicado à causa. Era o seu dever, o dever que tinha para com a sua família, para com o seu povo. A Wehrmacht tinha um poder incomensurável e confiava nos generais da Wehrmacht para lançarem um impressionante contra-ataque. Hitler conduziria o *Reich* a uma magnífica vitória.

Karl planeara passar pelo bordel às nove, como era habitual, mas não podia esperar mais. Passou pelos operadores de rádio para

saber se tinha havido mais desenvolvimentos e depois pôs-se a caminho do bordel. O final do dia estava fresco, apesar de o sol ainda se manter por cima dos telhados dos blocos. Pensou no quão simpático seria trazer Marijke para ver o pôr do sol, mas isso seria correr um risco enorme. Os boatos sobre Marijke podiam chegar aos ouvidos de Brandt e não se sabe como ele poderia reagir.

A nova cobradora — uma mulher simples, mas amigável — acenou com a cabeça quando Karl entrou. O oficial deu uma olhada à tabela com os *koberzimmers* para ver o número, mas a funcionária pediu-lhe para esperar enquanto verificava se Marijke estava pronta. Uma fila de prisioneiros olhou para os próprios pés quando Karl entrou na sala de espera. Triângulos verdes e um cor-de-rosa. Viam-se marcas vermelhas nos pulsos do maricas, prova de que fora recentemente chicoteado. Himmler enviara um memorando para os campos com a atualização dos procedimentos do *Reich* relativamente aos homossexuais. O problema piorara, defendia ele, e eles tinham de ser vergados. Os judeus eram uma coisa — uma praga, como Himmler os via — mas os triângulos cor-de-rosa estavam a consumir a raça alemã de dentro para fora.

O prisioneiro deve ter-se apercebido de que Karl o olhava fixamente, porque a sua perna começou a vibrar contra a cadeira. O barulho irritou Karl, que se ergueu e marchou para o corredor, ignorando a cobradora que se virou para o chamar. Ao virar a esquina, Karl estacou. Um guarda tinha a sua cara de porco encostada ao buraco para espreitar o *koberzimmer* de Marijke, enquanto uma das suas mãos se agitava para cima e para baixo, dentro das calças.

— Tu! Põe-te a andar daqui para fora! — O guarda deu meia-volta e murmurou um pedido de desculpas enquanto se esforçava por tirar a mão de dentro das calças e fechar o fecho-éclair. — És uma vergonha.

O guarda escondeu as mãos e permaneceu em sentido.

— Uns triângulos cor-de-rosa vieram aqui esta noite. Disseram-me para me certificar de que estavam a fazer aquilo que é suposto

fazerem.

— És desprezível, sabes? Como te chamas?

O guarda empalideceu ao dizer o nome a Karl, mas assim que ele desapareceu a correr, o seu nome foi esquecido e tudo aquilo em que Karl conseguia pensar era no homem que ali estava com Marijke. Os seus dedos envolveram a maçaneta da porta, mas deteve-se. Ela sentir-se-ia humilhada se ele entrasse ali assim, mas de maneira alguma ele queria que aquilo se prolongasse um minuto mais que fosse.

A nova supervisora do bordel apareceu na entrada para investigar o alvoroço.

— Mandei o guarda embora — disse Karl. — Este tem de sair daqui.

Gesticulou para a porta de Marijke, mas a mulher não se mexeu.

— Eles ainda têm mais três minutos.

— Agora.

A mulher bateu à porta e Karl chegou-se para o lado uns quantos metros até o prisioneiro emergir, fechando a porta atrás de si. O homem não tinha aspeto de quem tinha acabado de dar uma foda. Tinha o cabelo tão rapado que não dava para parecer despenteado e estava tão pálido que Karl julgou que fosse cair de joelhos aos seus pés.

A mulher apontou para o átrio.

— Vá, se faz favor, ter com o médico para levar mais uma injeção.

O prisioneiro manteve a cabeça baixa enquanto se ia embora. Um rasgo de preocupação atingiu Karl. Todos aqueles homens, deveriam ser centenas, por esta altura. Mesmo que estes prisioneiros estivessem mais limpos que a maioria, será que ele queria mesmo partilhá-la com todos eles?

A supervisora do bordel olhou para Karl com uma expressão curiosa.

— Vai entrar?

— Passa o resto dos clientes dela para outra pessoa.

Assim que as palavras saíram da sua boca, sabia que não se estava a referir apenas àquela noite.

[Bolo tradicional alemão, consumido geralmente na altura do Natal, confeccionado com frutos secos, frutas cristalizadas e várias especiarias. (NT)

] Melville, H. (2017). *Moby Dick*. Lisboa: Guerra e Paz Editores. (NT)

CAPÍTULO QUINZE

LUCIANO
15 DE MAIO DE 1977
BUENOS AIRES

Luciano estava de pé na cave à espera de entrar no Gabinete de Documentação.

— Número cinco-sete-quatro, sai da fila — chamou Falcão.

O coração de Luciano vibrou como uma cotovia engaiolada, quando deu um passo para o lado. A porta no outro lado da cave chiou e ele quase se urinou perante a ideia de mais uma ronda de tortura.

— Três-quatro-um, tu também.

Gabriel meteu-se atrás dele. Esperaram enquanto os outros trabalhadores entravam nas respetivas salas. Luciano conseguia ouvir os dentes de Gabriel a tiritarem com os nervos. Olhou furtivamente pelo capuz, para tentar ver o que Falcão estava a fazer. Falcão pegou-o pelo cotovelo e guiou-o para a frente. Gabriel atrapalhou-se a tentar acompanhar-lhe o passo. Atravessaram a cave e pararam mais à frente. Falcão levou-os para uma sala, desalgemou-os e disse-lhes para tirarem os capuzes.

— Cinco-sete-quatro, foste reafetado ao tratamento destes arquivos. — Colocou uma pasta numa secretária. — Três-quatro-um, mostra-lhe o que fazer.

Luciano pestanejou umas quantas vezes para conseguir focar a sala. Um espaço mais pequeno do que o Gabinete de Documentação, com uma única secretária e uma parede de arquivadores metálicos. No corredor, alguém gritava em protesto. Falcão foi até à porta para ver o que se estava a passar. Olhou para trás, mas parou apenas um segundo antes de desaparecer.

Luciano e Gabriel não falaram. Escutaram, esperaram. Como Falcão não regressava, Gabriel aproximou-se da pasta e abriu-a.

Pela primeira vez, Luciano tinha sido deixado sem supervisão por mais de um minuto e tinha a oportunidade de falar com Gabriel abertamente, de estudar o seu amigo da cabeça aos pés. Não fazia mal chamá-lo de amigo, depois de tudo o que Gabriel fizera para lhe conseguir o trabalho de tradução, mas sabiam tão pouco acerca um do outro. Quando Gabriel pegou no ficheiro no topo da pilha e o começou a ler, Luciano reparou no quão longas eram as suas pestanas. Caracóis escuros caíam-lhe por cima das orelhas e alguns rebelavam-se contra as sobrancelhas como se fossem pensamentos fugidios. O colarinho desabotoado da sua camisa revelava um triângulo de um peito quase sem pelos e Luciano interrogou-se se Gabriel teria algures lá fora alguma namorada a chorar por ele, uma rapariga que gostava de passar a língua pelos contornos da sua pele.

Gabriel ergueu o olhar e apanhou Luciano a olhá-lo fixamente. Ambos baixaram os olhos. Luciano passou os dedos pelas marcas nos seus braços, as cicatrizes que a Máquina lhe deixara, lembrando-se a si próprio de que tinham um trabalho para fazer.

— Puseram-me a organizar estes ficheiros quando aqui cheguei — balbuciou Gabriel, por isso Luciano aproximou-se da secretária e colocou-se ao lado dele. Do lado de fora da sala, chegou o som de gritos furiosos e uma sonora pancada seca.

— Achas que ele está a voltar? — perguntou Luciano.

Gabriel mordeu o lábio e olhou para a porta.

— Não daria mais de cinco minutos.

Estendeu a pasta para Luciano ver. Continha uma lista de números de prisioneiros e uma pilha de fichas de arquivo, tão espessa como uma caixa de fósforos.

— Há quanto tempo aqui estás?

— Apanharam-me em fevereiro. Nos dois primeiros meses, não tive direito a mais nada senão o capuz e a Máquina. Depois, puseram-me a esfregar o sangue das câmaras de tortura. Nem sabes a sorte que tiveste em arranjar um trabalho logo de imediato e, ainda por cima, um bom trabalho.

Luciano pegou na ficha de arquivo que estava por cima do molho. Presa atrás da ficha, estava uma fotografia a preto e branco de uma mulher com trinta e poucos, bem como informações sobre os seus antecedentes e a sua captura. A mulher trajava uma camisa às riscas que lhe assentava como uma camisa de dormir e encarava o fotógrafo de frente. Debaixo do nome encontrava-se a sua profissão: professora.

— Em que universidade andas? — Luciano tentava distrair-se do olhar fixo e perturbador da professora.

— Desisti do curso. — Gabriel fez uma pausa. — De que é que serve ser-se jornalista se nos põem uma mordalha? — Pegou na ficha de arquivo e susteve-a para que Luciano a visse. — Temos de arquivá-las por número de prisioneiro. — Abriu uma gaveta do armário que continha centenas de fichas de arquivo. Do topo do armário, pegou num volumoso livro de registos e folheou as páginas com números até encontrar aquele que correspondia à ficha. Várias colunas preenchiam a página: nome, dados pessoais, data de entrada e de saída e uma última com letras anotadas. — Olha — disse Gabriel, apontando para a letra *T*. — Ela foi «transferida» na semana passada. Transferem vinte pessoas todas as quartas-feiras.

— Transferida para aonde?

Gabriel abanou a cabeça.

— Tu ainda tens muito que aprender, não tens?

Luciano percorreu os nomes na primeira coluna, quando a verdade se contorceu dentro dele. Abriu completamente a gaveta e começou a folhear as fichas de arquivo.

— Do que é que andas à procura?

— De um amigo.

Luciano foi passando as fichas de arquivo até alcançar o ponto em que o nome de Fabián se encontraria. Depois, tirou o livro de registos das mãos de Gabriel, encontrou o seu próprio número e verificou as outras entradas da mesma semana.

Gabriel olhou-o com desconfiança.

— Este não é o único centro de detenção, sabes? Há dezenas escondidos pela cidade.

Luciano anuiu com a cabeça, mas exalou profundamente antes de pousar o livro de registos aberto na secretária. Ao fundo, a música começou, uma ária de uma soprano, e preparou-se para os gritos que se sobreporiam à melodia.

— Eles não se podem safar com isto.

— Já se safaram.

— Se as pessoas soubessem o que se está a passar aqui.

— E o que é que tu queres fazer? Chocalhar as correntes um bocadinho mais alto, à espera de que alguém na rua te ouça? Todos os dias, apanham mais e mais camaradas nossos, as pessoas que já estão a tentar fazer alguma diferença. — Gabriel verificou novamente a porta. — De qualquer maneira, não te classificaria como revolucionário.

— Tudo o que temos de fazer é sobreviver. — O primeiro grito ecoou por entre a música. Luciano estremeceu e fechou os olhos, visualizando o modo como Fabián parecia ficar mais alto assim que se dirigia a uma multidão. — Isto não pode durar para sempre. E, quando formos livres, poderemos rasgar aquela cassette.

— Nunca acreditarão naquilo por que passámos. Os militares vão dar tudo por tudo para fazerem estes lugares desaparecer. — O seu olhar pousou no livro. — Teríamos de nos lembrar de cada detalhe, até do número de passos que precisamos de dar para ir à casa de banho.

Ia começar a dizer mais qualquer coisa, mas alguém entrou na sala. Tal como Falcão, este guarda ainda era adolescente, de aspeto duro e com braços compridos como os de uma preguiça. Os óculos grossos ocupavam a maior parte do rosto. Tinha o aspeto de um indivíduo que sempre almoçara sozinho na escola.

O guarda levou a mão à cintura e sacou da pistola.

— O que é que estão aqui a fazer? — Caminhou na direção deles com a arma empunhada, o seu lábio curvado num sorriso de escárnio, fruto da prática. — Então?

— Eu... Eu estou a mostrar-lhe o sistema de arquivamento — gaguejou Gabriel. — Um dos guardas acabou de sair.

O guarda analisou Luciano, fazendo-o sentir-se como se estivesse estendido numa mesa para ser dissecado.

— Isso é verdade? — O seu sotaque parecia provinciano.

Luciano anuiu com a cabeça. O guarda baixou a arma e percorreu o cano com o dedo, enquanto pensava na resposta deles. Luciano não sabia ao certo o que é que o assustava mais: o prazer explícito no sorriso do guarda ou o facto de alguém de quem ele podia ter tomado conta em pequeno estar a brincar com as vidas deles.

O guarda permaneceu parado durante o que lhes pareceu um minuto até dar um passo atrás.

— Ponham-se a trabalhar, então.

Retirou-se para a entrada, onde sacou de um cigarro, com os olhos ainda colados em Luciano.

Gabriel regressou às fichas de arquivo, mas elas tremiam-lhe nos dedos. A música continuava a tocar, enquanto eles se debruçavam sobre os ficheiros, e Luciano folheava as fichas de arquivo, tentando bloquear os rostos vazios a preto e branco, tentando ignorar os seus destinos. Ouviu uma conversa em voz baixa atrás de si, mas não se atreveu a virar-se. Quando finalmente teve de alcançar o livro de registos, o guarda dos óculos tinha-se ido embora e Falcão estava no seu lugar.

Depois de regressarem a *La Capucha*, Gabriel arranhou no contraplacado que separava as duas celas. Luciano moveu-se para tão perto da divisória quanto possível antes de arranhar em resposta.

— Sabes aquele guarda com os óculos? — perguntou Gabriel.

— Sim?

— Chamamos-lhe Tubarão. Tem cuidado com ele.

— Porquê?

— Ele gosta de andar à caça de tipos, estás a ver, tipos assim como tu...

Um guarda passou e bateu nas portas das celas deles.

— Caluda aí dentro!

A boca de Luciano ficou seca quando rebolou para o centro do colchão; todos os possíveis significados daquela frase passaram-lhe pela cabeça. *Tipos assim como tu*. Novamente, visualizou uma rapariga a acariciar os ombros de Gabriel, no mesmo local em que Luciano tocava todos os dias quando desciam as escadas em fila, a beijar-lhe a base da coluna, que Luciano jamais sentiria. Ele já devia saber que Gabriel acabaria por descobrir o que ele era, tal como Fabián descobrira. Um lampejo de alívio atravessou-o, a tomada de consciência de que não teria de fingir, não teria de mentir, inventar histórias sobre namoradas e sexo, como fizera tantas vezes antes. Mas depois encolheu-se, assoberbado pela vergonha, preocupado com o que Gabriel pensaria dele.

Querido pai,

Tentei fazer uma lista das vezes em que mais me magoaste. De quando me desapontaste. Mas talvez seja mais fácil pensar nas vezes em que me surpreendeste ou me deixaste a pensar. Quanto mais velho fico, mas fácil se torna... tu és um homem complicado, pai. Todo feito de ferro, como um cavaleiro cuja armadura enferrujou à sua volta. Mas sei que és mais do que isso. Continuo a pensar naquela primavera em que fizemos uma viagem de carro pela Patagónia. Lembras-te de ver aquele glaciar no meio daquela onda de frio?

Por entre as vagas de chuva, o vento dançava com tanta força que lhes picava as orelhas. Com a roupa toda amachucada dentro das malas, Luciano pensava que pareciam salsichas, exceto a mãe, que arranjava sempre maneira de parecer graciosa.

À medida que a viagem de barco os conduzia ao glaciar Perito Moreno, a mãe tentava insistentemente que posassem para uma fotografia à frente dele, mas o pai permaneceu junto à balaustrada da proa, com o pescoço esticado, a olhar para a parede de gelo escarpada que se agigantava à frente deles. Duzentos e cinquenta quilómetros quadrados congelados de azul brilhante e ofuscante.

— Aquilo, filho — disse o pai —, é o tipo de poder que o homem nunca terá.

Virou-se para Luciano com admiração, antes de voltar a olhar fixamente para a água. As ondas embatiam na beira do glaciar a cem metros do barco, e um rasgo de luz do sol emergiu, o reflexo contra o gelo tão ofuscante que tiveram de desviar o olhar.

O nariz do pai adquirira uma tonalidade rosada. Bateu palmas para aquecer as mãos e perguntou à mãe de Luciano se tinha embalado o termos de café. Enquanto ela se baixava para o tirar da mala, ouviram um estrondo. Luciano sabia ser apenas um pedaço de gelo a despenhar-se, mas o pai saltou para junto deles, encostando-os à coberta, com os braços abertos para os abrigar. Mamá soltou um grito de surpresa e disse a papá para se acalmar. Assim que se apercebeu do seu erro, levantou-se, mas Luciano conseguiu perceber a sua respiração ofegante, frenética. Juntou-se-lhes uma multidão a rir e o pai ficou rubro quando o guia da viagem se lançou numa palestra sobre derrocadas glaciares.

Ficaste de mau humor o resto do dia, mas eu revi esse incidente vezes e vezes sem conta. Não conseguia... estava obcecado com o pânico e a preocupação nos teus olhos. Toda a minha vida, reclamaste com a mamá por me ir buscar à escola, por telefonar ao professor quando eu era vítima de bullying. «Um rapaz tem de saber defender-se», dizias. Então porque é que finalmente sentiste a necessidade de me proteger? E desde quando é que um homem como tu tem medo de estrondos?

Após aquela viagem, o cabelo do pai passara de louro-escuro para branco, como se fosse para se lembrar daquele glaciar de gelo. Ele nunca parecera preocupar-se com as aparências, mas, nos dias seguintes, ficara estendido no seu cadeirão, perdido na sua música e a murmurar um estranho provérbio sobre uma coroa de cabelo grisalho.

Por muito duro e insensível que te mostres, pai, também tu tens falhas. Uma grande parte de mim sentiu-se satisfeita por perceber isso.

CAPÍTULO DEZASSEIS

MARIJKE
7 DE JUNHO DE 1944
BUCHENWALD

Tinha passado quase um ano em Buchenwald, e estava exausta e desanimada. O meu corpo já regressara quase ao normal, graças às rações decentes que recebíamos e à comida e aos doces que Karl me oferecia. Normalmente, partilhava-os com as outras raparigas, exceto uma vez. A primeira vez que ele me deu um bolo com um monte de frutos silvestres em cima, guardei-o só para mim, devorando-o na casa de banho como se fosse um rato do bordel. Nessa mesma noite, encontrei sangue nas minhas cuecas e, daí por diante, o meu período apareceu de forma irregular.

As visitas dos prisioneiros tinham diminuído com o tempo, o que nós encarámos como um sinal de que os homens estavam a morrer. Constatámos isso com um misto de alívio e tristeza. Sophia ficou na cama pela noite dentro, a chorar por Albin, o falsificador, e a sua voz suave e calorosa, ou pelo ator francês Henri, que vivia ao lado da pastelaria preferida dela em Paris. Há muito que me tornara insensível às visitas; os rostos pálidos e as pernas e os braços deformados começaram a parecer-me todos iguais, dolorosos lembretes de uma época que eu desejava esquecer, de um marido que parecia um brilho pálido de um farol no horizonte. Embora eu ainda perguntasse a cada visitante se conhecia Theo, a pergunta tornou-se um hábito, com pouca esperança de obter uma resposta. Para os prisioneiros, as raparigas do bordel eram exemplos perfeitos de feminilidade. Namoradas, não prostitutas. Agarravam-se a nós com tal desespero, que se tornava difícil não olharmos para eles com pena, não nos sentirmos culpadas pela nossa incapacidade de satisfazer as suas fantasias. Como eles queriam

ser amados... Eu barricava-me deles, proporcionando-lhes o consolo suficiente e nada mais.

No início, nós, as raparigas, tentáramos aliviar a nossa miséria partilhada. Mas depois de tantos meses ali fechadas como galinhas numa capoeira, começáramos a picar-nos umas às outras, procurando os respetivos pontos fracos. Digladiávamo-nos para ver quem ficava com a última fatia de queijo, ou para decidir de quem era a vez de lavar as casas de banho. Gerda criticava Edith por se gabar tanto, chamando-lhe esponja e rameira. Edith, por sua vez, acusava Gerda de lhe ter roubado a escova ou alguma fita a mais que ela tivesse.

Por muito que o sol brilhasse lá fora, o bordel parecia sempre sombrio — uma prisão tanto para as nossas mentes como para os nossos corpos. Até eu sentia a paciência a gastar-se. A forma como Sophia fazia estalar a língua contra os dentes sempre que mastigava irritava-me sobremaneira, e embora ela nunca tivesse dito nada de mal sobre ninguém, parecia cada vez mais ausente, como se mal me ouvisse, e eu sentia nela uma exasperação crescente sempre que me punha a falar sobre Karl.

O jantar tornou-se imprevisível. Havia dias em que conversávamos e trocávamos mexericos, partilhando histórias das nossas terras, espantando-nos com as diferenças culturais: a forma como atávamos os lenços, como celebrávamos o nascimento de um bebé. O riso tornava-se, então, a nossa própria forma de coragem. Noutros dias, Edith e Gerda trocavam insultos de uma ponta da mesa para a outra, enquanto as raparigas polacas se punham a discutir na sua língua.

Certa manhã, depois de mais um pequeno-almoço arruinado, Edith fez-me um gesto, chamando-me, quando estava a sair do seu quarto. Tinha o rosto esverdeado com a tonalidade de um fruto que ainda não amadureceu.

— O que se passa? — perguntei.

Ela levou-me para a casa de banho e fechou a porta atrás de nós. Nunca a tinha visto com um ar tão sério.

— Podes confiar em mim — disse eu. — Não vou dizer nada a ninguém. Prometo.

Ela mordeu o lábio enquanto refletia sobre o que haveria de dizer.

— Há uma semana encontrei uma lesão, agora há mais.

— Uma lesão?

— Tu sabes. — Ela começou a sussurrar. — Uma chaga.

Baixei o olhar para a cintura dela, como se estivesse à espera de as ver através do vestido. Ela corou de vergonha, algo que a julgaria incapaz de fazer.

— Oh, meu Deus, Edith. — No espelho, a minha expressão alterou-se para imitar a dela. Estendi um braço para a abraçar, mas ela afastou-se.

— E não é só isso. — Ela tirou as mãos dos bolsos e virou-as, revelando uma forte erupção cutânea nas palmas das mãos.

— Isso é...?

— Sífilis.

— Tens a certeza? Pode ser outra coisa qualquer, talvez escarlatina?

— Não. Já vi disto muitas vezes em Berlim. Não tenho qualquer dúvida.

Naquele momento, abateu-se sobre mim uma sensação gelada, a mesma sensação que tinha quando subia o dique de bicicleta num dia de fevereiro, o tipo de frio húmido que se infiltra no mais íntimo do nosso ser. Temi não só por ela, mas por todas nós. Todas sabíamos que uma coisa destas iria acabar por acontecer mais cedo ou mais tarde.

— Como é que o médico não reparou? — perguntei.

— Não sei. Durante o último exame que me fez, parecia estar à pressa, distraído. Mas agora é inevitável.

— Pode desaparecer, se descansares o dia todo. Eu faço as tuas tarefas.

— E depois o que é que faço? Infeto todos os homens que vierem cá esta noite?

Por uma fração de segundo, pensei que eles mereciam. Afinal, tinha sido um deles a passar-lhe a doença. Eles visitavam o bordel todos contentes sabendo o inferno que nos faziam passar. Mas depois a minha sensibilidade veio ao de cima, e recordei a mim própria que a maioria daqueles prisioneiros passava muito pior do que nós.

— Havemos de pensar nalguma coisa — disse eu. — Por ora, não dê nas vistas.

— Eu, não dar nas vistas? Seria a primeira vez! — Ela forçou uma gargalhada quando saíamos da casa de banho. Pelo menos, ainda conseguia ser ela própria.

Ela durou até à hora do jantar. Quando alguém lhe pediu para passar o jarro da água, vislumbrei as palmas das mãos, que estavam agora ainda mais vermelhas. Gerda observou Edith com desdém e mais tarde, enquanto lavávamos a nossa louça, a supervisora do bordel chamou Edith à parte e pediu para ver as mãos dela. Edith olhou de relance para mim, e ambas percebemos que não havia hipótese. Foi logo enviada para a enfermaria.

Não regressou nessa noite, nem na noite seguinte. Quando contei a história toda a Sophia, ela concordou que havia uma forte probabilidade de Gerda ter visto a irritação na pele e ter contado. Uma coisa cruel de se fazer, a ser verdade, mas decidimos que não podíamos tirar conclusões precipitadas, não fosse isso criar uma divisão ainda mais acentuada entre todas nós.

Vários dias depois, eu e Sophia estávamos deitadas nas nossas camas, a refletir sobre o destino de Edith. Presumi que ela tivesse sido levada de volta para Ravensbrück. O palpite de Sophia não era tão otimista.

— Ela está morta, só pode estar.

— Não digas isso.

— Estamos todas a pensar o mesmo. Ela já não tem qualquer utilidade para as SS. Não têm qualquer razão para a manter viva.

— Talvez ainda esteja a recuperar na enfermaria.

Sophia abanou a cabeça.

— Eu sei que não acreditas nisso. — Ela parecia tão exausta, tão derrotada. — Marijke, já me fartei. Todos estes homens, já não me sinto humana. Não consigo continuar assim.

— Por favor, não fales assim — disse eu, embora ouvisse o meu próprio eco nas palavras dela. A sensação de que nos tornáramos objetos, a forma como tudo tinha ficado embotado: os meus sentidos, as imagens de casa, das pessoas que eu amava.

— Alguns prisioneiros encontraram uma forma de escapar, sabes? Arriscam as suas próprias vidas.

Sentei-me na cama.

— Sophia, ouve-me bem. Nós vamos ultrapassar isto.

— Para quê? De que é que vale? O que é que nos espera lá fora mesmo que a guerra acabe a nosso favor? Regressamos a casa e encontramos as nossas cidades destruídas, metade da nossa família desaparecida? Como é que esperas que eu sequer consiga casar depois disto? Estamos corrompidas.

Corrompidas. Ela tinha razão. Se Theo sobrevivesse, ele nunca olharia para mim da mesma forma. O que seria do nosso casamento? Aquela dor nauseante regressou, aquele pavor, aquele medo — as únicas emoções que se mantinham nítidas.

Apoiei-me na mesa de cabeceira e olhei-a nos olhos.

— Quando os Aliados vencerem, tu vais para casa ter com os teus pais que te adoram, vais ter com os teus irmãos. Eles vão sobreviver, tal como tu. E vais ter amigos como eu e, um dia, vais encontrar uma pessoa que vai ser capaz de ultrapassar tudo isto. — Sentei-me ao lado dela e pus-lhe uma mão no joelho. — Por favor, tens de te aguentar. Confia em mim quando te digo que vai valer a pena.

Ela fechou os olhos e respirou fundo, entrelaçando os dedos nos meus. Apertou-me a mão e não me largou.

— Está bem — disse ela. — Eu confio em ti.

O solstício de verão veio e foi e Edith não regressou. Karl, contudo, sim, e as suas visitas eram simultaneamente um lembrete do meu sofrimento e uma apreciada distração. Sempre que ele aparecia, eu redobrava os meus esforços para afofar a almofada, beliscar as faces para lhes conferir alguma cor e ajeitar os caracóis do meu cabelo. Dava por mim a contar-lhe coisas que só contara a Theo: o medo que eu tinha de nunca me serem permitidas as mesmas oportunidades que aos violinistas homens em Amesterdão, a preocupação que eu tinha de ser demasiado egoísta para me tornar uma boa mãe. Com estas confissões, vinha a antecipação nervosa da resposta dele, mas ele beijava-me sempre os pulsos e dizia-me que eu não tinha nada com que me preocupar, que eu era forte e corajosa e bela. Mais tarde, repreendia-me a mim própria por estes momentos de fraqueza. Eu sabia que não podia baixar as minhas defesas, que não devia esquecer-me de quem ele era. Sempre que qualquer outro nazi passava à minha frente, a minha ira exaltava-se, ameaçando lançar-se sobre ele como tentáculos escorregadios. Sabia lá eu de que é que Karl era capaz, quanta felicidade ele não teria esmagado, quantas vidas não teria ele extinguido.

Por muito dócil e preocupado que ele se mostrasse quando estava comigo, ele tinha um mau feitio que se acendia como um motor depois de um dia mau. Num minuto estava a elogiar o carácter meticoloso dos prisioneiros que tratavam do jardim do campo e, no minuto seguinte, acusava-os de roubarem batatas e ameaçava chicoteá-los a todos. Esse temperamento dava-me a sensação de que ele estava a tentar ser dois homens ao mesmo tempo e preocupava-me pensar no que poderia acontecer se alguma vez se virasse contra mim.

Enquanto estávamos deitados na cama uma noite depois de o bordel ter fechado, ele encostou-se a mim, e senti o peito dele pegajoso nas minhas costas.

— Ver-te é a melhor parte do meu dia — sussurrou ele, e a sua voz perdeu-se no meu cabelo.

— Não é todos os dias.

— Quem me dera que fosse.

Suspirei. Na última visita, ele nem sequer quisera sexo, dizendo que só viera visitar-me. Mas quando ele não queria, queria eu. Amedrontava-me aquilo em que eu me transformara, um ser meio mulher e meio animal. Eu sempre tivera orgulho em ser uma pessoa sensata e fiel, por isso quem era esta estranha que trairia tudo isso por algo tão primário quanto o desejo?

Karl tocou-me no ombro.

— Tenho estado a pensar. — Ele afagou-me. — Talvez seja egoísta. Não quero que vejas outros homens.

— Quem? O Bruno?

— Quem é esse?

— O *Kommandoführer* Hoffmann. Ele paga à supervisora do bordel para lhe arranjar uma rapariga de vez em quando.

— Aquele animal? Ele tem merda no lugar do cérebro. — Ele coçou o queixo. — Bem, não, nem ele... nem ninguém.

Senti-me como se ele tivesse acendido um fósforo dentro de mim, um brilho hesitante e tremeluzente.

— O que é que eu faria a noite toda?

— Quero-te só para mim.

— És egoísta.

— Eu amo-te.

Fechei os olhos.

— Não digas isso.

— É verdade. Quer queiras acreditar, quer não.

Depois de me esgueirar do abraço dele, dirigi-me ao lavatório e deixei que a água fria caísse sobre os meus pulsos. Tentei imaginar Theo, o seu odor, o som da sua voz, mas a imagem estava pouco nítida nos cantos. A presença de Karl permanecia no *koberzimmer* muito depois de ele se ter ido embora, o seu cheiro a cabedal e pinho, a sua voz sólida e grossa como um velho olmo. Se eu admitisse que sentia alguma coisa por Karl, isso significaria que eu aceitava o que ele tivesse feito como membro das SS? Só desejava

que houvesse uma forma de separar uma versão dele da outra. Virei-me para ele. Ele sentou-se na cama; a cobertura do colchão soltara-se e enredara-se nas pernas dele.

— Mas consegues fazer uma coisa dessas? — perguntei. — Consegues afastar os outros homens?

— Consigo fazer qualquer coisa. — Ele corou. — Bem, consigo fazer muitas coisas.

— Consegues tirar-me daqui?

— Não, isso eu não consigo. Infelizmente, está para lá dos meus poderes.

Na pausa que se seguiu, tornei-me agudamente consciente da minha nudez, dos meus mamilos rijos e convidativos. Regressei à cama e sentei-me, abraçando o meu corpo.

Ele procurou-me a mão, com os olhos a transbordar preocupação.

— Deixavas-me se fosses livre, não era?

A água pingava da torneira. Fiquei calada. O som repuxou alguma coisa, a recordação de um dia de inverno chuvoso antes de termos sido capturados. A casa estava fria e cheia de correntes de ar, e o nosso sótão tinha ficado vago há pouco tempo, já que a resistência encontrara uma casa segura no campo para o casal de idosos judeus que estivéramos a esconder. Theo queria albergar alguém logo em seguida, mas eu estava hesitante. Com a Gestapo a patrulhar constantemente e alguns vizinhos a denunciarem-se uns aos outros só por estarem a trautear «Het Wilhelmus», o risco era maior do que nunca.

Naquela manhã, Theo trouxera alguma coisa do sótão, um tabuleiro de gamão que o casal deixara ficar de presente. Ficámos horas sentados, a ouvir a chuva na rua e a beber chá enquanto passeávamos as peças pelo tabuleiro. Lembro-me de ter brincado, dizendo que era a sorte aos dados que lhe permitia vencer. Ele piscara o olho, acenando com aquelas mãos de Midas no ar. «É aí que estás enganada. Sabes, ao longo de uma partida, a sorte tende a distribuir-se, e acaba por ser tudo uma questão de estratégia.» Ele

explicou as diferentes formas como se pode abordar um tabuleiro. «Depende tudo do que os dados ditam nas jogadas iniciais. Se não tiveres números altos, tens de começar a construir muralhas para bloqueares o teu adversário. A qualquer momento, tudo pode mudar, mas a força reside em saberes quando deves manter as tuas defesas, e quando é seguro fazeres uma jogada.» Fechei a torneira para parar a água. Karl aguardava a minha resposta.

— Sabes — acrescentou —, eu nunca te obrigaria a fazeres nada.

— Obrigaste da primeira vez.

— Isso foi diferente.

— Porquê?

— Eu tinha bebido demasiado; não estava em mim. Eu amo-te, Marijke. Ouviste bem?

— Isso não é uma expressão mágica.

Ele pegou-me no braço, quase com brusquidão, mas aliviou o aperto e beijou-me a face.

— Bem, então o que é que preferes? Preferes continuar com o teu horário habitual?

— É claro que não.

— O que é que queres?

— Quero que me deixem em paz.

Ele retirou o braço.

— Isso inclui-me a mim?

A boca dele descaiu numa expressão sisuda, um olhar triste e desgostoso que me fez ceder novamente. Cada vez mais, gestos simples e um pinga de vulnerabilidade conseguiam enganar-me e fazer-me ver nele um homem comum, um amante. Pensei na explicação que Theo dera para aquela partida de gamão, e imaginei todos aqueles visitantes do bordel apagados como peças do jogo retiradas do meu tabuleiro. Manter Karl feliz, permitindo-lhe que acreditasse no que quisesse, só serviria para me proteger, para me ajudar a sobreviver e encontrar o caminho de regresso ao meu marido.

Suspirei e toquei-lhe nas rugas do rosto.

— Trata de tudo e depois serei tua.

Ele sorriu.

— Por ora.

— Vou arranjar um quarto só para ti e rações melhores.

— Isso não é necessário.

— Mas eu quero fazer isso.

— As outras raparigas não iriam compreender. Eu sobrevivo bem assim e não me sentiria bem se fosse de outra maneira.

Karl passou a mão pelo meu cabelo, ficando com os dedos presos nos nós.

— Sempre preocupada com toda a gente. — Ele levantou-se e tirou uma garrafinha de marfim do bolso do sobretudo. — Isto é motivo para celebrarmos.

— Já te disse que não bebo.

— Nem por causa disto?

— Hei de descobrir uma forma de celebrar.

CAPÍTULO DEZASSETTE

KARL
25 DE JUNHO DE 1944
BUCHENWALD

Depois de Karl ter apanhado aquele guarda a espreitar Marijke, reuniu os oficiais das SS que visitavam o bordel dos prisioneiros. Não precisava de se preocupar com os guardas. A problemática supervisora do bordel, por muito gananciosa que fosse, não teria deixado nenhum deles visitar as raparigas, mas ele queria meter os oficiais na ordem antes que eles comessem a subornar a sua substituta para terem esse privilégio. Tanto quanto sabia, apenas três ou quatro oficiais, todos bem abaixo da sua patente, haviam feito disso um hábito: Ritter, dois companheiros de bebida e Hoffmann — «Bruno» para Marijke. Karl devia ter suspeitado que aquele rafeiro andava atrás dela. Quando Hoffmann entrou no salão dos oficiais nessa noite, Karl sentiu uma vontade irresistível de se dirigir a ele e partir-lhe os dentes.

Ritter sentou-se e puxou de um cigarro.

— Bom, estamos todos curiosos sobre o motivo desta reunião. — Manteve o maço empunhado, como que em sinal de oferta, mas quando Karl apenas respondeu com um olhar gélido, levantou-se novamente. — Peço desculpa, *Schutzhaftlagerführer*, dá licença?

— Força.

À medida que os outros homens se animavam, o ambiente começou a desanuviar, ao mesmo tempo que o sentido de autoridade que Karl tinha sobre eles começava a desaparecer. Caminhou para a frente e para trás. Durante toda a semana, andara a disparar palavras mais rápidas que o seu pensamento. No dia anterior, dissera a Marijke que a amava. Palavras que só o podiam levar a problemas. Só o dissera uma vez antes a Else e nem sequer

sabia se realmente fora sincero nessa altura. Mas, por muito que tentasse, não conseguia reprimir esse sentimento.

O cheiro dos cigarros fê-lo ficar com comichão no nariz. Tossiu uma vez para captar a atenção dos homens e encetou o pequeno discurso que planeava.

— Estou a trazer este assunto à baila aqui em privado, para que o Brandt não caia em cima de vocês, mas isso não o torna menos importante. — A sua voz subia de tom com cada palavra e Karl apoiou-se na mesa como se se tratasse de uma tribuna. — É sobre as prostitutas dos prisioneiros. Sei que já se divertiram um bom bocado, mas está na hora de parar com essa história. De agora em diante, o bordel é para uso exclusivo dos prisioneiros.

Os homens remexeram-se de forma desconfortável. Ritter e Hoffmann trocaram olhares furtivos.

— Foi o próprio *kommandant* quem escolheu as raparigas do bordel das SS — acrescentou Karl. — Estão a insultá-lo se vão à socapa usar as de segunda categoria. Além disso, querem mesmo andar a foder as mesmas mulheres que os criminosos e os comunistas?

Ritter exibiu um sorriso rasgado.

— Para não falar naqueles paneleiros.

— Certo, a última coisa que vocês querem de certeza é apanhar uma das doenças deles. Perceberam bem?

Karl largou a mesa e examinou os homens. Hoffmann encarou-o nos olhos.

— Isso aplica-se a todos os oficiais?

Karl sentiu-se a ferver por dentro.

— Aplica-se a vocês! Entendido?

Os lábios de Hoffmann apertaram-se para esconder o seu semblante carregado. Karl tê-lo-ia agredido ali mesmo, mas depois teria de ir ter com Brandt e contar-lhe a história toda. Por muito que o *kommandant* gostasse de Karl, não ficaria feliz por saber que ele agira nas suas costas relativamente à situação do bordel.

— Estamos entendidos, então. Se ouvir mais algum relato de visitas ao bordel dos prisioneiros, terei de reportar de imediato ao *kommandant*.

Os oficiais acenaram com a cabeça. Quando Karl os dispensou, saudaram com uns rápidos «*Heil Hitler*» e dispersaram.

O calor húmido do verão e o aumento do número de prisioneiros no campo dera origem a um novo problema. A morte pairava sobre eles como nunca e o crematório não conseguia dar vazão. As moscas voavam em enxames sobre os cadáveres, enquanto o sol agia sobre a carne em decomposição. Karl começara a fazer um desvio para chegar aos armazéns. A produção do crematório revelara-se igualmente uma dor de cabeça, embora não fosse nada quando comparada com os camiões de cinzas com que as SS tinham de lidar nos campos de extermínio, graças a Deus. Era preciso um homem com estômago de ferro para gerir um campo como Auschwitz. Ainda assim, algo tinha de ser feito relativamente a todas aquelas cinzas.

A solução ocorreu-lhe num dos seus passeios perto do terreno da falcoaria. Crateras profundas haviam-se formado entre as árvores, como se o demónio tivesse erguido as suas garras para puxar aquela terra para as profundezas do inferno.

No espaço de uma semana, começaram a descarregar cinzas nesse local. Karl passara por lá novamente noutro dia, ainda de madrugada. O primeiro fosso já estava a ficar cheio. Embora o céu ainda exibisse um cinzento sombrio e os prisioneiros ainda não tivessem saído dos blocos, a mata estava longe de parecer sossegada. Esquilos corriam apressados, gritando uns para os outros. Uma brisa soprou nas copas das árvores como se fossem uma vela, imitando o suave rugido do mar. Mais abaixo, na cratera, as cinzas ao de cima rodopiavam, recusando-se a assentarem na Cova do Diabo e, por alguma razão, isso perturbou-o mais do que aqueles corpos apodrecidos, mais do que as moscas. Naquela

manhã, ficou ali muito tempo, transfixo por aquele movimento, pelo modo como as cinzas gravitavam como se ainda possuíssem vida.

Pouco depois do almoço, num quente dia de agosto, o tipo de tarde enevoadada que cola a camisa às costas, Karl estava a caminho de uma reunião na fábrica de armamento da DAW no limite oriental do campo. Continuava a pensar naquelas cinzas, na sensação desagradável que a imagem deixara no seu estômago. Desde esse dia, alterara o seu percurso nos seus passeios matinais e percorria agora uma parte diferente da mata.

Naquele dia, ao aproximar-se da guarita, um seixo saltou-lhe no meio do caminho. O chão começou a tremer. Sentiu um aperto no peito quando olhou para cima e viu um V formado por compridas riscas brancas ao longo do horizonte. Um bombardeiro, um simples ponto minúsculo, voava à frente da esquadrilha, aproximando-se cada vez mais. Pouco depois, chegou um rugido estrondoso. Não o inconstante *vrum-vrum-vrum* dos motores da Luftwaffe, mas um zumbido profundo.

Não havia nada nas proximidades que lhe oferecesse cobertura, o único abrigo antiaéreo ficava a dez minutos de distância. O ruído tornou-se ensurdecedor, acompanhado por um silvo agudo. As sirenes antiaéreas começaram a troar. Karl começou a correr, mesmo a tempo de ver uma pluma de fumo vermelho surgir na extremidade do campo. Um feixe de sinalização para marcar a fábrica da DAW, como se fosse o centro de um alvo. A imagem levou-o a deter-se. Demasiado atordoado para se mexer, observou, sentindo o terror a solidificar-se no fundo da sua garganta.

Os aviões encontravam-se exatamente por cima da sua cabeça. Recomeçou a correr, sentindo o embate dos pés no chão. Por todo o lado, prisioneiros gritavam, corriam ou tombavam no solo. Karl mudou o seu percurso para se afastar da fábrica, regressando ao oceano formado pelos blocos dos prisioneiros. Marijke. Não havia abrigos antiaéreos para os prisioneiros, os que existiam nem mesmo para as SS eram suficientes. Algo o impeliu, a necessidade de

protegê-la. Hesitou, mas continuou a mover-se na direção da portaria. Não havia tempo e Karl seria um alvo fácil se corresse na direção oposta do campo.

Bombas chiaram pelo ar, espalhando explosões por todo o lado em seu redor. A terra voou e acertou-lhe nos olhos. A alguns metros do portão, uma bomba aterrou mesmo atrás dele. Karl atirou-se contra a portaria, agachou-se e cobriu a cabeça com os braços. A parede de cimento vibrou contra as suas costas enquanto pedaços de detritos lhe acertaram nos ombros, falhando por pouco a sua cabeça. Outra explosão. O impacto atirou-o para trás. Metal rasgou-lhe o braço. Viu o vermelho ainda antes de sentir fosse o que fosse. As instruções de Brandt sobre protocolos de emergência regressavam-lhe à mente em fragmentos, inúteis naquele momento. Os aviões circundaram o local e o horizonte entrou numa erupção de faíscas brancas. Bombas incendiárias. Esforçou-se por se colocar de pé, agarrando o braço com força, sentindo o sangue a escorrer por entre os dedos.

Atravessou o portão a correr, continuando ao longo das casernas das SS. Entre alguns edifícios, crateras esventravam a relva. Uma das casernas fora rasgada de lado, como uma casa de bonecas. Entre uma massa de madeira, lajes de betão e estruturas de cama metálicas, jazia um guarda das SS. Estava estendido, morto no meio do chão, com uma lâmina de barbear na mão e metade do maxilar ainda com espuma, tendo a outra metade sido completamente arrancada. Karl cobriu a boca, procurando não vomitar. Algures, os feridos gritavam — homens das SS. Uma bomba nas proximidades detonou-se em chamas, o calor envolvia o cabelo de Karl. Conseguia sentir o sabor do suor. Ignorando os gritos de ajuda, seguiu em frente. Tudo em que pensava era em ir para debaixo do solo.

O seu estômago torceu-se com cólicas quando conseguiu alcançar o abrigo antiaéreo, uma protuberância de pedra e terra escondida entre as árvores. Desceu os degraus aos tropeções, bateu na pesada porta e berrou para alguém abrir. Outro assobio

agudo. O seu braço latejava. Investiu o seu peso contra o metal e caiu lá para dentro, aterrando em cima de outro oficial. A porta fechou-se atrás de si. Levantou-se para ver em redor enquanto a sua visão se adaptava à ténue luz e encontrou Hoffmann agachado nas sombras com um punhado de outros oficiais. Sete mulheres de oficiais das SS estavam aninhadas umas contra as outras, pálidas e a tremer, com as crianças agarradas às saias. Uma criança chorava, mas ninguém falava. Nem sinal de Brandt.

O céu retumbou durante mais meia hora, com as crianças a choramingarem o tempo todo. O calor no abrigo tornou-se insuportável. Enquanto Karl improvisava uma ligadura com um canto de uma manta de bebé, pensava na explosão junto ao crematório, em como essa não lhe acertara por pouco. Pensou na faixa de chamas entre as copas das árvores. Em Marijke.

Pouco depois, tudo ficou sossegado e os seus ouvidos retiniam no silêncio. Olharam todos para ele à espera de instruções. Karl pigarreou.

— As mulheres e as crianças ficam aqui até eu enviar um mensageiro. Os restantes, venham.

Buchenwald ainda ardia lentamente quando o sol se pôs. O fumo infiltrou-se no campo como nevoeiro, sufocando o céu cor de laranja. Figuras feridas coxeavam, ora visíveis, ora desaparecidas por entre o fumo. As brasas continuavam a arder nas árvores, e metade dos prisioneiros havia sido destacada para ajudar a controlar o incêndio. Outros construíam macas improvisadas a partir de árvores caídas, e tanto os blocos da enfermaria como o hospital das SS estavam a transbordar até aos degraus da entrada. Karl e Brandt encontraram-se junto às casernas das SS para compararem o que tinham aferido dos danos.

O *kommandant* salientou que dois dos edifícios administrativos tinham ardido completamente, juntamente com os blocos de isolamento, onde mantinham prisioneiros proeminentes, políticos e uma princesa italiana. Um ano antes, Himmler ter-lhes-ia tecido

duras críticas por terem sofrido tamanhas perdas, mas agora o manto de invencibilidade do *Reich* tinha deslizado e a realidade estava a instalar-se.

As fábricas haviam sofrido o maior impacto. Karl informou Brandt de que apenas dois edifícios da Gustloff-Werke ainda se mantinham de pé. Uma longa fila de mesas cobertas com carabinas 98k inacabadas era tudo o que restava de uma das principais linhas. A fábrica da DAW tinha tido melhor sorte, mas sofrera explosões suficientes para ter ficado com as instalações cobertas de vidro estilhaçado e máquinas amolgadas, o que provavelmente resultaria num valor próximo de um milhão de marcos só em danos.

Apesar de os Aliados terem mutilado a produção de armamento de Buchenwald, haviam poupado a mão de obra. Karl presumia que tivessem perdido cerca de duas centenas de prisioneiros com a destruição das fábricas e ainda havia que determinar o número de feridos, mas estimava-se aproximadamente um milhar. Para verificar isso e frustrar qualquer tentativa de fuga no meio do caos, Karl ordenou que os prisioneiros se apresentassem para uma chamada de emergência. Mas nenhuma bomba atingira os blocos dos prisioneiros nem o bordel. Karl reparou nisso com um alívio amargo; a única bomba que aterrara no campo dos prisioneiros fora a bomba que o ferira. Sem dúvida, o ataque dos Aliados tinha alvos específicos. O que significava que eles tinham consciência da existência dos prisioneiros nos blocos, dos milhares e milhares de vidas que as SS lá controlavam. O seu avanço contínuo iria revelar a verdade, os crimes que os nazis andavam a cometer sem qualquer remorso. Iria revelá-los a todos como assassinos.

Brandt cruzou os braços e suspirou. Tinha o semblante carregado, o pescoço manchado de cinzas.

— E depois, há os nossos homens. Chamei todos os médicos de Weimar e das cidades vizinhas, mas ainda assim não será o suficiente. Vamos perder mais durante a noite. — Karl recordou os gritos, homens empalados por lascas de madeira. O modo como se contorciam no meio dos detritos, um pé ou um braço a alguns

metros de distância. Karl encolheu-se, envergonhado por ter ignorado os gritos que pediam ajuda. — Como é que estamos em termos de números?

— Pelo menos setenta e cinco mortos, cerca de duas centenas de feridos. Mas ainda falta saber do paradeiro de alguns.

Brandt fixou o olhar na caserna atrás de Karl, onde uma equipa de homens tentava limpar os destroços. Alinharam corpos na estrada, um ou dois que Karl reconheceu. A noite sabia-lhe a ferro.

— O pior foi não termos conseguido proteger as famílias deles.

— Pelo menos, estão mais seguras aqui do que em Berlim. — Karl começou a tossir e abanou a mão para dissipar o fumo entre eles. — Graças a Deus que temos os abrigos antiaéreos. Embora tenhamos de construir uns quantos mais próximos das vivendas.

— Já passou por lá?

— Ainda não.

— Tivemos sorte, Müller; outros, nem tanto. — Brandt esfregou a testa, mas então o seu sobrolho carregou-se de determinação. — Eles não se vão safar com isto. Vamos reconstruir a fábrica, é claro, mas antes de começarmos com isso, vamos tratar de que os prisioneiros paguem por cada vida que perdemos.

— É claro, *Kommandant*. Diga-me só o que tenho de fazer.

O comentário de Brandt sobre as vivendas preocupou Karl, por isso, assim que regressou ao seu gabinete, Karl fez o seu caminho de volta. Respirar tornava-se tanto mais fácil quanto mais longe avançava, mas o crepúsculo cobrira a floresta de sombras e o zumbido das equipas de resgate desvanecia-se até nada se ouvir. Até os sapos tinham ficado silenciosos.

O caminho que conduzia à sua vivenda estava mais iluminado do que o habitual, porque a casa do responsável do departamento político perdera o telhado e as luzes do edifício que ficava por detrás dela brilhavam através de onde antes ficara o segundo piso. Ele avançou até ao limite da propriedade do homem. O alpendre tinha ruído e o monte de tijolos e argamassa em cima dele faziam lembrar

uma montanha após um desmoronamento. Uma estante estava caída pela janela da frente, com os seus livros espalhados pelo jardim, capas chamuscadas, lombadas rasgadas e páginas soltas, algumas presas em arbustos, outras a flutuarem por entre as folhas das árvores, como se fossem bandeiras brancas. Mas alguns exemplares encontravam-se intactos no chão e os seus títulos gravados a dourados refletiam a luz: *Dom Quixote de La Mancha*⁹, *A Cabana do Pai Tomás*¹⁰, *O Atlas do Mundo Moderno*.

Quando se estava a aproximar da sua vivenda, ergueu as mãos às têmporas, tentando impedir que a coroa de ferro que era a sua dor de cabeça se cingisse ainda mais. Mas a silhueta do edifício permanecia intacta, até mesmo a chaminé de pedra. Já em frente à casa, detetou algumas janelas partidas no escritório e um pequeno buraco no telhado. Havia detritos ao longo do alpendre, desde a sua vivenda até à vivenda do lado, mas nada significativo. Karl exalou e fechou os olhos.

A casa de Brandt não sofrera quaisquer danos. Os jardins de outros dois oficiais tinham sido destruídos devido a uma explosão na estrada ali perto, que sucumbira num buraco com quase um metro de profundidade. Contudo, tirando alguns pedaços de parede em falta, tinham sobrevivido. Essas vivendas também tinham luzes acesas, mas Karl não conseguia vislumbrar ninguém lá dentro.

Sentiu um súbito desejo de ver Marijke, de ouvir a sua conversa reconfortante, o seu riso quente. Quando deu meia-volta para regressar ao campo dos prisioneiros, algo mais à frente captou a sua atenção, a uns trinta ou quarenta passos da cratera na estrada e longe da luminosidade das vivendas. Ligou a lanterna, aproximando-se. Ali, quase junto às árvores, estava caído no chão um dos barquinhos que Brandt dera aos filhos dos oficiais no Natal. O mastro havia-se soltado e estava caído de lado, e o chão por baixo do brinquedo estava salpicado de sangue.

Karl viu Marijke agachada no caminho que dava do bordel aos blocos da enfermaria. Ao encontrá-la incólume sentiu um arrepio de

alívio tão forte que demorou algum tempo até se aperceber de que nunca antes a vira no exterior. Ela estava inclinada sobre um prisioneiro com a cabeça enfaixada. Havia duas dezenas de prisioneiros dispostos no chão à volta dela, numa espécie de fila desorganizada para a enfermaria, e mais algumas raparigas atendiam os feridos nas proximidades.

— O que é que estás a fazer aqui fora? — perguntou Karl.

Marijke arregaçou as mangas e algumas madeixas de cabelo caíram-lhe sobre o rosto. Havia algo de tranquilizador e belo na forma como estava descomposta, em vê-la no exterior. Durante um segundo, permitiu-se imaginar que Marijke estava no jardim de ambos, a tratar das flores numa tarde de domingo.

Marijke ergueu-se e Karl quase poderia jurar que lhe pareceu igualmente aliviada por vê-lo.

— Há tantos que ainda não conseguiram ser vistos por um médico. — Acenou com a cabeça na direção de um guarda à espreita atrás dela. — Ele está a tomar conta de nós.

Karl endireitou-se e afastou-se um passo dela.

— Vou-te levar para dentro.

Marijke fez uma pausa, analisando o que se passava à sua volta, mas baixou-se para apertar a mão do homem ferido antes de seguir Karl para dentro. A sala de espera zumbia com o caos: prisioneiros a trocarem risos como que a comemorarem, a baterem palmas e a conversarem com gestos entusiásticos. Um parecia estar a imitar algo a explodir. Assim que se aperceberam da presença de Karl, os movimentos cessaram.

— O que é isto? Porque é que o bordel sequer está aberto? — Ordenou à supervisora do bordel que esvaziasse um dos *koberzimmers* e depois virou-se para os prisioneiros. — Fiquem calados.

Olharam para o soalho. A imagem do barquinho assolou-o novamente, recordando o entusiasmo do filho do vizinho quando as famílias se reuniram na sala de jantar no Natal e as crianças abriam os embrulhos das prendas. De quem seria aquele barquinho — de

quem seria aquele filho? Karl perscrutou os prisioneiros com um brilho, em busca daqueles indícios de alegria trocista. Será que não tinham respeito nem pelos seus próprios mortos?

— Saíam daqui, todos vocês — disse Karl. — Voltem para os vossos blocos.

Marijke ficou rígida, enquanto os homens saíam em fila. Karl esperava que Marijke compreendesse que estava a fazer um favor, a ela e às outras raparigas, dando-lhes uma noite de folga. A supervisora do bordel conduziu Karl e Marijke pelo corredor. O quarto ainda cheirava a sexo, mas era melhor que o ar denso da rua. Uma vez a sós, caíram nos braços um do outro, e a tensão no corpo de Marijke acalmou no abraço de Karl.

Ele suspirou ao ouvido dela e inclinou-se para saborear o seu pescoço.

— Meu Deus, como me fazes falta.

— Karl. — A primeira vez que Marijke disse o seu nome fora num suspiro, a segundo fora uma ordem. — Karl. O que se passou? — Abriu-lhe o casaco para examinar o braço dele e apercebeu-se de que ele andava a encolher-se. — Dói muito? O médico já fez um curativo? O que é isto, um trapo? — O nó tinha-se desatado e a manta parecia prestes a desenrolar-se. Marijke espreitou por baixo e torceu o nariz. — Deixa-me procurar o médico do bordel.

— Não preciso dele. — Karl debateu-se para voltar a apertar a ligadura. — Ata-me só isto aqui.

A dor regressou quando Marijke apertou o tecido. Karl cerrou os dentes e praguejou, fazendo com que Marijke parasse. Aquela faísca que Karl já não via há meses regressou ao rosto dela. Marijke segurou-o por trás do pescoço e beijou-o.

— O que é que estavas a dizer antes? — murmurou Marijke.

O lamento sonoro regressou como uma dor de cabeça. A tempestade de fogo junto à fábrica, tudo a tremer debaixo dele.

Com surpreendente força, Marijke guiou-o de volta para o colchão. Enfiou a mão dentro da camisa dele, mas a mente de Karl continuava a ser arrastada de volta para aqueles gritos de socorro,

os gritos que ignorara. O mastro partido daquele navio. Os dedos de Marijke enrolaram-se à volta do gancho da fivela do seu cinto, do botão das suas calças e, quando ela as começou a descer, Karl apercebeu-se de que não iria conseguir uma ereção. Quando Karl ergueu os olhos para a ver a sorrir para ele, viu novamente aqueles prisioneiros na sala de espera, o seu regozijo óbvio.

Sentou-se e empurrou-a de cima dele, com um ressentimento amargo a cobrir-lhe as palavras.

— Desde quando é que ficaste tão solícita? E porque é que estás a sorrir dessa forma?

Marijke endireitou-se para poder fitá-lo.

— A sorrir? Estou apenas chocada porque, apesar de tudo isto, estranhamente ainda estou viva.

— Homens com família foram mortos, até mesmo alguns dos seus filhos. — Assentou os pés no chão e curvou-se para apanhar as calças. Marijke tentou acariciar-lhe as costas, mas Karl virou-se e torceu-lhe o braço. — Crianças alemãs, boas e inocentes. Como é que vocês podem estar a celebrar?

— Desculpa — disse Marijke. — Mas...

— Mas o quê?

Quando Karl a largou, ela afastou-se e encostou-se à parede, apertando os joelhos contra o peito e esfregando o pulso.

— Nada. — A sua voz tornou-se tímida. — É horrível, apenas isso.

Quão desesperada ela parecia, ali encolhida, a implorar pela atenção dele como um patético cãozinho de colo.

— O que é que tu sabes sobre como é que foi? Tu, na ronha o dia todo enquanto homens morriam por todo o lado à minha volta? E se eu tivesse sido morto?

Uma estranha expressão passou-lhe pelo rosto, mas Karl recusou-se a considerar o que Marijke poderia ter estado a pensar. Ergueu-se e ficou de pé em frente a ele.

— Não achas que estava aterrorizada, aqui trancada? E não consegues ver que estou feliz por te ver?

— Talvez te tenha mimado demasiado. Olha a vida boa que tens.

O discurso de Goebbels veio-lhe à mente, a sua declaração sobre confiança, uma arma com tanto poder como qualquer bala, quando empunhada pela pessoa certa. Algumas pessoas nasceram para liderar. Outras eram fracas e não conseguiam ver além do seu próprio umbigo. Arruinariam a sociedade se tivessem rédea solta. Essa era a razão pela qual a Alemanha precisava dos campos.

Colocou o chapéu e ajeitou-o ao espelho antes de se virar para ela.

— Podem parar de festejar. Vamos reconstruir e rearmar-nos. E cada um dos prisioneiros em Buchenwald vai ajudar a Alemanha a ganhar a guerra.

[2](#) Cervantes, M. de (2017). *Dom Quixote de La Mancha*. Alfragide: D. Quixote. (NT)

[10](#) Stowe, H. B. (2001). *A Cabana do Pai Tomás*. Lisboa: Publicações Europa-América. (NT)

CAPÍTULO DEZOITO

LUCIANO
17 DE MAIO DE 1977
BUENOS AIRES

Às vezes, Luciano poderia jurar que ouvia sinos a tocar. Imaginou a mãe a vestir-se para a missa, as hóstias, o brilho do ouro no altar. Aquele cheiro de igreja: ar bafiento, flores e vários perfumes misturados. Mãos a folhearem as páginas dos livros de cânticos. *Mamá* a permanecer dentro da igreja muito depois de os bancos se esvaziarem, a rezar intensamente pelo regresso do filho. O pai não estaria lá com ela, disso tinha a certeza.

Querido papá,

Porque é que me fizeste deixar de ir à igreja? Querido papá, tenho saudades da missa de domingo com a mamá. Querido papá, alguma vez foste à igreja quando eras pequeno? Será que tu... bem, eu sei que nunca te interessaste muito por religião. Como é que tu dizes sempre? O inferno é, não... o céu é um lugar, o céu existe apenas para as pessoas que não têm os pés bem assentes no chão. Sim, é isso. Mas não achas... Interrogo-me se isso mudaria se soubesses como é que é aqui nesta escuridão. Papá, o homem que agora ocupa a cela à minha esquerda fala sozinho. Recita coisas. Em hebraico, acho. A devoção dele faz-me desejar, quem me dera ter algo que me tornasse mais forte, que me desse esperança.

Luciano esforçou-se por ouvir, escutando novamente esses murmúrios, mas não ouviu nada e tentou recordar os sons guturais e abafados. Será que o pai se lembrava de quando Luciano tinha oito ou nove anos e receberam em casa a família austríaca para jantar? Um dos amigos de Luciano, da escola, Michiel Rosenberg e os pais. Não foram amigos durante muito tempo, mas Michiel tinha acabado de chegar num barco a vapor, vindo da Europa. *Mamá* assegurava que seria bom para a família conhecer pessoas novas; provavelmente, ela pensou que *papá* iria gostar de ter uma oportunidade para falar com alguém acerca do «Velho Mundo».

Chegaste a casa tarde. Chegaste a casa tarde e sentaste-te à mesa com aquela camisola de alpaca que a nonna tricotara. Aquela de que tu te queixavas que fazia comichão no colarinho. Com a tua faca, alinhaste as batatas em filas e colunas. Ficaste calado e mal disseste uma palavra.

A *señora* Rosenberg perguntou ao pai dele se sentia saudades da Alemanha. *Papá* disse-lhe que estava contente por ter saído em 1938, que se tinha ido embora mesmo a tempo. Ela anuiu com a cabeça em concordância, dizendo que gostaria de poder ter feito o mesmo, mas que nenhum país aceitava o seu povo naquela altura. Luciano lembrava-se do silêncio que se abatera sobre todos naquele momento. A mãe levantou-se e fez uma grande algazarra a recolher os pratos enquanto o pai fitava a mesa friamente, fixando um centro de mesa invisível. Mais tarde nessa mesma noite, depois de as visitas se irem embora e de Luciano estar na cama, ouvira os pais a discutir.

Mamá chamou-te um bruto, ou teria sido insensível, pouco hospitaleiro? Tu... tu atiraste qualquer coisa, qualquer coisa que se partiu contra os azulejos da cozinha e proibiste-a de convidar pessoas sem a tua permissão. Tudo precisa de obter a tua permissão, não é?

Durante muito tempo, Luciano não conseguira perceber porque é que toda a gente se tinha sentido tão desconfortável naquele jantar. Mas ultimamente, quando o seu vizinho sussurrava aquelas orações, recordava-se daquela noite. Ao contrário de muitos dos seus amigos, ele nunca ouvira o pai dizer uma palavra que fosse contra os judeus, mas suspeitava que as origens daquela família eram a fonte da tensão que se gerara.

Papá, tu nunca falas da vida na Alemanha. Como é que era com toda a gente na Europa a preparar-se para a guerra? Homens com armas, a reunirem-se nas cervejarias, rapazes a correrem com a Juventude Hitleriana? Sentia-se em Munique o cheiro do medo no ar como em Buenos Aires? Apesar de tu não teres... apesar de teres partido antes de a guerra ter rebentado, isso deve ter-te afetado. Tenho a sensação de que deves estar a guardar dentro de ti alguns sentimentos sombrios. Sentiste-te culpado quando os Rosenberg nos visitaram? Talvez te tenhas sentido terrível por causa do que o teu povo fez, mas isso acontece aos que são demasiado

cobardes para tomarem uma posição. Não te esqueças, tu também não me apoiaste quando eles apareceram para me levar. Não te arrependes disso também?

Os guardas dispuseram um monte de cadeiras em redor de um televisor, cujo volume aumentaram até ao máximo. Luciano, Gabriel e mais alguns prisioneiros passaram por elas no regresso da sua marcha à casa de banho. O comentador desportivo anunciou que a equipa de futebol preferida de Luciano, o Boca Juniors, estava a jogar contra o River Plate para a primeira mão da Taça Libertadores. Devia ser dia 18 de maio, porque ele e Fabián tinham comprado bilhetes para aquele jogo. Ficou triste perante a ideia de existirem aqueles dois lugares vazios no estádio. Que tarde teria sido — apenas eles os dois, a rirem e a beberem cerveja e a petiscarem *choripanes*, sem nenhuma rapariga para distrair Fabián.

Alguém soltou um arrote e gritou:

— Por quem é que vocês estão a torcer?

Ninguém respondeu, mas Luciano reconheceu a voz de Tubarão. Tinha a certeza de que se tratava de um ardil.

— Tira-lhes os capuzes — continuou Tubarão —, quero ver-lhes as caras.

Um guarda aproximou-se e removeu-lhes os capuzes, um a um. A piscar os olhos por causa da luz, Luciano viu pela primeira vez a entrada da cave, os pilares despídos que se estendiam na direção das câmaras de tortura e os enormes mosaicos no chão. Era uma sala assustadoramente discreta.

— Tu. — Tubarão acenou para Gabriel. — És fã do Boca?

Uma trompeta soou no televisor. A plateia no estádio ergueu-se ao ouvir o hino nacional e algo se apertou no peito de Luciano quando a multidão começou a cantar.

Gabriel piscou os olhos, nervoso.

— Sim.

Falcão chegou-se à frente para tomar uma cadeira vazia.

— Quem de vocês torce pelo River Plate?

Dois dos trabalhadores ergueram lentamente as mãos.

— Ótimo. Os nossos rapazes vão limpar as chuteiras com lágrimas do Boca quando isto acabar.

Tubarão estalou os nós dos dedos.

— Estás disposto a apostar nisso?

— Aposto o turno de sexta e um maço de cigarros que o River Plate vence dois a um.

— Sexta é o aniversário da minha irmã. Pode ser o de amanhã. Três a um para o Boca Juniors.

Os outros guardas foram fazendo as suas apostas. Luciano remexeu-se, ansioso por regressar ao trabalho e ficar fora da vista deles, mas Tubarão virou-se para Gabriel.

— Então, *boludo*, qual é a tua aposta?

Gabriel remexeu no bolso das calças de ganga.

— Eu, hã, eu não sei.

— Despacha-te.

— Não tenho nada para oferecer.

O grupo de guardas riu-se.

— Dá-me um resultado — disse Tubarão.

— Um a zero, para o Boca Juniors.

Luciano mordiscou o lábio, certo de que seria o próximo. Apesar de Tubarão torcer pelo Boca, ele não queria irritar nenhum guarda, não queria conhecer as consequências de uma derrota. Tubarão virou-se para ele.

— Um empate — disse Luciano. — Zero a zero.

Tubarão abanou a cabeça.

— Que resposta de merda.

Os outros três trabalhadores deram os seus palpites enquanto a partida começava. Luciano esperava que os guardas os mandassem trabalhar, mas continuaram concentrados no jogo. Gatti era o guarda-redes, com o seu cabelo comprido a esvoaçar à frente dos olhos enquanto corria para se juntar aos companheiros no relvado. Adeptos na multidão lançavam *confetti* azuis e dourados sempre que fazia uma defesa. Tubarão assobiava e agitava o punho

no ar, mas Luciano e Gabriel permaneceram imóveis, sem se atreverem a fazer um pio.

Tubarão acenou-lhes com irritação.

— Mas que raio de adeptos são vocês? Aplaudam, porra!

Luciano soltou um apupo débil. Falcão riu e sacou de uma caixa da sua sacola. *Medialunas*, tartes de maçã, *alfajores* com cobertura de chocolate. A boca de Luciano salivou enquanto a caixa circulava pelos guardas. Tubarão serviu-se de três, esvaziando a caixa.

Pareceu o jogo mais longo a que Luciano alguma vez assistira. Observava os guardas, procurando avaliar os seus estados de espírito.

Quando o árbitro marcou um penálti muito discutível contra o River Plate, Falcão e Tubarão começaram a gritar com o árbitro, e depois um com o outro.

— Mas que merda foi essa, *hijo de puta*? Tens a cabeça assim tão enfiada no cu que não consegues ver as linhas?

— Cala-te. Olha só para a maneira como aquele *maricón* está a fazer festinhas no tornozelo!

Luciano passou a língua pelos lábios, imaginando a massa folhada daquelas *medialunas*. Nos minutos finais do jogo, tentou imaginar-se a si e a Fabián nas bancadas, com os braços por cima do ombro um do outro, a trautear e a entoar cânticos com toda a força.

O árbitro soprou o apito, anunciando o final da partida. Um empate zero a zero. Os jogadores atravessaram o relvado para apertarem as mãos e os guardas resmungaram e acenderam cigarros. Ninguém mencionou a aposta.

Tubarão olhou de relance para eles e cruzou os braços.

— O que é que ainda estão aqui a fazer? Saiam daqui, seus filhos da puta.

Luciano baixou a cabeça para receber o capuz e seguiu a fila de prisioneiros de regresso para o Gabinete de Documentação, ainda a pensar em Fabián, no seu sorriso rasgado, nas suas faces pintadas de azul e dourado.

Dois dias depois, quando os prisioneiros estavam a sair da zona das refeições, Falcão cravou os dedos nos ombros de Luciano. Luciano foi a tremer enquanto seguia Falcão às cegas para as escadas, tentando adivinhar o que o esperava. Um novo trabalho? Mais tortura? Algo pior?

Mas Falcão não o conduziu mesmo até à cave. Pararam um lanço de escadas antes disso. Luciano nunca tinha estado neste nível desde que entrara na ESMA, mas ouvira dizer que continha gabinetes militares e a messe dos oficiais. O ar cheirava vagamente a café.

Falcão travou Luciano a alguns metros do patamar e ergueu-lhe o capuz o suficiente para lhe libertar o nariz e a boca.

— A tua recompensa.

Pegou em algo e passou-lhe: o recetor de um telefone.

Luciano palpou o longo do fio até tocar no disco. O som da marcação entrou-lhe pelo ouvido, fazendo o seu coração bater mais depressa. Questionou-se se seria mesmo a sério ou se seria algo para o perturbar, para lhe dar esperanças.

— Tens direito a uma chamada. Diz aos teus pais que estamos a tratar bem de ti. Se disseses outra coisa qualquer, vais arrepender-te disso.

Luciano abriu a boca, incrédulo. O que diria. O que poderia dizer? Contou os números no disco com o dedo, mas deteve-se no número seis.

— Desculpe — disse ele —, podia dizer-me que dia é hoje?

— Sexta.

Sexta de manhã, logo após o pequeno-almoço: os pais estariam ambos a trabalhar. Mais do que qualquer coisa, queria ouvir a voz da mãe, o seu amor efusivo. Mas se só tinha uma chamada, arriscava-se a ficar pendurado em espera se ligasse para o hospital. Talvez não a encontrassem a tempo e então não falaria com nenhum deles.

— Vá — disse Falcão. — Tens um minuto.

Luciano marcou. O seu estômago executou acrobacias enquanto ouvia a chamar. Dois, três, quatro toques.

— Estou?

Luciano não respondeu, subitamente assoberbado e sem saber o que dizer. Ele queria estender-se pelo telefone, abraçar o pai de uma forma que não fazia há anos.

— Estou? — O seu pai soava brusco, fatigado.

— *Papá*.

— Luciano? Filho, és tu? — O pai tossiu e ergueu a voz. — Onde estás? O que é que te fizeram? Estás bem?

Nunca o seu pai fizera tantas perguntas. Ao seu lado, escutava a respiração de Falcão, ritmada e sonora. Luciano fez uma pausa, tentando escolher bem as palavras.

— Estão a tratar-me bem aqui. Temos muita comida e descansamos muito. Por favor, não te preocupes comigo.

Um som abafado, silêncio. Depois, um suspiro carregado.

— Estão a monitorizar a chamada, não estão?

Falcão deu um toque no ombro de Luciano.

Luciano engoliu em seco, esforçando-se por não chorar.

— Eu estou bem, diz à *mamá* que estou bem. Agora tenho de ir, sinto muito. Cuidem-se e não se preocupem.

— Luciano, espera. Eu...

Mas antes que Luciano conseguisse ouvir o que o pai lhe queria dizer, Falcão pressionou o gancho e a chamada desligou-se.

CAPÍTULO DEZANOVE

MARIJKE
24 DE AGOSTO DE 1944
BUCHENWALD

Quando as bombas começaram a cair, não tínhamos nenhum local para nos escondermos. Ficámos petrificadas. Corremos para as janelas. Amontoámo-nos debaixo da mesa da sala de convívio, todas ao molho. Algumas raparigas guinchavam; outras choravam. Sophia balouçava-se para trás e para a frente, e Gerda rezava. O rugido dos aviões, o cheiro a fumo e a químicos, a sensação de que o mundo desabava à nossa volta. Se eu tivesse tido capacidade para pensar naquele momento, podia ter tido visões da minha terra: 1940, a Luftwaffe a entrecruzar os nossos céus, o centro de Roterdão dizimado numa tarde. Amigos sem casa, conhecidos mortos, e Theo agarrado a mim na cave do nosso vizinho em Amesterdão, rodeados por meia dúzia de rostos tão assustados quanto estes.

Em vez disso, fiquei ali sentada no meio do bordel, incapaz de me mexer, de falar, de pensar. Com cada explosão, as cadeiras matraqueavam contra o chão. Ouviam-se homens a gritar ao longe. Cobri as orelhas e fechei os olhos com força, sussurrando o nome de Theo vezes e vezes sem conta, a única coisa que conseguia manter a minha sanidade.

Chegou um ponto em que o céu ficou silencioso e nós também. Esperámos, hesitámos, antes de nos aproximarmos outra vez, lentamente, das janelas. As árvores obscureciam-nos a visão, mas o fumo vinha na direção do bordel. Wilhelmina e Bertha atravessaram a sala e dirigiram-se à entrada. Eram as novas funcionárias do bordel, prisioneiras de meia-idade recrutadas de Ravensbrück. Ninguém sabia porque é que as mulheres das SS tinham sido substituídas, mas eu reparara que isso coincidira com a decisão que

Karl tomara de ficar comigo só para ele. Wilhelmina abriu a porta e chamou um guarda que ia a passar a correr. Ele gritou-lhe que os bombardeiros já tinham passado, mas a fábrica e as casernas das SS tinham sido atingidas.

Nós, as raparigas, ficámos todas a olhar umas para as outras, sem sabermos bem o que sentir, como reagir. Sophia, normalmente tão calada, foi a primeira a falar.

— Dizem que o Göring vai ter de fazer dieta se quiser passar entre as duas frentes! — Uma piada que ela deve ter ouvido da boca de Friedrich, o seu namorado do bordel. Ela terminou com um risinho, vazio e minúsculo, mas que foi crescendo até ela soltar umas boas gargalhadas e lágrimas de alívio lhe escorrerem pelas faces.

À medida que os minutos foram passando, fomos perdendo o medo. Começámos a falar sobre a aproximação dos Aliados, percebendo que eles tinham visto os blocos dos prisioneiros e sabiam da nossa existência. A esperança começou a borbulhar como uma garrafa de champanhe sem rolha, mas, nas horas que se seguiram, foi sendo temperada pelos gemidos dos feridos que faziam fila à porta da enfermaria. Algumas das raparigas tinham tido formação em primeiros socorros e suplicaram a Wilhelmina que as deixasse ir ajudar. Ela refletiu nessa hipótese até aparecer um enfermeiro a pedir ajuda diretamente. Todos os médicos deles tinham sido direcionados para o hospital das SS.

Os feridos enchiam o espaço entre o bordel e a enfermaria, alguns apoiados nas paredes dos blocos, quase todos deitados no chão. Estendiam os braços, as pernas, os locais onde os estilhaços tinham provocado feridas profundas. Alguns haviam perdido um braço ou uma perna. Podia ter parecido um campo de batalha, se estes homens não envergassem as riscas dos prisioneiros e se não estivessem demasiado emaciados para sequer saírem de uma trincheira. Levámos-lhes jarros de água, aplicámos gaze para estancar o sangue, enquanto eu tentava afastar o enjoo. Passado pouco tempo, uma das raparigas chamou Sophia. Ela estava

inclinada sobre um homem que jazia inerte, com o uniforme manchado e rasgado. Sophia correu e ajoelhou-se ao lado dele, levando a mão dele, sem vida, aos seus lábios, e percebi de imediato que era o seu Friedrich.

Dois dias após o ataque aéreo, Sophia fez vinte e cinco anos. Dado tudo o que tinha acontecido, e o *cocktail* particular de dor e alívio que isso desencadeara, não sabia se seria adequado marcar a ocasião, mas tive a esperança de que a pudesse alegrar após a morte de Friedrich. Eu andava a planejar uma celebração há várias semanas e convencera as raparigas a guardarem as salsichas e as garrafinhas de álcool que tinham recebido dos prisioneiros para a ocasião. Quando mencionara os meus planos a Karl, ele trouxera-me algumas canetas e alguns pedaços de papel e prometera tratar de arranjar um bolo na cantina das SS, mas não me atrevi a lembrá-lo dessa promessa. Logo após o bombardeamento, ele viera ao bordel amargurado pelos seus pensamentos, em busca apenas de consolo.

Na tarde do dia de aniversário dela, fomos visitadas pela sorte. Uma das linhas de água rebentara durante o ataque aéreo e a nova supervisora do bordel anunciou que ainda não fora arranjada. Todas esboçámos largos sorrisos, cientes de que a escassez de água nos garantiria uma noite de folga. Enquanto Sophia arrumava o nosso quarto, pedi a algumas das raparigas que me ajudassem com as decorações. Cobrimos a sala de convívio com cartazes que lhe fizessem recordar a sua amada Paris: a parede sul tornou-se os Campos Elísios, as janelas passaram a ser o Sena, a mesa uma pastelaria.

Enquanto terminávamos os nossos preparativos, Wilhelmina entrou na sala para nos trazer o jantar e os cantos da boca curvaram-se para cima com divertimento. Olhei novamente para os cartazes e corei. Eram desenhos feitos grosseiramente a caneta sem uma gota de cor. Infantis, não festivos. Mas quando Sophia entrou na sala, o rosto dela iluminou-se assim que os viu.

Abracei-a e disse:

— Parabéns!

As outras raparigas entraram em fila e juntaram-se à nossa volta. Por uma vez, estava toda a gente a sorrir.

Deram-nos um jantar frugal naquela noite, apenas batatas e nabos cozidos. As refeições vindas da cantina das SS ficariam interrompidas até as coisas regressarem à normalidade. Por causa de Sophia, tentei esconder o meu desânimo. Depois de comermos e levantarmos a mesa, Wilhelmina e Bertha saíram da sala e nós sentámo-nos num círculo, algumas em cadeiras, outras no chão. Eu tirei o meu violino da caixa em frente às raparigas pela primeira vez e toquei as peças mais alegres que conhecia.

Elas aplaudiram quando terminei.

— Oh, Marijke — comentou Sophia —, devias mesmo estar num palco.

Sorri e aproveitei a oportunidade para mostrar as salsichas e o gim.

— Aqui tens: os homens de Buchenwald desejam-te as maiores felicidades. Que comece a celebração!

As outras riram-se, enquanto Sophia servia o copo de toda a gente. Eu tapei o meu com a mão.

— Para mim não. Não suporto isso, e nem sequer temos água para eu conseguir mandar isso para baixo. Mas deixem-me propor um brinde: à nossa querida Sophia pelo seu aniversário, que ela consiga sempre encontrar beleza e felicidade na vida.

— Ao Friedrich — acrescentou ela —, e a todas as outras boas pessoas que o mundo perdeu esta semana.

Anuímos todas com a cabeça e as outras emborcaram as suas bebidas, apertando os lábios por causa do sabor amargo. Um momento de sobriedade seguiu-se enquanto o raide aéreo passava de novo nas nossas cabeças. O crepitar do fogo, as faíscas que se estenderam no ar. Os feridos a segurarem-nos nas mãos enquanto choravam. Mas, sobretudo, o medo, a incerteza.

Gerda chegou-se para a frente.

— Sabem o que ouvi dizer? — Ela esperou alguns instantes. — O carvalho de Goethe foi atingido pelo bombardeamento.

Várias das raparigas alemãs arquejaram.

— A sério? — perguntou Sophia.

— Foi um dos prisioneiros que me disse. Ele disse que foi uma bomba perdida, ardeu a noite inteira.

— O quê? — perguntei. — Estão a falar daquela árvore perto da lavandaria, aquela que tinha a largura do tamanho da barriga do Göring?

— Sim, essa mesma. O Goethe criou os seus melhores trabalhos debaixo dela — respondeu Gerda. — E reza a lenda que quando o carvalho de Goethe cair, assinalará a queda do *Reich* alemão.

— Aha! — exclamei. — É a confirmação de que o fim da guerra está próximo.

Contudo, por dentro, interroguei-me como seria a sensação de saber que o colapso do nosso país seria a única coisa que nos poderia salvar. O ataque aéreo trouxera-nos esperança a todas, até às raparigas alemãs, no entanto, não pude deixar de pensar nas famílias delas, espalhadas pelas cidades e pelas aldeias ao longo do mapa e no que a aproximação dos bombardeiros dos Aliados significaria para essas pessoas. Levantei-me e fui para o meu quarto para clarear a cabeça. A minha mente vagueou novamente para Theo e, pela milionésima vez naquela semana, interroguei-me se ele estaria em segurança, o que estaria a fazer, o que estaria a pensar.

Sophia apareceu no corredor.

— Está tudo bem?

— Sim, acho que sim. Sabes, tenho muita pena do que aconteceu ao Friedrich.

Ela suspirou.

— Talvez, noutra vida, ele pudesse ter dado um bom marido. Mas ele era casado; alguma vez te contei isso? Não paro de pensar se a mulher dele alguma vez irá saber como é que ele morreu, embora talvez ela própria também já tenha morrido.

— Todo o sofrimento esta semana e, estranhamente, sentimos necessidade de nos alegrarmos com o que aconteceu.

— Parei de tentar perceber o sentido das coisas. — Ela estendeu-me uma mão. — Olha, porque é que não vens tratar do meu cabelo? A Gerda quer ver como é que o entranças.

Segui-a de regresso à sala de convívio e sentei-a de pernas cruzadas à minha frente. A tensão foi desaparecendo da minha mente enquanto ia passando com os dedos pelo cabelo forte dela.

— Conta-nos cá, Sophia — começou Gerda —, como é que vais celebrar o teu próximo aniversário como uma mulher livre?

— Como uma mulher livre? Olhem, vou faltar-me de comer, disso tenho a certeza! Vou empanturrar-me até mais não. Tartes de chocolate, maçapão, *macarons*, mousse de limão. Talvez o pai da Marijke possa dar-me algumas dicas para eu abrir uma padaria.

Sorri.

— Então, a primeira coisa que tens de aprender é como é que se faz um *boterkoek* holandês à séria.

E então começou o jogo novamente como acontecia tantas vezes. Enquanto eu contorcia o cabelo da Sophia no topo da cabeça, formando uma coroa, todas trocávamos receitas, os nossos pratos preferidos da infância, as receitas que conseguíamos fazer, tudo até ao mais ínfimo pormenor. A forma como o açúcar em pó derrete na nossa língua. O sumo que escorre de uma tarte feita com amoras acabadas de apanhar. O sabor a mar quando engolimos um arenque em salmoura. A riqueza amanteigada de uma fatia de queijo Gouda envelhecido colocada sobre pão de centeio acabado de cozer. As nossas bocas ficaram a salivar e os nossos estômagos começaram a reclamar enquanto fingíamos que estávamos a jantar em restaurantes chiques, servidas por empregados com luvas brancas ou, como eu imaginava, em casa, à luz de velas, com o meu marido ao meu lado.

O jogo terminou quando Wilhelmina regressou e nos mandou arranjar para nos deitarmos. Quando desligámos as luzes, Sophia aproximou-se da minha cama para me sussurrar um agradecimento

por tê-la feito sentir algumas horas de felicidade, por tê-la transformado numa jovem que não sabia nada acerca de fome, de raids aéreos ou de madames dos bordéis.

O verão transformou-se no outono e, como Karl afirmara, o campo ergueu-se novamente às costas dos prisioneiros. As SS enterraram os seus mortos e queimaram os nossos. Obrigaram os prisioneiros a reparar os edifícios que haviam sido danificados e a continuar a produzir armas. No entanto, algo em Buchenwald mudara. Os nazis tornaram-se raivosos, desejosos de vingança. Ouvimos falar num guarda que atirara o boné de um homem para uma vedação eletrificada e o obrigara a ir buscá-lo; ouvimos dizer que um oficial, na chamada do final do dia, obrigara os prisioneiros a cantar sem parar até de madrugada; soubemos que um carcereiro pendurara os prisioneiros pelos pulsos até as articulações se desconjuntarem. A notícia do carcereiro deixou-me nauseada, fazendo-me recordar a minha própria passagem pelo Bunker, fazendo-me pensar no que poderia ter acontecido se Karl não tivesse intervindo.

Estas histórias chegavam-nos em sussurros em cima dos colchões do bordel, mas pouco víamos em primeira mão. Os homens na sala de espera pareciam mais magros e mais pálidos com cada semana que passava, mas muitas das nossas refeições tinham voltado a vir da cantina das SS e, agora que Karl me reclamara só para si, eu ficara livre daquele ciclo cruel de homem atrás de homem. Em vez disso, tinha de ajudar Bertha com as cobranças, para que ela e Wilhelmina pudessem fazer longas pausas para fumarem nos degraus da frente do edifício.

Karl aproveitava-se do meu tempo livre, visitando-me cada vez com mais frequência até que era rara a noite que passava sem ele. Desde o bombardeamento, ele deixara de partilhar notícias da guerra e de se gabar do progresso alemão, e mudara para tópicos que ele chamava agradáveis: noites na ópera, os passeios que dava

pela montanha quando era um rapazinho, os sonhos que tinha de uma vida comigo ao seu lado.

Um dia, mesmo antes de cair a noite, no início de novembro, Sophia entrou no nosso quarto, onde eu estava a mudar de roupa.

— A sua presença é requerida lá fora, Madame. — Ela piscou-me o olho, emprestando uma falsa altivez à sua voz.

— Lá fora? — Eu não precisei de perguntar quem devia de esperar. O ar frio radiava do vidro da janela ao meu lado, por isso vesti a camisola dela por cima da minha e tirei de debaixo da cama as luvas que Karl me oferecera.

Ele estava à espera para lá da vedação que cercava o bordel com as mãos dentro dos bolsos do seu sobretudo de cabedal. Hesitei no topo das escadas, já que nunca me tinha aventurado para fora do bordel sem uma fila de raparigas atrás de mim.

— Anda, Marijke, despacha-te.

Obedeci-lhe. Ele verificou se havia alguém atrás de si antes de pôr a mão nas minhas costas.

— Por aqui.

Ele conduziu-me para a direita, descendo a colina e afastando-nos da zona central do campo dos prisioneiros, levando-me para uma zona que eu nunca tinha visto antes. A minha respiração saía em nuvens, enquanto o ar do inverno fazia cócegas nos pulmões. Por cima da floresta, um tom rosado profundo tingia o céu cinzento. Aguardei outra instrução, algo que me indicasse o que era esperado de mim, mas, quando passámos pelos estábulos, ele envolveu-me ainda mais a cintura com o braço.

— Quero mostrar-te uma coisa.

— O quê?

Contudo, ele não respondeu até chegarmos a uma zona de prado e a um caminho que nos deve ter levado para fora do campo. Ele parou no meio, apontando para as copas das árvores. Os ramos formavam silhuetas recortadas no horizonte, tão espessas que pareciam ter folhas.

— Não vejo nada.

— Vê com mais atenção.

Um movimento numa copa distante chamou-me a atenção.

— Aha, pássaros!

— Espera.

Ele pôs-se atrás de mim, segurando-me com o queixo pousado em cima do meu chapéu. Aguardámos vários minutos e, pela primeira vez em vários meses, senti a quietude do que me rodeava. Não havia raparigas a ressonar. Não havia homens a gemer ou a arquejar. Não havia sirenes, não havia ordens. O abraço dele era relaxado. Parecia quase o de Theo.

Um pássaro saiu do seu ramo, seguido por outro. Karl apertou-me o cotovelo.

— Está a começar.

E o céu encheu-se. Os pássaros abandonaram as árvores aos magotes. Centenas deles... não, milhares. Voaram em uníssono, mudando de forma como se fossem um só. Eu não conseguia distinguir um dos outros; asas a bater precipitaram-se em massa, os seus movimentos a expandir-se, a contrair-se.

— Estorninhos — sussurrou.

Eles subiam e desciam, mergulhavam e rodopiavam como uma faixa comprida e sinuosa. Eu sentia simultaneamente uma calma profunda e a sensação de que havia algo no meu peito que estava a voar, como se parte de mim quisesse abandonar o meu corpo e rodopiar com eles sob os farrapos de nuvem.

Virei-me a fim de olhar fixamente para ele.

— É assim que imagino a música.

Ele sorriu enquanto fitava o céu. Depois, começou a trautear. Os acordes de abertura do *Cânone de Pachelbel*, fora de tom, mas, ainda assim, reconhecível. Ele deu um passo atrás e fez uma pequena vénia, ergueu o braço e rodopiou-me num círculo lento, com a garganta a esforçar-se para atingir as notas agudas. Por cima das nossas cabeças, a faixa rodopiava e ondulava e, por detrás dela, o céu esvaía-se em índigo. Ele rodopiou-me e rodopiou-me e,

quando o momento me pareceu adequado, a minha voz subiu de tom para acompanhar a dele.

Os estorninhos dançaram até ao crepúsculo. Porém, quando começaram a acalmar e a regressar aos seus poleiros, parámos para observá-los. E, naquele brevíssimo instante, ele tornou-se apenas um homem e eu apenas uma mulher. Não havia senhor e não havia escrava. Ele susteve-me a mão e as nuvens da sua respiração desapareceram juntamente com as minhas. E tudo o que eu pensava que sabia — a minha casa, os meus sonhos para depois da guerra, o meu amor por Theo —, tudo vacilou, como se o chão debaixo dos meus pés já não fosse sólido.

Peguei na mão enluvada de Karl e levei-a aos lábios.

— Obrigada. Foi lindo.

Percorremos o caminho de regresso a pé. Os meus sentimentos por ele estavam a ficar cada vez mais densos, mais difíceis de domesticar, a sensação de querer mais, os pensamentos não solicitados que se mostraram impossíveis de ignorar. À medida que nos aproximávamos do bordel, a distância entre nós aumentava e eu abrandei o passo, relutante por regressar à minha prisão dentro da prisão. Pensei no que acabáramos de testemunhar, na força hipnotizante da coreografia dos pássaros. Era fácil ver a comparação entre os estorninhos e nós, os prisioneiros, a força nos números. Mas ter fé nessa ideia era uma questão diferente.

Junto à extremidade da vedação, Karl enrijeceu e endireitou-se. O *kommandant* vinha a sair da enfermaria. Ele parou à nossa frente.

— Müller, ainda bem que o encontro. Acabei de estar com o Fischer. As queimaduras do frio esta semana foram uma maçada para a nossa capacidade de trabalho. Estão a cortar dedos dos pés e das mãos mais rápido do que os conseguimos contar. — Ele ergueu uma sobrancelha quando reparou em mim.

Karl respondeu numa voz insensível que eu não conhecia.

— Encontrei esta a passear junto ao perímetro do campo. Parece que pensou que precisava de dar um passeio agora à noite. — Um olhar de apreensão passou pelo rosto de Karl quando se apercebeu

do que dissera. Senti-me eriçada e olhei fixamente para os pés dele, enquanto o momento que partilháramos se escapava por entre os meus dedos.

O *kommandant* pegou-me na mão, pressionando o meu pulso com o polegar. Ele tirou-me as luvas forradas a pelo e deixou-as pender dos seus dedos.

— Alguém anda a tomar bem conta dela.

Karl aclarou a garganta.

— Deve ter encontrado um pretendente que trabalha no armazém da roupa.

Por dentro, eu estava a fervilhar, furiosa por ele me trair com aquela facilidade, mas também por causa da surpresa que senti quando vi isto a acontecer.

Karl pegou-me pelo ombro.

— Vou certificar-me de que nunca mais se sente tentada a fazer uma brincadeira destas.

— Ótimo. E descubra onde é que ela arranjou estas luvas. — O *kommandant* fez uma pausa e eu senti-o a observar-me. — Uma pele ariana tão bonita. Parece-me familiar, não lhe parece? Quem é que ela o faz lembrar? Uma atriz?

— Eu... boa pergunta. Não sei ao certo.

— Seja como for, acho que tive um bom olho quando escolhi as mulheres para o nosso bordel de entre a manada. — Ele virou-se e começou a afastar-se em direção ao portão do campo, antes de gritar sobre o ombro. — Passe por minha casa daqui a uma hora, Müller. O meu cozinheiro está a preparar uma vitela fantástica para hoje.

Karl não se mexeu até estarmos novamente sozinhos. A expressão dele endurecera, tinha agora o mesmo olhar blindado que trazia sempre que chegava ao bordel. Apertou e desapertou os punhos enquanto pensava no que dizer.

— Entra — acabou por murmurar. — Venho ter contigo amanhã.

No final de março de 1945, começaram a chegar, aos poucos, rumores ao campo. Os Aliados tinham feito imenso progresso e a vitória parecia inevitável. As conversas sobre o avanço dos americanos fizeram com que os guardas das SS entrassem em pânico, mas a incerteza quanto ao futuro assustava-nos a nós ainda mais. Ninguém sabia o que os *moffen* fariam quando ficassem encurralados pela derrota. Um prisioneiro holandês falara-me nas represálias por causa das atividades da resistência no nosso país. Depois de um grupo da resistência ter apanhado dois colaboradores holandeses importantes, os nazis fizeram raides em algumas universidades e executaram reféns civis. Pelo menos cinquenta, segundo ele ouvira dizer. A história deixou-me doente, sabendo que se tratava de estudantes inocentes, que Theo podia ter dado aulas a alguns deles.

Uma boa notícia foi o facto de o exército soviético ter começado a libertar campos na zona oriental, mas os *moffen* estavam a fazer todos os possíveis para impedir que os prisioneiros granjeassem a liberdade. Transferências recentes de Auschwitz, acabado de libertar, avisaram-nos daquilo a que chamavam marchas da morte. Seria isso que nos aguardava em Buchenwald quando os Aliados se aproximassem? Caminhadas extenuantes durante dias a fio? Fuzilamentos em massa? Tínhamos a certeza de que não iriam concordar em perder a sua mão de obra, nem iriam permitir que nós sobrevivêssemos para servirmos de testemunhas dos seus crimes.

No domingo de Páscoa, o guarda que nos acompanhava nos nossos passeios decidiu mudar a rota, conduzindo-nos para a zona ocidental do campo, zombando de nós com vislumbres da floresta de árvores em flor que havia para lá do arame farpado. Perto da extremidade dos blocos, via-se um monte branco com cerca de um metro de altura. Cadáveres. O meu estômago ficou revirado. Marchámos em fila indiana ao longo da vedação e o guarda que nos escoltava avisou-nos para nos mantermos a pelo menos cinco metros do arame. Mas os guardas na torre de vigia não estavam

preocupados connosco. Tinham as metralhadoras apontadas para um grande círculo de homens que se reunira mais à frente.

O nosso guarda tentou tirar-nos do caminho, mas conseguimos ver bem o que se estava a passar. Um grupo de oficiais das SS estava a atormentar e a pontapear três prisioneiros com triângulos cor-de-rosa. Percebi de imediato que Karl se encontrava a chefiar o grupo, supervisionando os abusos sem uma ponta de remorso. Quando nos aproximámos, percebi que um dos prisioneiros que estavam no chão era o jovem bonito por causa do qual eu me metera em sarilhos no meu primeiro dia de trabalho no bordel. Tinha os braços cobertos de vergões e uma nódoa negra púrpura brotava em torno de um olho.

Saí da linha, prestes a gritar, mas Sophia tapou-me a boca com a mão.

— Que raios, Marijke! — disse ela. — Lembra-te do teu lugar.

Por isso, demos meia-volta e descemos, atravessando a parada até ao bordel. Os latidos dos prisioneiros desvaneceram-se, mas eu ainda conseguia ver Karl, a austeridade do seu olhar, a sobriedade reservada de um sacerdote a presidir a um funeral.

Quando Karl entrou no *koberzimmer* naquela noite, eu estava deitada na cama, com a roupa vestida e virada para a parede.

— Olá, linda. — Ele curvou-se para me beijar a face. Como eu não reagi, ele começou a despir-se. Esperei até ele ter tirado as botas e ter guardado a arma antes de me virar e encará-lo.

— Oh, já cá estás. — Ele piscou um olho e tentou aninhar-se ao meu lado, mas eu sentei-me.

— Eu vi-te a bater naqueles prisioneiros hoje — disse eu. — Como é que foste capaz de fazer uma coisa daquelas?

Karl atirou a cabeça para trás.

— Viste? Vocês tinham ido dar um passeio?

— Diz-me.

— Eu não lhes bati.

— Tu deste as ordens!

Ele esboçou uma careta.

— Há coisas que são necessárias, Marijke, mas quem me dera que não tivesses tido de ver.

Afastei-me do seu toque.

— Necessárias?

— Temos de controlar a disseminação daquela doença antes que se propague para toda a nação. O Himmler está muito preocupado com isso.

— Um dos primeiros prisioneiros que me visitaram era um daqueles homens. Ele não tinha nada de perverso.

— Se ele te veio visitar, então isso é um sinal de progresso.

— O que queres dizer com isso?

Ele pôs-se, então, a falar sobre as experiências médicas que o Dr. Fischer conduzia em Buchenwald. Os médicos andavam a injetar testosterona naqueles prisioneiros, tentando realinhar a sua sexualidade.

— Estamos a consertá-los, minha querida. É a melhor coisa para eles, é a melhor coisa para toda a gente.

— E se não os conseguirem converter?

— Então temos de tratar do assunto de outra forma.

Levantei-me e afastei-me dele. Quando ele fez um gesto para que eu me aproximasse, não me mexi. Ele olhou para mim com uma expressão de espanto.

— Eu não faço essas coisas, Marijke. Eu não sou um assassino.

— Olha-me nos olhos e diz-me que nunca ninguém morreu às tuas mãos, às tuas ordens.

Ele relaxou a postura e deixou cair o queixo para o peito.

— Eu faço o que é melhor para o meu povo.

— O teu povo? Como é que podes querer fazer parte disto?

— A Alemanha é o meu país. Não tenho vergonha disso.

— Uma nação de carrascos.

— Para.

— Porquê? Tens medo da verdade? Tens receio de admitir que és como todos os outros? Ages como se tivesses um halo sobre ti

porque conheceste um judeu quando eras criança. Um único amigo judeu... como se isso te servisse de desculpa para tudo e mais alguma coisa. Durante todo este tempo, fingiste que és melhor do que os outros, mas és tão frio e tão sedento de sangue como eles.

Ele vestiu a camisa, falhando alguns botões com a pressa.

— Não fales comigo assim. Eu não tenho escolha.

— És um covarde, Karl! Um covarde de merda. — Dizer o nome dele fez-me sentir poderosa, lembrou-me de que ele era apenas carne e osso como todos nós.

Naquela altura, ele já estava vestido, tudo menos as botas. Ele agarrou-me no ombro, enterrando os dedos na minha clavícula.

Consegui libertar-me.

— Como é que alguém te pôde amar? — dirigi-me para a porta.

— Marijke, não te vás embora. Por favor, volta. Desculpa. Ouve-me.

O aviso de Sophia regressou à minha mente quando atravessei a porta e percebi o grande risco que estava a correr tratando-o como se fosse outro namorado qualquer. No corredor, esperei que ele me chamasse outra vez, que me arrastasse de volta, que me aplicasse um castigo. Mas ele não o fez, por isso regressei ao meu quarto, mais frustrada e repugnada do que nunca.

CAPÍTULO VINTE

KARL
1 DE ABRIL DE 1945
BUCHENWALD

No primeiro dia de abril, Karl e uma série de oficiais estavam no almoço de Páscoa na vivenda de Brandt quando o telefone tocou. O exército americano havia alcançado os arrabaldes de Eisenach, sensivelmente a setenta e cinco quilômetros de Buchenwald. Brandt desligou a chamada, afastou a cadeira da mesa e trancou-se no escritório, onde passou a meia hora seguinte ao telefone com Berlim. Ritter continuou a comer o seu borrego, mas os outros empurraram os pratos e chamaram o criado para lhes trazer uma garrafa de *schnapps* forte, que beberam até à última gota.

Nessa tarde, os prisioneiros estavam mais sossegados do que o habitual, mas uma estranha e tensa energia vibrava pelo campo. Karl tinha os nervos à flor da pele e o *schnapps* não lhe assentara bem. Estava constantemente a verificar a linha do horizonte em busca de sinais de fumo ou de bombardeiros. Um grupo de homens juntara-se em torno da cantina dos prisioneiros, a sussurrar. Afastou bem os pés para os poder ver. Eles sabiam de alguma coisa; Karl sentia-o. Estavam provavelmente a tentar organizar-se, a conspirar, suficientemente tolos para pensarem que poderiam fazer frente às SS. Um mês antes, um transmissor de rádio secreto tinha sido descoberto num dos subcampos de Buchenwald. As ordens de Karl para que fossem feitas buscas minuciosas em Buchenwald não haviam resultado em nada, mas tinha um pressentimento irritante de que os prisioneiros estavam a receber informações dos Aliados.

Naquele momento, alguns oficiais de patente inferior apareceram e ordenaram aos prisioneiros que regressassem aos seus blocos. Também eles pareciam ter bebido demais, e Karl interrogava-se sobre qual dos seus companheiros de almoço teria espalhado a

notícia. Os prisioneiros afastaram-se, revelando as marcas nos seus uniformes. Três deles, triângulos cor-de-rosa.

Caminhou na direção deles, com as mãos a contorcerem-se junto ao corpo.

— O que quer que estejam a planejar, é escusado. Não vão sair daqui vivos.

Os prisioneiros estacaram e começaram a olhar para o chão, enquanto os oficiais se viravam para Karl, à espera do seu próximo passo. Cerrou os dentes quando ouviu um avião por cima da cabeça, e pensou naqueles americanos a marcharem por ali adentro, a atirarem granadas contra a sua vivenda, a dispararem contra eles, impiedosos. Espetou um dedo na direção dos triângulos cor-de-rosa.

— Vocês três, fiquem aqui. Os outros, ponham-se a andar.

Enquanto os outros davam em debandada, acenou com a cabeça para os oficiais, que exibiram sorrisos rasgados. Cercaram os maricas, apertando o cerco, atirando-os ao chão. Com cada pontapé, cada grito de dor, Karl sentia os seus nervos a acalmarem-se, sentia que se estava a fortalecer. Não estavam derrotados, ainda não. Não iriam deixar os inimigos vencer.

Após um desagradável dia de Páscoa, só conseguia pensar em Marijke. Ela conseguia sempre distraí-lo, acalmar a sua mente ansiosa. Porém, quando chegou ao seu *koberzimmer*, ela parecia tão satisfeita por vê-lo como um judeu a quem fora servido porco assado. Os seus lábios haviam formado uma expressão carregada, e ela começou a chateá-lo por causa do raio dos paneleiros. É verdade que ele não queria, de forma alguma, que Marijke tivesse assistido àquele tipo de comportamento da parte dele, mas trabalho era trabalho e ela não parecia entender isso.

Ao longo de todos os anos que vivera em casa, nunca ouvira a mãe a responder ao pai. A sua experiência com mulheres em Berlim fora limitada a coisinhas bonitas com meias e aventais que faziam exatamente o que se esperava delas. Até Else, que tinha as suas

convicções, nunca uma única vez reclamara com ele. Mas Marijke tinha o olhar de um rastilho aceso quando saiu de rompante do *koberzimmer*, batendo com a porta atrás dela.

Karl levantou-se e arrancou para a saída, pronto para berrar o nome dela e ordenar-lhe que regressasse. Mas deteve-se, preocupado com o aspeto que isso teria para alguém que ouvisse: o médico do bordel, os guardas. Para mais, se ele voltasse atrás na sua palavra, os dois tornar-se-iam novamente escrava e senhor. Durante quatro longos minutos, esperou. A porta manteve-se fechada. As suas têmporas pulsavam junto aos ouvidos. Passou-se outro minuto.

As suas botas estavam pousadas junto ao lavatório, os atacadores espalhados pelo chão. Quando se dirigiu a elas, a cabeça roçou nas ramas da planta suspensa no teto. Arrancou o vaso do seu suporte e atirou-o contra a parede. O vaso partiu-se, salpicando terra pelos painéis de madeira.

— Puta arrogante.

Ajoelhou-se para apertar as botas, mas os dedos tremiam-lhe e o laço que estava a tentar atar soltou-se. Ainda não havia movimento na porta. Karl não podia desperdiçar a noite a justificar-se a uma prisioneira qualquer, uma mulher irracional. Estava para além das suas capacidades examinar a realidade como um homem, como um cidadão responsável de uma nação poderosa.

Quando saiu do bordel, maldisse-se por ter sido tão brando com ela. Karl não sabia para onde ir. A lã do seu uniforme causava-lhe comichão no pescoço e, pela primeira vez desde há alguns anos, sentiu vontade de fumar um cigarro. Caminhou ao longo do bordel e passou pelo cinema. Um lamento agudo chegou-lhe vindo das árvores que ficavam para lá das torres de vigia. Permaneceu quieto para o escutar. Um coelho bebé, tinha quase a certeza. Escutara esse pranto muitas vezes na floresta perto da casa onde passara a sua infância depois de o pai regressar a casa após uma caçada ao final da tarde. O pai costumava ridicularizar a vontade que Karl mostrava de identificar a flora e a fauna naquela floresta.

— Não podes ser um escuteiro para sempre — dizia, enquanto batia com o cachimbo para se livrar da cinza.

O lamento fez-se ouvir novamente. Achou arrepiante, a ideia de uma raposa ou outro carnívoro a atacar uma toca tão próxima dali. Quando os gemidos cessaram, as faces quentes e o olhar furioso de Marijke regressaram e apercebeu-se de que, para ela e para tantos outros, ele próprio era esse predador implacável.

Continuou a sua caminhada. Após vinte e cinco metros, parou novamente e virou-se, preparado para regressar e metê-la na linha. Ou talvez para lhe pedir desculpa. Mas não, não iria perder o seu tempo por causa de uma mulher obstinada que parecia ter esquecido o seu papel. Em vez disso, seguiu a vedação de arame farpado que continuava até junto da portaria. Uma lua em quarto crescente erguera-se por detrás de uma cama de nuvens, mas os holofotes das torres de vigia iluminavam-lhe o caminho. As vozes dos guardas chegaram-lhe aos ouvidos. À distância, motores de camiões ronronavam, sinalizando a chegada de um carregamento tardio de mantimentos e mão de obra nova.

Uma risada ténue surgiu algures nas proximidades. Mais à frente, descobriu a fonte. Uma das portas de um bloco exterior estava ligeiramente entreaberta. Quando o ruído continuou, Karl aproximou-se. A nesga na porta era suficientemente larga para poder vislumbrar o interior sem ser detetado. Centenas de prisioneiros cobriam os beliches, pernas pendentes a balouçarem viradas para o corredor central. Estavam todos de costas para a entrada. Candeeiros alumiam a zona comum na extremidade do bloco, onde alguns homens se aglomeravam, exceto um que estava em frente dos demais, a cantar uma canção polaca. A cada poucos segundos, parte da audiência dava risadas, um riso abafado e fraco. Karl avançou mais um passo para conseguir um melhor ponto de observação. Estranhamente, não viu prisioneiros tímidos a acobardarem-se perante ele. Os olhos destes homens possuíam algo diferente. Não era medo. Não era o olhar cansado da

resignação, mas uma centelha de outra coisa qualquer, a mesma faísca que Marijke possuía.

Após uma salva de aplausos abafados, dois outros homens chegaram-se à frente, ambos prisioneiros políticos. Um tinha um bigode em formato de escova de dentes desenhado a carvão. O outro tinha óculos com hastes de arame e adotava a pose rígida de Himmler. Nesse momento, Karl soube que devia intervir, mas continuou a ver com espantosa curiosidade.

— Bem, Hindelmeer, perdemos outra batalha em ambas as frentes. Diga-me, o que é que o seu olho que tudo vê diz: Vou perder esta guerra?

— Receio que sim, Duque Adolin.

— Vou morrer?

— Receio que sim.

— Quem é que me vai matar?

O homem ajustou os óculos e trocou um olhar cúmplice com a plateia.

— Um judeu célebre.

— Que judeu célebre, Hindelmeer?

— Qualquer judeu que o mate ficará instantaneamente célebre.

Perante isto, os prisioneiros soltaram uma gargalhada e clamaram numa mistura de línguas europeias. Até Karl teve de reprimir uma risada, espantado pela forma como conseguiram captar na perfeição os maneirismos de Himmler, o seu estranho fascínio pelo oculto. Tal como um velho mestre-escola. Karl tivera a sorte de conhecer Himmler num ou dois eventos oficiais do partido, mas nunca o *Führer*, que parecia ser incapaz de sequer ir à casa de banho sem ser engolido por uma multidão de seguidores ávidos.

O imitador de Himmler retirou os óculos e começou a recitar uma quintilha humorística. Agitava os braços enquanto falava, gesticulando como um italiano enlouquecido:

*Dez homens numa cama, todos alinhados
A lutarem por sopa e pão, apenas uns bocados
Mas eis que vêm os piolhos*

*Por isso escutem o meu conselho
E mantenham os vossos pobres crânios tapados!*

Um trejeito particular do pulso saltou aos olhos de Karl. Abriu um pouco mais a porta para o observar melhor. Onde é que já o tinha visto? O homem passou a mão pela cabeça e soltou uma risada áspera. Foi então que Karl o reconheceu. Um famoso ator

da Baviera, um amigo de Else. Um comunista. Havia jantado juntos inúmeras vezes antes da guerra e, à exceção das vezes em que o ator enveredara pelo assunto do bolchevismo, sempre fora uma companhia agradável. Também jogava xadrez melhor que qualquer pessoa que Karl conhecesse. Um homem bem vestido, entroncado, agora magro e a parecer ter mais vinte anos em cima. Até mesmo as suas sobrancelhas haviam caído.

Karl estava tão entretido a observá-lo que nem se apercebera o quanto se tinha aproximado e, inadvertidamente, empurrou a porta, que se abriu. Uma a uma, as cabeças viraram-se na sua direção e um sussurro varreu a multidão. O homem à frente parou de representar e ficou a olhar. Parecia que uma granada tinha sido atirada e ele ficara com o pino na mão.

Uma ratazana correu pelo meio dos pés mais próximos, mas ninguém se mexeu. Um rapaz de aspeto doente limpou o nariz na manga e algures alguém tossiu de forma abafada. Karl disse a si mesmo para gritar uma ordem, para sacar da sua *Luger*. Ele tocou com a mão no coldre antes de olhar para o ator que, do outro lado do bloco, o fitou de volta, pestanejando. Quando a expressão de reconhecimento de um rosto conhecido passou pela face do ator, Karl virou-se e foi-se embora, deixando a porta aberta atrás de si.

Mais tarde, nessa mesma noite, estendeu-se na cama, ainda a sentir as ferroadas das acusações de Marijke. Na mesa de cabeceira, o seu despertador contava longos minutos desperdiçados. Quando o tiquetaque lhe esgotou a paciência, levantou-se, preparou uma chávena de leite quente com uma generosa dose de *brandy* e sentou-se no cadeirão do escritório.

Não conseguia separar a sua discussão com Marijke da visão daquele velho conhecido em farrapos. Tentou convencer-se a si próprio de que o amigo de Else escolhera o seu próprio caminho por se recusar a desistir do seu dogma político. Os mariconços tinham culpa por irem contra a natureza. Mas depois havia Marijke. A bela, apaixonante e inocente Marijke, que não merecia ser arrancada do seu lar, não merecia ser usada por homem atrás de homem, como uma bomba de combustível numa estação de serviço. Tudo apenas porque tinha tentado ajudar alguns vizinhos, arranjado alguns radiozinhos.

Karl deu um gole na sua bebida e permitiu que o *brandy* quente lhe escorresse pela garganta. Uma rachadela, fina como um fio de cabelo, percorria a chávena de porcelana, e Karl passou o dedo ao longo da linha, mas não conseguiu sentir o corte. Aqueles atores no bloco tinham reduzido Hitler a um simples homem com bigode. Teriam os Aliados razão em odiarem-no? Estaria Karl a apoiar a nação, um sonho de ressurgimento do povo alemão, ou estaria apenas a apoiar as crenças de um único homem?

Pensou em Aaron Stein, o seu amigo judeu da primária. Naquelas gotas de sangue do seu dedo a misturarem-se com as dele. Durante anos, ambos construíram fortes juntos, brincaram aos piratas exploradores na casa de férias da sua família. Quando o pai de Aaron regressara da guerra, Karl mantivera-se ao lado de Aaron à chuva, a ver o caixão a descer para a sua cova enlameada. A última vez que Karl o vira fora em 1938, três semanas antes da *Kristallnacht*. Tinha acabado de se juntar ao partido e corria pelas ruas de Munique para ir contar ao pai. Num cruzamento, Aaron acenou-lhe do outro lado de uma rua apinhada de gente. Karl estava prestes a ir a correr ter com ele, quando pensou nos papéis do partido, enfiados debaixo do braço, na lealdade que eles lhe exigiam. Em vez disso, Karl baixou a cabeça e atravessou a rua na direção oposta. Durante sete anos, evitara pensar nele, recusando-se a reconhecer o provável destino de Aaron. Não lhe custaria muito

descobrir: uns quantos telefonemas e o seu nome surgiria numa lista ou noutra. Nunca se deu ao trabalho de averiguar.

O fundo da chávena continha mais *brandy* do que leite. Engoliu-o e pegou na garrafa. O problema dos maricas mantinha-se. Karl vira as experiências médicas, assistira aos enforcamentos executados sob as ordens de Brandt, e apesar de não ter nada contra eles, a ideia do que faziam deixava-lhe um travo desagradável na boca. Mas Marijke tinha razão numa coisa — isso certamente não era motivo suficiente para os desprezar, para lhes tirar as vidas.

Após emborcar um último gole de *brandy*, enroscou a tampa na garrafa e regressou ao quarto, determinado a compor as coisas com ela antes que fosse tarde demais.

CAPÍTULO VINTE E UM

LUCIANO
23 DE MAIO DE 1977
BUENOS AIRES

Querido papá,

O que é que me querias dizer ao telefone? Será que estavas... parecia que querias deitar algo cá para fora, algo que eu precisava de ouvir. Consegui escutar isso na tua voz; era uma voz, era um tom que nunca usaste antes. Querido papá, não consigo deixar de pensar, a tua voz, estava tão sufocada, tão tensa, mas cheia de emoção. Algo em que quero tanto acreditar, mas eu... eu continuo a interrogar-me se terei imaginado tudo porque quando é que tu alguma vez... quando é que tu alguma vez... pareceste preocupar-te, pareceste genuinamente perturbado, como se, na verdade, talvez realmente me amasses. Aquele telefonema está constantemente a repetir-se na minha mente e eu tenho a esperança de apanhar outra coisa, de ser capaz de procurar no fundo do significado de cada palavra, cada fôlego, cada pausa.

Eu quero acreditar que, neste momento, estás sentado em casa, na cadeira junto à janela, com música e o televisor ligados, mas, por uma vez, não estás a ver o jogo. Em vez disso, estás aí sentado preocupado comigo, sem saber onde eu estou, se eu estou bem, talvez, só talvez, até a desejar que me tivesses tratado de forma um bocadinho diferente.

Papá, lembras-te da Orión, a Coruja? Lembras-te de teres passado uma noite inteira a fazê-la para mim?

Luciano suspirou. Ainda conseguia ver o brilho da fogueira que colorira o rosto do pai num tom de âmbar, conseguia sentir o cheiro do fumo no casaco do pai. Tinham estado no rancho da *nonna* e do *nonno* a celebrarem o sexto Natal de Luciano. Mais cedo, nessa mesma tarde, o pai levava-o a fazer uma longa caminhada, passando pelas buganvílias e pelo abrigo de adobe, atravessando a vegetação que ia dar ao ribeiro. O pai indicara-lhe as diferentes espécies de árvores e de flores ao longo do trilho e, quando uma coruja fez um voo rasante à frente deles, agachou-se para ajudar Luciano a encontrá-la. Vendo a coruja empoleirada num ramo baixo,

o pai abraçou-o, e havia qualquer coisa no seu olhar perdido que fez Luciano sentir que precisavam um do outro.

Papá, a maneira como me agarraste quando avistámos aquela coruja, ainda consigo sentir a força reconfortante dos teus braços à minha volta, a maneira como te baixaste para me beijar o cabelo. Posso contar pelos dedos de uma mão as vezes em que me abraçaste. Mas aquele momento, queria que durasse para sempre.

O pai transportara-o às cavalitas no regresso ao rancho, mostrando-lhe as ovelhas e as vacas e pedindo-lhe para lhes dar nomes. Quando Luciano também tentou dar outro nome ao gato, o pai riu-se e admitiu que o nome novo era melhor. Durante anos, eles chamaram àquele gato *Paco*. Mais tarde, nessa noite, o pai sentou-se à mesa de trabalho do *nonno*, com o fogo a crepitar ao seu lado enquanto esculpia um brinquedo. Quase em transe, não falou com ninguém, ignorando tudo exceto as suas mãos. A faca raspava a madeira, retirando lascas encaracoladas que iam caindo aos seus pés e, quando acabou, presenteou Luciano com a pequena coruja e pediu-lhe para lhe dar um nome também.

Orión, a Coruja. Foi a única vez que te vi esculpir alguma coisa. A cauda está torta e ela parece atordoada, mas sempre gostei das suas falhas. Com seis anos, pareceu-me a melhor coruja do mundo. Agora, sabe bem saber que tu próprio não és perfeito em tudo.

Orión acompanhou Luciano para todo o lado até ele fazer oito anos, altura em que *papá* anunciou que rapazes a sério não andavam com brinquedos atrás como se fossem um ursinho para dormir. Mas será que o pai fazia ideia de que ela se mantinha na estante de Luciano ainda hoje? Durante anos, Luciano dar-lhe-ia as boas-noites, até isso se tornar um hábito tão comum como rezar o pai-nosso. Ficava estendido na cama, a pensar no que poderia ele fazer para que o seu pai se orgulhasse de si. E sempre que o pai o repreendia por passar demasiado tempo na cozinha com *mamá*, por vestir «cores de mulheres» ou dar parte fraca em alguma situação, ele tirava aquela coruja da prateleira e segurava nela tentando

lembrar-se da concentração visível nas sobrancelhas do pai enquanto dava a forma certa às asas.

Todas aquelas vezes em que espetava o bico da Orión na minha pele, na palma da minha mão, no meu pulso, esfregando-o como se fosse uma lâmina, como se eu sentisse a tua desaprovação a esvaír-se de mim. Como se fosse veneno. Alguma vez paras para pensar no quanto me magoaste? És tão cego; não te preocupas com nada além de ti. Não reparas no que se passa à tua volta, no quanto eu e a mamá precisamos de ti.

A dada altura, Luciano pegou na tesoura da sua secretária e espetou-a nos olhos de *Orión*. Será que o pai alguma vez reparou nos padrões das marcas no papel de parede onde a coruja embatia quando era arremessada pelo quarto? Como os vestígios de uma partida de dardos disputada após demasiadas cervejas. Quanto mais zangado *papá* estivesse com ele, mais dias a coruja permanecia escondida onde quer que tivesse caído, até Luciano se sentir suficientemente culpado para se enfiar debaixo da cama ou procurá-la entre as pilhas de roupa suja.

Eu acabava sempre por colocá-la novamente na prateleira, porque, independentemente de tudo, não a conseguia deitar fora. Não creio que alguma vez conseguisse. Tudo o que quero é ouvir a tua voz ao telefone novamente, ouvir-te dizer que tens saudades minhas, que te importas.

As condições começaram a melhorar para Luciano após mais uma semana de trabalho. Passou mais tempo sem o capuz e recebeu permissão para comer as suas refeições com os outros trabalhadores forçados na cave. Comiam juntos em silêncio, mas sentia um ar de solidariedade enquanto trocavam olhares furtivos, fingindo manter a sua atenção no futebol ou nas telenovelas a dar no televisor que havia ali perto. O volume estava sempre no máximo, mas não demorou muito a perceber que, sempre que o ecrã tremeluzia com estática, alguém tinha ligado a arma de choques para gado na sala ao lado. O seu apetite desvanecia-se e as calças descaíam-lhe mais pela cintura a cada dia que passava.

Certa noite, um grupo deles sentou-se à espera do jantar. Tubarão entrou com uma grande panela, que colocou à cabeceira

da mesa. Ajustou os óculos no nariz e lançou um olhar demorado a Luciano antes de deixar um novo guarda a supervisionar a refeição. Mesmo com a tampa na panela, Luciano quase podia saborear os pedaços esturricados colados no fundo.

Falcão passou por ali e enrugou o nariz. Parou, levantou a tampa e franziu o sobrolho.

— É isto que vais servir? — O novo guarda encolheu os ombros e pegou numa taça, mas Falcão afastou-lhe a mão. — Não sirvas isso. Vou ver se há mais qualquer coisa na cozinha.

Demorou imenso tempo. Rostos desesperados fixaram a panela, mas os guardas seguiam ordens. Falcão regressou com um saco de papel com o nome de uma pastelaria. O saco abriu-se com um sussurro, emanando o aroma salivante de carne picada e cebola.

Enquanto o grupo dividia as cinco empanadas, Falcão colocou um monte de guardanapos de papel na mesa e saiu. Luciano deu uma dentada no seu meio pastel, saboreando o gosto das especiarias. A carne fumegante queimou-lhe a língua. Pela segunda vez desde o seu rapto, Luciano sorriu.

Mais tarde, interrogou-se se Falcão teria usado do seu próprio dinheiro para comprar as empanadas e, se sim, porque o teria feito. Mas quando cinco dias se passaram sem sentir o firme aperto de Falcão no seu braço ou sem escutar a sua voz grave, assumiu que as ações do guarda não teriam ficado impunes.

Querido papá,

Detesto o controle que tens sobre mim. Tudo o que faço, cada vez que chego a casa da escola, cada decisão: estás sempre no meu pensamento. Eu pergunto-me sempre se ficarás orgulhoso da forma como me estou a comportar, se irás aprovar, se me irás respeitar um pouco mais se fizer as coisas da maneira que mais gostas.

Querido papá, acho que tens vergonha de mim. Na verdade, tenho a certeza disso. Consigo vê-lo na maneira como baixas os olhos quando entro na sala, na maneira como nunca me fazes perguntas sobre o que ando a fazer, sobre os meus amigos. Aposto que nem sabes o nome da maioria deles. Eu e a Camila namorámos durante meses e, ainda assim, na única vez em que a encontraste na rua, comportaste-te como se nunca tivesses ouvido falar dela. Claro, talvez eu não falasse nela o tempo todo... talvez porque, bem, talvez haja na verdade uma boa razão para isso, mas ainda assim. A mamá faz perguntas; ela mostra interesse.

Papá, lembrás-te de Bariloche no ano passado? Naquela primeira noite na nossa viagem de esqui, tu disseste que te sentias como se tivesses regressado a casa. Havia... tu parecias feliz, de certa forma, satisfeito, por uma vez que fosse.

Luciano inspirou, imaginando a resina áspera das plantas perenes, o vapor da sidra de maçã a derreter o gelo nas suas pestanas. Edifícios feitos com troncos, que ostentavam varandas de madeira, o crepitar da neve recente sob os esquis. Na noite em que chegaram, o pai levava-os a jantar fora para comerem *fondue* e sorriam ao contar histórias sobre esquiar no Alpes com os avós que Luciano nunca conhecera. Histórias de vinho quente com açúcar e canela e de ter de se levar três pares de meias para passear na neve porque um nunca chegava. Até contara algumas piadas. Durante algumas horas, comportaram-se como uma família normal. No dia seguinte, contudo, a mãe regressara ao hotel mais cedo, com uma dor de cabeça, deixando Luciano e o pai entregues a si próprios.

Era bom demais para durar. Quando eu e tu regressámos pela cidade juntos... foda-se, aquilo foi mais do que constrangedor. Não tínhamos absolutamente nada para conversarmos um com o outro. Eu não parava de pensar em algo para dizer e acabei por fazer um comentário parvo sobre termos neve boa para fazermos bonecos de neve, como se ainda fosse um miúdo. Tu resfolegaste e anuíste com a cabeça e paraste para fazer festas a um daqueles cães enormes que passeavam pela praça para os turistas. Os verdadeiramente grandes, com os barris, os são-bernardo.

O pai passara um minuto com aquele cão, agachando-se para lhe afagar as orelhas, elogiando a sua pelagem espessa, chamando-lhe um *braver Hund*, como se ele fosse entender alemão só porque a raça era oriunda dos Alpes. Luciano observou-o, fascinado, enquanto as rugas no rosto do pai amoleciam como cera exposta ao sol. Papá lançou a cabeça para trás e riu-se quando a língua do cão lhe besuntou o queixo como se fosse uma pá.

Enquanto eu ali estava, estacado a pensar em algum facto interessante sobre aqueles cães para te dizer, senti-me um intruso, como se estivesse a espiar um momento íntimo através de um espelho unidirecional. Tu nem te apercebeste quando entrei numa chocolataria.

Luciano servira-se das amostras: alternando entre bombons e troncos de chocolate branco. Agora, a sua boca salivava enquanto pensava naquela fonte de chocolate em cascata, a verter chocolate negro quente. Acabara de pegar no seu quarto pedaço de chocolate, quando olhou pela janela e viu que o pai já não estava sozinho.

Aqueles homens apareceram. Homens velhos, até mais velhos do que tu, com olhos amigáveis. Comportaram-se como se te conhecessem.

Luciano enfiou um último bombom na boca e saiu da loja. Os homens estavam a falar em alemão. O pai acenava e respondia, mas quando Luciano se aproximou para os cumprimentar, o pai enxotou-o com um gesto da mão, por isso permaneceu à espera junto às trufas até eles se rirem, darem uma palmada nas costas de papá e seguirem com a sua vida.

Quando te perguntei quem eles eram, disseste «velhos amigos» e ficaste por aí. Com vergonha de mim novamente... não é, papá? Com vergonha da minha cara de bebé, que achas que é demasiado suave para um homem. Com vergonha da maneira como eu uso cabelo comprido e despenteado a cair-me na testa. Ou estavas com medo que eu fizesse outro comentário estúpido, a queixar-me de como as barrigas das pernas me doíam de esquiar, ou que lhes dissesse que eu aspirava a ser o próximo grande poeta deste país? Fizeste-me esperar, longe da vista, a um canto, como um cão que fica na rua. Na verdade, não, até aquele cão tu deixaste ficar à volta dos teus tornozelos, a roçar-se nas tuas pernas, enquanto lhe fazias festas na cabeça. Lindo menino, dizias, lindo menino.

O trabalho arrastava-se na ESMA e, apesar de isso dar a Luciano algum sentido de rotina, era uma rotina à qual nunca faltava dor ou sofrimento. Até mesmo essas duas palavras já não eram suficientes. Precisava de desenvolver um novo vocabulário para designar a normalidade do terror.

Ao longo da sua vida, dissera à mãe, por volta da hora de jantar, que estava com fome. Mas «fome» estava aquém de capturar o que ele sentia na ESMA, uma dor que se alastrava através do seu corpo todo, atacando cada recanto, deixando a língua seca com um sabor repugnante, os braços e as pernas enfraquecidos, tornando cada

movimento um esforço, como se estivesse a ser consumido de dentro para fora.

Quando não se encontrava a fantasiar sobre bifos e gelados de maracujá e pastéis a escorrerem com doce de leite, antecipava o próximo banho. Tentava recordar-se de como era sentir-se limpo, cheirar a sabonete e ver a pele a ficar rosada sob o jato da água quente.

Luciano permaneceu de pé debaixo do chuveiro, a tremer por causa dos chuviscos gelados. A temperatura despertava os seus ossos cansados, fazia a suas veias tinirem. A sensação transportava-o para um lago na Patagónia, onde mergulhara de uma doca e perfurara a superfície refletora da água. Agarrava-se a este sonho enquanto se esfregava e olhava fixamente para as paredes de cimento até elas se tornarem colinas preenchidas por pinheiros, um barco solitário a ondular ao longo da margem.

O chuveiro desligou-se automaticamente. Luciano enxugou as gotas dos olhos e permitiu que a casa de banho voltasse a ficar focada: as luzes fluorescentes, o chão escorregadio, a curva dos rabos a destacar-se em corpos franzinos, pénis pendurados, murchos e encolhidos. Olhou para os outros homens. Gabriel alcançou a camisa, com os pelos molhados colados às pernas. Os corpos magoados estavam a definhar pela falta de uso, mas algo em Luciano ainda mexia. Tentou imaginar como seria se Gabriel viesse por detrás dele, se o puxasse para um beijo, segurando o seu corpo quente enquanto ficavam com ereções em sintonia.

Enquanto se secava, sentiu alguém a observá-lo e reparou em Tubarão, a olhá-lo de soslaio junto ao lavatório no canto. Luciano engoliu em seco e acabou de se vestir, tentando esconder-se tanto quanto possível naquele espaço aberto. Sentiu um formigueiro nos braços enquanto os enfiava pelas mangas da camisa e se curvava para apertar os atacadores. Um guarda algemou-o, mas exatamente antes de o capuz cobrir a sua cabeça, Luciano viu Tubarão a olhá-lo com nojo.

O outro guarda organizou os prisioneiros em fila. As algemas tilintaram à medida que os prisioneiros iam saindo da casa de banho, mas um sólido aperto cravou-se na parte de trás do pescoço de Luciano, obrigando-o a ficar para trás.

Tubarão fechou a porta da casa de banho.

— Tu és um *maricón*, não és? — A sua voz sussurrou no ouvido de Luciano. — Achas que não percebi?

Um golpe nos ombros atirou Luciano ao chão. As suas mãos saíram disparadas, mas não conseguiram amparar-lhe a queda, e a sua cabeça embateu nos mosaicos do chão, formando-se cores brilhantes e caleidoscópicas no seu campo de visão. Encolheu-se para se escudar dos pontapés nas costelas, no estômago, nos testículos.

— Levanta-te! — Tubarão levantou Luciano até este ficar de joelhos e puxou-lhe o capuz, arrancando-lhe uns quantos cabelos.

Na súbita luminosidade, Tubarão estava de pé, acima dele, a desapertar a fivela, a braguilha. O guarda puxou Luciano pelo cabelo, enfiou-lhe o rosto no seu membro ereto.

— Vais gostar disto. Mostra-me que serves para alguma coisa.

O couro cabeludo de Luciano trovejou. Tudo ficou difuso, mas ele fez o que lhe mandaram. Tubarão investiu contra ele, agarrando um punhado de cabelo, balançando-se nos dedos dos pés e soltando grunhidos entrecortados.

— Mais depressa.

Pressão contra o fundo da garganta de Luciano. Vislumbres do homem mais velho que uma vez olhara para ele com olhos convidativos no outro lado da plataforma do metro, do corpo húmido de Gabriel, e de Fabián a tomar banhos de sol no parque, o trilho de pelos na sua barriga, que indicava o caminho para os seus calções. Fabián. Fechou os olhos, fingindo que era Fabián, que finalmente tinha a oportunidade de tocar nele, de lhe dar prazer.

Os seus dentes arranharam pele, o que lhe valeu um forte estalo. Luciano começou a engasgar-se e tentou afastar-se, mas Tubarão manteve-o no lugar. Então, quis gritar, mas bem no fundo, sabia que

devia ser castigado. Castigado pelos seus impulsos, pelos seus segredos. Por olhar para os rapazes a mudarem de roupa depois do futebol, por colecionar fantasias sobre Fabián enquanto supostamente namorava com Camila. Ele merecia isto. Tudo o que podia fazer era fixar-se na grelha do escoador de cimento bolorento entre os mosaicos no chão e tentar abafar os grunhidos do guarda.

Em pouco tempo, o corpo de Tubarão ficou tenso, a sua respiração rápida e pesada. Com uma mão, inclinou-se para se segurar à parede. Luciano não olhou para cima, mas sentiu o rosto do guarda a contorcer-se de prazer. Com uma sacudidela súbita, Tubarão saiu, puxou a cabeça de Luciano para cima e veio-se com um grunhido profundo. Puxou o fecho das calças e empurrou Luciano para o chão, pontapeando-o nas canelas. Um pontapé a seguir a outro. Corria um fio de sangue da testa de Luciano. Tubarão começou a gritar, mas as palavras esborrataram-se sob a dor enquanto o corpo de Luciano se encolhia contra o impacto. Implorou por ajuda tão alto quanto conseguiu, na esperança de que alguém viesse e pusesse um fim a tudo, mas ninguém apareceu.

Luciano sentou-se a uma secretária branca, numa pequena sala branca. Tinha na mão uma caneta, mas, fora isso, a secretária e a sala estavam vazias. A porta abriu-se e entraram dois guardas, arrastando alguém que também estava de branco, com o rosto coberto por um capuz de seda branca. O guarda largaram o prisioneiro no centro da sala e saíram discretamente, deixando o homem prostrado no chão.

— Levanta-te.

Apesar de não ter movido a boca, Luciano ouviu a sua própria voz, incorpórea. O homem mexeu-se e ergueu-se magicamente num movimento único e fluido. Ficou de pé com as pernas abertas, mãos amarradas atrás das costas e, só com este movimento, Luciano soube quem ele era.

Uma ficha de arquivo repleta com a caligrafia de Luciano surgiu na secretária. *Nome: Fabián Sanmartino*. O chocalhar das algemas

a cair no chão fê-lo olhar para cima, mas ninguém entrara na sala para as retirar. O capuz seguiu o caminho das algemas, esvoaçando como uma folha apanhada pela aragem.

Fabián olhou fixamente para ele com um olhar vago. O seu queixo parecia acabado de barbear, a sua pele imaculada, mas um olho estava tão inchado que não o conseguia abrir.

— Foste tu quem me fez isto.

Luciano abanou a cabeça e tentou levantar-se, mas sentiu-se preso à cadeira.

— Não, não, eu não fiz nada. Tu fazes ideia do que significas para mim?

— Eles pensam que sou como tu, mas eu não sou. Tu traíste-me.

— Não. Impossível.

Ele atirou a caneta para o lado, mas ela permaneceu em riste, em cima da secretária, enquanto uma nova linha se materializava no cartão. *T*, por *transferido*. O terror instalou-se no seu âmago.

— Por favor, tens de perceber. Eu nunca faria nada que te pudesse magoar.

Fabián deu um passo atrás, e o seu cabelo negro contrastou nitidamente com o branco envolvente. Do pescoço para baixo, ele mesclou-se com o ambiente estéril.

— Por favor, acredita em mim!

Outro passo e mais outro. O contorno de Fabián começava a esbater-se, mas ele continuou a caminhar para trás, mais e mais, até finalmente se tornar parte das próprias paredes e desvanecer-se.

Luciano pestanejou com força, desejando que o seu amado regressasse. Quando abriu os olhos, ainda estava sozinho, mas tinha regressado à reclusão do seu capuz. A cabeça latejava-lhe. Uma crosta na têmpora raspou no tecido quando tentou rebolar, fazendo-o encolher-se numa bola. Algures, o som de uma porta a abrir-se. Levantando as mãos para cobrir o rosto, tentou proteger-se do espancamento que já esperava. O movimento provocou-lhe uma dor lancinante nos braços. As suas costelas pareciam ter sido

esmagadas e flutuar agora pelo estômago. A pancada nunca chegou, mas pareceu-lhe ouvir um estádio cheio de vozes a rir, a cantar, a gritar.

A ponta lascada do seu dente da frente arranhou-lhe a língua. Afastou os lábios.

— Por favor, água.

Pediu uma, duas vezes, mas não sabia se estava a gritar ou a sussurrar.

Os sons à sua volta desvaneceram-se. Nesse momento, acendeu-se um fósforo no canto mais afastado da sua cela e as sombras emergiram por entre as trevas. Uma chama tremelicou em frente a uma mão erguida para a abrigar. O tinir de vidro seguiu-se. Quando a mão se afastou, a chama transformou-se num brilho suave. A luz chegava de um candeeiro a petróleo e a figura sombria que o segurava sentou-se num banco a um canto. O estranho ergueu o candeeiro, enquanto a sua mão livre retirava o capuz que lhe cobria a cabeça. Luciano apercebeu-se de que o estranho era ele próprio. Era ele, como já fora em tempos: sem marcas, bronzeado e em forma, com o seu olhar calmo, pensativo. E, apesar de vestir as mesmas roupas que Luciano tinha vestidas naquele momento, o tecido não tinha manchas, nem rasgões, nem botões em falta.

Luciano sentou-se e encostou-se ao canto oposto, pressionando os joelhos contra o peito. A dor desaparecera. Esperou que o seu outro eu tomasse a iniciativa, mas nada aconteceu.

— O que é que estás aqui a fazer? — perguntou, certo de estar morto.

A figura colocou o candeeiro no colchão entre ambos e ajustou o manípulo de latão para aumentar a chama, criando sombras na parede oposta. Luciano olhou para a esquerda e viu outra figura lá sentada, um rapazinho com cabelo espesso e canelas manchadas de relva. O rapaz sorriu às trevas com os olhos azuis-elétricos de Luciano.

Com espanto, Luciano estendeu a mão, mas quando o rapaz virou a cabeça, olhou para lá do ponto em que ele se encontrava. Uma grande tristeza invadiu Luciano, mas antes que dissesse qualquer coisa, a primeira figura tirou um cigarro do bolso e acendeu outro fósforo. O fumo subiu em espiral, enevoando o espaço entre eles com o aroma a canela e limão, o cheiro da sua mãe.

Quando o fumo se dissipou, uma terceira figura agachou-se no último canto. Desta vez, um homem bastante mais velho, um Luciano com ombros arqueados, cabelo desgrenhado, e um sinal enorme na face. Apoiado numa bengala de madeira, olhava para o chão como se andasse à procura de alguma coisa.

Este homem mais velho assustou Luciano. Ao contrário dos outros, ele nunca fora real ou poderia nunca existir no futuro. Luciano reparou que as suas grilhetas tinham desaparecido. Luciano levantou-se, avançando na direção dos outros, em busca de conforto. As figuras viraram-se para ele, mas de repente, pareceram-lhe insípidas, como se não tivessem almas, e a cor das suas peles foi-se esvaindo à medida que a luz da cela diminuía. O candeeiro esgotara o petróleo, a mecha queimara até ao fim. Luciano fixou-se nesse último murmúrio, observando a chama tremelicar até ao momento em que tudo desapareceu novamente.

CAPÍTULO VINTE E DOIS

MARIJKE
2 DE ABRIL DE 1945
BUCHENWALD

Um terrível ataque de náuseas seguiu-se à minha discussão com Karl. Acordei na manhã seguinte com a sensação de que alguém estava a tentar arrancar-me as entranhas. Ao pequeno-almoço, as outras bebiam a nossa refeição de sucedâneo de café, que fora ficando cada vez com menos sabor à medida que a guerra se foi arrastando. Porém, naquela manhã, não consegui sequer aproximar-me dois metros da minha chávena sem ter de correr para a casa de banho. A cada meia hora, sentava-me para me aliviar e mordida a língua para calar os queixumes nervosos. Edith não regressara ao bordel depois de ter ficado doente e já mais duas raparigas tinham desaparecido desde então. Iria eu ter o mesmo destino?

Passei toda a manhã deitada, agarrada aos postes da cama e a enxugar o suor da minha testa. Enquanto as outras limpavam o bordel, eu revirava-me para um lado e para o outro, enrolada em posição fetal, mas não havia nada que acalmasse as náuseas. Karl assombrava-me os pensamentos, suplicando-me que o ouvisse, dizendo-me que não era o homem que eu pensava que ele era. *Eu amo-te, Marijke*. As palavras ecoavam, aumentando de volume até bloquearem tudo o resto.

Quando Sophia entrou no quarto, viu o meu sofrimento e apressou-se a colocar-se ao meu lado.

— O que se passa?

Sentei-me, agarrada à barriga. Ela pegou num caixote do lixo vazio e colocou-o à minha frente, mas eu empurrei-o para o lado.

— É o Karl — disse eu.

— O Karl? É por isso que estás enjoada?

Arranjei espaço para ela se sentar ao meu lado. Ela dobrou o trabalho que estava a cerzir e enfiou-o no bolso da saia enquanto esperava que eu falasse.

— Não te sintas obrigada a contar-me seja o que for, Marijke.

Havia calma no seu tom de voz, uma espécie de dor que me fez perceber a pouca atenção que eu dispensara às outras raparigas desde que Karl me libertara das outras visitas, o quão concentrada eu ficara em mim mesma. Todas as noites, quando o bordel fechava para os prisioneiros, as raparigas regressavam aos seus quartos, murmurando queixas e trocando mexericos sobre os homens da noite: quem tinha demorado mais tempo, quem era o mais bonito. O tempo contorcera aquelas visitas noturnas numa espécie de jogo, mas isso pouco fazia para mascarar a repulsa que lhes estava subjacente. Há meses que eu não participava naquele ritual pós-coital. Quando Karl saía do bordel, as outras raparigas já estavam a dormir.

— Achas — comecei eu —, achas que todos os nazis são maus? Quero dizer mesmo maus lá no fundo?

— Eu sei o que tu pensas.

— O quê?

— Falas sobre o Karl como se ele fosse um Romeu, como se pudessem viver felizes para sempre se os Aliados e os poderes do Eixo pudessem simplesmente pôr de parte as suas divergências e fazer as pazes.

— O Karl é diferente. Ele pouco acredita no *Reich*. Tudo o que ele quer é regressar à Baviera com os seus cães e viver uma vida tranquila. E ele é doce comigo, ele diz que me ama.

— Ele está apaixonado, Marijke; ele ama a ideia que tem de ti. Aqueles homens são impiedosos. Eles só se preocupam com pessoas que se pareçam com eles e que pensem exatamente como eles. Se eu não soubesse como as coisas são, diria que, debaixo daqueles uniformes, só havia botões e engrenagens. Tu viste o que ele fez àqueles prisioneiros.

Engoli em seco, recordando a cor do rosto sovado daquele homem.

— Eu sei. Foi horrível. Para lá de horrível. Mas ele não lhes estava a bater. E se ele estivesse simplesmente a cumprir ordens? Ele também ficaria em apuros se tentasse desafiar o *kommandant*.

Sophia abanou a cabeça.

— Ouve bem o que estás a dizer. Mesmo sendo alemã, eu não consigo defender aqueles homens bárbaros. Ele enfeitiçou-te.

Ouvir as palavras dela fez com que eu tivesse mais um ataque de tonturas. Procurei equilibrar-me agarrando-me ao poste da cama. O rosto dele estava ali, aqueles belos olhos azuis, a escuridão que se erguia por detrás deles como as águas de uma inundação. Estaria eu a enlouquecer por pensar desta maneira? Só uma louca olharia para o Mr. Hyde e veria apenas o Dr. Jekyll. O que me estava a impedir de o odiar?

Sophia passou com uma mão pelos meus caracóis e senti a sua pele fresca e calmante.

— Pensa naquilo em que realmente acreditas, naquilo que esperas quando a guerra terminar. — Ela levantou-se da cama. — Mas, por agora, deixa-te ficar aí deitada. Eu faço o resto das tuas tarefas e já penso no que é que hei de dizer às outras.

Ela aconchegou-me a roupa da cama e eu apoiei a cabeça na parede, desejando conseguir travar os sentimentos que enxameavam à minha volta e adormecer a sonhar com Theo.

Quando acordei, uma hora depois, as náuseas tinham desaparecido. A luz do sol da tarde entrava pelas janelas, projetando focos de luz no chão, e ouvi o som da conversa animada na sala ao lado. Obriguei-me a levantar-me, afastando os pensamentos sobre Karl para o fundo da minha mente.

As raparigas sentaram-se à mesa na sala de convívio, a contar histórias da vida em Berlim antes da guerra: sobre chapéus de feltro com penas, luvas de seda e romances secretos revelados na companhia de copos de *brandy*. Falaram de cabaré e de *jazz*, uma música ousada que desafiava tanto do que eu aprendera nas

minhas aulas no conservatório. Mas Sophia disse que os músicos de jazz tinham desaparecido; Hitler também não gostava de negros.

Eu disse a Wilhelmina que me sentia indisposta e pedi para ter a noite de folga. Ela acenou em concordância e fez um apontamento na sua prancheta antes de me ir buscar um copo com água quente.

A má disposição que eu pensava ter vencido reapareceu como um maremoto e, durante vários dias, senti-me frágil e enjoada. Acordava a sentir-me como se alguém me tivesse amarrado à traseira de um caminhão e tivesse andado a arrastar-me pelo campo a noite toda, passando por cima da lama e dos buracos na estrada. Ficava deitada durante várias horas. Nem água eu conseguia aguentar.

Wilhelmina e Bertha tentaram enviar-me para o hospital, mas eu não queria nada disso e implorei a Sophia que me mantivesse em segurança. Karl dissera-me que a enfermaria estava devastada por doenças e infeções, e as histórias que ele me contava sobre as experiências médicas assombravam os meus pesadelos. Ainda assim, eu via a palavra agarrada aos lábios das outras raparigas, o destino aterrador que previam: grávida. Se isso fosse verdade, eu seria marcada como «carne estragada» e seria reenviada para Ravensbrück. Ou pior ainda.

Na sexta manhã, disseram-me que Karl viria à noite. Nessa altura, eu queria desesperadamente vê-lo. Mas mal me conseguia mexer, tirando a viagem entre o meu quarto e a casa de banho. Sophia preparou-me um banho e eu chafurdei na água quente, cobrindo-me com uma espessa camada de sabonete. Quando saí, a água escorreu-me pela pele e fez uma poça nos mosaicos do chão enquanto o meu estômago roncava. Os meus seios estavam sensíveis ao toque. Recusava-me a aceitar essa possibilidade. Depois de todas aquelas injeções contracetivas, meses sem forças suficientes para sequer ter a menstruação que, mesmo depois de voltar, aparecia apenas a espaços... parecia impossível.

À medida que o dia foi avançando, tentei tornar-me útil, não fosse Wilhelmina e Bertha considerarem-me demasiado fraca para

receber Karl. Eu tinha de o ver, tinha de me certificar de que ele me protegeria de qualquer perigo que a doença me pudesse trazer. Tirei a vassoura do armário numa tentativa de varrer, mas dei por mim a parar a cada passo para me apoiar nela. As outras raparigas saíram para dar um passeio à tarde, deixando-me no sofá com um livro, mas os meus pensamentos estavam sempre a esvoaçar. Levantei-me para abrir a janela na sala de receção. O aroma fresco da primavera entrou na sala, o suficiente para me deixar enjoada outra vez. Mas o ar trazia mais alguma coisa: gritos hostis e frenéticos. Não consegui perceber a fonte do alvoroço e as palavras estavam abafadas, mas pareciam ordens. Pés pesados: a correr, não a marchar. De regresso ao sofá, sentei-me em cima das mãos e olhei fixamente para a janela.

Como se estivessem à espera daquele momento, as raparigas regressaram, de olhos muito abertos e trazendo respostas.

— Eles estão a chegar!

— Quem?

Sophia correu para mim e abraçou-me.

— Os americanos! Devem estar a avançar. As SS estão em pânico.

— Sabem que chegou o fim — disse Gerda.

— O que será de nós? — perguntei.

Wilhelmina e Bertha entraram na sala, trazendo uma mistura de excitação e temor nos rostos. Wilhelmina ficou em pé, num canto da divisão, levando as duas mãos à cara.

— Eu acho que nos vão fechar — disse Bertha. — Têm mais em que pensar do que manter as pilas dos prisioneiros molhadas. Diz-se que os americanos ainda têm de avançar um bom bocado até chegarem cá. Nesta altura, tudo é possível.

— Só temos de nos aguentar — disse eu, mas ouvi o tremor na minha voz e a agarrei-me ao pulso de Sophia.

— Sim — retorquiu Wilhelmina. — Sabe-se lá o que os nazis vão fazer quando se sentirem encurralados.

Naquela noite, dirigi-me bastante cedo ao *koberzimmer* para aguardar Karl. Mantive as roupas vestidas, sabendo que estava demasiado fraca para fazer amor com ele, mas acalentando a esperança de que isso não importasse. Mais do que uma vez, ele visitara-me só para se sentar ao meu lado, para me afagar o cabelo e me beijar, enquanto as suas palavras construía uma ponte entre os nossos mundos tão distantes. Mas eu não o vi desde a nossa discussão e não sabia como havia de fazer as pazes sem o peso dos americanos a interferir. As acusações de Sophia, a forma como ela condenara Karl, cresciam como uma urtiga na minha mente, sinuosa e ansiosa por me esmagar e apagar quaisquer pensamentos agradáveis que eu pudesse ter sobre ele. O meu instinto dizia-me que ela estava certa. O meu plano para mantê-lo satisfeito, estimulando a sua vontade de me proteger, acabou por me fazer tropeçar e cair para trás, aterrando mesmo em cima da minha própria armadilha.

As náuseas regressaram, por isso deitei-me para descansar os olhos. Uma parede de escuridão parecia dirigir-se a mim e, a qualquer momento, eu estava prestes a embater nela.

A porta abriu-se sem que ninguém tivesse batido.

— Karl, querido.

Porém, quando ergui o olhar, não era Karl que estava inclinado sobre mim. Era Bruno. Tinha o maxilar cerrado e um brilho maníaco no olhar.

Fechei os olhos, rezando para que ele fosse uma alucinação, mas aquela respiração pesada continuou.

— Lembras-te de mim? — Ele pegou-me pelo ombro, obrigou-me a olhar para ele. — Fiz-te uma pergunta. Ou ainda não sabes obedecer aos teus superiores?

— Por favor, o *Schutzhaftlagerführer* Müller...

— Já não tenho de cumprir as ordens dele. Não ouviste dizer? Acabou tudo.

Os meus botões saltaram quando ele me puxou a blusa. Hálito fétido: vodka e mostarda picante. Os dedos dele debateram-se com

os meus enquanto eu tentava libertar-me do seu aperto. Ele puxou-me para si, atirando-me para o lado como se fosse uma boneca. Enfiou as patas entre as minhas pernas.

— Não, para.

Uma forte bofetada no rosto. Fiquei com a face a arder; a parede escura aproximou-se. O fecho-éclair das calças dele a abrir-se. Uma mão no meu ombro, virando-me. Curvando-me. Rasgando buracos nas minhas meias.

— Não! — Era a minha própria voz, mas o grito parecia vir de muito longe.

O tinido do cinto dele quando caiu ao chão. Sombras a aproximarem-se cada vez mais. Pus uma mão nas costas dele, cravei-lhe as unhas na pele. O grito dele. Palavrões. E depois, a escuridão total.

CAPÍTULO VINTE E TRÊS

KARL
2 DE ABRIL DE 1945
BUCHENWALD

As más notícias vindas da frente de batalha não paravam de chegar, e os telefones não paravam de tocar. Na manhã de segunda-feira, Karl foi informado de que os operadores de rádio haviam interceptado uma transmissão a pedir para os Aliados largarem armas em Buchenwald para os prisioneiros. Tinha um pressentimento de que isso fora obra das células de resistência comunista existentes no campo, e a ideia de que eles podiam estar a pegar em armas manteve-o acordado pela noite dentro. Sonhos de bombas a explodirem na portaria, a ser acordado com uma arma apontada à cabeça. Também receava a forma como os americanos reagiriam quanto se apercebessem do que as SS andavam a fazer em Buchenwald, quão mais rápido tentariam avançar. Pelo menos, talvez o número de prisioneiros civis os dissuadissem de mais bombardeamentos.

Mais do que uma vez nessa tarde, deu por si a olhar fixamente para uma parede vazia do seu escritório, deixando o café a arrefecer ao seu lado. Para piorar as coisas, as mulheres do bordel diziam que Marijke estava doente. Tinha a certeza de que isso era mentira e tinha receio de ter estragado tudo, mas decidiu dar-lhe tempo para se acalmar enquanto o campo precisasse da sua atenção.

Concentrou-se em fazer planos para lidar com os prisioneiros. Ordenou aos *blockführers* que vasculhassem os blocos em busca de rádios transmissores e pôs os guardas a verificarem os edifícios adjacentes. A guarnição das SS era constituída por vários milhares de homens, todos fortemente armados, e apesar de os prisioneiros serem superiores em número, o facto de estarem enfraquecidos e

malnutridos significava que não iriam dar grande luta, mesmo que os americanos respondessem ao seu pedido de armas. Ainda assim, os prisioneiros conseguiram arranjar maneira de sabotar os planos das SS através da única coisa para a qual os nazis contavam com eles — a sua mão de obra. Em fevereiro, os trabalhadores nas fábricas de armamento cumpriram apenas um quarto da produção prevista para veículos de infantaria e aconteceu praticamente o mesmo com as carretas. Os diretores das fábricas relataram que os prisioneiros técnicos e encarregados andavam a encomendar as peças erradas e a interferir com as reparações, mas a investigação subsequente provou que os próprios gestores eram demasiado corruptos e desorganizados para se conseguir localizar a fonte dos problemas. Em geral, Karl não confiava nos prisioneiros. Qualquer cão que passe um dia inteiro fechado dentro de um caixote será sempre aquele que vai morder mais.

Na terça-feira, os americanos enviaram um aviso. Panfletos esvoaçaram pelas ruas de Weimar, aterrando nas pedras da calçada, nas chaminés, nas malas das senhoras. Um dos homens de Karl trouxe um monte deles quando regressou a Buchenwald e deixou alguns na secretária do seu gabinete. Uma mensagem em alemão impressa a negrito: *Prometemos uma dura retaliação contra quem cometer atrocidades contra os prisioneiros de Buchenwald.*

Karl amachucou o folheto e atirou-o contra a parede à sua frente. O papel ricocheteou e aterrou num peitoril, onde permaneceu o resto do dia. Evitou olhar para ele, mas não conseguia bloquear as imagens de um pelotão de fuzilamento, de um capuz negro enfiado na sua cabeça.

Os *blockführers* não localizaram nenhum transmissor de rádio ou quaisquer recetores. Ainda pensou em perguntar a Marijke sobre o seu trabalho quando fazia rádios de galena para a resistência holandesa, como é que ela e o marido aprenderam a escondê-los. Mas ela perceberia logo as intenções que se esconderiam por detrás das suas perguntas e desprezá-lo-ia ainda mais por tentar

levá-la a ajudá-lo. Em vez disso, foi falar com Brandt sobre a busca, que lhe prometeu que iria fazer algo acerca disso pessoalmente.

Uma hora depois, Brandt irrompeu pelo gabinete de Karl, a abanar um punhado de formulários.

— Você devia ter aprovado estas alterações!

Karl olhou para os papéis, uma ordem sobre o aumento de pessoal nas enfermarias, que se encontravam sobrelotadas há meses. Apercebeu-se de que havia assinado na linha errada, mas não se lembrava de alguma vez ter visto aquele formulário.

— Peço desculpa. Tem sido uma semana difícil.

— É bom que se prepare para muito pior, Müller. Os americanos já quase chegaram a Ohrdruf. Vamos trazer aqueles prisioneiros para aqui e embarcamos para Dachau assim que chegarem. — Brandt cruzou os braços enquanto Karl ficou sentado a visionar o tal pelotão de fuzilamento. — Não me faça essa cara. Não tem nenhuma fé nos nossos rapazes lá na frente? Vamos rechaçá-los a tempo.

— Claro que sim. — A voz de Karl saiu rachada.

— Componha-se, Müller. Preciso que mantenha tudo controlado por aqui. Temos de esmagar quaisquer sinais de resistência.

— Já teve notícias de Berlim?

— Himmler espera levar os prisioneiros para o mais longe possível, mas os americanos continuam a bombardear as linhas ferroviárias. Contudo, podemos contar com ele para encontrar uma solução. Ele encontra sempre.

Karl voltou a pensar no folheto amachucado. Seriam precisos dias, talvez semanas, para os evacuados chegarem a Dachau. Não sobreviveriam a ser novamente encafuados naqueles vagões, nem sequer a marcharem até Weimar.

— Vamos perder milhares no percurso — disse Karl. — E o resto dos prisioneiros?

Brandt lançou-lhe um olhar estranho.

— Lidaremos com eles se chegar a isso.

A ideia de Brandt para lidar com as massas era fazer um discurso, pelo que reuniu no cinema um dos *kommandos* alemães para o ouvir. Prometeu que não evacuaria o campo e que se certificaria de que tudo continuaria a funcionar normalmente, como era o seu dever. Depois de declarar que sabia da existência de um rádio transmissor, acusou os estrangeiros e os judeus de tentarem espalhar a sua vingança aos prisioneiros alemães através do pedido de armas. Mas Brandt garantiu que ajudaria os prisioneiros de nacionalidade alemã, desde que cooperassem, que se portassem civicamente. Os homens na multidão trocaram olhares, mas não pareceram convencidos. Subitamente, o rugido de disparos de metralhadora interrompeu Brandt. Tentou prosseguir, mas gaguejou e teve de se repetir enquanto os guardas corriam para fora com as armas em riste. Karl seguiu-os. O som ecoava nos seus ouvidos, como que vindo de todos os lados. Um avião fez um voo rasante por cima da sua cabeça, vendo-se a sua fuselagem a brilhar ao sol, e mergulhou suficientemente baixo para Karl conseguir distinguir a estrela e as riscas na parte de baixo das asas. Voltou a levantar voo, varrendo com balas a área perto da cozinha do campo, um edifício pelo qual passara há dez minutos. Depois, o som dos propulsores desvaneceu-se à distância.

Mais tarde, depois de Brandt ter terminado o seu discurso, Karl percorreu o campo, enquanto um grupo de prisioneiros limpava os detritos — estilhaços de madeira e latas de feijão perfuradas que vertiam salmoura na terra. Enquanto verificava os danos, pensou no pai, nas balas a soprarem-lhe aos ouvidos todas as manhãs enquanto se aventurava na terra de ninguém, armado com mais coragem do que Karl jamais poderia esperar ter.

As ordens de Brandt consumiram os dias seguintes, não dando hipóteses a Karl para fazer as pazes com Marijke. Dormiu apenas algumas horas por noite e comeu as suas refeições à secretária, imprimindo dedadas de gordura em ficheiros e telegramas. Rumores das tropas que avançavam circularam pelo campo, e cada vez mais

blocos começaram a ficar resistentes às ordens dos guardas. Os oficiais chamaram os judeus à parada pelos altifalantes, na esperança de os transferirem para outro campo, mas nenhum apareceu. Os prisioneiros funcionários também não impuseram a ordem. Um *kapo* sénior relatou que os judeus não queriam ser mortos, mas Brandt assegurou-o de que tencionavam entregá-los à Cruz Vermelha.

A Gestapo em Weimar enviou a Karl os nomes de quarenta e seis antifascistas que haviam sido acusados de serem sabotadores, mas estes homens também desapareceram e permaneceram escondidos e os *kapos* e os *blockältesten* pouco se esforçaram para encontrá-los. Por fim, os guardas conseguiram reunir alguns judeus no momento da chamada, mas, de acordo com os registos do campo, faltavam centenas deles. Karl praguejou contra o oficial que fez a chamada e exigiu que os prisioneiros ficassem em sentido enquanto se procedia a uma recontagem. Ordenou que homens das SS, armados, fossem à caça dos remanescentes, mas obteve pouco sucesso. Brandt disse-lhe para não se preocupar, mas Karl já tinha percebido o que se estava a passar. Com os prisioneiros funcionários a ignorarem as exigências deles, a hierarquia do campo decompunha-se aos seus pés.

No domingo, Brandt chamou Karl ao seu gabinete depois do almoço. Brandt tinha olheiras carregadas debaixo dos olhos raiados de sangue.

— Está com péssimo aspeto, Müller. — Brandt entrelaçou as mãos em cima da secretária. Um conjunto de escrita de bronze com a figura de um bobo da corte com um riso diabólico encontrava-se entre eles. Brandt retirou uma caneta do suporte e começou a escrever uma lista. — Vou ordenar a evacuação imediata para Dachau. Tente levar daqui o maior número de prisioneiros possível, a começar pelos de Ohrdruf. Tente manter os guardas sob controlo. Os prisioneiros podem revoltar-se se suspeitarem da notícia.

— Eles já se estão a agrupar para empatarem a evacuação. Nunca os conseguiremos fazer sair a tempo.

— Temos de tentar. — Brandt continuou com a sua lista de instruções e Karl tentou fixá-las a todas, mas estava a transpirar debaixo do casaco e com comichão por todo o lado por se ter apercebido de que Brandt perdera a fé na Wehrmacht. — Percebeu bem? Bom. Já falo consigo daqui a umas duas horas. — Karl fez menção se ir embora, mas Brandt levantou a mão para o deter. — Somos nós quem tem as armas, Müller. Não permita que os números deles o intimidem.

De regresso ao seu gabinete, Karl pôs-se a passarinho pela divisão. Dois aviões passaram a rasar, mas não largaram nada, por isso assumiu que seria uma missão de reconhecimento. Verificou o seu calendário de parede, tentando adivinhar quanto tempo ainda teria como homem livre, antes de levar um tiro na cabeça ou ser enforcado num cadafalso, dependendo de quem o apanhasse primeiro. Sentiu a boca seca. Dirigiu-se para a cadeira, apoiando-se nos braços dela, enquanto sopesava as suas opções. Já nenhum sítio era seguro: nem Weimar, nem Berlim. A Suíça talvez, mas mesmo isso era desconfortavelmente perto dos Aliados. O único refúgio ficava bem distante, fora da Europa. Os comentários de Brandt sobre a Argentina voltaram-lhe à mente, a vida pacata que o seu parente lá tinha. Karl podia tentar fugir e enfrentar a execução por deserção, cumprir ordens e ter esperança, ou contar as horas que lhe restavam com Marijke.

Karl enviou uma mensagem para o bordel, fazendo planos para a ver às sete. Tentou engendrar um plano para se manterem juntos. Porém, entretanto, tinha de organizar os prisioneiros. Algumas dezenas de homens armados das SS iriam ajudar a facilitar as evacuações. Teriam de separar os prisioneiros de Ohrdruf e marchá-los de acordo com a prioridade: judeus primeiro, prisioneiros estrangeiros e depois os alemães. Depois de passar a Ritter as instruções para a evacuação, leu com dificuldade uma série de

ficheiros sobre alocação de mão de obra e evacuados judeus e fez algumas chamadas para a Gestapo em Weimar acerca da denúncia dos tais antifascistas.

De dez em dez minutos, apareciam oficiais para confirmarem as suas intenções ou perguntarem quais eram os planos para a evacuação, em pânico porque tinham ouvido rumores de que a defesa da Wehrmacht estava cada vez mais fraca. A sirene antiaérea disparara nessa manhã e o zumbido dos aviões à distância tornava-se cada vez mais audível e constante. Para levantar a moral, Karl contou-lhes que Brandt ouvira dizer que os alemães haviam conquistado algum terreno e forçado os americanos a ficarem na defensiva. Para além disso, Karl ordenou que todos os cigarros que havia na cantina dos prisioneiros fossem entregues às guarnições das SS para os oficiais. A cada hora que passava, a algazarra em redor dos edifícios administrativos era cada vez maior, o cheiro da bebida cada vez mais forte. Enquanto Karl estava a recolher alguns ficheiros no departamento de registos, um guarda embriagado entrou aos tropeções, a desapertar a braguilha. Ao ver Karl, o homem ficou vermelho.

— Desculpe, me... me... meu *Schutzhaftlager... f... führer*. Sala errada.

— Se os americanos te apanham com a calças para baixo, vais acabar sem tomates — disse Karl. — Desaparece-me da frente.

O crepúsculo abateu-se sobre o campo. O seu estômago começou a roncar, recordando-o de que não comia desde o pequeno-almoço. Olhou para o relógio. Sete e um quarto. Ainda precisava que Ritter lhe entregasse a última lista de evacuação. Como ele não se encontrava no seu gabinete, Karl atravessou rapidamente o complexo até chegar à guarnição das SS, olhando para o relógio e calculando o tempo que demoraria até regressar ao bordel.

Quando entrou nas casernas, o tom nasal de Ritter ecoou pelo salão da messe. Um riso roufenho reverberou pelas paredes. Onze

homens das SS, todos a federem a cerveja. No fundo da mesa, estavam pratos meio consumidos de chucrute a nadar em mostarda.

— Ritter, onde raio está aquela lista?

Ritter pareceu surpreendido, mas recolheu alguns papéis do banco e entregou-os.

— As minhas desculpas pelo atraso, *Schutzhaftlagerführer*.

— Raios o partam! Não percebe a urgência destes elementos? — As palavras de Karl caíram por terra ao ver as canecas cheias de cerveja. Ritter passou-lhe uma, mas Karl afastou-a. — Achem que os americanos estão sentados a embebedarem-se neste momento?

As faces de Ritter empalideceram.

— Desculpe, *Schutzhaftlagerführer*. Nenhum de nós sabe o que fazer. Limitamo-nos a ficar aqui, à espera que entrem por aqui adentro e nos levem a todos como prisioneiros de guerra? Aposto que nos vão matar a todos.

— Não seja tão dramático.

— Com todo o respeito, *Schutzhaftlagerführer*, estamos fodidos.

Essas palavras ecoaram na mente de Karl e apercebeu-se de que eram exatamente as mesmas que tinha andado a repetir a si mesmo toda a tarde. O problema era que os Aliados não se iriam preocupar com uma patente tão baixa como Ritter.

— Ainda nada está acabado. — Karl virou-se para se dirigir aos homens. — Recomponham-se. O *kommandant* está a convocar uma reunião para os oficiais de topo daqui a uma hora. Informem os outros. — Fez uma pausa para recontar os homens. — Onde está toda a gente?

Ritter ficou encavacado, mas um dos outros abriu o jogo.

— Alguns foram a correr para os bordéis.

— Raios os partam!

Karl saiu das casernas das SS e avançou em passo de corrida. Alguns prisioneiros viraram-se quando ele passou a correr, com as suas botas a martelarem a gravilha e a terra. Pensou que tinha captado olhares de malícia nos seus rostos e decidiu que iria dormir com a sua *Luger* na mesa de cabeceira nessa noite.

Demorou três minutos a alcançar o bordel dos prisioneiros. Chegou sem fôlego. Passou pela cobradora e dirigiu-se diretamente aos *koberzimmers*. Correu de um para outro, a espreitar pelos buracos. Raparigas nuas, desinteressadas, homens cadavéricos. Outro guarda a masturbar-se, quase a babar-se. Karl deteve-se na penúltima porta. Lá dentro estava Hoffmann, de pé, com as calças pelos joelhos. Marijke aos seus tornozelos, ainda vestida. Karl abriu a porta e correu para Hoffmann, de punho erguido. O regozijo no rosto de Hoffmann transformou-se em choque e Marijke olhou para cima, para Karl, com um olhar vítreo. Karl lançou um ataque a Hoffmann, que se esquivou, derrubando Marijke para o lado.

— Afasta-te dela!

Karl desferiu um novo golpe, mas Hoffmann já se pusera a caminho da porta. Num instante, tinha saído. Karl correu para Marijke, abanou-a para tentar acordá-la. A sua pele estava cinzenta e gotas de transpiração cobriam-lhe a parte de trás do pescoço.

— Marijke, sou eu. Estou aqui.

Pegou-a ao colo, mas ainda assim ela não se movia. A sua pulsação era intermitente, como uma lâmpada prestes a fundir-se. A supervisora do bordel e a cobradora fitaram-no quando ele passou com ela ao colo e a levou para fora do bordel.

— *Schutzhaftlagerführer*, para onde a está a levar?

Nem se deu ao trabalho de lhes responder.

— Marijke, meu amor. Acorda. Fala comigo.

A sua anca saliente batia contra o estômago de Karl, mas Marijke não acordava. Quando se aproximou dos blocos da enfermaria, Karl falou-lhe dos americanos, da lista de evacuação. Disse-lhe que queria que ficassem juntos.

— Vamos encontrar um sítio no meio da Baviera, algures na floresta ao pé de um lago. Vou construir um chalé para nós dois e vamos viver lá em paz, apenas tu e eu e talvez algumas crianças, um dia. Sem guerra, sem política. Fica comigo, querida.

O corpo dela manteve-se flácido. Quando estava prestes a abrir a porta da enfermaria, um brilho amarelado cobriu a face de Marijke.

Os lábios dela estavam afastados, como se quisessem dizer alguma coisa, mas os olhos permaneceram fechados. As pestanas pareciam quase brancas.

Um enfermeiro com uma camisa manchada de sangue olhou para Karl quando este abriu a porta.

— *Schutzhaftlagerführer*. Boa tarde. Está tudo bem?

Parou de enfaixar o prisioneiro à sua frente e aproximou-se para examinar Marijke.

— Ela desmaiou — disse Karl. — Precisa de cuidados.

O enfermeiro olhou em redor, como se quisesse direcionar a atenção de Karl para a falta de camas. Prisioneiros a morrer em cada canto. O fedor a mijo e morte. Karl passou pelo enfermeiro abruptamente e levou Marijke para o fundo da sala.

— Onde está o médico?

— O doutor Fischer está na sala de operações. Vou dizer-lhe que está aqui.

Karl olhou para Marijke.

— Não há outro médico disponível?

— O doutor Wagner vai começar o turno daqui a meia hora.

— Encontre-o — disse Karl. — Diga-lhe que é urgente.

O enfermeiro saiu a correr. Karl olhou em redor em busca de um local onde pousar Marijke. Não a queria encaixar no meio daqueles homens moribundos, mas resignou-se quando encontrou uma cama de lona vazia e com lençóis, no meio dos beliches. Pousou Marijke e agachou-se ao seu lado, a afagar-lhe o pulso. Pouco depois, o Dr. Wagner chegou. Quando viu Marijke com as roupas do bordel pareceu surpreendido, mas começou a examiná-la sem qualquer comentário.

— Está provavelmente a sofrer de exaustão. Vou ter de examiná-la melhor. Sugiro que a deixe aqui comigo.

Karl estava prestes a recusar, quando se lembrou da reunião de Brandt. Deu um passo em frente.

— Escute, Wagner. Ela precisa que tratem dela, tal como faria com qualquer mulher alemã de sangue puro. Tal como faria com a

sua mulher. Não quero perguntas. — O Dr. Wagner esfregou as têmporas e Karl reparou nas marcas de fadiga no rosto do médico. — Por favor — disse Karl —, certifique-se apenas de que ela melhora. Eu volto daqui a algumas horas.

O trabalho manteve-o ocupado o resto da noite. Os comunistas tinham-se agrupado e estavam a dar luta, procurando frustrar as evacuações, recusando-se a trabalhar ou não aparecendo na parada para a chamada. A lista de evacuação que Ritter havia compilado continha vinte e cinco mil nomes, mas cerca de seis mil estavam em blocos que ofereciam resistência coletiva, por isso iria ser impossível tirar toda a gente. Karl assinou a sua aprovação e partiu para verificar tudo com Brandt uma última vez. Porém, enquanto carregava o monte de folhas, não conseguia ignorar o peso das vidas nas suas mãos, as palavras naquele folheto. Sabia que estava a afastar aquelas pessoas da libertação e se as condições ao longo do percurso fossem tão duras como imaginava, muita gente iria morrer. Folheou o monte de papéis, verificando a lista de prisioneiros de Ohrdruf até encontrar o nome de De Graaf. Imagens de Marijke chegaram-lhe à mente, do futuro que poderiam ter juntos, das férias em Paris, de empurrarem um carrinho de bebé junto a um lago na Baviera. Voltou a enfiar a página de volta no monte de papéis e continuou o caminho para o gabinete de Brandt com o primeiro rasgo de satisfação que sentira em vários dias. Se Buchenwald ruísse, pelo menos o marido de Marijke ruiria com o campo.

Karl pegou na mão de Marijke. A testa dela irradiava calor e continuava a dormir. Eram duas da manhã, por isso toda a gente no bloco da enfermaria estava a dormir, exceto o médico, que se trancara no gabinete com uma garrafa de gim. O odor corporal rançoso era inescapável. Karl ainda avaliou o risco de a levar para a enfermaria das SS. Brandt estaria demasiado ocupado para reparar, mas Karl tinha de admitir que Marijke estaria muito mais segura entre os prisioneiros quando os americanos chegassem.

Curvou-se sobre Marijke e acariciou-lhe a face. Os caracóis desgrenhados emolduravam-lhe o rosto. Pensou em deitar-se junto dela, mas o que iria pensar a equipa médica? Além disso, a cama era demasiado pequena. Durante algumas horas, Karl ficou ao lado dela. Marijke agitou-se, embora nunca chegasse a acordar, mas outros pacientes despertaram e a imagem dos seus braços atrofiados a estenderem-se dos beliches aterrorizou-o. Como é que as coisas tinham chegado a este ponto?

Mesmo antes da alvorada, regressou à sua vivenda. Uma hora ou duas de sono e depois tinha de se apresentar a Brandt.

CAPÍTULO VINTE E QUATRO

LUCIANO
13 DE JUNHO DE 1977
BUENOS AIRES

Luciano podia ter passado vários dias na sua cela a combater as alucinações, ou podia ter passado uma semana. Tentou rezar, tentou compor uma carta para o pai, mas os pensamentos atravessaram-no como coloridos feixes de luz. Quando saiu efetivamente do delírio, lembrou-se do que Tubarão o obrigara a fazer e desejou poder regressar àquele turvo estado de insanidade, porque no mundo real, no mundo da prisão, já não podia esconder o que era.

No quinto ano, participara numa corrida de três pernas junto ao lago no Parque Tres de Febrero, durante a festa do seu melhor amigo. Luciano fez par com um dos amigos de Héctor da natação, um rapaz chamado Ricardo. Ricardo puxara Luciano ao longo do percurso, rira enquanto Luciano se atrapalhava para tentar acompanhá-lo. Caíram de nariz no chão quando cruzaram a linha da meta, ganhando a Héctor e ao seu parceiro por meio metro. Ricardo rebolou, com os braços cobertos de manchas de relva, e deu a Luciano um enorme abraço. Luciano soube naquele momento que aquela sensação calorosa e ternurenta que despertara dentro dele não devia ter surgido.

Na maior parte do tempo, achava que tinha feito um bom trabalho em esconder, entrando para a equipa de futebol como o pai queria, indo a exposições de carros e falando de raparigas jeitosas, chegando até a sair com algumas delas.

Num sábado em janeiro, ele e Fabián tinham ido dar uma volta no carro da mãe de Fabián. Uma onda de calor havia-se instalado e a fila para a banca de gelados do bairro estendia-se pelo quarteirão. Estavam duas raparigas juntas a lamberem os seus cones de

gelado, com as pernas bronzeadas e os ombros despidos a apanharem sol. Fabián abrandou e assobiou, fazendo com que elas se rissem, e ambas se aproximaram do carro assim que ele encostou. Um aceno de cabeça de Fabián enviou Luciano para o banco de trás para que uma das raparigas pudesse ir para a frente. A outra jovem deslizou para o lado de Luciano. Em poucos minutos, a mão de Fabián estava a acariciar a coxa da rapariga da frente, e a rapariga do banco de trás tinha o braço à volta de Luciano, que se sentou hirtos e constrangido durante toda a viagem, sem tirar os olhos da mão de Fabián. Mais tarde, depois de largarem as raparigas, fizeram a viagem de regresso a casa em silêncio. Quando passaram pela estrada repleta de motéis, Luciano tocou com o cotovelo em Fabián.

— Meu, as coisas que eu lhe faria.

Fabián manteve os olhos fixos na estrada sem proferir uma palavra.

Noutra ocasião, Fabián deixou um casaco de bombazina em casa dele, para ser doado juntamente com um monte de roupas velhas de Luciano. Em vez de o doar, Luciano deixou-o pendurado na armação da cama para que o cheiro do seu amigo estivesse sempre por perto. Pensou em como ficara com uma ereção quando viu o suor a escorrer pelas costas de Fabián numa visita de estudo à floresta tropical, e lembrou-se da sua pressa frenética para se tapar com a mochila. Como ele desejava que algo acontecesse, que qualquer coisa acontecesse. Nesse momento, pensou em Tubarão, no sonho com Fabián na sala branca. Luciano encolheu-se numa bola novamente.

Ouviu uma batida leve através da divisória.

— Luciano? — sussurrou Gabriel. — Estás bem?

— Quanto tempo se passou? — Custava-lhe falar.

— Dois dias, acho.

— Deram o meu trabalho a alguém?

— Ainda não, mas não deve demorar muito. Consegues sentar-te?

Usou a parede para se empurrar para cima, cerrando os dentes para silenciar os gemidos e, assim que se viu sentado, sentiu uma pequena vitória.

— Luciano? — Gabriel fez uma pausa. — Não importa, sabes. Eles agarram-se com unhas e dentes a tudo o que achem que nos pode destruir.

Luciano remexeu-se desconfortavelmente.

— O que é que não importa?

— És uma boa pessoa, só isso. Não os deixes vencer.

Querido papá,

Preciso do teu conselho. Papá, não consigo evitar... tenho estado a mentir-te, a ti e a muita gente, tentando fingir demasiadas coisas. Como a Camila. Tu conheceste-a em frente ao nosso prédio num domingo, lembras-te? Ela é alta e sardenta. Está sempre a rir. É instrutora de tango e estuda psicologia. Namorámos durante alguns meses. O Fabián estava sempre a chatear-me para eu a convidar para sair, por isso fi-lo.

No início, eu e ela saíamos aos fins de semana — jantares, cinema, passeios pelo parque. Passeávamos de mão dada, beijávamo-nos muito, mas nada mais. Papá, eu não conseguia fingir que tinha sentimentos por ela. Era mais como uma amiga. Comecei a ajudá-la nas aulas de tango, para que passássemos menos tempo sozinhos, mas quando Fabián me perguntava como as coisas iam, dizia-lhe tudo o que ele queria ouvir.

Luciano suspirou, imaginando o sorriso malandro de Fabián quando ergueu a mão para um «dá cá mais cinco».

— *Che*, eu disse-te que ela te curtia. Eu sabia — disse Fabián várias vezes, enquanto Luciano admirava os músculos tensos no pescoço do amigo, tentando localizar o ponto mal barbeado, perfeito para beijar, para passar a sua língua.

Papá, não consegui... cada vez que a olhava nos olhos, sentia-me um mentiroso. Como se me estivesse a trair a mim próprio.

Ele sabia que Camila pressentira isso sempre que ele lhe tocava, vira-o no espaço que ele deixava entre ambos nos bancos corridos da pizaria, no modo como ele olhava para o lado quando ela trocava de roupa depois das aulas. Quando ela acabou o relacionamento, ele não ficou surpreendido. Ela merecia alguém que se apaixonasse

por ela, mas ele não sabia o que ele próprio merecia após tanto fingimento.

E sabes, o pior de andar a esconder as coisas é que me faz sentir tão isolado, como se ninguém aí fora me conhecesse. Nem tu, nem a mamá. Todos vocês veem pedaços de mim, as partes cuja existência querem reconhecer.

Mas sabes, acho que tu tens os teus próprios segredos, segredos que escondes atrás do teu rosto impassível.

Algumas semanas antes da sua captura, Luciano atravessara o Rosario no regresso do treino de futebol. Estava a formar-se uma tempestade, e os cisnes que nadavam entre os barcos a remos buscavam abrigo enquanto o parque se ia esvaziando. Quando passou pelo portão dos jardins, o zumbido dos insetos aumentou, e o ar começou a ficar impregnado de perfume. Havia rosas por todo o lado — vermelhas, cor-de-rosa, amarelas —, ladeando os passeios em linhas muito arrumadinhas e trepando pelos caramanchões. As primeiras gotas de chuva começaram a cair e ele estava prestes a correr, quando viu o pai, sentado sozinho num banco, cercado por tulipas tão escuras que pareciam negras. O pai curvou-se, olhando fixamente para uma poça que se ia alastrando, agarrado a um jornal que tinha no colo. A mão estremecia sobre as parangonas.

Papá, tu não me viste no parque na outra semana, mas eu vi-te a ti. Quando os trovões começaram, calculei que te levantasses, mas tu não te mexeste. Ficaste ali sentado, enquanto a chuva caía cada vez mais forte, ensopando-te, pingando da aba do teu chapéu. Ainda assim, não te mexeste. Ainda pensei em chamar-te, mas, em vez disso, fiquei parado a ver-te. Parecias um estranho, um homem muito velho e solitário.

É nisso que tenho medo de me tornar.

Diz-me, papá, o que é... como é que consegues não te perderes entre todas as tuas mentiras? Como é possível levar uma vida dupla durante tanto tempo sem se enlouquecer?

Assim que as suas feridas melhoraram, Luciano esperou pelos passos de qualquer guarda que não fosse Tubarão e pediu para trabalhar novamente.

Quando o levaram para baixo, juntamente com os outros trabalhadores, suspeitou da prontidão com que os guardas o aceitaram de volta e passou a primeira manhã a tremer no laboratório de fotografia. Gabriel tinha a tarefa de criar cópias microfilmadas de ficheiros do arquivo. Como Luciano tinha usado microfilmes para pesquisas na faculdade, os guardas disseram-lhe para ajudar.

Ficaram de pé numa zona que tinha sido isolada para servir de câmara escura. Outros prisioneiros em redor debruçavam-se sobre fotografias e documentos. Ninguém falava nem olhava para eles. Luciano sacou do primeiro ficheiro, que continha informações sobre uma rapariga que também pertencia à JUP. Apesar de terem frequentado escolas diferentes, o ficheiro mencionava um ou dois nomes que ele reconheceu, outros membros com os quais ela estava associada. O seu ficheiro terminava com a letra *L*, que, segundo Gabriel, significava «libertada». O documento seguinte dizia respeito a um rapaz de vinte anos, um Montonero que havia sido capturado numa emboscada em sua casa três meses antes. Quando ele não apareceu em casa, mantiveram a mãe refém até ele mostrar a cara. As entranhas de Luciano contorceram-se quando viu a letra no ficheiro dele. Teve de parar de verificar.

Gabriel mostrou-lhe como posicionar o ficheiro debaixo do aparelho, como ajustar a exposição e como as imagens saíam. Os zumbidos e os cliques do aparelho acalmaram Luciano, levaram-no de volta à biblioteca da universidade, mas sempre que escutava um guarda a marchar no corredor, parava, aterrorizado com a ideia de Tubarão aparecer na entrada.

A dada altura, um guarda veio e escoltou-os até à casa de banho na cave. No regresso, Luciano reparou em Tubarão. Ficou hirto e observou o guarda, que meio ajudava, meio empurrava uma mulher pela cave. As calças dela estavam molhadas na virilha e ela retraía-se enquanto segurava a sua enorme barriga. O outro guarda empurrou Luciano para o laboratório de fotografia, mas Luciano virou-se a tempo de ver um homem numa bata branca abrir uma

porta e levá-la para dentro. Os berros dela encheram a cave em vagas, durante o que devem ter sido horas, até que, após um longo e agonizante gemido, Luciano ouviu o choro de um bebê.

O som espalhou-se, mudou para soluços agudos, e toda a gente parou para ouvir. Mas parecia desajustado, irreal. Tentou imaginar o bebê na outra divisão, as suas mãozinhas minúsculas a abrirem-se, mas tudo o que conseguiu ver na sua mente foram aquelas camas metálicas. Pensou no nascimento da prima, recordando que lhe fora permitido observar enquanto a mãe ajudava no parto. O médico cortara o cordão umbilical e limpara a bebê antes de a colocar no peito da tia. Luciano imaginou isso a acontecer com este recém-nascido, mas então lembrou-se do que Gabriel lhe dissera. Assim que a mãe tivesse amamentado o bebê durante o tempo suficiente para ele ganhar alguma força, o médico arrancaria a criança dos braços da mãe e dá-la-ia à Marinha, que trataria internamente da sua adoção. Quando alguma família da Marinha levasse a criança para casa, a mãe há muito já estaria morta, e aquela criança iria crescer embrulhada em segredos e mentiras.

O choro do bebê esbatera-se, mas continuava a ecoar na cabeça de Luciano. Pensou na mulher grávida que tinha estado na cela ao seu lado, no seu marido morto, e interrogou-se sobre quanto tempo ela ainda teria. Muitos casais jovens haviam-se juntado aos grupos insurgentes, incluindo vários dos seus amigos da JUP, mas ele não pensara na possibilidade de muitas mulheres poderem estar grávidas ou já serem mães. Será que elas compreendiam o perigo em que colocavam os seus filhos por se envolverem? Ou será que acreditavam que tinham de agir pelo bem do futuro dos seus filhos?

Pegou noutro ficheiro e olhou para a pilha que aguardava a conversão. A sua mão tensa agarrou o documento, sentindo o papel a vincar-se sob o seu polegar. Tantos nomes, tantos rostos que seriam descartados como «desaparecidos».

Desenrolou a ponta de um rolo de filme e enfiou a longa fita castanha no aparelho. Na mesa ao seu lado, estavam dois rolos de segredos do governo. Enquanto esperava que a máquina

arrancasse, pegou nos rolos e avaliou o seu tamanho e peso. Eram suficientemente pequenos para se esconderem, aconchegados na cintura de um par de calças, no forro de um sutiã. Acenando para si mesmo, posicionou o primeiro registo, outra vítima marcada com um T. Tirou uma fotografia com o aparelho, meteu-o de lado e preparou o seguinte. Porém, quando acabou o rolo todo, não mudou para um novo conjunto de ficheiros. Em vez disso, pegou num rolo novo de microfilme e começou a converter secretamente o mesmo conjunto, fazendo uma segunda cópia de cada ficheiro.

Querido papá,

Borges uma vez chamou a esta cidade um lugar «tão eterno quanto o ar e a água». Mas parece que estamos a deixar que desabe em cima de nós, não parece? Daqui a pouco, não sobra nada, nada deste Paraíso a não ser escombros.

Luciano tentou imaginar os auditórios da faculdade, o campo de futebol, o seu bairro. Tinha saudades de vaguear pelas ruas, de passear por debaixo das árvores com os troncos retorcidos; tinha saudades da primavera, quando os jacarandás em flor causavam uma chuva púrpura por toda a cidade, do chá *maté* bebido na companhia dos amigos, das livrarias que cheiravam a mofo e mistérios antigos.

Papá, quando isto acabar, quando os militares forem derrotados, a verdade virá ao de cima. As pessoas... Não, nós... nós iremos restaurar esta cidade, este país ao estado que merece. E aos mortos, aos desaparecidos, iremos oferecer-lhes qualquer réstia de honra que conseguirmos. Tu achas que é melhor ficarmos parados, mantermo-nos com o rebanho, mesmo que o rebanho vá na direção errada. Estás errado. Temos de lutar. Temos de fazer alguma coisa; temos de fazer tudo o que conseguirmos, para lhes mostrar que não irão levar os seus planos avante. Que não os iremos deixar ganhar. A Argentina precisa de nós, de todos nós.

Gabriel já não tinha de usar o capuz. Os oficiais disseram que ele era «recuperável», que planeavam reintegrá-lo na sociedade. Eles tentavam transformar os prisioneiros nos seus animais de estimação, ou então abatiam-nos. Cães, um falcão, um tubarão — a Argentina já não era um país de pessoas, mas antes um bando de animais selvagens que lutavam, rosnavam e abocanhavam.

Depois de Tubarão o ter espancado, as roupas de Luciano haviam ficado rígidas do sangue seco, mas ele usara-as para o trabalho várias vezes antes de alguém reparar. Durante uma pausa para irem à casa de banho no terceiro dia, um dos oficiais militares passou pela cave e franziu o sobrolho quando viu Luciano.

— Tens estado a trabalhar assim vestido?

Luciano olhou fixamente para o uniforme impecável à sua frente. O oficial acenou para o guarda que acompanhara Luciano à casa de banho.

— Leva-o para ver se arranja algumas roupas decentes.

O guarda conduziu Luciano ao laboratório de fotografia para que fosse buscar o seu capuz. Gabriel, com um molho de ficheiros nas mãos, olhou para cima quando eles entraram, mas fingiu estar ocupado enquanto o capuz era colocado na cabeça de Luciano.

Enquanto começavam a subir as escadas, Luciano tentava respirar pela boca. O capuz não era lavado desde a sua chegada e o cheiro deixava-o com náuseas. Subiram ao terceiro piso, o nível de *La Capucha*, mas em vez de virarem à esquerda na direção das celas, curvaram à direita, dirigindo-se a uma pequena escadaria. Uma porta fechou-se atrás deles e depois desceram alguns degraus. O guarda retirou-lhe o capuz.

— Escolhe alguma coisa.

Luciano olhou em redor, chocado. A sala estava repleta de mobília: cadeiras, mesas de cabeceira, sofás, candeeiros, um espelho emoldurado, bengaleiros ornamentados, pinturas emolduradas dos Andes, um suporte com quatro pés para chapéus de chuva — era como se alguém tivesse passado um quarteirão a pente fino e recolhido todo o conteúdo das casas. No centro, no meio de tudo, havia dois montes de roupas. Enquanto o guarda o observava, Luciano aproximou-se da pilha mais próxima. Parecia um anão junto do monte que tinha quase o dobro da sua altura e pelo menos três metros de diâmetro na base. Polos, casacos desportivos, calças de ganga usadas, um vestido de verão vermelho com flores brancas, uma camisola de malha, sapatos compensados,

uma gravata enrolada à volta de uma bota de camurça. Ele sentiu o peso da roupa no peito e inalou o cheiro esbatido de suor misturado com perfume.

O guarda remexeu-se.

— Despacha-te.

Luciano enfiou as mãos algemadas na pilha. As roupas foram descaindo enquanto ele puxava a manga de uma camisa aos quadrados, e algo caiu nas suas mãos juntamente com a peça. Um barrete de bebé, num suave tom amarelo-limão. Enquanto o segurava, reparou nos sapatos com os quais o barrete fazia par, com solas não muito maiores do que o seu polegar, os atacadores ainda atados em laços perfeitos. Deixou cair o barrete, piscando os olhos com força para não se ir abaixo, e começou a procurar um par de calças. Deu a volta para o outro lado da pilha e agarrou no primeiro par que lhe pareceu ser do seu número.

CAPÍTULO VINTE E CINCO

MARIJKE
9 DE ABRIL DE 1945
BUCHENWALD

Gemidos e lamúrias, o cheiro a podre e a fezes e, entre tudo isso, algo estéril e frio. Recuperei lentamente a faculdade da visão, e passou um minuto até as formas esbatidas começarem a ganhar os seus contornos. Estava rodeada por gente a morrer. À minha volta, só via filas de beliches, homens empilhados como carcaças num forno, por vezes dois e três em cada cama. Agarravam-se aos seus finos cobertores e lençóis aos quadrados, enquanto murmuravam ou fitavam o vazio. Figuras de bata branca vagueavam pelo espaço, mas ignoravam aqueles que gritavam por ajuda. A enfermaria era comprida, um bloco de madeira com janelas a cada quatro ou cinco metros, que pouco faziam para iluminar o local. Eu jazia num divã no centro da sala, a única mulher e uma das poucas pessoas que tinham um cobertor grosso.

Sentei-me com uma sede insistente, mas as tonturas atingiram-me e vi-me obrigada a deitar-me novamente. O cobertor estava a abafar-me com o seu calor, por isso tentei livrar-me dele. A última coisa de que me lembrava era de Bruno, da lama nas suas botas engraxadas enquanto me puxava as roupas, mas quanto tempo se passara desde esse momento? Em lugar da minha saia e da minha blusa, uma bata comprida cobria-me o corpo. Enfiei uma mão por debaixo do cobertor e senti entre as pernas. Nenhuma pontada de dor.

Um médico entrou na enfermaria com uma prancheta na mão, inclinando-se em frente a uma cama de onde uma perna pendia para o chão. Encostou o estetoscópio ao coração do homem antes de fazer uma anotação na prancheta e um gesto com o polegar. Dois prisioneiros apareceram atrás dele, arrastando o cadáver para

fora do beliche e atirando-o para o chão junto à porta. Quando o médico chegou ao final da sala, havia três pilhas, cada uma com cinco cadáveres. As histórias que Karl me contara vieram-me à memória: as tentativas de desenvolver uma vacina contra a febre tifoide, de curar a homossexualidade, de usar os pacientes como cobaias. Envolvi-me no cobertor. O movimento chamou a atenção do médico, que se aproximou. Um homem alto e magro com um bigode farto que se encaracolava para cima. Os seus pés pareciam não se descolar do chão quando caminhava, já que a madeira estava coberta por uma camada de fluido rosado.

— E eis que ela acorda — disse ele.

Soergui-me, apoiando-me nos cotovelos.

— O que é que estou aqui a fazer?

— Lembras-te de alguma coisa?

— Pouco.

— Tens de descansar.

Ele foi-se embora antes que eu conseguisse perguntar mais alguma coisa. Algumas moscas começaram a pairar sobre as pilhas de cadáveres. Estremeci, desejando estar de volta ao bordel, a ouvir a conversa fiada das raparigas ou o tinido das suas canecas de café ao pequeno-almoço.

Numa cama próxima, os gemidos de um homem transformaram-se em soluços enquanto ele pedia que alguém, qualquer pessoa, o fosse salvar: a mãe dele (provavelmente morta há muito), Deus, uma mulher qualquer chamada Francesca. Deitei-me para trás, contando as tábuas do teto por cima da minha cabeça, numa tentativa de o ignorar. Uma racha na madeira começava numa extensão iluminada junto à janela e descia para as sombras. Interroguei-me se Karl saberia o que se passara, se ele aparecera e encontrara um *koberzimmer* vazio ou se se esquecera, distraído pela cerveja e por um jogo de cartas.

Apareceu outro prisioneiro com uma cuba de sopa, empurrando uma maca com uma roda que guinchava. Parou em frente a cada uma das camas para distribuir uma porção. Quando passou pela

minha, franzi o nariz: um caldo muito líquido só com alguns pedaços de batata. Era Ravensbrück outra vez. Depois, reparei nas suas faces encovadas quando ele sorriu com tristeza. Curvei a cabeça e agradeci-lhe pela sopa antes de ele continuar o seu caminho.

Uma enfermeira passou por mim quando eu já tinha comido duas colheradas e deteve-se junto à minha cama.

— Não, não. Tu tens uma dieta especial. — Ela tirou-me a taça sem cerimónias, e eu sentei-me, irritada, certa de que ela me roubara uma refeição. Dez minutos depois, regressou com um pequeno tabuleiro que colocou ao meu colo. — Deves ter alguém a olhar por ti.

Leite, pão com compota e uma fatia de queijo. Dei algumas dentadas ávidas antes de reparar nos olhares à minha volta. Pus um pedaço de pão de parte e, quando a enfermeira-chefe não estava a ver, dividi-o em dois troços, que passei aos homens que estavam ao meu lado.

A tarde arrastou-se. O colchão duro fazia-me doer o peito, obrigando-me a dormir de costas. Quando acordei, as pilhas de corpos tinham desaparecido. Calculava o que lhes teria acontecido. Os cadáveres eram levados para o crematório, o ouro era-lhes arrancado da boca e os corpos atirados para dentro dos fornos como lenha para queimar. Ao longo dos meses, os segredos de Buchenwald foram sendo revelados nas camas do bordel.

A enfermeira apareceu com um copinho minúsculo e apontou para um canto da sala, onde dois baldes faziam as vezes de latrinas.

— Traz-mo meio cheio.

Cambaleei quando me levantei, sentindo uma tontura de imediato. Ela pôs o braço em torno da minha cintura e conduziu-me até ao canto da sala, onde me deixou sozinha. Agachei-me à vista de todos e arrastei-me para a cama sem ajuda. As minhas pálpebras estavam pesadas e o sono encontrou-me novamente.

Acordei com alguém a pigarrear. A enfermeira encontrava-se junto à minha cama, com o meu jantar na mão. No outro extremo da

sala, o mesmo prisioneiro serpenteava entre as camas com o seu tacho de sopa, mas ela ofereceu-me uma taça de guisado, com pedaços de carne entre as batatas. Talvez Wilhelmina ou Bertha tivessem tratado disso para se assegurarem de que eu recuperava as forças para regressar ao trabalho. O mais certo era ter sido Karl. Sempre que um par de botas pesadas passava pelo chão, eu soerguia a cabeça, mas era sempre o mesmo guarda com o rosto cheio de bexigas. Sempre que ele entrava na ala do hospital, o pessoal médico reunia-se à sua volta, sussurrando. Eu ouvia pedacinhos da conversa deles — «avançar... evacuação... Dachau» — mas isso só serviu para me deixar mais confusa. Quem é que eles estavam a evacuar, eles próprios ou os prisioneiros?

Os gemidos dos outros prisioneiros foram-se extinguindo à medida que o crepúsculo foi varrendo a sala. Os enfermeiros reuniram-se numa sala contígua, e o fumo dos seus cigarros flutuou para dentro da enfermaria. Aquele sacana provavelmente estava a fazer a mesma coisa, a relaxar na sua vivenda com uma garrafa de *brandy*, sem estar minimamente preocupado.

Porém, quando adormeci, sonhei com a vida ao lado dele, numa herdade em Munique, nos jantares de domingo em casa dos pais dele — a mesa adornada com rosbife marinado em vinagrete, couve-roxa e molho de framboesa —, viagens de carro e um rapazinho a brincar com *Axel* e *Faust*.

De manhã, o ruído de gente a conversar acordou-me. As vozes femininas pareciam vir dos pés da minha cama. Fingindo continuar a dormir, fiquei à escuta.

— Vamos ter de tirá-lo.

— Mas vale a pena? Ela já não tem para onde ir.

— Mais alguns dias e ela deixa de ser responsabilidade nossa. É com a nossa pele que nos devíamos preocupar. Podemos acabar como ela, mas a trabalhar para os ianques.

O tecido engomado dos uniformes delas farfalhou, e as suas vozes desvaneceram-se. Abracei a minha barriga. Nos últimos meses, o meu corpo parecera tão frágil e dormiente quanto o de uma

menina pequena. Uma lágrima escorreu-me pelo rosto. Como é que eu seria capaz de levar uma gravidez até ao fim e ter um bebé no meio de uma guerra? E como é que permitira que Karl entrasse na câmara dos meus sonhos, naquele local sagrado onde eu e Theo ainda podíamos estar juntos? Toquei no meu dedo anelar despidido da aliança, desejando desesperadamente saber se Theo ainda estava vivo, onde é que ele estaria. As perguntas e as preocupações revolviam-me os pensamentos: se ele teria ouvido as armas dos Aliados que se aproximavam, se ele compreendia que o fim estava iminente. Teria ele sido capaz de se aguentar e seria ele capaz de se aguentar só mais um bocadinho? Os dedos das minhas mãos, dos meus pés, a minha pele, os meus olhos, os meus lábios, os meus ouvidos — cada parte de mim desejava-o intensamente: ansiando por ouvir o seu riso calmo, regressar aos domingos a beber chá ao longo dos canais, juntos, ver o rosto dele ao lado do meu ao nascer do sol cada manhã. Dar-lhe um filho para ele amar.

Se os americanos chegassem nos dias seguintes, imaginei que marchassem pelos portões do campo, espantados com a sua descoberta, furiosos até. Os *moffen* fugiriam assim que ouvissem os americanos a gritar as suas ordens, com as suas armas carregadas. Talvez alguns tentassem lutar, mas não estariam à altura da tempestade de soldados. Os prisioneiros saíam dos blocos em catadupa e começariam a correr, a andar, até a coxear para as suas mulheres, os seus filhos, as suas casas.

CAPÍTULO VINTE E SEIS

KARL
10 DE ABRIL DE 1945
BUCHENWALD

Quando Karl era criança, a mãe costumava organizar festas com jogos nos seus aniversários. Ela preparava corridas de estafetas com obstáculos e espetava um poste curto no chão. As crianças tinham de andar às voltas em redor desse poste com as cabeças baixas para poderem tocar na sua ponta. Depois de dez voltas, Karl erguia-se e corria na direção dos obstáculos, mas a relva virava-se na direção do céu quando ele caía aos tropeções, sem saber que lado era para cima e qual era para baixo.

Foi assim que se sentiu no seu último dia em Buchenwald. Quando bateram as seis e meia da manhã, andou a correr de um lado para o outro, sem um segundo para pensar em si próprio ou em Marijke. Nessa tarde, conseguiu evacuar com sucesso dois lotes de prisioneiros, um total de nove mil duzentos e oitenta, apesar de isso acontecer muito depois da hora prevista. Foi até à estação de comboios em Weimar para supervisionar a sua partida. Tiveram de marchar dez quilómetros após saírem do campo, pela mesma estrada que alguns deles ajudaram a pavimentar anos antes. Muitos caíram mortos devido ao seu estado de debilidade e outros tiveram de passar por cima dos seus cadáveres espalhados pelo chão. O motorista de Karl buzinou para passar pelas colunas de prisioneiros, mas os oficiais do carro à frente começaram a disparar contra quem não conseguisse manter a marcha e a estrada ficou manchada com sangue fresco. Os evacuados coxearam pela estação em grupos, a olharem como se a sua força de vontade se tivesse esvaído. Enquanto os guardas os arrebanhavam para dentro dos vagões de gado, Karl tentou não pensar no facto de estarem a enviar aqueles homens, tão perto da liberdade, para uma morte certa. Imaginou

Marijke, a forma como ela sorria a dormir, as suas gargalhadas juvenis e fáceis, e perguntou a si próprio a quem é que estariam a roubar estes homens.

Passaram o resto do dia a eliminar provas. Karl mandou retirarem os ganchos da sala de execução, tendo preenchido os buracos resultantes, que depois foram cobertos com tinta fresca. Um grupo de judeus recolheu corpos que se encontravam tresmalhados, embora fossem demasiados para o crematório poder dar vazão. Quantas mais ordens dava, mais consciente ficava da futilidade dos esforços e começou a aperceber-se de todo o sangue que tinha nas mãos. Conseguia vê-lo no rasgão de tecido preso na vedação elétrica, no corvo que pegou num dedo apodrecido, nos baldes de cinzas que despejaram em fossos novos. Estas imagens recusavam-se a sair da sua cabeça.

Entre tarefas, Karl conseguiu enviar uma mensagem para o hospital a pedir notícias de Marijke. Tinha passado por lá novamente na noite anterior, mas encontrara-a a dormir profundamente. O último ponto da situação que o médico lhe dera era de que ela continuava sobretudo a dormir e que iria mantê-la lá enquanto lhe fazia algumas análises. Karl interrogou-se sobre o intuito dessas «análises», mas enquanto procurava formular uma resposta, Brandt chamou-o para lhe pedir uma série de ficheiros.

O *kommandant* manteve todos os oficiais ocupados pela noite fora. À meia-noite, convocou todos para o seu gabinete para emitir o último despacho. Hoffmann manteve-se no fundo da sala, tão afastado de Karl quanto possível. Karl cerrou os dentes e tentou escutar o discurso de Brandt, mas só conseguia pensar no que tencionava fazer a Hoffmann assim que a guerra terminasse.

Brandt ergueu-se para examinar o grupo.

— Receio que tenhamos chegado ao fim. A primeira equipa do Terceiro Exército de Patton já chegou a Grumbach e Wiegleben. Sem um milagre, temos menos de vinte e quatro horas.

A carne que Karl comera ao jantar andava às voltas no seu estômago. Os outros oficiais remexeram-se. Os nós dos dedos de

Ritter estavam brancos de tanto apertar as mãos. Ficaram à espera que Brandt dissesse mais alguma coisa. Brandt tirou o chapéu e girou-o pela aba, revelando as entradas no seu cabelo grisalho. Durante o decorrer da semana, as rugas no seu rosto aprofundaram-se e a pele do seu pescoço ficara flácida. Havia algo simultaneamente dignificante e exausto na sua aparência e Karl duvidou que ele próprio vivesse o suficiente para chegar a ter rugas.

Ritter fez soar a sua voz esganiçada.

— O que é que esperam de nós, *Kommandant*?

Brandt lançou um olhar severo a Ritter.

— O que é que vos parece? Vocês são oficiais do *Reich* enquanto estiverem de pé. — Suspirou e passou a mão pelo cabelo antes de voltar a colocar o chapéu. — Estou a seguir ordens, tanto quanto vocês. Hoffmann, Ritter preciso que fiquem de serviço durante as próximas horas. Os restantes, durmam um bocado.

Os oficiais saíram da sala em fila, mas Brandt fez sinal a Karl para que este ficasse. Fechou a porta e tirou uma garrafa de *brandy* do armário debaixo da secretária. Karl sentou-se à sua frente e deu dois longos goles, deixando a bebida escorrer pela garganta com um ardor de satisfação. Brandt bebeu o conteúdo do seu copo de balão de um trago só.

— O que é que hei de dizer aos nossos homens, Müller? Quem sabe onde estaremos por esta hora amanhã.

— Foi a isto que chegámos, então — disse Karl. — O *Reich* desmorona-se debaixo dos nossos pés, enquanto o *Führer* fica sentado em Berlim a medir os estremeções.

— Os prisioneiros vão-nos asoberbar assim que ouvirem metralhadoras. Devíamos matá-los a todos agora.

Karl passou com um dedo molhado com *brandy* pela borda do balão até ele emitir um som agudo que o levou de volta para o bordel: Marijke a tocar as primeiras notas de um concerto para violino de Brahms, o toque fresco dos pés dela ao seu colo.

— Talvez os devêssemos deixar partir.

— Permitir que aqueles porcos aterrorizem o país? Está parvo?

— Os americanos vão fazê-lo de qualquer maneira. Se tomarmos a iniciativa, pode ser que sejam mais brandos connosco.

— Duvido. Mesmo que o fizessem, Himmler julgar-nos-ia por traição. Não há maneira de escapar, Müller. A morte está a bater à porta. — Brandt levou a mão ao bolso do peito e tirou algo pequeno, que fez deslizar pela secretária. — Vai precisar disto.

Uma ampola de metal, semelhante a um tubo de batom. Karl sabia o que continha. Oficiais visitantes andaram a oferecer cápsulas de cianeto como se fossem ofertas do partido em eventos das SS durante o último mês, embora Karl nunca tivesse aceitado nenhuma. Com um aceno de cabeça, enfiou a ampola no bolso. Brandt despiu o casaco e enfiou os polegares por baixo dos suspensórios, reclinando-se na cadeira.

— Tenho sessenta anos, Müller. Não estou em forma para fazer isso, mas digo-lhe isto porque gosto de si: ponha-se a andar daqui para fora. Fuja e esconda-se. Fique longe até esta guerra estar completamente terminada e eles já terem desistido da arraia-miúda. Arranje maneira de ir para a América do Sul, se puder. Vou-lhe dar o contacto do meu sobrinho.

Karl sentia um formigueiro nas palmas das mãos. Esfregou-as contra as coxas, mas isso apenas fez com que sentisse comichão nas mesmas. Brandt serviu a cada um mais um copo de *brandy*, apesar de Karl mal ter tocado no seu. Este, ele bebeu como o *kommandant*: em três tragos rápidos.

— Fique é feliz por não ter uma família em que pensar. — Brandt serviu outra rodada. — Müller? — O *kommandant* parecia preocupado. — Parece perdido. Consegue aguentar-se?

Karl acenou com a cabeça, mas recusou a oferta de mais *brandy*.

— Vou tentar dormir umas duas horas. Avisa-me se chegarem mais notícias, não avisa?

Em vez de se ir deitar, Karl visitou o jardim zoológico. Koch, o primeiro *kommandant* do campo, tinha construído o pequeno recinto para a sua mulher e para as famílias dos oficiais das SS. Apesar de

ficar perto do gabinete de Karl, e de ele às vezes ter visto macacos a brincarem pelo recinto por detrás do arame farpado do campo dos prisioneiros, nunca o tinha visitado. Mesmo em criança, os jardins zoológicos deixavam-no desconfortável. A sua mãe levava-o ao jardim zoológico de Munique em 1916 e saía do recinto do elefante a chorar, após ver o gigantesco mamífero de perto. Uma fera tão nobre, mas a passear pelo recinto com tristeza no olhar.

O jardim zoológico estava deserto. A luz da lanterna guiou-o pelo meio das árvores, mas ainda conseguia ver a luz da torre de vigia ali perto. Ouviu-se um estalido que parecia um tiro e depois outro. Estacou antes de chegar à conclusão de que eram ramos partidos a caírem das árvores. Então, ouviu um som como que um grito e parou para escutar, mas tratava-se apenas de macacos a guinchar. No recinto principal, parou. Quatro ursos no fosso rochoso. A sua lanterna incidia diretamente sobre um deles. O urso piscou os olhos e bocejou, revelando um fio de saliva que unia os seus afiados incisivos. Karl sentou-se num pedregulho ali perto. O urso que bocejara levantou-se e descreveu círculos pelo pequeno fosso até se voltar a deitar, como se quisesse mostrar a Karl o desejo que sentia de poder escapar ao seu cativeiro.

Os holofotes das torres de vigia do campo passavam em intervalos, iluminando as sombras entre as árvores despidas. Os estrondos da artilharia tinham-se finalmente silenciado para a noite. Enquanto Karl remexia nos botões do casaco, o seu pai veio-lhe à mente: todas as vezes em que Karl passara as mãos pelo velho uniforme militar do pai quando era pequeno, deslumbrado com a ideia de o pai caçar o inimigo como um Aquiles da era moderna. Mas não havia nada de glorioso ou heroico num mundo cercado de arame farpado.

Karl queria estar ao lado de Marijke, desesperado por acreditar num futuro juntos, mas o seu próprio futuro estava em risco de ser aniquilado a qualquer momento. Mesmo que ela fugisse com ele, enfrentaria uma vida de perigo e incerteza: as suas mãos delicadas ficariam cobertas de terra, seriam rasgadas pelas silvas, e ela

tremeria nas noites húmidas. Mas Karl também não se podia permitir a uma despedida, sabendo que lhe seria tão difícil partir que acabaria sentado ao lado dela até os americanos marcharem por ali adentro e lhe enrolarem um laço em torno do pescoço. Karl tinha de abrir mão dela.

Um rosnar em surdina arrancou-o do seu entorpecimento, mas os ursos estavam adormecidos. A sua pulsação disparou enquanto apontava a lanterna em todas as direções. As suas mãos ficaram húmidas, mas forçou-se a atravessar o campo num passo controlado. Ainda tinha pela frente muito que correr.

De regresso à sua vivenda, questionou-se sobre a mala que jazia na sua cama: uma velha e robusta mala de viagem que o pai lhe oferecera quando se formara e que o acompanhara em muitas viagens pela Alemanha e ao longo de todos os anos nas SS. Porém, em vez disso, vasculhou o guarda-roupa em busca de uma mochila. Levar um dos carros que estavam na garagem das SS seria demasiado arriscado, com todas as patrulhas de reconhecimento que deviam andar na rua; teria de viajar a pé. Atirou duas camisas para dentro da mochila, juntamente com um par de calças, a sua lanterna, um cantil de água, uma manta, um cantil de bolso, uma *Luger* extra com balas e umas quantas provisões de emergência que surripiara da messe dos oficiais. Ainda trazia a ampola de metal dentro do bolso. Desenroscou a tampa, tentando imaginar-se a morder a cápsula enquanto estivesse sentado em isolamento algures numa prisão dos Aliados. Com um arrepio, embalou a ampola na mochila, mas logo mudou de opinião e enfiou-a novamente no bolso, ali mesmo à mão.

Cinco minutos depois, estava preparado e dedicou-se a escolher o seu destino. Serviu-se de um copo de gim holandês, que bebeu de um trago, enquanto imaginava Marijke a percorrer a nave da igreja, os pais de Karl radiantes na primeira fila, nem um único uniforme à vista.

Depois de ter bebido um terço do gim, tapou a garrafa. Tirou uma caixa de charutos ainda por abrir da sua mesa de cabeceira. Acendeu um charuto e atirou o isqueiro para dentro da mochila. Baforadas longas e profundas acalmaram-lhe os nervos. O tabaco tinha um sabor rico, com um trazo a frutos secos, talvez nozes ou amêndoas. Quando o charuto começou a queimar-lhe os dedos, apagou-o nas parangonas de um jornal já com um mês: «Ofensiva na Hungria: Esperança de Um Regresso na Frente Leste».

O relógio dizia-lhe que eram três da manhã. Karl susteve um bocejo e vasculhou entre as suas coisas à procura de um mapa, mas o único em que conseguia pensar estava preso à parede do seu gabinete. Deixando a mochila no quarto, regressou ao gabinete, atento por causa de Hoffmann ou qualquer dos outros que pudessem relatar a sua partida. Baixou a persiana para bloquear a luz do gabinete. O mapa mostrava apenas as redondezas, mas continha marcas topográficas, e Karl usara-o para calcular o avanço dos americanos. Deixou cair os ombros quando se virou para ver a sua secretária. Uma pequena moldura encontrava-se a um canto, uma fotografia de Natal dos seus pais. Por um instante, sentiu-se tentado pela ideia de a levar consigo, mas não podia deixar nenhum sinal do seu desaparecimento. Uma pilha de ficheiros também se encontrava em cima da mesa, todos a mencionarem o seu nome e posto. Começou a rasgá-los, mas desistiu depois de o fazer a um punhado. O campo não tinha falta de provas da sua existência.

Ao sair, passou pelo armazém de roupas. Pegou em qualquer coisa de entre as vestimentas dos prisioneiros, umas calças e uma camisa com um X pintado. Quando regressou à sua vivenda, estendeu o mapa numa tentativa de formular um plano. Nessa altura, já o gim estava a fazer pleno efeito. Estudou a floresta que cercava o campo e assinalou com cruces as zonas a evitar, mas o lápis parecia de borracha entre os seus dedos e a sua cabeça não parava de tombar, por isso deitou-a na secretária só para ter alguns minutos de sono.

Acordou às cinco e trinta. O sol iria surgir dentro de uma hora e os americanos não estariam muito atrás. Meteu a mochila às costas, desligou as luzes e saiu do quarto sem olhar para trás. Quando trancou a porta da frente, meteu as chaves no bolso. Não que servisse de grande coisa, mas pelos menos iria manter as patas dos Aliados longe das suas coisas por mais alguns minutos.

No exterior, percorreu o caminho pela estrada ao longo da orla da floresta, escura e coberta de musgo. Parou para escutar. Os primeiros pássaros matinais começavam a chilrear e algures um esquilo guinchava. Assim que se sentiu seguro de que não havia ninguém nas redondezas, acendeu a lanterna e embrenhou-se pela vegetação rasteira.

CAPÍTULO VINTE E SETE

LUCIANO
21 DE JULHO DE 1977
BUENOS AIRES

Há várias semanas que Luciano andava a fazer uma cópia adicional de cada um dos ficheiros que tinha de converter. Não conseguia esconder as suas ações de Gabriel, mas Gabriel ansiava por participar e, juntos, desenvolveram um sistema para esconderem o seu trabalho, enfiando o microfilme numa saliência na parte de baixo da mesa no final de cada dia de trabalho.

Enquanto Gabriel trabalhava com o aparelho de conversão, Luciano ficava de vigia, mas os guardas estavam normalmente ocupados com o jornal ou a televisão e não prestavam muita atenção aos trabalhadores. Os dois procediam sem terem um plano estruturado. Não faziam ideia de como poderiam esconder os ficheiros a longo prazo nem como poderiam passar a informação para fora das paredes da ESMA, mas Luciano sentia-se tranquilizado simplesmente por saber que a sua colaboração com os opressores podia transformar-se num ato de sabotagem.

O ar da cave começou a arrefecer, um sinal do inverno, das semanas que haviam passado desde a sua chegada. Os militares da Marinha tinham um pequeno radiador junto do televisor, mas o laboratório não era aquecido. Durante um turno particularmente frio, Luciano teve de esfregar as mãos continuamente para impedir que os dedos ficassem dormentes. Quando o guarda que os supervisionava se colocou junto à ombreira da porta para falar com um dos outros, Gabriel fez sinal a Luciano para se aproximar. Inclinou-se sobre o aparelho, enquanto posicionava um ficheiro.

— Consegues realinhar-me isto? — perguntou. Assim que Luciano se debruçou, Gabriel continuou num sussurro. — Aquela

rapariga com as roupas novas? Chamamos-lhe Pestanas. Ela é esperta como tudo, foi capturada ao mesmo tempo que eu.

Inicialmente, Luciano não fazia ideia de quem Gabriel estava a falar, mas lembrava-se de que tinha reparado numa mudança numa das pessoas que trabalhavam no laboratório, uma rapariga de peito avantajado alguns anos mais velha do que ele. O seu cabelo cor de cobre parecia ter ficado com mais volume e brilho, como se tivesse sido lavado e as suas faces tinham adquirido um tom rosado. Olhou em redor, em busca de movimento.

— Porque é que me estás a contar isso?

— Estão a planear libertá-la, reintegrá-la na sociedade, no âmbito de um programa de recuperação.

Luciano não perguntou a Gabriel como é que ele sabia tanto.

— Confias nela?

— Tanto como em qualquer outra pessoa daqui. — Gabriel ajustou o foco do aparelho e carregou no obturador. — Ela é dedicada à causa.

Luciano pensou nas suas feições angulares, nas maçãs do rosto elevadas que a tornavam parecida com a sua mãe.

— Ela poderia ser perfeita.

A máquina emitiu um ruído estranho e Gabriel reclinou-se para investigar.

— Vou tratar dos preparativos.

Três dias depois, Pestanas sorriu a Luciano quando eles entraram no laboratório de fotografia, fazendo-lhe um discreto sinal com o polegar erguido.

Porém, na câmara escura, Luciano não se conseguia concentrar. Continuava a olhar para o vermelho das luzes de segurança, a remexer num clipe. Gabriel piscou-lhe o olho, o que só o deixou mais nervoso. Cheiros estranhos fluíam pela cave: fios elétricos queimados, café, o *aftershave* almiscarado de um dos guarda. Luciano folheou os ficheiros — todos marcados com a designação «Transferido». Reparou num nome familiar, uma rapariga de quem a

sua mãe tomara conta quando ele era pequeno. María Josefa costumava usar tranças no cabelo e pedia sanduíches de pepino frito. A fotografia de cadastro não se assemelhava nada à rapariga de quem ele se lembrava. Preparou o seu ficheiro para ser processado e seguiu em frente.

Quando regressou à área principal do laboratório para ir buscar um dossiê, reparou no guarda a sair do seu posto para ir à casa de banho. Tinham dois minutos para agir. Após fazer sinal a Pestanas, apressou-se a regressar à câmara escura. Gabriel começara a perguntar algo, mas afastou-se e desviou-se para tapar o ângulo de visão a outro trabalhador, enquanto Luciano alcançava o microfilme que ele escondera. Enfiou os rolos na cintura das calças e regressou à área onde Pestanas o esperava, com fotografias de membros da Marinha espalhadas à sua frente. Ela parecia alerta para cada movimento dele. Luciano caminhou até ao armário arquivador, onde abriu as pernas para impedir que os joelhos batessem um no outro e escutou algum sinal do guarda antes de abrir a gaveta para enfiar lá dentro o microfilme entre duas pastas. Depois, regressou à câmara escura com uma pasta aleatória.

Assim que se viu cercado pelas sombras, desviou a cortina preta que cobria a entrada, para poder espiar. O guarda regressara ao seu posto. Pestanas segurava uma fotografia, fingindo estudá-la, e levou-a até o armário, de onde retirou as pastas que continham o microfilme. Contudo, estas caíram-lhe da mão. Luciano retraiu-se e largou a cortina, certo de que estavam perdidos. Sentiu o sangue a pulsar pelas veias como rápidos. Porém, quando voltou a espreitar, Pestanas estava a apanhar as pastas com naturalidade. Recolocou-as no armário com o vestígio de um sorriso, girando o seu corpo na direção da câmara escura para mostrar a protuberância abaixo do seu peito direito.

Luciano ficou deitado a pensar. Pensava no seu corpo deteriorado, nas probabilidades de voltar a ver a família e Fabián. No risco, no significado da palavra, do que ela significara para

homens diferentes ao longo dos tempos. Homens comuns, heróis. Concluiu que a Argentina tinha sido ferida tantas vezes, com cortes tão profundos, que o tempo já não conseguia assegurar a recuperação. No meio da batalha, a Argentina pedia ajuda, mas cada camarada que esperasse salvá-la enfrentava uma saraivada de balas.

Querido papá,

Achas que não tenho coragem. Querido papá, talvez eu tenha sido um covarde antes, mas já não me podes julgar depois do que eu vivi. Coisas horríveis, coisas impossíveis. E, apesar de, quando me juntei à JUP, apesar de me ter juntado a eles só porque o Fabián me convenceu, agora estou pronto. Estou preparado para colocar a minha própria acha na fogueira.

Papá, amanhã vão libertar uma pessoa. Uma rapariga. Ela vai... ela vai levar com ela a verdade que os argentinos têm de ouvir. Ela leva respostas, respostas à pergunta que todos fazem: onde está o meu filho? Onde está a minha filha? Onde está o meu marido, a minha mulher?

Tenho a certeza de que tu não... bem, talvez consideres que o meu papel é menor, que não é o suficiente para me sentir redimido. Provavelmente pensas que estou cagado de medo. Tens razão. Estou aterrorizado. Tenho pavor da dor, da escuridão, da morte, mas, mais que tudo, tenho pavor de viver o resto da minha vida com vergonha. Vergonha de que, ao tentar salvar-me, talvez tenha contribuído para provocar sofrimento a alguém.

Tenho de ser sincero. Contigo, comigo próprio. Tenho de ser sincero sobre quem sou. Escondi a verdade durante tantos anos, por causa do medo, por achar que aquilo que sentia era errado. Com medo de que me fosses odiar por isso. Esperava ser o filho que sempre desejaste: um homem forte, corajoso. Mas não sou assim. Talvez já tenhas percebido isso, mas tens de o ouvir de mim... Papá, estou apaixonado pelo Fabián.

CAPÍTULO VINTE E OITO

MARIJKE
11 DE ABRIL DE 1945
BUCHENWALD

Mantive-me atenta à passagem do médico enquanto permanecia deitada na enfermaria, determinada a manter-me acordada. O meu estômago fazia-me outra vez acreditar que me encontrava em mar alto. Alguns anos antes, a minha mãe tinha-me dito que, quando eu estava no ventre dela, ela me cantava todos os dias enquanto preparava o pequeno-almoço. Ela acreditava que isso impedia os pontapés e, assim, conseguia sentir as minhas perninhas a relaxar. Eu não podia pôr-me a cantar, não no meio de centenas de prisioneiros e uma meia dúzia de nazis, e não para um bebé que, provavelmente, não seria maior do que uma ervilha. Em vez disso, fechei os olhos e imaginei-me a pegar naquele belíssimo violino italiano. Erguendo-o até ao queixo, sentindo a madeira envernizada do braço nos meus dedos. O arco começou a deslizar — movimentos cuidadosos e alongados. As notas rodopiaram à minha volta, subindo cada vez mais alto até a música me submergir. Mergulhei profundamente, procurando o fundo até encontrar uma sala de espetáculos a flutuar no meio do nevoeiro, um palco com uma única cadeira. No fosso, a orquestra aguardava o meu sinal. Depois juntaram-se a mim, músicos sem rosto a erguer os seus instrumentos para me apoiarem no suave movimento adágio. O esvoaçar de uma flauta, a correr atrás de pássaros sobre as árvores de outono. O dedilhar da harpa, caminhos cobertos de musgo ao longo de um riacho. As escalas de um piano a subirem uma encosta montanhosa coberta de neve. A música foi ganhando corpo, subindo num crescendo e então a orquestra calou-se, deixando apenas o meu violino a encher a sala. Eu continuei a tocar. De alguma forma, senti aquela criança na minha barriga a guiar o meu arco. Toquei até

ficar com a mão dorida e, quando baixei o instrumento e dei um passo para fazer uma vénia, as luzes acenderam-se. A sala estava vazia, apenas dois lugares na fila da frente estavam ocupados. Dois homens: um envergando um uniforme engomado das SS, o outro com riscas esfarrapadas e óculos. Comecei a gritar.

Um ruído abalou-me, mas não conseguia perceber de onde vinha. Um guarda entrou na enfermaria de rompante. Tinha o cabelo todo em pé e, mesmo na ponta oposta da sala, eu conseguia perceber-lhe o suor na testa.

— Eles estão a chegar!

O médico atirou a prancheta para cima de uma maca e saiu a correr atrás do guarda, com as enfermeiras em rebanho atrás dele. Ouvi uma vaga de gritos confusos e assustados, vozes de comando abafadas. Dentro da enfermaria, todos os gemidos pareceram parar. Dezenas de cabeças viraram-se para a entrada, como se estivessem à espera de ouvir *The Star-Spangled Banner* a tocar ao longe, o matraquear dos disparos de uma metralhadora. Porém, não havia qualquer sinal deles e mesmo os gritos do pessoal médico tinham-se desvanecido, deixando apenas o som da brisa que entrava pela porta da rua, espalhando por cima dos beliches folhas que se haviam soltado da prancheta do médico.

Passaram quinze minutos. As bocas começaram a abrir-se e os sussurros preencheram a sala. Algumas pessoas esforçaram-se por sair da cama, mas a maioria conseguiu andar apenas alguns metros antes de pedir ajuda. Dois rapazes conseguiram chegar à porta. Espreitaram e fizeram sinal de que não se via ninguém. Eu vi-os a dar três passos na rua antes de passarem para lá de uma parede branca com a luz do sol.

Quando regressaram, o mais baixo dos dois bateu num poste de uma cama para chamar a nossa atenção, mas já tinha um público cativo. No início, falou com voz de cana rachada:

— Fala mais alto — gritei.

— O campo está vazio — disse o rapaz.

— Vazio? — perguntou um homem.

— Os guardas desapareceram.

— E os prisioneiros?

— Devem estar a trabalhar ou escondidos nos blocos.

Soou uma sirene e um anúncio ouviu-se pelos altifalantes do campo.

— A todos os oficiais das SS, evacuem o campo.

Aguardámos. Agarrei-me à cama, com o estômago aos saltos numa mistura de euforia e medo. Ninguém queria aventurar-se no campo, com receio de levar um tiro mesmo à beira da libertação. Pouco depois, o pessoal médico regressou. O médico ziguezagueou apressadamente pela sala, sem fazer qualquer esforço para esconder o seu mau humor enquanto o pessoal recolhia os seus instrumentos, partia tubos de ensaio cheios de fluidos e rasgava molhos de papel. Ele saiu com uma malinha com os seus pertences e três das enfermeiras seguiram-no. Uma virou-se para nós, hesitante. Durante o resto da tarde, manteve-se na enfermaria, vagueando por entre as filas de camas e distribuindo água e as poucas rações que restavam. Eu comi sopa fria como todos os outros. Não foi o suficiente para me acalmar a fome, mas senti-me melhor do que me vinha sentindo há muitos dias, por isso sentei-me na beira da cama e tentei pôr os pés no chão. Senti um formigueiro quando os meus pés tocaram no solo. A enfermeira veio ter comigo e guiou-me como se eu fosse uma criança pequena, mas, pouco depois, eu já conseguia caminhar até ao fundo da sala e de volta à minha cama sem fazer qualquer pausa.

— Não foi o próprio *Schutzhaftlagerführer* que te trouxe para aqui? — perguntou ela, enquanto eu me virava para fazer uma segunda volta.

A surpresa fez-me parar, enquanto tentava esconder o meu sorriso. Mas se ele me trouxera para aqui, porque é que não voltara para ver como eu estava? A enfermeira olhou para mim em busca de uma resposta, deixando-me receosa. Era uma mulher simples, com sobrancelhas espessas nada bonitas. As suas unhas roídas pareciam em carne viva nos cantos.

— Sim. — Reparei no meu tom brusco e baixei a voz. — Está assustada?

Ela sentou-se na minha cama, anuindo lentamente com a cabeça, e começou a roer as unhas. Eu sentei-me no outro extremo, mas ambas olhámos diretamente para a entrada da enfermaria.

— Eu também — disse eu.

— Porquê? Este é o teu final feliz.

— Será assim tão simples?

— Os americanos vão matar-nos.

— Mas é só uma enfermeira. Eles vão estar mais preocupados com os homens no topo das SS.

O comentário saiu-me da boca antes que eu tivesse oportunidade para compreender o seu significado, e a ideia de uma arma apontada à cabeça de Karl provocou-me uma dor no peito.

— Se eu fosse um deles — disse ela —, fugiria enquanto ainda houvesse alguma hipótese.

Senti um gosto amargo na boca. Eu e a enfermeira permanecemos sentadas em silêncio até uma tosse áspera eclodir algures. Levei água ao homem. Ele tentou afagar-me o braço, mas mal senti o seu toque. A sua pele amarelada estava cheia de cicatrizes e chagas inflamadas. Quando me devolveu o copo, o homem ao lado dele esticou um braço. Encontrei um lavatório. A enfermeira juntou-se a mim e fomos transportando água de cama em cama durante grande parte daquela tarde. Alguns homens tinham forças para nos agradecerem; outros não conseguiam sequer erguer o copo aos lábios, por isso tínhamos de ser nós a dar-lhes água, vendo um riacho a escorrer pelos queixos enquanto tentavam engolir.

A enfermeira fez uma pausa para afastar a franja da testa pegajosa. Ela estendeu uma mão.

— Sou a Emma.

— Marijke.

Continuámos a percorrer as filas e eu parei algumas vezes para segurar nas mãos dos homens ou sentar-me ao lado deles. Estava

a servir a fila 7 quando os americanos chegaram. Na rua, as pessoas gritavam. Alguém disparou um tiro. Inglês, como eu não ouvia há dois anos, desde o tempo em que, noite dentro, nos reuníamos em torno do rádio secreto no nosso quarto.

Dois soldados abriram a porta. Americanos. Os seus olhos abriram-se muito e os seus rostos empalideceram de espanto e repugnância. Baixaram as armas.

— C'um caraças!

Um deles virou-se para fazer sinal a alguém que entrasse. Um homem mais velho, com um uniforme cheio de condecorações, passou por entre os soldados e avançou, determinado, até ao centro da enfermaria. Parou para examinar a divisão e olhou para Emma.

— Fala inglês?

— Um bocadinho — respondeu ela, juntando dois dedos.

— Onde estão os médicos? Quem é que manda aqui?

— Foram-se embora.

Até àquele momento, eu não me mexera, de tão espantada que estava para sequer falar. Mas quando Emma teve de se apoiar numa cama, eu dei um passo em frente.

— O pessoal fugiu todo. Esta mulher ficou para trás graças à sua boa vontade.

O oficial virou-se para o grupo de soldados que se aglomerara atrás dele e apontou com a cabeça na nossa direção. Eles espalharam-se, enrugando os narizes por causa do fedor quando se aproximaram, com os olhos redondos como florins holandeses quando passaram por entre o monte de prisioneiros. Os mais fortes de entre os pacientes saíram dos beliches para lançarem uma onda de aplausos débeis, enquanto um avançou hesitantemente e abriu os braços para abraçar um soldado espantado. Uma mão-cheia reuniu-se e tentou levantar um jovem soldado no ar, mas não o conseguiram erguer acima dos ombros e ele caiu de pé no chão, abalado e envergonhado.

O homem que estava ao comando aproximou-se de mim, o primeiro oficial em dois anos que se dirigia a mim sem qualquer

resquício de desejo. Um soldado largo e musculado. Tirou o capacete e susteve-o debaixo dos braços enquanto examinava as camas à minha volta. A boca dele abriu-se quando ele viu os pacientes seminus cujas costelas espetadas estremeciam a cada tossidela. Homens com círculos púrpura em torno dos olhos, esfuziantes na sua alegria.

— Meu Deus.

Ele virou-se novamente para mim, meteu a mão no bolso do casaco e retirou uma barra grossa envolta em papel, com as palavras «Hershey's Tropical Chocolate» estampadas.

— Tome. Sabe a merda, mas vai fazer-lhe bem.

Desembrulhei uma ponta e parti um pedaço. Parecia borracha e era amargo, nada parecido com o chocolate de que me lembrava, mas não me importei nada com isso.

— Não tem de o poupar. Vem muito mais a caminho para todos vocês.

Ele continuou a percorrer a sala, parando de poucos em poucos metros para espreitar para um prisioneiro ou para transmitir uma ordem aos seus homens. Emma apareceu novamente ao meu lado, branca como porcelana, e eu dei-lhe a mão. Arrastámo-nos até à porta e ficámos em pé junto à entrada. Mesmo ao final da tarde, a luz na rua fez-me semicerrar os olhos.

— Queres ir lá fora? — perguntou ela.

Abanei a cabeça. A ideia de vaguear em liberdade era demasiado estranha para sequer a conceber, e eu não sabia ao certo até onde teria forças para chegar. Ainda assim, não consegui desviar o olhar. Tinha todo um mundo à minha frente, para lá dos blocos dos prisioneiros. Amesterdão, Europa, América. Podia ter saído por aquele portão e ter ido para qualquer lado.

— Talvez deva ficar aqui — disse eu. — E se o *schutzhaftlagerführer* vier à minha procura?

— Porque é que ele haveria de fazer isso?

Desviei o olhar, incapaz de decidir se me sentia desapontada pela verdade da pergunta dela ou embaraçada por estar à espera de

mais.

— Acho que passei tanto tempo a interrogar-me se sequer sobreviveria que já não sei o que vem a seguir, o que quero sequer que aconteça.

— Para ti, a parte mais difícil já acabou.

Enquanto os soldados andavam de um lado para o outro, afastando os mortos e tentando dar aos vivos alguma hipótese de sobreviverem, pensei em procurar Karl, com a ideia de abandonarmos o campo juntos. Se os americanos protestassem e tentassem prendê-lo pelos seus crimes, eu defendê-lo-ia. Voltei a deitar-me na minha cama e enterrei o rosto nos lençóis, envergonhada e confusa. Qual era o meu problema? O que é que ele fizera para me tornar capaz de tamanha dúvida, tamanha irracionalidade? Uma ideia infiltrou-se na minha mente, uma preocupação insistente de que, de alguma forma ínfima, eu também fosse conivente, porque como é que alguém poderia sentir qualquer tipo de afeto por um nazi? Quando nos conhecêramos, eu não conseguia compreender o que a sua ex-noiva vira nele; agora, eu tinha a mesma dúvida relativamente a mim própria.

Os americanos foram entrando no bloco durante o serão, trazendo-nos latas de carne em conserva e bolachas marinheiras, o que foi demasiado para os estômagos de alguns prisioneiros. Vários morreram durante a noite e chorei por eles, por terem perdido a batalha tão perto do fim. Uma visão de Theo encheu-me o pensamento, vi-o aninhado num dos blocos, com o espírito cheio de esperança. Interroguei-me se ele acreditava que eu tivesse sobrevivido, se ele me aceitaria quando lhe dissesse a verdade sobre o tempo que passara em Buchenwald e sobre o meu bebé. Mas e se ele já tivesse morrido?

De manhã, eu estava na cama a mastigar mais um pedaço de chocolate duro, quando o sargento americano regressou. Ele parou junto à minha cama.

— E como é que esta paciente está hoje?

Sentei-me na cama.

— Melhor. Suficientemente boa para sair daqui.

— Bem, não há por aqui nenhum médico que lhe possa dizer o contrário. Mas deixe que lhe diga que andar por este terreno não é um passeio no parque, por isso certifique-se de que está preparada para isso. — Ele fez menção de continuar o seu caminho.

— Espere, por favor, estou à procura de uma pessoa.

— Tenho muita pena, mas ainda não conseguimos organizar listas de prisioneiros.

— Não estou à procura de um prisioneiro. É de um oficial das SS. O *Schutzhaftlagerführer* Müller. O vice-comandante.

— Isso é um verdadeiro trava-línguas. Foi Müller que disse? Peço desculpa, minha senhora, nunca ouvi falar nele. — Ele olhou-me com estranheza, mas não lhe dei mais informações, por isso ele continuou. — Enviámos um camião com raparigas para casa ontem. Se se sentir em condições, daqui a dois dias sai outro transporte, este vai para ocidente.

— Raparigas do bordel? — perguntei.

— Podiam ser, mas tenho de verificar essa informação.

O sargento desejou-me sorte e despediu-se. Agradei-lhe e obriguei-me a esboçar o que esperava que fosse um sorriso agradecido, enquanto tentava deslindar o que ele dissera. Depois de comer mais um pouco, decidi aventurar-me para a rua. Emma desaparecera durante a noite. Procurei-a pela enfermaria e fiquei desapontada quando percebi que ninguém a tinha visto, mas confiei que o sargento a manteria em segurança.

Vasculhando a sala das enfermeiras, descobri um vestido liso castanho que vesti. Os meus nervos fervilhavam quando saí da enfermaria, quase à espera de que alguém viesse atrás de mim e me mandasse de volta para o meu lugar com um golpe de uma arma. Em vez disso, os americanos que estavam a guardar a entrada acenaram-me e acenderam um cigarro. Todo o complexo do campo se estendia à minha frente. Hesitante, dei um primeiro passo na gravilha do caminho.

Grande parte do campo já me era familiar por causa dos nossos passeios regulares: as filas de blocos muito regulares que se curvavam em redor da parada, os armazéns enfiados na parte de trás. Por todos os lados, viam-se homens cadavéricos a vaguear, sem rumo, na sua recém-encontrada liberdade. Um ou dois parou para me ver passar e dei por mim a baixar o olhar, com receio de deparar com o meu marido a olhar para mim. Mantive-me atenta ao cinzento dos uniformes das SS, mas os poucos nazis que vi estavam algemados, a ser desfilados pelos americanos e por prisioneiros. Um prisioneiro carregava um homem franzino, de cabelo branco, talvez um amigo ou o seu pai, estendendo o corpo inerte a alguém que tivesse um cantil com água.

O meu primeiro instinto foi regressar ao bordel. Ficava mesmo à direita da enfermaria, mas caminhei na direção oposta durante alguns minutos antes de me convencer a regressar. Quanto mais me aproximava dele, tanto mais lentos ficavam os meus passos.

Todas as persianas estavam fechadas e as plantas que ladeavam os degraus da entrada tinham sido pisadas. A porta estava entreaberta. Entrei e apercebi-me imediatamente da quietude do local. O bordel estava às escuras. Uma das cadeiras estava tombada no chão, com as pernas espetadas no ar. Nos nossos aposentos, todos os vestígios das raparigas tinham desaparecido. As blusas e as saias coloridas, o tesouro escondido de Sophia composto por álcool e sapatos oferecidos. Ajoelhei-me para verificar debaixo da minha cama, mas bolas de algodão rodopiavam no local onde antes se encontrava o meu violino.

Na casa de banho, grandes madeixas de cabelo louro estavam reunidas no ralo do chuveiro, mas o sabonete e o papel higiénico haviam desaparecido. Uma algazarra vinda da zona da receção assustou-me e saí da casa de banho em bicos dos pés. Espreitei por uma esquina e encontrei dois soldados americanos a vasculharem o local.

Um ergueu o olhar.

— Olha só para isto.

O outro soldado aproximou-se de mim.

— Hmm, olá, minha senhora. O que está aqui a fazer?

Fiquei muito parada.

— Eu... eu vim à procura das minhas coisas.

— Nós andamos a ver se descobrimos possíveis locais para alojarmos um grupo de crianças doentes. Que local era este? É completamente diferente dos outros edifícios.

Esperei que ele esboçasse um sorriso.

— Alguém deve ter mudado as minhas coisas de sítio. Adeus.

— Porque é que não fica por aqui? Assim que nos despacharmos, levamo-la até ao nosso transporte e arranjamós-lhe alguma coisa para comer.

Depois de recusar a oferta deles, saí, obrigando-me a continuar a caminhar até sair do campo de visão deles, resistindo ao meu impulso de me virar e olhar uma última vez para aquilo que estava a deixar para trás.

Os meus pés conduziram-me até ao lado oposto do complexo, passando por um pente que jazia na terra, pela longa fila na cantina dos prisioneiros, por um corpo estendido por cima do arame farpado. Em meu redor, os americanos transmitiam ordens, transportavam rações e cobertores de um lado para o outro, enquanto os prisioneiros se faziam entender por mímica para indicarem o que precisavam. Na fronteira do campo dos prisioneiros, fitei o relógio no topo da portaria. Pensei em atravessar o portão, dirigindo-me às vivendas das SS. Alguém saberia para onde Karl fora. Mas independentemente daquilo em que eu quisesse acreditar acerca dele, ele não poderia ir para lado nenhum sem uma suástica gravada na lapela.

Avancei para a sombra da portaria e acenei com a cabeça ao soldado que a guardava. Por cima de mim, aquele aviso pendia como uma forca: *Jedem das Seine*. As palavras de ferro a saberem a sangue na minha língua. Cada um tem aquilo que merece.

Atrás de mim, os prisioneiros enchiam a parada, saindo dos blocos em catadupa. Havia alguma hipótese de um daqueles rostos

exaustos pertencer a Theo.

Um soldado com um capacete do exército aproximou-se e abriu-me o portão.

— Vai sair?

Perscrutei a estrada que se estendia para fora do campo, serpenteando em direção aos alojamentos dos oficiais, e depois respirei fundo e olhei para o céu, um azul brilhante salpicado de nuvens macias.

— Não — respondi. — Ainda não.

O soldado anuiu com a cabeça. Enquanto o portão se fechava, virei-me e dirigi-me aos blocos dos prisioneiros.

CAPÍTULO VINTE E NOVE

LUCIANO
24 DE JULHO DE 1977
BUENOS AIRES

Na noite em que os guardas soltaram Pestanas, Luciano não conseguiu dormir. Permaneceu a olhar fixamente para o interior do seu capuz até os olhos ficarem doridos de tanto se esforçar por ver. A dada altura, pegou no cinto do seu par de calças novo e retirou-o da cintura. Manobrou o pino da fivela no tecido áspero do capuz, esfregando-o para a frente e para trás, para criar um orifício com um ou dois milímetros e depois ajustou o capuz até o buraco se alinhar na perfeição. Pela primeira vez, viu a lâmpada exposta pendurada no teto da sua cela.

Perto de si, Gabriel parecia inquieto. Luciano tentou recriar o percurso da jovem na sua cabeça. Tê-la-iam encafuado num dos *Ford Falcon* dos militares e conduzido pela longa estrada que leva aos portões. Luciano não sabia onde ou quando a largariam, mas conseguia ouvir as lágrimas de alegria da família enquanto a sufocavam com abraços e beijos. E durante todo o trajeto, ela teria o microfilme enfiado no tacão oco do seu sapato.

De alguma forma, acabou por adormecer. Na manhã seguinte, ele e Gabriel trabalharam sossegados. À medida que o dia foi passando, começaram a descontrair quando se aperceberam de que nunca iriam saber o que ela fizera com os ficheiros, e Gabriel começou a trautear uma canção popular que Luciano conhecia da sua infância.

*Eu quero casar
E não sei com quem
Com esta sim,
Com esta não,
Com esta rapariga eu vou casar.*

Gabriel estava atrasado para o jantar. Tinha os ombros descaídos quando um guarda o trouxe para a zona das refeições e evitou olhar para Luciano.

Os guardas distribuíram o jantar, uma porção de sopa de milho aguada. Os bagos de milho já tinham sido comidos, por isso os trabalhadores ficaram só com as espigas. O estômago de Luciano roncou, mas deitou outra olhadela a Gabriel, que girou a sua colher com uma expressão vazia.

Assim que o guarda disse para levantarem a mesa e formarem uma fila, Luciano encontrou um espaço atrás de Gabriel, mas Gabriel não acusou a sua presença até estarem novamente em frente ao aparelho de conversão. Aproximou-se dos ficheiros que tinham acabado de chegar e passou a Luciano aquele que estava por cima. Lá estava o rosto solene de Pestanas, a data do dia anterior e a nota: *Transferida*.

— Deram-lhe um tiro.

Luciano pressionou o documento contra o peito e soltou um longo suspiro.

— Como sabes?

— Ouvi os guardas a falarem quando estava na casa de banho.

— Eles encontraram?

— O que é que achas?

Luciano encostou-se à parede, com a cabeça entre as mãos. Gabriel sentou-se em frente ao aparelho e olhou detidamente para a máquina até ligá-la. Durante o resto da tarde, trabalharam sem falar; os zumbidos e os cliques da máquina constituíram a única distração dos pensamentos conturbados. Luciano processou os ficheiros tão depressa quanto conseguiu, sem parar para ler o nome de um único prisioneiro.

A ordem veio do canto oposto do laboratório de fotografia.

— Números três-quatro-um e cinco-sete-quatro, cheguem-se à frente.

Na câmara escura, Luciano deteve-se com as mãos suspensas sobre o aparelho conversor, enquanto a sua mente registava a ordem. Gabriel postou-se ao lado de Luciano, com as pupilas muito dilatadas.

Tubarão surgiu na entrada da câmara escura. Piscou os olhos enquanto se ajustava à pouca luminosidade, mas sorriu quando viu Luciano, com os dentes a brilhar sob as luzes vermelhas.

— Vocês os dois, venham comigo.

Antes que Luciano tivesse tempo de compreender o que se estava a passar, Tubarão colocou os capuzes sobre as suas cabeças, prendeu-lhes os braços, e o metal enterrou-se na pele de Luciano. O capuz de Luciano entrou ao contrário, tornando inútil o buraquinho que ele fizera.

Tubarão empurrou-os para a frente e Luciano ouviu Gabriel embater numa parede. Tubarão fê-los passar em frente aos outros trabalhadores do laboratório de fotografia e avançar pelo corredor antes de enfiar Luciano numa das câmaras de tortura. A porta fechou-se atrás dele.

Luciano sabia que não estava sozinho. Baixou a cabeça e recitou versos do poema de Neruda em sussurros.

Passos. Um par de braços agarrou-o, atirando-o para cima de uma estrutura de cama de metal. Então, o pesadelo desenrolou-se novamente: o ar frio na sua carne enquanto as roupas eram rasgadas do seu corpo, o zumbido da arma de choques para gado, o cheiro dos pelos do seu peito queimados, os lamentos, as súplicas, a sua mente a evadir-se para longe à medida que os choques iam ficando mais intensos, mais frequentes, até os seus braços e as suas pernas gritarem e a dor consumir tudo. De repente, tudo parou. Ele contorceu-se na cama.

— Que é que fizeste mais com aqueles ficheiros?

A sua garganta queimada, a implorar por água. Foram precisas três tentativas para formar uma resposta.

— Nada.

— Quem mais os tem?

— Ninguém, juro. — A sua voz saía em arquejos.

— Quem mais?

— Não. Há. Mais. Cópias.

Outro homem.

— Dá-lhe o *submarino*.

Luciano não ouviu mais nada a não ser a sua respiração pesada. Foi colocado em pé à força. Os seus joelhos cederam e alguém o arrastou pelo chão, fazendo as canelas rasparem nos mosaicos. O seu torturador ergueu-o novamente contra algo sólido. Os dedos de Luciano seguraram no rebordo de uma tina de metal, tocaram num líquido.

— Vais falar?

Uma mão segurou o crânio de Luciano, empurrou-o para baixo, submergindo a sua cabeça. Cuspiu, sentindo a boca cheia de água a passar pelo capuz e começou a sufocar. Engoliu, tentou sustentar a respiração, mas um súbito pontapé na virilha fê-lo gritar. A sua cabeça estava novamente puxada para trás; água escorria-lhe pelo rosto enquanto gorgolejava, carente de oxigénio. Depois, voltou a entrar na água, a debater-se, a arquear as costas, a esforçar-se por se aguentar.

CAPÍTULO TRINTA

KARL
11 DE ABRIL DE 1945
BUCHENWALD

Karl abandonou Buchenwald a correr, sem qualquer ideia do destino que iria tomar. Assim que se aproximou dos limites do terreno de Buchenwald, trocou de roupa, vestindo as peças de prisioneiro, e enfiou o seu uniforme das SS num toco apodrecido. Os seus músculos rapidamente ficaram doridos por causa da mochila que ressaltava e apenas conseguia enveredar em curtas corridas antes de abrandar para um trote lento, a arfar. O terreno irregular fazia-o tropeçar — colinas esburacadas por fendas e com raízes espessas que se contorciam para fora do solo — e as árvores que tinham começado a dar fruto ofereciam pouco abrigo. Na primeira noite, comeu um terço da comida que trazia no saco. Frutos secos e biscoitos ressequidos e um pedaço de Gouda. Dormiu encostado a um tronco oco, a tremer e sem conseguir descansar, enquanto procurava afastar as imagens dos atiradores furtivos a surgirem por entre os arbustos.

No segundo dia, perdeu-se. As suas tentativas de se dirigir para sul, orientando-se pelo sol e pelo líquen que crescia nas árvores, poderiam ter resultado se ele não tivesse tido de redirecionar o seu percurso sempre que se aproximavam muito de uma vila ou de uma estrada principal. Um uniforme de prisioneiro seria um fraco disfarce para quaisquer soldados que andassem à procura de nazis. Ao parar para consultar o mapa, escutou veículos blindados a aproximarem-se. Agachou-se atrás da proteção de uma moita e observou o comboio de americanos que passava. Um grupo deles estava empoleirado em cima de um jipe aberto, com uma metralhadora montada ao centro. Espalmou-se contra o chão, com o

coração a bater contra uma saliência do solo enquanto eles passavam.

Assim que as tropas estavam fora de alcance e já não o podiam ouvir, mudou a trajetória para se embrenhar mais nas colinas, mas a floresta parecia ficar mais esparsa e vilas de casas revestidas a madeira alinhavam-se no horizonte. Durante algumas horas, Karl prosseguiu em curtos trechos, em busca de cobertura enquanto perscrutava o próximo percurso. A culpa infiltrou-se e começou a atormentá-lo para regressar. Havia Marijke, sozinha naquele hospital com americanos ao lado. Mas a ideia de que aqueles soldados o iriam atirar ao chão com as coronhas das armas impelia-o a avançar e começou a engendrar um plano para chegar à Argentina.

O estrondo do fogo da artilharia aumentou, um sinal de que se desviara demasiado para oeste. Demorou uma hora a retificar a rota. A água do cantil fora-se. Enquanto o sol se afundava nas colinas, Karl varreu a área em busca de um lugar seguro para pernoitar. Quando o estômago começou a doer-lhe e as botas começaram a friccionar-lhe as bolhas nos pés, avistou uma quinta solitária e esforçou-se por lá chegar, atravessando os arbustos e parando de poucos em poucos metros para examinar o que o rodeava.

A casa parecia vazia e a porta da frente estava aberta. Circundou o perímetro duas vezes antes de entrar no edifício com a *Luger* em riste. Um pão fresco encontrava-se em cima da bancada com uma grande porção em falta e um jarro de leite ao lado. A sua boca ficou aguada perante aquela visão, mas continuou na direção da sala das traseiras. Um barulho no quarto deteve-o. O farfalhar continuou, o abrir e fechar de gavetas, por isso avançou passo a passo até alcançar o quarto, sempre com o dedo no gatilho.

Passou pela ombreira da porta e encontrou um jovem guarda do campo, ainda de uniforme. Karl manteve a arma apontada a ele.

— O que é que estás a fazer?

A pilha de migalhas de pão aos pés do homem respondeu à questão e os seus ombros descontraíram quando viu o rosto de

Karl.

— Os americanos, *Schutzhaftlagerführer*. Deixaram os prisioneiros à solta para caçarem os guardas. Estão a espancar os nossos homens até à morte!

Karl baixou a arma.

— Onde estão os donos disto?

— Não faço ideia, *Schutzhaftlagerführer*.

Karl deixou o guarda e dirigiu-se à cozinha a fim de arranjar comida. A maioria das prateleiras na despensa haviam sido esvaziadas, mas encontrou um salsichão escondido no fundo de um armário. Desembrulhou-o e deu-lhe uma dentada. Depois de se encher de salsichão e pão, bebeu todo o leite do jarro.

O guarda surgiu na entrada.

— A cama é sua, se quiser, *Schutzhaftlagerführer*.

Karl ainda pensou nas almofadas suaves e na colcha quente antes de dar uma olhada pela janela e ver a noite que se aproximava.

— Não vou ficar.

O guarda lançou um olhar esperançoso, mas Karl não o convidou a juntar-se-lhe.

— Bem — disse o homem —, vou passar aqui a noite e depois saio de madrugada.

Karl regressou ao quarto e passou as gavetas a pente fino em busca de uma manta leve, que enfiou enrolada na mochila. Quando se dirigiu para a porta das traseiras, virou-se para o guarda.

— Arranja roupas diferentes.

Havia um pequeno bosque a duzentos metros da casa. Karl agachou-se e correu pelo campo na sua direção. Quando alcançou as árvores, nuvens densas cobriram o céu escuro. Baixou-se entre a segurança das sombras e olhou novamente para a quinta a tempo de ver os faróis de um jipe militar virarem na direção da entrada.

Em 1948, três anos depois de fugir de Buchenwald, Karl abandonou o seu esconderijo numa exploração de lacticínios na

Áustria e viajou para o Tirol do Sul. Lá, encontrou um conjunto de antigos colegas das SS de Berlim. Puseram-no em contacto com um bispo do Vaticano, que lhe arranhou refúgio numa cadeia de mosteiros no Norte de Itália. O processo de imigração arrastou-se, congestionado por todas as outras altas patentes do partido que esperavam esgueirar-se para fora do país através das redes clandestinas, mas após vários meses, os contactos de Karl no Vaticano conseguiram arranjar-lhe documentos falsos. Com o gatafunho de uma nova assinatura, Karl transformou-se em Arturo Wagner: um apelido alemão clássico, que pedira em honra do médico que ajudara Marijke em Buchenwald.

Nessa mesma semana, Karl pegou num jornal alemão e leu sobre a morte de Brandt: um ataque cardíaco na prisão enquanto aguardava a execução. Levou o jornal para o mosteiro, dobrou-o e escondeu-o debaixo da cama. A fonte das parangonas parecia-lhe fria, irónica: um lembrete do que poderia ter-lhe acontecido.

Quando as folhas das árvores mudaram de cor, Karl despediu-se dos monges e dirigiu-se ao porto de Génova. Corriam rumores de que o novo presidente argentino disponibilizara milhares de vistos a antigos nazis e, em poucas semanas, Karl conseguira assegurar uma passagem num barco para a América do Sul.

Com base na sua nova identidade, a Cruz Vermelha emitiu-lhe um passaporte. Eles não faziam perguntas, mas existia sempre um homem infiltrado a facilitar todo o processo. Poucos dias depois, fizera um exame médico argentino. Depois, a vinte e três de outubro, numa manhã solarenga em que soprava uma brisa salgada, embarcou no *San Giorgio*. Ficou de pé no convés, enquanto a tripulação levantava a âncora, e folheou o seu novo passaporte. O rosto na fotografia parecia cansado e pouco familiar. Tocou nas faces, onde a pele descaíra devido ao peso que perdera. Pela décima vez, estudou a identificação nos documentos. *Arturo Wagner, contabilista*. Um nome forte, admirável. Arturo Wagner parecia-lhe ser do tipo de homem que poderia viver uma vida feliz e pacata. Buenos Aires tinha granjeado a fama de ser uma cidade

distinta e charmosa — a Paris do Sul. Lembrava-se das fotografias que vira de amplas avenidas e cafés nas esquinas e tentou imaginar-se a preguiçar num banco no parque, a ler um jornal em espanhol com facilidade. Talvez um dia encontrasse uma mulher argentina para casar, uma mulher tão ardente e tentadora como Marijke. Assentariam juntos, talvez tivessem crianças — um filho que continuasse a linhagem do seu sangue alemão e cobrisse de honra o novo nome da família.

O navio apitou e soaram vivas pelo convés no momento da largada. O mar turquesa cintilava à medida que as casas coloridas nas colinas iam diminuindo de tamanho, deixando-os totalmente rodeados por água. Karl permaneceu na balaustrada do navio durante algum tempo e tomou consciência de alguém ao seu lado, alguém aproximadamente da sua idade, com bigode e a ler uma cópia de *Fausto*^{[11](#)} em alemão. Karl reconheceu-o como sendo um dos ajudantes de topo de Himmler. O homem reparou em Karl a olhar para a lombada do seu livro e percebeu as suas feições arianas.

— Alemão? — perguntou o homem.

Karl olhou para o horizonte. O mar espalhava-se como uma rede de segurança por todos os lados, pronto para o levar para um mundo novo e desconhecido. Virou-se e respondeu em alemão.

— Não — disse Karl —, sou argentino.

^{[11](#)} Goethe, J. W. (2013). *Fausto*. Lisboa: Relógio D'Água. (NT)

CAPÍTULO TRINTA E UM

MARIJKE
12 DE ABRIL DE 1945
BUCHENWALD

Para além da afirmação de que Theo estava detido em Ohrdruf, um dos subcampos de Buchenwald, há quase dois anos que não sabia nada dele e não tinha a certeza de estar preparada para vir a saber. Comecei a busca nos blocos mais próximos do bordel. Uma grande multidão de prisioneiros estava reunida cá fora, celebrando a sua recém-adquirida ociosidade, sentados ao sol, a conversar e a fumar cigarros americanos. Uma crosta castanha manchava-lhes os uniformes, cujas riscas azuis já eram mais cinzentas. A minha chegada foi saudada por olhares vagos. Reconheci um homem, um criminoso que parecia ter uma espécie de estatuto de elite entre os prisioneiros. Ele frequentara o bordel, dizendo ter sentimentos por Gerda, mas ao ver-me, ele apagou o cigarro e encaminhou-se na direção oposta. Senti um calafrio pela espinha acima e interroguei-me se seria mais fácil fingir que nunca o vira. Perscrutei a multidão em meu redor, atirando o nome de Theo para perguntar por ele a quem olhasse na minha direção. No bloco seguinte, chamei o nome e os prisioneiros assumiram-no como um coro, transmitindo-o pelos beliches, nas suas vozes débeis como o murmuro de um canavial num lago. Não obtive qualquer resposta.

Continuei a avançar, sentindo o sol de abril quente nas minhas costas. Entre os blocos, encontravam-se cinco prisioneiros com estrelas amarelas. Eram duas mulheres, cujos braços nus estavam marcados por uma sequência de números. Mais tarde, alguém me contou que tatuavam os prisioneiros em Auschwitz, por isso as mulheres deviam ter sido transferidas. Se os presos políticos estavam à beira da morte, os judeus pareciam esmiçados até aos ossos. Quando vi as cabeças rapadas das mulheres, cheias de

cicatrizes, a minha mão ergueu-se para tocar no meu cabelo, que me chegava aos ombros. Pensei nas almofadas e nos doces no bordel, nas roupas lavadas e nos banhos quentes. Quando passei pelas mulheres, desviei o olhar.

A tarde levou-me de bloco em bloco, cada um mais imundo e mais deprimente do que o anterior. A maioria dos homens ainda não conseguia levantar-se da cama. Respondiam às minhas perguntas sobre Theo com as suas próprias perguntas: procuravam mulheres, mães, filhas. Vim a saber que os nazis tinham evacuado milhares de prisioneiros para Dachau nos dias que antecederam a libertação e fiquei preocupada com a possibilidade de Theo ter ido com eles. Era mais fácil do que considerar a alternativa.

Havia cadáveres espalhados por todo o complexo, empilhados como fardos de feno, mas tive demasiado medo de procurá-lo no meio deles. Encontrei um prisioneiro que rasgara o seu triângulo e ele conduziu-me ao oficial americano que estava encarregado dos registos. O oficial admitiu que o livro dos registos estava desorganizado. Ele sugeriu que eu voltasse dentro de alguns dias para tentar encontrá-lo, mas direccionou-me para outro bloco, onde ele ouvira dizer que se encontravam alguns prisioneiros dos subcampos. Não encontrei lá Theo. Nessa altura, já estava indisposta e os meus sapatos apertavam-me os pés. Segui uma multidão que carregava canecas e tigelas de lata até um edifício grande com uma fila serpenteante à espera de comida. O meu estômago roncava. Eu não tinha caneca, nem colher. Dois prisioneiros tinham acabado a sua sopa e pedi-lhes uma tigela emprestada. Eles olharam para mim com desconfiança e afastaram-se. Mais alguns, a mesma resposta. Em Ravensbrück, uma tigela era a corda de segurança de um preso, e devia ser a mesma coisa em Buchenwald, mas era como se estas pessoas não tivessem percebido que o nosso encarceramento chegara ao fim. Desmotivada, encostei-me a uma parede até sentir alguém a tocar-me no ombro. Um rapaz adolescente estava à minha frente, a estender a sua tigela.

— Precisas disto? — perguntou em alemão com sotaque holandês.

Ele juntou-se a mim na fila, provavelmente para se assegurar de que eu não fugiria. Enquanto um *kapo* me dava a minha porção, o rapaz apresentou-se como sendo Johan. A família dele era de Roterdão, mas o pai morrera de fome, e ele não via a mãe nem a irmã há vários anos. Eu bebi a sopa, reparando que continham mais alguns vestígios de vegetais do que quando os nazis a serviam, mas continuava a ser suficientemente aguada para se ver o fundo da tigela. Johan quis saber a minha história.

— Há quase dois anos que aqui estou — respondi. — Antes disso, Ravensbrück.

— Porque é que haveriam de te transferir? Quase não vi mulheres por aqui.

— Não sei. — Olhei por cima dele, para as filas de cabeças curvadas sobre as suas tigelas. — Ando à procura do meu marido. Ele foi transferido para Ohrdruf na segunda metade de 1943.

— Ohrdruf? Ouvi muitas coisas más. Trabalho mesmo duro. A maioria dos homens só lá durava alguns meses.

— O meu Theo não. Ele é forte; ele teria conseguido sobreviver — respondi, mas o otimismo forçado das minhas palavras não igualava as borboletas que esvoaçavam no meu estômago.

— Mas isso não é tudo. Os *moffen* evacuaram Ohrdruf na semana passada e trouxeram os prisioneiros de lá para Buchenwald.

— Mas isso é ótimo.

Ele baixou o olhar.

— Daqui, enviaram esses homens numa marcha da morte até Dachau. Ouvimos tiros quando eles seguiam atrás deles na estrada.

Dei um passo atrás.

— Não, isso não pode ser verdade.

Ele direcionou-me para um soldado americano, que confirmou o que ele me dissera. Vários milhares de homens, apenas a algumas

horas da liberdade, marcharam de volta às entranhas da armadilha mortal dos nazis.

As lágrimas ardiam-me no canto dos olhos, enquanto o soldado continuava a falar sobre o absurdo de tudo aquilo, o facto de não fazerem a mínima ideia de que se passava algo assim por detrás das linhas inimigas. Deixei de o ouvir e fiquei só a pensar em Theo, na forma como ele costumava inclinar-se, concentrado, enquanto remexia naqueles rádios de galena, no seu sorriso torto quando me apanhava a olhar para ele. Teria eu chegado tão perto de o encontrar para agora o perder novamente?

O soldado calou-se e coçou a cabeça.

— Anda à procura de alguém? Olhe, aqueles homens já partiram há muito, mas enviámos um esquadrão para desimpedir a estrada. Um dos oficiais que seguiu com eles tem uma lista de evacuação, mas devia mesmo esperar que eles regressem hoje ao final do dia. Aquilo lá é uma visão mesmo horripilante.

Ele seguiu o meu olhar enquanto eu perscrutava em nosso redor os homens demasiado fracos para se manterem em pé, aqueles que tossiam sangue.

— Eu tenho de encontrar o meu marido, dê por onde der.

Ele conduziu-me ao topo da colina, saindo do complexo dos prisioneiros e seguindo em direcção à extremidade do campo. Pela primeira vez em quase dois anos, saí para lá do arame farpado, mas quando vi uma espingarda a balouçar junto à anca do soldado pareceu-me que estávamos a ser conduzidos para algum lado sob ameaça de uma arma de fogo. Passámos pelas casernas das SS, mas não me permiti perguntar por Karl. Agora que ele perdera a posse do meu corpo, tencionava recuperar o controlo dos meus pensamentos.

O soldado caminhava vigorosamente e eu igualei as suas passadas, sabendo que cada passo me conduzia para mais perto de uma resposta. A estrada curvava para fora do campo, mas após alguns cinquenta metros abrandámos. Manchas de sangue marcavam o pavimento, enquanto os corpos se alinhavam na vala.

O soldado estendeu um braço para me equilibrar, mas eu continuei. Tentei imaginar Theo a seguir por aquela estrada alguns dias antes. À medida que nos aproximávamos dos mortos, obriguei-me a examiná-los. Rostos da cor das pedras, muitos com os olhos abertos, alguns corpos com moscas a pairar sobre as feridas de balas que tinham nas costas. A cratera no meu estômago aprofundou-se.

Mais à frente havia uma carroça. Os cavalos tinham palas nos olhos, mas batiam com os cascos no chão ao cheirarem o ar impregnado de morte. Alguns prisioneiros carregavam corpos para dentro da carroça, parando para lerem os números nos uniformes a um oficial americano que os estava a escrever numa prancheta.

O soldado que me trouxera aproximou-se do oficial, explicando a minha situação num inglês demasiado rápido para eu conseguir seguir. O oficial fez um gesto para os prisioneiros esperarem e depois virou-se para mim.

— O seu marido estava em Ohrdruf?

— Sim, mas não sei até quando.

— Como é que ele se chama?

— De Graaf. — Sustive a respiração enquanto ele revirava os papéis. Naquele momento, Theo pareceu-me tão perto e, contudo, tão longe, como se eu conseguisse simultaneamente esticar um braço para lhe tocar e procurá-lo durante anos, sem nunca o encontrar.

O oficial desceu uma página com um dedo.

— Pieter ou Theodoor?

— Theodoor.

Quando o nome de Theo saiu da minha boca, o oficial ergueu os olhos e fitou-me.

— Mrs. De Graaf, tenho muita pena... o seu marido está morto.

CAPÍTULO TRINTA E DOIS

LUCIANO
27 DE JULHO DE 1977
BUENOS AIRES

Uma dor intensa, a pior que Luciano alguma vez sentira, subiu-lhe pela virilha. Deixou-se ficar deitado e quieto até voltar a ter alguma sensibilidade na ponta dos dedos, sentindo que estava vestido e estendido num colchão. Presumiu que seria a sua cama, mas não se conseguia lembrar de nada.

Um corte na língua raspou nas gengivas. Parecia que alguém lhe extraía todos os órgãos. Arrastou as mãos até ao escroto, que estava inchado como uma toranja. Afastou as pernas para diminuir a dor e depois ficou à deriva, apenas intermitentemente consciente.

Os dias passaram-se, ou talvez tivessem sido apenas horas, ou minutos. A respiração irregular rasgava-lhe as costelas. Tudo o que queria era que a dor acabasse, desse por onde desse.

A dada altura, abriu os olhos e sentiu conforto nas trevas do capuz. Percebeu subitamente que se encontrava na sua cela e lembrou-se da tortura, de ser empurrado para debaixo de água. Não se recordava se lhes havia contado alguma coisa. O judeu à sua esquerda estava novamente a rezar, mas não havia barulho à direita. Luciano interrogava-se se Gabriel também teria sido torturado, como os guardas teriam descoberto o microfilme, se a rapariga teria confessado.

A dor tornou-se tão forte que lhe entorpeceu os pensamentos, por isso voltou a contar. Em inglês, desta vez, para o ajudar a concentrar-se. *One*, começou, *two*, *three*, *four*, *five*, *six*. Quando chegou a *thirty-seven*, a porta da sua cela abriu-se.

Levaram-no de volta para a cave, perto do laboratório de fotografia. Outros prisioneiros esperavam ali perto, um grupo

grande, a julgar pelo chocalhar das algemas e das grilhetas. As suas pernas tremiam enquanto tentava manter-se parado.

Foram levados para uma sala pequena, que não lhes era familiar. Um guarda veio para lhes retirar as amarras, que caíram ao chão numa cacofonia de aço e ferro. Os prisioneiros formaram uma fila. Alguém deu um puxão ao pulso de Luciano e uma agulha perfurou-lhe o bicípite com uma picada entorpecedora. Amarraram-lhe novamente os pulsos, desta vez com corda.

— Não se preocupem, vão ser transferidos.

A voz parecia ter surgido através de um nevoeiro denso.

Dia de transferências. Devia ser quarta-feira. Estranhamente, sentia-se sem medo. Tropeçou, sentindo-se zozzo, como se tivesse regressado de uma noite de cervejas e corridas de carros ao longo da Avenida 9 de Julio com o cabelo escuro de Fabián a ondular ao vento.

Alguém perto de si vomitou. O ruído trouxe-lhe um sabor podre à sua própria boca, mas engoliu em seco e concentrou-se em ficar direito. Queria deitar-se, enrolar-se no chão da cave e sentir o cimento contra a sua face. Uma porta abriu-se. O choque do frio ardeu-lhe na pele. Um golpe seco nas costas enviou-o para o exterior, onde as suas narinas foram assaltadas pelo primeiro ar fresco que sentia há vários meses. Colidiu com um corpo à sua frente e alguém embateu no dele por detrás, mas continuaram a avançar até alcançarem uma rampa íngreme que tiveram de subir. A rampa ia dar a um espaço apertado onde os encafuaram, enquanto mais prisioneiros iam chegando em fila. O braço de Luciano bateu numa barra de metal e numa parede, mas só quando ouviu a rampa a soltar-se e as portas duplas a fecharem-se é que percebeu onde estava. O chão começou a vibrar quando ligaram a ignição do camião e começaram a mover-se, mas Luciano estava demasiado zozzo e achou que não valia a pena concentrar-se no percurso.

Os outros soltaram gritos distorcidos e começaram a tateá-lo, à procura de amigos.

— Gabriel — chamou ele, vezes e vezes seguidas. Ninguém respondeu.

Chegaram a um campo. Luciano saiu e caiu de quatro na relva macia, arrancando um tufo e levando-o ao nariz. Tardes de verão no parque, gelado de maracujá a escorrer pelo cone, o riso controlado da sua mãe. Os pais a dançar tango. O *bandoneon* a arrancar com latidos curtos e ritmados até o violino apanhar a melodia. A música a crescer, cada vez mais rápida, *mamá* a rodopiar à volta de *papá* como as pás de um moinho de vento.

Luciano foi levantado, empurrado para a frente, e as tonturas aumentaram a cada passo. Os seus pés tocaram no chão. Avançou novamente, subindo uma escada estreita e cheia de corpos, agarrado com força ao corrimão para não cair para trás.

— Nome e número?

Os prisioneiros à sua frente responderam; mulheres, homens. Cristina Almeida, Juan Carlos Fernandez, Roberto León. Quando alcançou o topo das escadas, foi-lhe colocada a questão.

— Luciano Wagner. Número cinco-sete-quatro.

Estava calmo. Deu um passo em frente, tropeçando no encontro com uma superfície dura, uma parede que se curvava para dentro. Encafuaram-nos a todos e a porta fechou-se com um estrondo pesado. O ar lá dentro estava estagnado, cheirava a suor, medo e últimos desejos.

— Tirem as roupas.

A ordem veio de algures à sua frente. Ouviu cintos a desapertarem-se e sapatos a serem descalçados. Debateu-se com a sua própria camisa e com as suas calças, sentindo os braços ainda pesados, a mente atordoada. Cada pelo no seu corpo eriçou-se. Imaginou os corpos despidos à sua volta, enregelados ali mesmo, como o jardim de esculturas de um louco.

Guardas aproximaram-se para despir os que não conseguiam fazê-lo sozinhos. Depois, os prisioneiros sentaram-se no chão e aguardaram na escuridão. Um solavanco sonoro quando os motores se ligaram. Corpos aos encontrões, pele a escorregar contra pele, o

conforto de saber que não estava sozinho. A parede estremeceu e o barulho transformou-se num rugido, abafando tudo o resto. Então, o solo abaixo deles começou a afastar-se quando o avião levantou voo.

Luciano caiu para trás, apoiado pela massa de corpos, enquanto o avião subia cada vez mais. Quando o avião estabilizou, Luciano separou-se, a sua mente uma névoa. Sabia que iriam voar sobre o Rio de la Plata, para a zona onde o rio encontra o Atlântico. Tentou não pensar nos enormes peixes que circulavam debaixo da superfície negra da água.

Ninguém falou, ou, se o fizeram, as suas vozes foram levadas para longe. Dedos roçaram no seu tronco e ele agarrou a mão com a sua, segurando-a com firmeza.

Depois, uma explosão gelada e o uivo ensurdecedor do vento. Alguém abriu a escotilha. Ordenaram-lhes que se colocassem de pé e foram empurrados por detrás. Gritos, engolidos pelo negrume infinito. Os dentes de Luciano bateram, mas ele fechou os olhos e tentou recitar Neruda. Só se lembrou de umas quantas palavras.

Deu outro passo e viu uma faixa de luz a passar diante dele, uma iridescência como o interior de uma concha. À medida que se aproximava, a luz cresceu e tomou forma: o rancho dos seus avós, um campo aberto com um grupo de pessoas. Ele não lhes conseguia distinguir os rostos, mas estavam tão perto e ele sabia que, se ao menos as conseguisse alcançar, tudo ficaria bem.

O vento vergastou-lhe os dedos dos pés e o rosto através do seu capuz. As lágrimas congelaram-se nas suas pestanas. Um par de mãos empurrou-o para fora do avião e precipitou-o pelo céu noturno. Tudo o que conseguia ouvir era um rugido trovejante.

CAPÍTULO TRINTA E TRÊS

MARIJKE
12 DE ABRIL DE 1945
BUCHENWALD

— Mrs. De Graaf?

A boca do oficial continuava a mexer-se, mas eu não consegui seguir o que ele disse. Fiquei ali parada, muda, incapaz de pensar. Tudo o que conseguia ouvir era aquela única palavra: morto. Theo, o meu amor, morto.

— Quando? — perguntei.

— É difícil saber. Tudo o que aqui diz é «febre tifoide», mas isso foi escrito a caneta. Deve ter sido na altura em que estavam a preparar a evacuação.

O oficial tirou um lenço do bolso e passou-me. Só nesse momento é que percebi que estava a chorar.

— Tenho muita pena — repetiu, antes de se voltar para o soldado que estava ao meu lado. — Encontra um local para ela se sentar e certifica-te de que cuidam dela.

Depois, disse-me mais alguma coisa, aquilo que suponho terem sido palavras de conforto, mas ficou tudo turvo como se eu estivesse ancorada no fundo de um lago, espreitando para a superfície lá muito em cima.

De alguma forma, regressei ao complexo dos prisioneiros. De alguma forma, comi sopa, bebi café e arranjei um local para dormir. Naquela noite, sonhei com Theo, sonhei que andávamos juntos de barco no IJsselmeer. Havia relâmpagos no céu, e ouvíamos a chuva a cair à nossa volta, mas não sentíamos as gotas. O bebé esperneava dentro de mim e Theo levava o ouvido à minha barriga para o ouvir.

Na manhã seguinte, acordei num beliche ao lado de dois estranhos. Johan estava no beliche à nossa frente, observando-me

com preocupação. Esquecera-me de que ele me encontrara na noite anterior, daquilo que eu lhe contara. Os meus olhos estavam inchados de chorar, mas tinha recuperado os sentidos. Levantei-me, acenei-lhe com a cabeça e depois saí para a rua. Precisava de saber o que tinham feito ao corpo de Theo, se ainda tinha a oportunidade de o enterrar.

Algumas respostas de alguns soldados que se encontravam por perto conduziram-me à vala comum. Um nevoeiro intenso cobria o chão e, enquanto caminhava, pensava no tempo que passara na enfermaria, abalada por perceber que Theo podia ter estado a morrer num dos blocos ao meu lado. Essa ideia deixou-me desesperançada, derrotada, mas disse a mim própria para ter coragem, nem que fosse só pelo bebé.

Junto à vala comum, percebi que não sabia o que esperava encontrar. Os nazis tinham descartado os restos mortais dos inocentes tal como despejaríamos um cinzeiro. Agora, tínhamos de enterrar os corpos que restavam. A carroça do dia anterior estava estacionada ao lado de uma vala, que um grupo de prisioneiros e de soldados estava ocupado a escavar. O nevoeiro mascarava os traços dos mortos por isso, durante algum tempo, mantive-me à distância, a observar os movimentos mecânicos dos trabalhadores, os ângulos dos seus braços, a poeira a descrever um arco no ar turvo. Os prisioneiros agarravam nos cadáveres pelos braços e pelas pernas, sustendo o peso com dificuldade, enquanto os atiravam para dentro da cova.

A visão das pálpebras púrpura, as bocas escancaradas, o emaranhado de pés, foi tudo demasiado para mim. Cobri a boca e afastei-me. Pareceu-me impossível continuar a viver sozinha.

Encetei o caminho de regresso aos blocos. Mais à frente, três figuras faziam uma curva, empurrando carrinhos de mão que traziam ainda mais corpos. Desviei o olhar, mas, quando o fiz, houve algo que me chamou a atenção. Um dos prisioneiros parara. Ficara muito quieto, a olhar para mim e, naquele momento, tudo o que eu pensava que era verdade desfez-se outra vez.

Uma vez, no Teatro Tuschinski em Amesterdão, vira um casal de amantes apaixonados a correr pelo ecrã um em direção ao outro, com os rostos reluzentes. Nós, não. Nós olhámos, com medo de nos mexermos.

— Theo? — Dei um passo através do nevoeiro e depois mais outro, até ficar suficientemente próximo para ter a certeza de que era ele. — Estás vivo — sussurrei e comecei a chorar.

Depois, ele estava ali, mesmo à minha frente.

— Oh, Marijke.

Estendi os braços e envolvi-o. Senti o corpo dele tão frágil contra o meu. Depois de algum tempo, ele afastou-se e olhou envergonhado para o seu uniforme rasgado. Ele parecia uma década mais velho, um mero espectro do marido que eu recordava. As faces estavam encovadas, os óculos unidos por arame, o queixo tinha uma crosta.

— Não queria que me visses nesta figura.

— Theo... — comecei, mas não sabia o que dizer, já não sabia como haveria de falar com ele. A minha atenção regressou ao ruído das vozes à nossa volta, aos soldados que olhavam fixamente para nós. Theo estudou-me com um sorriso triste e quebrantado.

— Eu sempre soube que tu irias sobreviver. — Ele abraçou-me novamente, sussurrando-me junto ao cabelo, enquanto eu comecei a temer as perguntas que inevitavelmente surgiriam.

Depois desse momento, nunca mais saí de junto dele. Demos as mãos como recém-casados, como se qualquer interrupção neste contacto nos pudesse apartar novamente. Ele conduziu-me para o bloco onde passara a semana anterior, apresentou-me aos homens que o tinham ajudado a obter rações extra e sapatos mais quentes. Depois, encontrámos um local mais isolado para nos sentarmos, e partilhámos histórias dos seus amigos de Ohrdruf que tinham sido evacuados para Dachau.

— Disseram-me que tinhas morrido — disse eu. — Como é que podes estar aqui?

Ele respondeu com voz rouca.

— Eu era suposto ter ido com eles, mas troquei de uniforme com um homem que estava a morrer de febre tifoide. No meio de todo o caos, ninguém reparou.

O fedor daquela vala comum atingiu-me novamente, a sensação da devastação doentia que surgira com a crença de que Theo jazia numa das pilhas de cadáveres. Que caminhos tortuosos as nossas vidas tinham tomado, quão perto estive de o perder para sempre.

— Tu estás linda — acrescentou. — Eu sabia que estes campos não seriam capazes de estragar a tua beleza.

Beijei-o no rosto, com a esperança de apaziguar a sua curiosidade e concentrei-me nos meus joelhos espetados, um dos poucos sinais daquilo por que eu tinha passado.

— É um alívio tão grande encontrar-te com uma saúde decente. E esse vestido... o que aconteceu ao teu uniforme?

— Oh, encontrei-o quando os americanos chegaram. Foi uma das enfermeiras que o deixou para trás.

Ele perguntou onde é que eu estava detida, em que parte do campo, para que força de trabalho fora destacada.

— Por favor, não me digas que te fizeram algum mal.

Desviei o olhar, dividida entre a dor de manter segredos e a certeza de que a verdade o magoaria ainda mais. Eu nunca conseguiria responder às suas perguntas intermináveis nem suportava contar-lhe da semente que crescia na minha barriga.

— Estamos juntos agora, querido. Vamos esquecer tudo o resto.

Ele passou-me um copo de água, observando-me, com amor, enquanto eu a bebia, e percebi o quanto ele desejava poder tomar conta de mim outra vez. Encostei-me ao seu abraço. Os seus olhos reluziram com lágrimas.

— Sabes — disse ele —, só estou aqui hoje, vivo, por tua causa.

— Como assim?

— Lembras-te daquela vez em que me convidaste para a festa de aniversário do teu primo algumas semanas depois de nos conhecermos? Eu apareci em Haarlem com o meu melhor fato de domingo e não consegui perceber porque é que isso te pareceu tão

engraçado até acabarmos na quinta da família em vez de num café à beira-mar. Sabes, sempre que as coisas ficavam terríveis por aqui, sempre que eu tinha a certeza de que não ia conseguir sobreviver, pensava naquela tarde, na forma como te curvaste a rir enquanto eu aprendia a ordenhar uma vaca, com o meu fato e o meu chapéu todos salpicados de lama. Aquele teu sorriso malandro e as tuas gargalhadas altas e disparatadas.

Há quanto tempo isso parecia ter acontecido, os dois envolvidos no nosso romance emergente, tão felizes e tão inocentes. Puxei-o mais para mim, tentando regressar àquele dia. Depois, partilhei as minhas memórias, aqueles pequenos barcos salva-vidas que me permitiram ultrapassar tudo, e o meu amor por ele pareceu-me mais seguro do que nunca.

Não foi preciso muito para a exaustão começar a notar-se na voz dele, por isso regressámos ao bloco dele para descansar. As camas estavam todas ocupadas, mas Theo apontou para uma perto da entrada. Os homens que lá estavam deitados tinham ficado gelados. Levantámo-los e carregámo-los para a rua. Sem uma palavra, deitámo-nos no beliche vazio e, enquanto Theo adormecia, eu aninhei-me junto a ele, apreciando a sua respiração junto ao meu ouvido.

A semana seguinte foi passada como a mudança das estações, enquanto eu e Theo nos esforçávamos por perceber o que significava estarmos juntos novamente. Ele perdera os pelos das pernas e uma cicatriz estranha marcava-lhe as costas, comprida e curvada como um gancho largo. Quando os americanos lhe deram uma lata de feijão, ele vomitou. Foram precisos vários dias para o desabituar da dieta de sopa aguada. Ele falou de dormentes ferroviários, túneis e fábricas de munições. Eu não disse nada. Quando ele me abraçava à noite, o seu toque fraco fazia-me lembrar os prisioneiros no bordel e quando ele me sussurrava promessas do nosso futuro partilhado, as suas palavras confundiam-se com as de Karl na minha mente.

Tivemos de suportar a constante reorganização dos americanos, que não conseguiam descobrir o que fazer com aquelas dezenas de milhares de pessoas com quem se tinham deparado. Mais do que uma vez, chamaram-nos para ficarmos de pé em frente a grupos de habitantes locais que obrigaram a passear pelo campo. Alinhámo-nos perto de uma exposição de candeeiros feitos de pele tatuada. Mulheres que envergavam casacos quentes e chapéus de feltro vinham a Buchenwald a sorrir, pensando que iam dar um passeio, mas as suas expressões rapidamente se transformavam em horror, quando levavam os lenços ao nariz enquanto passavam em fila.

— Sinto-me como se estivesse em exibição num museu — sussurrei. — Eles nem sequer nos olham nos olhos!

— Mesmo assim — disse Theo —, eles dizem que não sabiam.

— Como é que não viam os comboios que chegavam cheios e partiam vazios? Como é que não sentiam o cheiro da carne a arder?

Theo não disse mais nada até regressarmos ao nosso bloco.

— Tive dois anos para pensar nisto. Acho que não há forma de seguirmos em frente se culparmos o povo alemão de tudo. Tu tens razão... sobre o que disseste no outro dia: temos de tentar esquecer tudo isto.

— Isso não significa que os possamos perdoar.

— Os Aliados vão tratar do Hitler daqui a pouco tempo. Depois disso, vão perseguir os nazis de topo, mas o banho de sangue não pode continuar para sempre, pois não?

Subi para o nosso beliche e pus uma mão na barriga, enquanto tentava bloquear o tom de barítono áspero da voz de Karl, o seu cheiro a cabedal e a pinho, a imagem dele com um tiro na cabeça.

Depois disso, Theo deixou de insistir para obter respostas. Eu disse-lhe que limpava um dos edifícios e costurava para os oficiais e não dei mais pormenores. Ele anuiu com a cabeça, mas eu conseguia ver as perguntas sem resposta a amontoarem-se dentro dele. Por vezes, a verdade vinha-me aos lábios, mas eu recordava a mim própria o que tinha a perder se lhe contasse.

Passaram-se vários dias até ele ficar suficientemente forte para viajar, mas isso deu-nos tempo para providenciarmos um transporte. Dois soldados americanos arranjaram-nos um lugar numa coluna militar que se dirigia para ocidente. Um camião militar iria levar mais uma série de prisioneiros para um local a cerca de cem quilómetros da fronteira. A partir daí, teríamos de arranjar uma solução.

Na manhã em que partimos, Buchenwald estava coberto de nevoeiro. Eu e Theo atravessámos o complexo de mãos dadas, sentindo o chão ainda húmido da chuva que caíra recentemente. No topo da encosta, virei-me para trás a fim de ver as filas de blocos. Por detrás deles, e fora do meu campo de visão, encontrava-se o bordel, mas, ainda mais além, o campo terminava na floresta, onde se viam os primeiros sinais verdes da primavera. O sol cortava por entre o espesso céu cinzento, roçando os telhados dos edifícios. Durante alguns instantes, pareceu-me que o campo era apenas uma ilusão. Mas depois vi os prisioneiros a caminhar com dificuldade por entre as poças e senti novamente os seus ombros ossudos, o cheiro da doença na sua pele.

Theo apertou-me a mão com mais força quando nos aproximámos do portão de ferro. Olhámos fixamente para ele uma última vez. Algures, um corvo crocitou. Depois, atravessámos o portão e ficámos em liberdade. Ele parou para me puxar para si, e as lágrimas no seu rosto misturaram-se com as minhas. Atrás deles, vi um grupo de guardas do campo e oficiais a serem encaminhados sob a ameaça de armas para a estação de serviço. Uma figura alta e robusta encontrava-se no meio deles com o rosto todo pisado. Fiquei a ver os soldados a enfiarem Bruno num carro blindado, com as mãos atrás das costas, a cabeça baixa.

Agarrei-me a Theo.

— Eu amo-te.

— Somos só nós os dois agora. — Ele beijou-me o cabelo. — Daqui a pouco, estaremos em casa.

Eu anuí com a cabeça, mas, quando ele me largou, aquele enjoo familiar regressou.

Entrámos no nosso camião com um alívio carregado de ansiedade. Sentei-me ao lado de Theo, enquanto outras dez pessoas se encafuavam no chão ao nosso lado. Os americanos deixaram a parte de trás da lona aberta para entrar ar fresco. Começámos a descer a estrada que saía de Buchenwald. O camião dirigiu-se ao terminal da linha férrea, totalmente abandonado com exceção de um vagão vazio e uma mala aberta em cima das pedras junto aos carris. Dali, atravessámos a floresta. Em alguns locais, a estrada estava manchada de vermelho, por isso concentrei-me nas árvores e inalei o aroma do solo húmido, interrogando-me se alguma vez seria capaz de voltar a encontrar beleza na natureza. Quando passámos por Weimar para nos abastecermos de provisões, recusei-me a olhar para os residentes que compravam mercearias nas ruas e enterrei o rosto no peito de Theo.

Antes de nos fazermos novamente à estrada, um soldado saltou para a parte de trás e distribuiu uma pilha de roupa. Eu aceitei um casaco verde sem questionar, mas quando passei com os dedos por cima do colarinho usado, pelas manchas de transpiração debaixo dos braços, não consegui deixar de sentir uma mistura de curiosidade e ódio pela mulher que o usara.

O nosso grupo incluía duas outras mulheres, uma judia e uma comunista. A comunista tinha o rosto arredondado como o de Sophia, embora em lugar do cabelo farto de Sophia escondesse a sua careca por debaixo de um lenço. Ao vê-la, senti imensas saudades das raparigas. Eu tinha andado preocupada com questões egoístas — o bebé, o meu futuro com Theo, o medo de que nos cruzássemos com alguém que lhe falasse de Karl —, por isso não fizera qualquer esforço para tentar descobrir o paradeiro delas. Prometi que iria tentar descobrir Sophia um dia e que lhe pediria perdão e lhe mostraria o meu pequenote. Assim que a vida regressasse ao normal.

Depois de um dia de viagem, os soldados deixaram-nos num campo de emergência que fora montado perto da fronteira, enquanto aguardávamos outro transporte. As ofensivas dos Aliados

nos Países Baixos mantiveram-nos lá durante uma semana. Os americanos que estavam encarregados de nos supervisionar tinham o hábito do jogo e convidavam sempre Theo para jogar às cartas com eles, embora ele não tivesse nada para apostar. Para passar o tempo, ofereci-me para remendar os uniformes dos soldados. Recusei o pedido que me fizeram para cerzir-lhes as meias.

Passara-se quase um mês desde a minha hospitalização e os meus seios haviam inchado para o volume que tinham antes da guerra. Doía-me tudo. Theo começou a ficar preocupado sempre que eu desaparecia, a meio de uma frase, atingida por mais uma vaga de náuseas, mas eu culpava sempre as rações frescas.

Numa noite agradável, Theo abanou-me para me acordar.

— A noite está quente — sussurrou —, e há estrelas a brilhar.

Um francês ressonava no divã ao meu lado, assobiando no sono. Vesti o casaco e deixei que Theo me conduzisse para fora do armazém onde dormíamos. Na rua, o céu brilhava púrpura com estrelas e explosões muito ao longe. O ronco retumbante dos aviões ingleses ouvia-se por cima das nossas cabeças, com os bombardeiros a dirigirem-se para leste. O cheiro a madeira queimada vinha das fogueiras na extremidade do campo, onde os soldados se reuniam com as suas cartas e canecas de cerveja. As gargalhadas deles chegavam até nós intermitentemente.

— Vem comigo. — Theo passou um braço em torno da minha cintura e guiou-me em direção às árvores. O seu abraço pareceu-me mais forte, um toque que reconheci como sendo o seu.

Um soldado viu-nos a atravessar a fronteira esquerda do campo, onde uma escura sebe de árvores se estendia acima de nós. Esperei que ele fizesse pontaria e nos ordenasse a voltar, e senti uma estranha sensação de alívio quando saímos do seu campo de visão.

— Onde é que vamos?

— Quero estar sozinho contigo.

Enfiámo-nos na escuridão, até descobrirmos um local onde uma clareira entre as árvores oferecia uma janela para o céu.

— Estás a tremer — disse ele.

— Tu também.

Ele beijou-me. Despiu-me peça a peça, como se nunca tivesse tocado numa mulher antes e nunca mais fosse voltar a tocar. Foi depositando beijos pelo meu pescoço abaixo. Quando desabotoou a camisa, tentei não reparar na cova que o seu peito formava, na pele flácida que substituíra os músculos. Depois de estendermos as nossas roupas no chão, ele deitou-me lentamente no musgo da floresta. Agulhas de pinheiro secas crepitavam sob o nosso peso. Quando desapertou o meu sutiã, tremi e puxei-o para mim, com as pernas cobertas de pele de galinha.

Ele curvou-se para me beijar os seios.

— Pensei neste momento tantas vezes.

Eu não disse nada. As pernas dele tremiam quando entrou dentro de mim, e agarrou-me as costas com uma ânsia desesperada. Mas os beijos dele não provocavam a mesma corrente como em tempos, e dei por mim a desejar que ele se despachasse e que acabasse tudo rapidamente. Ele investiu com toda a força que tinha, mas o meu corpo recusava-se a abraçar o dele, e mordi a bochecha para me impedir de estremecer. Agarrei-lhe no couro cabeludo áspero e fitei um ponto acima dele, concentrando-me nos ramos nus que estremeciam sobre as nossas cabeças.

O nosso comboio chegou a Amesterdão alguns dias depois da libertação oficial. As multidões acenavam com lenços aos tanques que passavam, e os casais dançavam nas praças enquanto acordeonistas tocavam o hino nacional. Bandeiras holandesas pendiam de quase todos os telhados. Os soldados canadianos bebiam cervejas nos passeios com raparigas namoradeiras que usavam fitas cor de laranja nos cabelos. As pontes, as ruas de pedra, os telhados vermelhos — tantas coisas estavam iguais. Mas depois vimos os edifícios com os vidros das janelas partidos, um buraco onde uma bomba caíra. Crianças em roupas remendadas três tamanhos acima. Os cavalos do leiteiro pareciam à beira do

colapso, e ele tinha apenas alguns litros para vender. A desconfiança enchia as ruas: jazia nos caixotes do lixo que as pessoas metiam na rua a meio da noite; no mercado, onde o talhante parecia tão rotundo como antes da guerra; no bairro judeu, onde as famílias regressavam e encontravam as casas saqueadas ou ocupadas. Nós dirigimo-nos a nossa casa sem chave, sem sabermos o que podíamos esperar. Quando um jovem abriu a porta, encostei-me a Theo, mas assim que nos apresentámos, ele fez sinal para que entrássemos, explicando que os meus pais tinham encontrado inquilinos para a nossa casa após a nossa captura. A nossa casa ainda era nossa. O casal devolveu-nos o local dois dias depois e, numa improvável reviravolta do destino, encontrámo-la quase como a tínhamos deixado. Os velhos vestidos estavam pendurados nos cabides, os meus bordados guardados na gaveta da mesinha de centro, a lâmina de barbear de Theo debaixo do lavatório. Faltavam alguns bancos e o louceiro, bem como o faqueiro da minha avó, tudo provavelmente vendido em troca de combustível e comida, mas tivemos sorte. Era como se o casal ali tivesse vivido como guardião. Mas mesmo com tudo de volta ao seu lugar, fui para a cama naquela primeira noite a sentir que estava na casa de um estranho e sabia que nunca nada voltaria a ser igual.

O campo ficara despido de bolbos de túlipas durante o Inverno da Fome, as árvores nas avenidas haviam sido cortadas para servir de lenha para queimar, mas foram reaparecendo rosas aqui e ali. Agarravam-se às fachadas cansadas que ladeavam Noordermarkt, onde comprámos roupas em segunda mão. Numa segunda-feira, eu e Theo passeámos pela praça do mercado enquanto algumas bicicletas serpenteavam à nossa volta. A maioria das bicicletas de Amesterdão desaparecera das ruas, e estas tinham pedaços de mangueira enrolados em torno das rodas a fazerem as vezes de pneus. Um organista estabelecera-se à porta da igreja com um cartaz a pedir que lhe dessem algumas sobras de comida. As bancas continham tabuleiros com joalharia elegante e porcelana

antiga, que toda a gente ignorava, enquanto vasculhavam as mesas com camisolas e casacos usados. Duas mães discutiam por causa de um par de sapatos, até que uma ergueu um punho e o vendedor viu-se obrigado a intervir. Theo abanou a cabeça e escolheu alguns pares de meias antes de nos dirigirmos novamente ao canal. Uma multidão reunira-se na base da praça, onde os espetadores apupavam e escarneciam de alguém.

— Anda lá, vamos embora — disse Theo, mas eu aproximei-me da extremidade do círculo para espreitar.

Uma jovem estava acobardada, nua, em cima de um banco com uma tabuleta pendurada ao pescoço. *Moffenhoer*. Traidora. Prostituta dos *moffen*, suja e nojenta. Dois homens seguravam-lhe nos pulsos, enquanto um terceiro lhe escortinhava o cabelo, que lhe caía nos ombros em madeixas escuras. Quando ergueram um balde de alcatrão, corri de volta para Theo, que me levou para casa sem dizer uma palavra.

Na manhã em que Theo regressou à universidade, deixou-me o meu velho violino aos pés da cama. Consertara uma corda partida e atara um laço azul à volta do braço. Peguei no instrumento, acariciei as suas curvas, percorri o braço com um dedo. Depois pousei-o e saí de casa.

Estávamos em julho, e as crianças e os vendedores enchiam as ruas. Continuei a caminhar até Noordermarkt. Ali, encontrei um banco e fiquei a olhar para o local onde a multidão se reunira em redor daquela mulher, aquela que tinham atormentado e a quem haviam chamado prostituta. Enquanto ali estava sentada, passou um rapaz a correr atrás de um aro que rebolou até parar quando embateu num poste. Pus uma mão em cima da barriga. Na semana passada, começara a inchar. Eu usava agora blusas largas, vestidos com folhos à cintura, e trocava de roupa de costas voltadas para Theo, mas dali a pouco tempo ele veria. Tentei antecipar a forma como ele iria reagir, dado tudo aquilo por que havíamos passado. Ainda tínhamos de lidar com senhas de racionamento e só

recentemente começáramos a comprar carne outra vez, com uma lista de despesas iminentes que crescia a cada dia que passava. Mas os preparativos para o bebé tinham de começar. É claro que a pergunta que não me abandonava os sonhos era como é que Theo reagiria se lhe contasse a verdade, se seria melhor ser sincera ou poupá-lo a esse sofrimento.

A mãe do rapaz chegou junto dele, chamando-o enquanto atravessava a praça empurrando um carrinho de bebé. Aquela bebé que leváramos de uma ponta da cidade a outra já andava por esta altura. O que teria sido dela? Theo fora incapaz de esconder a sua vontade de lhe dar abrigo, de a criar como se fosse nossa. Lembrava-me do que ele dissera à senhora que a recebera: que ficara verdadeiramente comovido pela disponibilidade dela para cuidar de uma criança que não era dela. Seguramente, o meu marido não seria diferente. Ele conhecia apenas generosidade e amor.

Ao longo do canal, um automóvel apitou a buzina, assustando o rapaz. Ele correu para junto da mãe, e eu levantei-me e segui o meu caminho.

Quando Theo regressou a casa naquela noite, tinha o queixo rígido. Foi direto para o nosso jardim das traseiras, onde o encontrei a tentar infundir alguma vida nuns velhos tomateiros.

— O que se passou? — perguntei.

— Muita coisa mudou na universidade.

— O quê?

— Tanta coisa.

— Sabes que podes falar comigo sobre isso.

— Está bem. Sabes o Cohen, aquele cuja mulher fez aquele frango de que gostaste imenso na última festa de Natal? Pois bem, ele morreu numa câmara de gás em Auschwitz.

— Oh. — Ajoelhei-me para lhe massajar as costas, sem saber bem o que dizer. — Era um bom homem.

— Que raios! — A pá de jardim voou-lhe das mãos e embateu no muro de pedra. Ele encostou o punho à testa e suspirou profundamente.

Durante o jantar, ele pouco disse e retirou-se para a cama assim que acabámos de tratar da louça. Eu fiquei acordada, a esfregar todas as superfícies da cozinha com água e vinagre até a chaleira parecer novinha em folha. Quando não tinha mais nada para limpar, espremi a esponja, fui à cave e trouxe a garrafa de genebra coberta de pó que recebêramos de presente quando Theo começara a dar aulas. Pela primeira vez em muitos anos, servi-me de um copo, uma quantidade generosa. Fiquei em pé em frente à bancada, tentando livrar-me da imagem de Karl, das suas mãos nos meus ombros, do seu sorriso divertido refletido nas janelas do *koberzimmer*. De um gole só, a bebida desapareceu. Estremecendo por causa do seu travo amargo a pinho, abracei-me a mim própria e comecei a subir as escadas.

Quando entrei no quarto, Theo virou-se. Ele ficou a ver-me a despir-me sem fazer qualquer esforço para me esconder. Quando me virei de lado para pendurar as roupas nas costas da cadeira, ele soergueu-se. Abriu a boca para dizer alguma coisa, mas não o fez e inclinou a cabeça, enrugando a testa, concentrado.

— Anda cá.

Contornei a cama enquanto ele se soerguia apoiado num cotovelo e estendia a outra mão para sentir a ligeira curva da minha barriga.

— Estás...?

Anuí com a cabeça.

— Mas já? Não acredito.

Quando ouvi as suas palavras, comecei a chorar.

Ele puxou-me para si, beijou-me a barriga e encostou-lhe o rosto.

— O que se passa?

Fiz-lhe um gesto para que se afastasse e enfiei-me na cama ao lado dele, virando-me para a parede.

— É só que, com tudo aquilo por que temos passado, com tudo aquilo por que ainda temos de passar...

— Shh, querida, não fales assim. Isto é a melhor coisa que nos podia ter acontecido.

— Eu só gostava... Oh, não sei. — A genebra ainda me queimava na garganta, trazendo consigo uma sensação de peso. Não lhe podia contar, pelo menos por enquanto, mas talvez um dia, quando chegasse o momento certo.

Ele virou-me para si e encostou-se a mim até os nossos lábios quase se tocarem.

— Marijke — disse ele. — Eu já gosto dela.

— Dela?

— É uma menina. Consigo sentir isso.

O afeto na sua voz pareceu-me tão promissor, mas já nada era certo. De alguma forma, de entre todas as outras pessoas, nós tínhamos sobrevivido. Mas sempre que fechava os olhos, dava por mim de volta àquele lugar, a olhar para aqueles portões de ferro, com o soldado a fazer-me a mesma pergunta: «Vai sair?» Nós podíamos ter deixado Buchenwald naquele dia, mas será que Buchenwald algum dia nos deixaria?

Theo aninhou-se em mim, e o calor do seu peito aqueceu o meu. Deitei a cabeça no ombro dele, ouvindo o batimento reconfortante do seu coração até adormecermos. E no dia seguinte, a manhã chegou como eu esperava que chegasse durante muitos e bons anos. Feixes de luz do sol entravam no quarto, os pássaros cantavam no canal, e ali estávamos nós, aninhados nos braços um do outro, os dois juntos como marido e mulher.

EPÍLOGO

1 DE DEZEMBRO DE 1983
BUENOS AIRES

Arturo Wagner sentou-se no bar do seu bairro, a beber um copo de *fernet*. Às quintas-feiras, Patricia marchava com as outras mães para a Plaza de Mayo, sendo seguida pelo sofrimento como se fosse um gato vadio, por isso ele aprendera a chegar tarde a casa nesses dias. Depois de outra bebida, pagou a conta. A artrite abrandava-lhe os passos que ia dando pela rua escurecida, mas Arturo assobiava pelo caminho. A noite cheirava a tubos de escape e a restos de carne grelhada. Botões de jacarandá formavam um tapete púrpura no passeio, debaixo das mesmas árvores que Luciano trepara em criança.

Arturo virou para o seu quarteirão, perturbado pela recordação. Não reparou no homem encostado a um carro estacionado nas sombras nem na figura sentada no banco da frente, a observar. O desconhecido chamou.

— *Herr Müller?*

Sobressaltado, Arturo ergueu os olhos. A arma tinha um silenciador atarraxado ao cano. Já não podia fugir mais.

NOTA HISTÓRICA

Embora todas as personagens de *A HOLANDESA* sejam fictícias, as suas histórias têm por base factos reais. Em 1942, sob as ordens de Himmler, os primeiros bordéis de prisioneiros abriram no campo de concentração de Mauthausen e num dos seus subcampos. Esses bordéis acabaram por ser estabelecidos em dez dos mais importantes campos de concentração nazis, com o objetivo de aumentar a eficiência da produção da mão de obra forçada. No total, estima-se que 190 mulheres tenham servido nesses bordéis durante o decurso da guerra, embora as suas histórias tenham permanecido nas sombras. A coragem destas mulheres, juntamente com aquelas que lutaram por uma sociedade livre e justa na Argentina, é algo que me deixa pasmada.

Entre as muitas histórias que consultei durante a minha pesquisa, duas desempenharam um papel crucial para dar forma a este romance. Para a história de Luciano, foi *Nunca Más* — o Relatório da CONADEP, a Comissão Nacional sobre o Desaparecimento de Pessoas. Também estou imensamente grata ao Dr. Robert Sommer, autor de *Das KZ-Bordell* [O Bordel no Campo de Concentração], pelos seus conselhos e pela pesquisa exaustiva que fez sobre os bordéis nos campos de concentração. Em alguns casos, escolhi manipular certos pormenores históricos ou determinadas linhas temporais para o propósito do romance, mas tentei ser o mais precisa possível naquilo que retratei. Espero ter feito justiça às experiências tanto dos desaparecidos na Argentina quanto das mulheres que foram forçadas a trabalhar nos bordéis dos campos de concentração.

AGRADECIMENTOS

Escrever este romance tornou-se uma viagem que me levou pelo mundo fora, mas que nunca teria conseguido completar sozinha. Devo imenso a Rachel Letofsky da Cooke Agency por me ter guiado no processo de publicação e a toda a equipa da HarperCollins no Canadá, especialmente a Patrick Crean. Patrick, o teu incrível encorajamento e a tua fé neste romance mantiveram-me empenhada e não poderia pedir um editor melhor.

Obrigada ao corpo docente e aos meus colegas do programa de mestrado em Escrita Criativa da Universidade da Columbia Britânica, especialmente a Annabel Lyon, Tariq Hussain e Nancy Lee. Nancy, ensinaste-me tanto. Obrigada por me obrigares a fazer algumas escolhas difíceis. Também estou grata ao Canada Graduate Scholarships Program pela sua generosa bolsa do SSHRC — Social Sciences and Humanities Research Council.

Sarah, Jill, Laura, Julie — não teria conseguido terminar isto sem os vossos comentários e sem o vosso entusiasmo. Deixo um agradecimento especial a Jen e a Mel por manterem o vinho e o riso a fluir em muitos dias de escrita. A Matt, Jason e Tom pelos conselhos que me deram relativamente aos primeiros rascunhos. Lauren, mantiveste-me à tona, mesmo à distância. Jake, obrigada por teres visto comigo inúmeros filmes de guerra e por teres um ouvido atento. E Hannie e Han, vocês são como segundos pais para mim.

Às muitas outras pessoas que me são próximas e têm um lugar especial no meu coração: obrigada por me terem apoiado por esse mundo fora, por me receberem nas vossas casas quando eu estava sem casa, pelas conversas pela noite dentro a bordo de um barco à vela em False Creek, ou pelas aulas de salsa na OTR, pelas noites de cinema em Toronto, pelos passeios ao pôr do sol junto ao Sena. Vocês fizeram sentir-me em casa.

Ao meu irmão Peter: a tua ambição inspira-me. E, por fim, aos meus pais — obrigada pelo vosso apoio enquanto eu perseguia este sonho louco de me agarrar àquela velha máquina de escrever na cave há tantos anos.